

A autora *bestseller*
finalmente em Portugal

Dilly Court

A
vendedora
de
Azevínho



Ficha Técnica

Título: A Vendedora de Azevinho
Título original: The Mistletoe Seller
Tradução: Maria Ponce de Leão
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Alexandra Costa
ISBN: 9789897800399

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Dilly Court, 2017
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Dilly Court

A VENDEDORA
DE
AZEVINHO

Tradução
Maria Ponce de Leão

Em memória afetuosa de Harry House

2013-2016

Levado precocemente mas nunca esquecido

Capítulo Um

Igreja de St. Mary Matfelon, Whitechapel, Londres
– véspera de Natal, 1859

– Encontrei-a em Angel Alley, vigário. – O sacristão embalava a criança, protegendo-a da neve. – Estava abandonada e sem ninguém por perto.

– Traga-a para o calor, Fowler, antes que ela congele até à morte. – O reverendo John Hardisty colocou-se de lado, apressando o sacristão a entrar na igreja iluminada pelas velas. Os sinos tocavam, convocando os fiéis para a missa do galo, e os primeiros já começavam a chegar.

– O que faremos com ela, vigário? – Jim Fowler fitou os olhos azuis que o observavam sem pestanejar. – Ela deve estar com frio e não duvido de que em breve tenha fome. Onde vamos encontrar alguém para cuidar dela a esta hora da noite, e no Natal também?

– Leve-a para a sacristia. A minha mulher saberá o que fazer.

Igualmente na condição de homem casado, com nove pequenos Fowler para criar, Jim levou a criança para a sacristia e, ao empurrar a porta, foi saudado pelo som de conversa feminina, que parou bruscamente quando as senhoras reunidas avistaram o bebé.

– Céus, Jim, o que tem aí? – Letitia Hardisty aproximou-se dele, examinando a criança com um patente desagrado. – Não é, certamente, outro enjeitado?

– Oh, Letty, essa não é uma atitude muito cristã. – Cordelia Wilding, uma mulher roliça vestida com um gorro de veludo forrado de pele e uma capa a condizer, passou junto dela com um empurrão para tirar a criança dos braços do sacristão. – Que menina linda. Basta olhar para os macios caracóis dourados e os grandes olhos azuis. É um anjinho.

A terceira mulher, Margaret Edwards, a mulher do diácono, com um vestido simples cinzento de sarja grossa e um gorro igualmente liso, inclinou-se para observar a criança de mais perto.

– Um anjo de Natal, sem dúvida. Acredito que está a sorrir, Cordelia.

Letitia recuou, franzindo a testa, com uma expressão pensativa.

– Se pararem de arrulhar, senhoras, vão perceber que temos um problema entre mãos.

Margaret tocou na face da criança com a ponta do dedo.

– Onde a encontrou, Fowler? Havia um bilhete qualquer?

Jim encheu o peito de ar, satisfeito por poder dizer à mulher do diácono algo que ela não sabia.

Margaret Edwards era notoriamente teimosa e muito consciente da posição do marido na comunidade.

– Presumi que fosse do sexo feminino, *madam*. A julgar pelo vestido de renda, que deve ter custado uma boa maquia, na minha humilde opinião. – Vagueou o olhar pelo pequeno grupo e percebeu que não estavam impressionadas. – Ahem – pigarreou. – Ia a cortar caminho por Angel Alley e ouvi um som. Não era um choro, mas uma espécie de arrulho, como se quisesse chamar-me.

– Muito interessante! – exclamou Letitia bruscamente. – Mas estava no umbral de uma porta? Se assim for, a mãe pode ter pretendido que o dono da casa ficasse com a criança. Ou estava em algum tipo de abrigo? Há várias horas que está a nevar!

Intimidado pelo seu olhar arrogante e pelo cáustico tom de voz, ele baixou a cabeça.

– Foi deixada numa mala de viagem, *madam*.

– Numa mala? – Margaret bateu com uma unha nos dentes, um hábito que nunca deixara de incomodar Letícia.

– Julgo que todos nós sabemos o que é uma mala, Margaret. – Letitia aproximou-se do sacristão, brindando-o com um olhar severo. – Trouxe-a consigo? Pode ajudar-nos a identificar a criança. Trata-se obviamente de um assunto para a polícia.

Fowler abanou a cabeça.

– Estava ensopada de neve, *madam*. Sentia-me demasiado preocupado com a pequenina para pensar em algo que não fosse colocá-la em segurança.

– Seu estúpido! Podia ter havido uma pista sobre quem ela é, se é realmente uma menina. – Letitia inclinou a cabeça, à escuta. – Os sinos pararam. Está na hora de o serviço começar. Não podemos ficar aqui a noite toda a falar.

– O que faremos com a criança, Letty? – Cordelia uniu as mãos no peito, com os olhos cinzentos enchendo-se de lágrimas. – Alguém deve aceitá-la. Era o que faria, mas receio que Mister Wilding se oponha. Temos visitas na casa, importantes contactos comerciais, compreendes?

– Não posso ficar com ela – declarou Margaret num tom firme. – Tenho de apoiar o diácono durante este período de maior movimento do ano. Ele tem os seus deveres para desempenhar, assim como o vigário.

– Também não posso acolhê-la por esse motivo – acrescentou Letitia, assentindo. – Além disso, a criança precisa de uma ama de leite. – Virou-se para Jim. – Tem uma família grande, Fowler. Certamente mais um pouca diferença faria e, segundo me recordo, o seu mais novo tem apenas uns meses.

Jim deu um passo para trás, levantando as mãos.

– A minha Florrie já tem bastante que fazer, *madam*. Na nossa situação, mal podemos alimentar e vestir os mais jovens. Talvez o Foundling Hospital¹ possa aceitá-la ou então o hospício.

– Mande chamar um polícia – decidiu Letitia apressadamente. – A esquadra de polícia em Leman Street é o melhor lugar para a criança. Eles estão habituados a lidar com esses assuntos, e você, Fowler, deve ir imediatamente a Angel Alley e procurar a mala onde encontrou o bebé. Isso pode revelar-se uma evidência vital para que a polícia encontre e capture a mãe que cometeu o crime de abandono.

– Oh, não, Letty! – pediu Cordelia, em lágrimas. – A pobre criatura precisa de bondade. Onde está a tua compaixão? É véspera de Natal, afinal. Lembra-te do bebé que nasceu no estábulo.

– O estábulo em Belém não é Angel Alley em Whitechapel, Cordelia. – Letitia correu com o sacristão para fora da divisão. – É melhor ficares com a criança, Cordelia, dado que ela parece gostar de ti. Anda, Margaret, começou o serviço. – Saiu da sacristia com a mulher do diácono atrás dela.

Cordelia afundou-se numa das cadeiras de espaldar direito – o conforto não era o objetivo principal do mobiliário da sacristia. Desdobrou o xaile de lã, que era novo e da melhor qualidade. A camisa de noite de flanela era orlada de rendas e o cardigã bordado com minúsculos botões de rosa.

Alguém, talvez a progenitora, tivesse empenhado tempo e esforço para fazer a roupa. Cordelia não era a mais imaginativa das pessoas, mas parecia improvável que alguém que se esmerara tanto com uma simples camisinha de noite abandonasse uma criança há muito desejada. O bebé não emitira um som e isso em si era enervante e parecia antinatural.

Há muito tempo que Cordelia perdera a esperança de ter um filho seu e, embora uma parte dela ansiasse por levar a pequenina para casa e dar-lhe o amor e atenção que ela merecia, uma vozinha na sua cabeça avisava-a contra essa loucura. O seu marido, Joseph Willard Wilding, era um empresário de sucesso que comprara uma fábrica de cerveja falida e fizera fortuna. Organizavam festas regularmente e esperava-se dela que fosse a anfitriã perfeita. Uma criança não se ajustaria ao seu estilo de vida.

– És uma menina linda. Se fosses minha batizar-te-ia de Angel (anjo), porque é isso o que és.

O bebé gorgolejou e uma mão minúscula agarrou o dedo de Cordelia com uma força surpreendente. Ela sentiu um aperto no coração e uma dor no útero vazio.

Cordelia ignorava quanto tempo permanecera sentada, mas sentiu um vínculo crescente com a criança e o doce, leitoso, cheiro a bebé encheu-a de uma ânsia ignorada. Então, quando Angel começou a ficar inquieta e a choramingar, a porta abriu-se de rompante e entrou Jim, carregando uma grande mala de viagem. Um polícia seguia-o. As últimas palavras de – Come All Ye Faithful² – ecoaram na sacristia enquanto o polícia fechava a porta.

– Este é o bebé, agente Miller – disse Jim com um ar importante. – Aquele que encontrei em Angel Alley, deitado nesta mala aqui como se fosse uma peça de bagagem esquecida. Não sei para onde caminha o mundo.

O agente Miller tirou-lhe a mala da mão e começou a examiná-la à luz de um candelabro.

– Não parece haver nenhum bilhete, Mister Fowler. – Levantou a cabeça e fitou Cordelia com um olhar interrogativo. – Havia um bilhete pregado no xaile do bebé, *madam*? O nome da criança, talvez?

Cordelia sacudiu a cabeça.

– Nada, agente. O bebé está bem tratado e limpo e as roupas são de boa qualidade.

O agente Miller passou as mãos pelo forro da mala.

– Ah! Como eu pensava. Geralmente, há algo de pessoal para a mãe que deixa com os enjeitados. – Mostrou um anel de ouro com dois rubis em forma de coração. – Isto pode ser valioso – disse, pensativo –, mas não sou especialista em joalheria. De qualquer forma, pode ajudar-nos a encontrar a mãe ou é possível que reconsidere e volte ao lugar onde abandonou o bebé. As mulheres têm atitudes estranhas em tais casos.

– O que vai acontecer à criança agora? – perguntou Cordelia ansiosamente. – Não vai trancá-la numa cela durante a noite, pois não?

Um sorriso irónico aprofundou as rugas da cara do agente Miller.

– Duvido que os outros ocupantes da cela apreciassem uma criancinha aos berros, *madam*. Terei de informar a esquadra, mas espero que ela acabe no hospício se o Foundling Hospital não puder aceitá-la.

Jim recuou até à porta.

– Tenho de ir, agente. O serviço terminou e preciso de preparar tudo para as cerimónias do dia de Natal. – Deslizou para a sacristia, fechando a porta atrás dele.

– Estaremos todos ocupados – declarou o agente Miller secamente. – Sem dúvida a varrer os bêbados das ruas e a prender as pros... – Deteve-se, corado até às orelhas. – Desculpe, *madam*. Quero dizer, vamos manter as ruas livres do crime tanto quanto possível nesta parte do East End. – Estendeu o braço para levar o bebé, mas Cordelia apertou o corpo minúsculo.

– Não gosto de pensar em Angel nesse lugar, agente. Ou no hospício, se chegar a isso.

– Ela tem um nome, *madam*?

Cordelia corou.

– Tenho-lhe chamado Angel porque foi encontrada em Angel Alley e porque é Natal e ela parece um anjo.

– Não me parece que lhe agradasse cuidar dela alguns dias, pois não, *madam*? Isso facilitaria a minha vida e tem obviamente alguns sentimentos por essa migalhinha. O que – acrescentou de imediato – posso entender, sendo o pai de cinco. Eu próprio a levaria, mas a minha mulher está doente, de cama, e os miúdos têm de tratar de si mesmos.

– Quem me dera poder, agente – replicou Cordelia com uma tristeza genuína –, mas o meu marido não concordaria, e, de qualquer forma, ela precisa de uma ama de leite.

– Então dê-ma, *madam*. Tenho a certeza de que o sargento da esquadra conhecerá alguma mulher que gostaria de ganhar algum dinheiro pelos seus serviços.

Cordelia hesitou.

– Suponho que isso significa alguma prostituta que pode ter qualquer doença e possui decerto uma baixa moral.

– Isso não posso afirmar, *madam*. – O agente Miller manteve o seu tom moderado, mas estava cansado e a chegar ao fim do turno. O seu único desejo era levar a criança cansativa para a esquadra e vê-la em segurança, antes de regressar a casa para junto da família, deixada ao cuidado da sua filha mais velha, uma criança de dez anos. Se estavam ou não deitados e a dormir na cama era algo que descobriria quando abrisse a porta da sua casa de dois andares com terraço.

Teriam, sem dúvida, revistado os armários à procura dos seus presentes, mas tudo o que ele se podia permitir com o salário de polícia eram brinquedos de madeira feitos de sobras talhadas pelo carpinteiro, que morava no número seis, e bonecas de trapos que a mulher passara muitas noites a costurar sob a luz de uma única vela.

Cordelia levantou-se, sem largar Angel, que começava a ficar inquieta e a sua choraminguice aumentava rapidamente.

– Tenho de acompanhá-lo, agente. Preciso assegurar-me de que esta criança fica em boas mãos.

Cordelia virou a cabeça quando a porta se abriu para dar entrada a Letitia, ao vigário e a Joseph Wilding e, a julgar pelas expressões, percebeu que a sua decisão encontraria uma forte oposição. Explicou apressadamente, mas Joseph mal permitiu que ela acabasse de falar.

– É ridículo, Cordelia. A criança foi abandonada pela mãe e só Deus sabe de onde ela veio. Essa coisa pode estar cheia de doenças e a sua constituição é delicada. Vamos e deixa o assunto para as autoridades.

– Sim, minha querida – interferiu Letitia suavemente. – A tua preocupação é admirável, mas despropositada. Existem instituições que se ocupam deste género de criança.

– Que género é esse? – ripostou Cordelia irritada. – Angel é uma inocente, tal como a criança cujo nascimento devemos estar a celebrar no Natal.

Chocada, Letitia olhou para ela com os olhos arregalados.

– Isso é uma blasfêmia, Cordelia. – Virou-se para o marido. – Finge que não ouviste isso, John. Cordelia está obviamente fora de si, e é muito tarde. Já devíamos estar metidos na cama para que possamos estar prontos para amanhã, ou melhor, mais tarde, ainda hoje. Vai para casa, Cordelia, e deixa o assunto nas mãos da polícia.

Cordelia aproximou mais a criança quando se levantou. A rebeldia não fazia parte do seu temperamento e, por norma, cumpriria os desejos do marido, mas isto era diferente.

– Não – declarou num tom firme.

– Não? – pronunciaram Letitia e Joseph em uníssono.

– Não se preocupe, *madam* – apressou-se o agente Miller a dizer. – Vou assegurar-me de que a criança fica em boas mãos.

Cordelia deitou um olhar de lado ao marido.

– Não vou abandonar esta criança. Tenciono acompanhar o agente Miller à esquadra e ficarei com a Angel até me convencer de que foram tomadas disposições apropriadas para o seu cuidado.

– Cordelia, proíbo-te... – Joseph interrompeu-se a meio da frase. – A linha teimosa do queixo habitualmente suave da mulher e o brilho marcial nos grandes olhos cinzentos sobressaltaram-no e confundiram-no em simultâneo. Habitado como estava a comandar o seu exército de trabalhadores na fábrica de cerveja, e obtendo por regra o que desejava pela simples força da sua natureza dominadora, estava subitamente sem palavras.

– Vou com ela – afirmou Cordelia simplesmente. – É dia de Natal e o meu anjinho de inverno precisa do conforto de braços afetuosos. Nunca conhecerei a alegria de segurar o meu próprio filho nos braços, então, por favor, permite-me esta pequena coisa, Joseph.

John Hardisty pigarreou, emocionado no mais fundo do coração pelo simples pedido de uma mulher sem filhos.

– Eu acompanhá-la-ei, minha querida Mistress Wilding. Se Joseph acha que deve cuidar dos seus convidados, permita-me, por favor, que a ajude.

– Não será necessário, vigário. – Joseph colocou-se ao lado da mulher. – Tenho a certeza de que os meus amigos entenderão. Não concordo com o que estás a fazer, Cordelia, mas estou preparado para te fazer a vontade – só desta vez.

Ela olhou-o com uma expressão firme. Pela primeira vez nos vinte e cinco anos do seu casamento, sabia que tinha o controlo, e era uma boa sensação. Não disse nada enquanto seguia o agente para o exterior da igreja, enrolando a sua capa em redor do bebé para o proteger da neve que caía pesadamente.

– Entra na carruagem, Cordelia – disse Joseph asperamente. – Posso oferecer-lhe boleia, agente?

– Deveria seguir em passo de patrulha, *sir* – replicou o agente Miller, pestanejando devido ao redemoinho de neve. – Contudo, suponho que será apropriado devido às circunstâncias.

* * *

O sargento de plantão mergulhou a pena no tinteiro.

– Nome, por favor?

– Cordelia Wilding.

– Não, *madam*, o nome da criança, se tiver um.

– Angel – respondeu Cordelia num tom firme.

– Angel? – ele olhou para cima, franzindo a testa. – Apelido?

– Isso é mesmo necessário, sargento? – Joseph inclinou-se sobre a secretária. – A minha mulher não sabe nada sobre essa criança. Está simplesmente a cuidar da criança até que apareça alguém para a levar.

Um lampejo de medo atingiu Cordelia com tanta ferocidade que ela mal conseguia respirar.

– Angel Winter. Este é o nome que dei à pobre criaturinha que foi cruelmente abandonada pela mãe. Ela precisa de alguém que possa zelar pelas suas necessidades corporais, e de uma casa onde será amada.

– Não precisamos todos, *madam*? – contrapôs o sargento Wilkes secamente.

– Sugerir o Foundling Hospital, sargento. – O agente Miller tirou o bloco-notas do bolso. – A criança foi encontrada aproximadamente às onze e quarenta e cinco, em Angel Alley, por um Mister James Fowler, o sacristão da igreja de Saint Mary, e levada para a sacristia onde esta boa senhora tem cuidado do bebé.

O sargento olhou para o relógio.

– É quase uma e meia da manhã e é dia de Natal. Duvido que alguém ficasse satisfeito por ser despertado a esta hora.

Como se tivesse percebido a deixa, Angel começou a chorar e desta vez nenhum movimento de balanço nem palavras suaves fizeram alguma diferença.

– Ela está com fome – desculpou-se Cordelia. – Deve encontrar-se imediatamente uma ama de leite.

– Lumpy Lil³ está nas celas, agente Miller. Vá buscá-la, por favor. Está pronta para ajudar novamente. – O sargento Wilkes lançou um olhar de desculpa na direção de Cordelia. Já era suficientemente mau ter uma criança aos gritos, sem a complicação acrescida de haver uma senhora presente. Pensou com saudades na casa e numa lareira quente, num cachimbo e num copo de cerveja para acabar com um longo dia. – Desculpe, *madam*.

– Lumpy Lil – repetiu Cordelia quase num sussurro. – A imagem fê-la estremecer, mas os gritos de Angel estavam a tornar-se mais prementes e supunha que o leite de uma mãe era tão bom como o de outra qualquer, mesmo que a mulher fosse de uma moral questionável.

Joseph aproximou-se dela, baixando a voz.

– Agora, vamos embora, Cordelia. Fizeste o teu melhor pelo bebé. Deixa a polícia lidar com ele.

Ela virou-se enraivecida para o marido.

– Fazes com que Angel pareça uma criminosa. Não vou abandoná-la, e tenciono permanecer aqui até ficar satisfeita por uma boa casa ter sido encontrada para ela.

– Isso é ridículo, minha querida – ripostou Joseph por entre os dentes cerrados. – Não podes ficar aqui a noite toda, e possivelmente o dia todo também. Não vou permitir isso.

Cordelia virou-se a tempo de ver o agente Miller a escoltar uma mulher grande e robusta ao longo do corredor que supostamente conduzia das celas. Lumpy Lil fazia jus ao nome – a blusa rasgada estava aberta até à cintura, expondo seios grandes, com veias roxas, e ameaçando libertar-se de espartilhos apertados.

– Céus! – exclamou Joseph, fitando-a, horrorizado. – Certamente não esta criatura!

– Onde está o pirralho então? – As palavras de Lil saíam-lhe arrastadas. Era óbvio que estivera a beber e ainda se encontrava sob a influência do álcool, mas Angel estava a gritar e, por muito que Cordelia detestasse a ideia dessa mulher bêbada, suja, a pegar no seu anjinho puro, podia ver que havia pouca alternativa. Pigarreou, encarando a agressividade de Lil com a tentativa de um sorriso.

– Sei que é pedir muito, mas teria gentileza bastante para dar sustento a esta pobre criancinha, Miss Lumpy?

– Miss Heavitree⁴ para si, *madam* – Lil atirou para trás a sua juba desgrenhada de cabelos castanho-avermelhados. – Não me disse que a rainha estava de visita à prisão de Leman Street, agente Miller.

– Cala o bico, Lil. Sabes o que precisamos de ti.

– Dê-nos a criança, *missis*. – Lil estendeu os braços, expondo tatuagens que se estendiam dos pulsos ossudos aos cotovelos. – Ficarei feliz em obter algum alívio das minhas mamas doridas. O meu bebé só viveu três dias e depois os polícias trouxeram-me para aqui por tentar ganhar a vida. – Cuspiu no chão aos pés do agente Miller, não acertando por pouco nas suas botas. – Presto um serviço valioso e eles sabem disso.

– Cala o bico, Lumpy. – O agente Miller deu-lhe uma cotovelada nas costas. – Se estás disposta a cuidar da pirralha, podes usar o gabinete do inspetor. Ele está em casa com a família, onde todos deveríamos estar, e eu estou quase a ir de folga, portanto, não me dês problemas.

– Tudo bem. Cuidarei da criaturinha. Qual é o nome dela?

– Chamo-lhe Angel.

– Gostos não se discutem. Atrevo-me a dizer que ela vai ser um fedelho como os outros, quando tiver idade suficiente para pagar na mesma moeda. – Lil arremessou o bebé por cima do ombro com negligência. – Vá lá, polícia. Pode ficar e assistir se lhe der prazer. – Piscou-lhe o olho, mas o agente Miller limitou-se a encolher os ombros e deu-lhe um empurrão na direção do gabinete.

– Não seria novidade para mim, Lil. Tenho cinco meus, mas vou estar do lado de fora, portanto, não tentes escapar.

– Ficarei de olho nela – ofereceu-se Cordelia, enquanto o agente Miller empurrava Lumpy Lil e o bebé para o gabinete do inspetor.

– Não vai querer misturar-se com gente da laia dela, *madam* – disse ele em voz baixa. – Ela não é de forma alguma o seu género.

– De forma alguma. – Joseph pousou a mão no ombro da mulher. – Cumpriste o teu dever com o bebé, Cordelia. É hora de ir para casa.

Cordelia Frances Wilding fora educada para ser uma filha obediente e uma esposa submissa, mas naquele momento algo dentro dela estalou. A necessidade de proteger a criança era mais forte do que qualquer outra emoção que sentira em toda a sua vida, e nada do que alguém dissesse ou fizesse teria importância.

– Vai para casa, Joseph – disse num tom firme. – Tenciono permanecer aqui até estar satisfeita com os cuidados que Angel receber.

– Estás a dizer-me para te deixar aqui? Numa esquadra da polícia com prostitutas vulgares e vilões de todos os géneros?

– Sim, estou. Não sairei deste sítio até saber que disposições foram tomadas. – Olhou-o fixamente.

– Ou então vou levá-la para casa e contratar Miss Heavitree como sua ama de leite.

– Isso é ridículo. Enlouqueceste, Cordelia? – Joseph empalideceu visivelmente. – E o meu *status* no mundo dos negócios, já ponderaste nisso?

Ela virou-lhe as costas.

– Não estou a ouvir.

Joseph fitou-a, horrorizado. Esta pessoa zangada não era a dócil esposa que administrara a sua casa e servira de anfitriã aos seus conhecimentos de negócios durante mais de vinte e cinco anos. Mal reconhecia a mulher rebelde que estava a desafiá-lo abertamente, e, pior ainda, sentiu uma onda de simpatia emanando do sargento de plantão. Parecia haver pouco que pudesse fazer além de admitir a derrota e salvar as aparências, dando a sensação de que apoiava a esposa.

– Muito bem, minha querida. Entendo que isto significa muito para ti e, portanto, acederei ao que me pedes, mas só se prometeres não fazer nada precipitado.

– Farei o que achar melhor, Joseph.

Derrotado pela primeira vez na sua vida de casado, Joseph virou-se para o sargento Wilkes.

– Agora, tenho de ir, mas enviarei a carruagem de volta para esperar pela minha mulher.

– Sim, *sir*. Compreendo.

Joseph baixou a voz.

– Estaria disposto a fazer uma generosa doação para qualquer instituição de caridade à sua escolha, caso possa ser encontrado um lar adequado para o bebé. A minha mulher não se irá embora até ter essa garantia.

– Não posso prometer, *sir*, mas verei o que consigo fazer.

Joseph virou a cabeça, notou que a mulher o fixava e sentiu um aperto no coração.

– Ouviste o que eu disse, Cordelia?

– Sim, ouvi, e ficarei aqui até ter a certeza de que Angel será amada e acarinhada, mas não te surpreendas se a levar comigo para casa, Joseph. Não cederei nesta questão. É dia de Natal – uma época para crianças e famílias –, não posso abandoná-la e não o farei.

¹ Foundling Hospital – Um hospital dos refugiados era originalmente uma instituição para a receção de crianças abandonadas ou expostas e deixadas para o público encontrar e salvar. Um hospital de enjeitados não era necessariamente um hospital médico, mas mais comumente um lar de crianças, oferecendo abrigo e educação para os enjeitados. (*N. da T.*)

² Come All Ye Faithful é um alegre hino de Natal que canta o nascimento de Nosso Senhor para o mundo. O fiel grupo de pastores rodeia a Sua manjedoura para contemplar e adorar a Deus encarnado. (*N. da T.*)

³ Lumpy – Mamalhuda. (*N. da T.*)

⁴ Heavitree, que neste caso serve de apelido e indica deferência, é uma vila histórica e paroquial situada anteriormente fora das muralhas da cidade de Exeter, em Devon, Inglaterra, e é hoje um subúrbio a leste da cidade. (*N. da T.*)

Capítulo Dois

Spital Square, Spitalfields – 1871

Angel pousou o amostrador⁵ e olhou pela janela. A praça abarrotava de vida e o sol brilhava. Ansiava por ir lá para fora, mas estava proibida de sair de casa, exceto na companhia de Lil Heavitree, a sua ama, embora, aos onze anos de idade, considerasse ridículo para uma menina crescida ter todas as necessidades atendidas por uma mulher de idade.

Lil devia ter pelo menos quarenta anos e a sua grande figura deselegante parecia aumentar a cada ano que passava. Desajeitada e propensa a dizer asneiras quando se distraía, Lil era olhada com desdém pela restante criadagem e Angel estava sempre a acorrer em sua defesa, particularmente quando a criada pessoal da sua tutora, Miss Nixon, se servia de estratégias para colocar a pobre Lil em apuros.

Muitas vezes, quando a falta de jeito inata de Lil fizera com que quebrasse uma estatueta valiosa ou um dos melhores pratos de jantar com a coroa Derby de Mrs. Wilding, Angel tinha arcado com a culpa. A tia Cordelia podia resmungar, mas perdoaria a Angel, enquanto Lil provavelmente perderia o emprego. Houve momentos em que Angel ouviu o pessoal chamar nomes a Lil, referindo-se-lhe como Lumpy Lil e insultando-a sobre a sua vida anterior. Angel não tinha a certeza de quais haviam sido os crimes de Lil, mas assombravam a pobre mulher, mesmo depois de quase doze anos de serviço devotado.

Angel inclinou-se para a frente, atraída pelos gritos de uma jovem mulher que vendia morangos. A tia Cordelia adorava a doce fruta suculenta e a época em que sabiam melhor era muito curta. Angel levantou-se de um salto com uma mostra de pantaletas⁶ rendadas e um redemoinho das saias de tafetá escocês e precipitou-se para fora do quarto, agarrando na bolsinha de seda. As moedas tilintaram alegremente enquanto descia a correr os três lanços de escada, voava junto à empregada assustada, cruzava o *hall* de entrada e saía para a rua, mesmo a tempo de apanhar a vendedora de morangos antes que ela seguisse para Norton Folgate.

Com um cestinho agarrado na mão, Angel foi à procura da tia Cordelia, mas o seu caminho para a sala de estar foi barrado por Miss Nixon.

– Onde pensa que vai, *miss*?

Com o entusiasmo frustrado pelos lábios apertados de Miss Nixon e o seu tom de voz brusco, Angel agitou os morangos sob o nariz da criada.

– Comprei-os com o meu próprio dinheiro como presente para a minha tia.

– Não tem juízo, menina? – A voz de Miss Nixon transpirava azedume. – O patrão está morto. Pensa que alguns frutos vão consertar um coração partido?

Angel fitou-a sem perceber. Ouviu as palavras mas não faziam sentido.

– Não pode estar – sussurrou. – Vi-o ontem e ele cumprimentou-me com um sorriso tão bondoso.

– Isso pode ser verdade, mas ele foi levado de repente. Um ataque apoplético, segundo disse o médico. De qualquer maneira, não é da sua conta. Vá para o seu quarto e não incomode Mistress Wilding. Ela está prostrada de desgosto.

Angel subiu as escadas devagar. O cheiro dos morangos quentes tornou-se subitamente nauseante, por muito que gostasse deles, e abandonou o cestinho em cima de uma das mesas de mogno esculpidas que estavam colocadas estrategicamente em cada patamar.

O antigo berçário no terceiro andar era agora uma sala de aula, mas a educadora de Angel tinha-se aposentado recentemente, deixando uma lacuna na sua vida, antes preenchida com lições sobre história, gramática e matemática. A tia Cordelia insistira para que Angel recebesse uma educação adequada a uma jovem dama, embora o tio Joseph declarasse frequentemente ao alcance do ouvido de Angel que encher as cabeças das meninas com conhecimento era uma perda de tempo – e agora ele estava morto. Era difícil acreditar que um homem grande e de rosto corado, aparentemente no auge da vida, tivesse morrido tão cruelmente. Angel entrou na sala de aula e encontrou Lil à sua espera.

– Já te disseram, não foi?

– Miss Nixon disse que o meu tio está morto. É verdade, Lil?

– Morto como um rabo de andorinha², amor. Abatido como um boi. Mal se levantou da mesa do pequeno-almoço, diz Florrie, caiu aos seus pés, quando ela ainda segurava a cafeteira. É um milagre que não a derramasse sobre ele. Não que ele tivesse sentido alguma coisa. Era certamente um caso perdido, e a *missis* gritou e caiu no chão desmaiada. Que confusão.

– Que horrível! – exclamou Angel tristemente. – Deve ter sido um choque terrível. Devia ir consolá-la. Pensas que deveria ir ter com ela agora, Lil?

– Não neste minuto, meu amor. O médico esteve aqui e deu-lhe uma forte dose de láudano e o agente funerário chegará a qualquer momento. Deixa-te ficar aqui até a patroa te chamar.

– Comprei-lhe morangos. – Angel dirigiu-se à janela e espreitou lá para fora. – Está um dia tão bonito.

– Não interessa que esteja a chover ou sol, quando chega a nossa hora, é isso. O patrão foi embora para o seu Criador e não duvido que a preocupação tivesse sido em parte culpada.

– Preocupação? – Angel apercebeu-se rapidamente da mudança do tom de voz de Lil. – Porque estava preocupado?

– Bem, o que quer que fosse, já não interessa agora. – Lil alisou o avental branco engomado com as mãos gastas. – Não posso ficar aqui o dia todo. Há trabalho a fazer. Só vim para ter a certeza de que estavas bem. – Lil perscrutou-a com o olhar. – Não vais chorar, pois não?

– Não. Sinto-me triste, mas, seja como for, não posso chorar pelo tio Joseph. Sei que ele nunca quis que eu viesse viver para aqui.

Lil esboçou um esgar.

– Isso foi verdade no início, mas acabou por mudar de opinião. A patroa consegue ser muito persuasiva quando decide que quer fazer alguma coisa. Agora preciso realmente de arrastar a carcaça até lá abaixo e oferecer-me para ajudar ou nunca vou saber as últimas. – Bamboleou-se na direção da porta, mas hesitou e virou-se para sorrir encorajadoramente a Angel antes de sair.

Entregue a si própria, havia pouco que Angel pudesse fazer além de esperar que a tia a mandasse chamar, mas isso não aconteceu. O almoço era levado normalmente à sala de aula ao meio-dia, a

menos que Angel fosse convidada para fazer a refeição com a tia, mas esperou até ouvir o relógio no *hall* bater a uma hora, e então tomou a decisão por conta própria e desceu à cozinha da cave.

A cozinheira Cook e a jovem criada, Gilly, fitaram-na como se ela fosse um fantasma.

– Devia estar lá em cima no berçário, *miss* – disse Cook severamente.

– Agora deixou de ser o berçário – respondeu Angel. – É a sala de aula e tenho fome. Onde está a Lil?

– Foi à farmácia comprar láudano para a senhora, ordens do médico. Tem de ficar quieta num quarto às escuras e não quer ser incomodada por pessoas do seu género.

Angel ficou surpreendida com a resposta de Cook. Ela nunca tinha sido uma alma alegre, mas agora o seu tom era beligerante e absolutamente desrespeitoso. Angel soubera desde tenra idade que não era parente de sangue dos Wilding, e que tinha sido adotada pela tia Cordelia quando era apenas um bebé, mas a criadagem sempre a tratara com a devida deferência até agora.

– Gostaria que a minha comida fosse enviada para a sala de aula, Cook. Quando a Lil voltar, por favor, manda-a ir ter comigo. – Angel lançou um olhar fulminante a Gilly, que ria à gargalhada. – Ainda bem que achas graça. Supostamente esta casa está de luto.

Gilly deixou pender o queixo e recuou para a copa.

– Desculpe, *miss*.

– Pensando melhor, vou servir-me – declarou Angel, ignorando a expressão severa de Cook, enquanto cortava várias fatias de um pão acabado de sair do forno. – Há algum presunto ou carne que tenha sobrado do jantar de ontem à noite?

Cook abriu relutantemente a porta da despensa e retirou um prato de carnes frias. Colocou-o em cima da mesa.

– Mais alguma coisa, *miss*?

– Não me tratarias tão rudemente se o meu tio ainda estivesse vivo. – Angel acrescentou um pouco de carne ao seu prato e um pedaço de manteiga. – A minha tia saberá isto.

– Tem uma surpresa desagradável a vir ao seu encontro, *miss*. Não será tão altiva e superior quando chegarem os oficiais da justiça.

Angel hesitou junto à ombreira da porta.

– Não sei ao que te referes.

– Em breve o saberá. – Cook virou as costas a Angel e regressou ao sítio onde estivera a mexer uma panela de sopa borbulhante.

Angel levou o prato para o seu quarto, mas enquanto mordiscava uma fatia de pão com manteiga, o apetite abandonou-a e não tocou no resto da comida. Queria ir ter com a tia e confortá-la, mas as palavras de advertência de Lil fizeram-na hesitar e, justamente quando decidira ignorá-las, Lil entrou no quarto. Arrastava o xaile de lã atrás dela e o gorro de palha estava torto, permitindo que tufos de cabelo se colassem à testa suada.

– Vim a correr o caminho todo desde a farmácia, Angel. O agente funerário chegou, querida. Mistress Wilding está prostrada de tristeza e não há ninguém além de ti que habitasse a parte superior da casa para lhe indicar o que é necessário.

Angel levantou-se de um salto. Algo para fazer, finalmente.

– Falarei com ele.

– Tens a certeza? – Lil seguiu Angel para fora do quarto e desceu as escadas atrás dela. – Irei contigo para que ele não se aproveite da tua tenra idade.

– Eu lidarei com isso, Lil. Não te preocupes comigo. – Angel dirigiu-se apressadamente ao rés-do-chão, onde encontrou o agente funerário. O indivíduo segurava a cartola nas mãos, mas, quando se virou para a cumprimentar, o seu sorriso amável desapareceu.

– Sinto muito, *miss*, mas preciso realmente de falar com a sua mãe. Pode dizer-lhe que Jeremiah Chancellor está aqui ao seu dispor?

– Mistress Wilding é minha tia e neste momento está a descansar, *sir*. Não deve ser perturbada, mas comunicar-lhe-á as suas instruções o mais breve possível.

– Se quiser ter a gentileza de lhe dizer que estive cá, voltarei amanhã.

– Espere aí um minuto – interferiu Lil bruscamente. – Não se vai embora, deixando o cadáver aqui, pois não? O patrão está estendido em cima da mesa da sala de jantar. Eu e a Cook deitámos os bofes pela boca para o levantar do chão e ele não é leve.

– Tenho um caixão no carro funerário, que está à vossa disposição – declarou Mr. Chancellor rigidamente. – Mas, por norma, os entes queridos são velados em casa até ao funeral.

– Há a sala de estar – apressou-se Angel a sugerir. – Tenho a certeza de que seria adequada, mas não vai deixá-lo aqui muito tempo, pois não?

Ele olhou por cima da cabeça de Angel, dirigindo-se a Lil.

– Existe a questão das providências necessárias a serem tomadas, e há certas questões financeiras a discutir. Só posso tratar disso com a dona da casa ou alguém com autoridade.

– A minha tia falará consigo quando tiver repousado, mas estou segura de que concordará com quaisquer sugestões que possa fazer. – Angel levantou um pouco a voz, mas até mesmo aos seus ouvidos parecia jovem e hesitante.

Mr. Chancellor virou-se para Lil.

– Não posso receber instruções de uma mera criança. Diga à sua ama que terei o prazer de a visitar quando ela se sentir melhor.

Angel podia ver que Lil fervia de indignação e fletia as mãos como se a qualquer momento fosse agarrar Mr. Chancellor pelo colarinho e expulsá-lo da casa. Angel lembrava-se bem de que uma vez Lil derrubara um pretense intruso com um soco poderoso que não teria desonrado Tom Cribb. Fora o tema de conversa na ala da criadagem durante meses após o episódio.

– Posso falar em nome da minha tia, *sir* – declarou Angel com firmeza. – Por favor, prossiga com as providências necessárias, e, se tiver a gentileza de aparecer amanhã de manhã, estou certa de que Mistress Wilding poderá falar-lhe pessoalmente. Sem dúvida compreenderá que ela está demasiado perturbada para falar com alguém neste momento.

Jeremiah Chancellor contorceu o rosto, como que a calcular os riscos de receber instruções de uma menor, mas, depois de um rápido olhar em redor e dos óbvios sinais de abastança, conseguiu esboçar um leve sorriso.

– Com certeza, *miss*. Desculpe se a ofendi, mas deve perceber que no meu ramo de negócio, tenho de ser cuidadoso.

– Compreendo, *sir*. – Angel inclinou a cabeça graciosamente, embora no íntimo lhe tivesse agradado deixar que Lil o atacasse. Ocorreu-lhe uma simpática visão do pomposo cavalheiro a voar pelos degraus da frente com a ajuda de um empurrão de Lil, mas conseguiu dominar um desejo repentino de soltar uma gargalhada. – Por favor, acompanha Mister Chancellor à porta, Lil.

Angel esperou até a porta se fechar nas suas costas, antes de subir lentamente as escadas, mas, quando chegou ao primeiro andar, podia ouvir os soluços da tia através da porta fechada do quarto.

Se alguém estava a precisar de carinho era a tia Cordelia e, ignorando o conselho de Lil, Angel entrou no quarto. Os reposteiros estavam corridos e a cama de dossel imersa nas sombras. Angel percorreu em bicos de pés a distância que a separava da cabeceira da tia.

– Tia Cordelia, sou eu, Angel. – Quando não obteve resposta, Angel deitou-se em cima da colcha e aconchegou-se junto à tia. – Não chore. Cuidarei de si, como cuidou de mim quando eu era pequena. – Encostou a face às costas da tia, colocando um braço protetor em redor do corpo magro, sacudido pelos soluços. As lágrimas de Angel, que tinham sido contidas tanto tempo, soltaram-se em cascata.

* * *

Angel foi considerada jovem de mais para assistir ao funeral, apesar dos seus protestos de que queria estar presente nem que fosse só para apoiar a tia, mas Cordelia mostrou-se inabalável. Havia recuperado o suficiente do choque da morte súbita do marido para concordar com as disposições de Mr. Chancellor para o enterro. No dia seguinte à visita de Mr. Chancellor, Angel tinha acompanhado a tia ao Jay's Mourning Warehouse⁸ em Regent Street, onde Cordelia adquiriu roupas de viúva. Angel atravessava aquela estranha fase em que não era nem criança nem adulta, mas queria mostrar o seu respeito pelo tio adotivo e escolheu um vestido simples de tussor² cinzento, que usou com braçadeiras pretas, semelhantes às que foram compradas para os servos.

Em casa os reposteiros estavam corridos e a fita de crepe preto atada ao batente da porta indicava que os moradores estavam de luto carregado. A casa em Spital Square nunca se tinha enchido de música e de risos, mas agora era um lugar triste e os únicos sons que ecoavam por todo o edifício eram os passos da criada nas escadas das traseiras e o fechar de uma porta ou de uma janela.

Dois dias após o enterro, Angel ia a caminho do escritório do tio em busca de algo para ler da sua pequena coleção de livros, quando a porta se abriu e um homem saiu apressado, quase colidindo com ela.

– Desculpa, minha querida. Não sabia que estavas aí.

Angel reconheceu o cavalheiro alto e magro cuja calvície era compensada por patilhas grisalhas descendo até ao queixo, um bigode encaracolado e um cavanhaque¹⁰ que exibia um tom semelhante ao do gengibre das espessas sobrancelhas. Geoffrey Galloway era o advogado da tia e, quando Angel era mais jovem, costumava trazer-lhe um saquinho de rebuçados de hortelã ou um pauzinho de açúcar de cevada. Ainda a tratava como se ela fosse uma menina encantadora de cinco anos de idade. Às vezes, crescer era muito difícil, especialmente quando as pessoas não conseguiam ver que ela estava a caminho da idade adulta.

– Vim buscar um livro, *sir*. – Angel manteve um tom neutro e encarou o seu olhar divertido com uma expressão dura.

– Admirável, jovem senhora. Admirável. – Sorriu vagamente e atravessou o corredor onde Gilly o aguardava, segurando o seu chapéu e a bengala. – Bom dia.

Uma brisa quente misturada com o cheiro a estrume de cavalo e fumos das fábricas de gás chegou da rua e Gilly fechou a porta atrás dele. Ela deitou um olhar de lado a Angel, com o pequeno rosto retorcido de despeito.

– Cook diz que não nos olhará de cima para baixo por muito mais tempo.

Angel parou na ombreira da porta.

– O que significa isso?

– Espere para ver. A Cook sabe umas coisas. – Gilly afastou-se rapidamente na direção das escadas das traseiras e Angel seguiu-a com o olhar.

– És tu, querida? – A voz de Cordelia, vinda do fundo do escritório, trouxe Angel de volta à realidade e apressou-se a entrar na divisão.

– Sente-se bem, tia Cordelia? O que desejava Mister Galloway?

Afundada na poltrona de couro do seu falecido marido, Cordelia fez um esforço para sorrir, mas o seu rosto em forma de coração denotava uma palidez mortal e tinha os olhos congestionados.

– Estamos arruinados, Angel. Não há uma maneira fácil de dizer isto, mas o negócio do teu tio faliu totalmente. A fábrica de cerveja teve de fechar e perdemos tudo.

Angel deixou-se cair na cadeira recentemente desocupada pelo Mr. Galloway – o assento ainda estava quente.

– Não entendo. Como pôde acontecer uma coisa dessas?

– Não finjo entender questões de negócios, querida. Sei apenas o que Geoffrey acabou de me contar. Pelos vistos, Joseph meteu-se no jogo para tentar recuperar as suas perdas quando o negócio estava a afundar-se e a sua última jogada não compensou. Foi-se tudo e ele hipotecou a casa sem o meu conhecimento. Estou praticamente sem dinheiro. – Enterrou a cabeça entre as mãos e ergueu os ombros. – Vamos morar para a rua.

– Não, isso não pode ser verdade – replicou Angel com firmeza, mas depois lembrou-se das palavras rancorosas de Gilly. Como poderia a criadagem ter descoberto era um quebra-cabeças, mas, na verdade, eles pareciam saber sempre as coisas antes dela. – Deve haver algo que possamos vender para arranjar dinheiro. Talvez possamos encontrar uma casa mais pequena para alugar.

– Não sabes do que estás a falar, Angel. Tem de ir tudo – os móveis, as minhas joias, as pratas –, todas as coisas que valorizo. Há meses que as contas da casa não são pagas e, se não posso levantar dinheiro, os oficiais de justiça vão aparecer e levar tudo. Não suporto a infelicidade.

– Não há alguém que possa ajudar-nos? – perguntou Angel, desesperada. – Conhece alguém que pudesse emprestar-lhe algum dinheiro para nos manter por um tempo?

Cordelia levantou a cabeça, olhando para Angel com lágrimas a brilhar na ponta dos cílios escuros.

– Há uma pessoa que se ofereceu para ajudar, mas julgo que não posso aceitar a sua oferta.

– Quem é, tia? O que quer em troca de um empréstimo?

– Geoffrey pediu-me que casasse com ele – respondeu Cordelia, num tom sombrio. – Conheço-o há anos. Foi advogado do Joseph desde que me lembro, e costumava jantar aqui com bastante frequência, mas não posso casar com um homem que não amo, mesmo para manter um teto sobre as nossas cabeças.

– Parece ser um bom homem – comentou Angel lentamente. – Mas se não gosta dele...

– Gosto dele, querida. Sempre gostei, mas amava Joseph. – Cordelia enxugou os olhos com o seu lenço encharcado. – Sei que ele era dominador e às vezes impaciente, mas o nosso casamento foi por amor e sinto terrivelmente a sua falta. De qualquer maneira, estou de luto e estarei durante um ano ou talvez dois.

– Não deve pensar duas vezes. – Angel inclinou-se sobre a secretária e agarrou na mão da tia. – Conseguiremos passar sem ele, tia Cordelia. Arranjarei trabalho e vamos procurar outro sítio para morar. Não será obrigada a casar com um homem que não ama. Serei eu agora a cuidar de si.

– Minha querida, és apenas uma criança. Jamais pensaria em colocar tamanha responsabilidade sobre os teus jovens ombros. Mas tens razão; vamos sobreviver de alguma forma, e a primeira coisa que farei é levar as minhas joias ao penhorista. Não permitirei que os oficiais de justiça as levem.

– Há também o meu anel – disse Angel lentamente. – O pensamento de se separar da única coisa que poderia ter pertencido à sua mãe era angustiante, mas não podia permitir que fosse a tia a fazer todos os sacrifícios.

– Não, Angel. O anel é teu e deves guardá-lo para sempre. – Cordelia franziu a testa e baixou os olhos para as joias na mão esquerda. – Vou separar-me de tudo, exceto da minha aliança de casamento. O Joseph colocou-a no meu dedo quando eu tinha apenas vinte anos, e aí permanecerá até ao dia em que eu morrer.

Angel sabia que a qualquer momento a tia explodiria em lágrimas, o que só ia piorar a situação. Pôs-se rapidamente de pé.

– Deve haver outras coisas que possamos vender, tia Cordelia.

– Os oficiais de justiça virão esta tarde. Temos de agir rapidamente se quisermos salvar alguma coisa, e atrevo-me a dizer que é contra a lei, mas neste momento não me importo.

– Tem de ficar aqui – declarou Angel num tom firme. – Eu irei à casa de penhores com a Lil. Seria preciso um homem de coragem para levar a melhor com ela.

– Talvez tenhas razão, minha querida. Temo que eu cedesse com demasiada facilidade. – Cordelia levantou-se da poltrona, acariciando os braços de couro como que a despedir-se de um velho amigo. – Cabe-me o oneroso dever de informar o pessoal de que terão de encontrar emprego noutro lugar, mas primeiro vou buscar o meu guarda-joias. Tenho uma corrente de ouro fina, que deves guardar. Passa-a através do anel da tua mãe e pendura-a em volta do pescoço.

Angel engoliu em seco.

– Obrigada, tia Cordelia. Vou guardá-la para sempre.

* * *

Quando Angel e Lil regressaram da sua ida ao penhorista em White's Row os oficiais de justiça já se haviam deitado ao trabalho. A mesa da sala de jantar estava a ser erguida para uma carroça, juntamente com as cadeiras, e o aparador encontrava-se no passeio à espera de ser tratado com igual falta de cuidado. Angel dispunha-se a arrebatá-lo quando jovem noiva das mãos de um carregador corpulento, mas Lil deteve-a.

– Vai para dentro de casa, querida – indicou em voz baixa que mais parecia um grunhido. – Não podes impedi-los, e eles podem começar a fazer perguntas.

Angel percebeu que a sua pesada bolsinha poderia causar comentários e enfiou-a debaixo do braço, enquanto subia os degraus até à porta da frente. Estava aberta de par em par e Gilly agitava inutilmente o avental na frente de um carregador que transportava uma grande caixa de madeira cheia com o serviço de jantar Crown Derby de Cordelia.

– Ladrões – gritou Gilly com voz rouca. – Isso pertence à patroa.

– Já não, patinha. – O homem piscou-lhe o olho e continuou o seu caminho. – Uma segunda carroça tinha parado lá fora e um segundo oficial de justiça passou por Angel ao entrar na casa.

Gilly gritou:

– Eles ainda nos vão tirar a roupa do corpo, *miss*.

– Não, não vão. Estarás a salvo por baixo das escadas. Temos de deixá-los fazer o seu trabalho. – Angel encaminhou a perturbada criada para a porta de feltro verde⁴¹.

– Fica na cozinha com a Cook.

– Não posso, *miss*. A Cook escapou-se e Miss Nixon foi-se embora ontem à noite. Não sei cozinhar o jantar, é o que é.

Lil agarrou o braço de Gilly.

– Obedece a Miss Angel, imbecil. Não há nada a fazer cá em cima.

– O que hei-de fazer, Lil? Não tenho dinheiro e o meu pai vai esfolar-me viva se for para casa.

– Espera na cozinha – disse Lil com uma surpreendente demonstração de paciência. – Descerei daqui a um minuto e decidiremos o que fazer. – Deu um empurrão a Gilly e a jovem avançou aos tropeções para as escadas das traseiras.

Angel contornou dois carregadores.

– É melhor ires atrás dela, Lil. Só Deus sabe o que fará, deixada sozinha na cozinha. Provavelmente incendiará a casa.

– Ela é suficientemente estúpida – observou Lil severamente. – Deixa-a comigo. – Afastou-se com o maxilar cerrado.

Angel dispunha-se a ir à procura da tia quando ouviu alguém chamar o seu nome. O coração saltou-lhe no peito ao reconhecer a voz. Virou-se lentamente e deparou com o reverendo John Hardisty e a sua esposa, de pé na ombreira da porta.

– Angel, minha querida menina, que tristeza, sem dúvida.

– Pobre Cordelia, deve estar desfeita – opinou Letitia com um sorriso que os olhos não espelharam.

– É verdade, *madam* – respondeu Angel docilmente, mas não se deixou enganar pelas palavras compassivas de Mrs. Hardisty. Suspeitava que Letitia albergava um qualquer rancor contra a sua tia, embora fosse difícil imaginar que a tia Cordelia merecesse esse tipo de sentimento. Independentemente da causa – e Letitia Hardisty sempre conseguira parecer conciliadora e agradável –, Angel sentira muitas vezes essa tendência e nesse dia particular tornou-se mais óbvio do que nunca.

– Existe alguma coisa que possamos fazer? – John Hardisty expressou-se com uma genuína preocupação.

– Não me parece, *sir* – elucidou Angel apressadamente. – Julgo que a minha tia está a descansar. Tudo isto foi um choque terrível.

– É verdade que ficaram sem nada? – Olhou em volta, sacudindo a cabeça. – Nesse caso, para onde irão?

– Atrevo-me a dizer que Cordelia tem parentes que a aceitarão, embora, pessoalmente, não apreciasse tal mudança depois de ser dona da minha casa durante tantos anos. – Letitia franziu os lábios e luziu um brilho malicioso nos seus olhos escuros. – Pobrezinha! – acrescentou, apertando o braço do marido. – Temos de ir embora, John. Receio que estejamos a intrometer-nos.

Ele pigarreou sonoramente, como se estivesse prestes a iniciar um sermão.

– Se houver algo em que possa ser útil, Angel, por favor, pede à tua tia para entrar em contacto comigo.

Letitia arrastou-o para a porta, que estava escancarada para permitir um acesso fácil aos homens do oficial de justiça.

– Uma viúva sem dinheiro é um objeto lastimável aos olhos da sociedade. As minhas condolências à tua tia, pobre criança.

As palavras que saíram em torrente dos lábios de Letitia deveriam oferecer conforto a Angel, mas o efeito foi precisamente o contrário. Ela frequentara a igreja todos os domingos desde que se lembrava, e tinham-se realizado chás intermináveis no presbitério ou ali em casa, quando as senhoras da paróquia se reuniam para discutir as suas ações de caridade e coscuvilhar. Mesmo sendo uma criança, fora óbvio para Angel que mulheres como Margaret Edwards, a mulher do diácono, e as boas senhoras que tentavam aliviar o sofrimento dos pobres, tinham um imenso respeito por Letitia Hardisty, se não realmente medo dela e da sua língua afiada.

Resistindo à tentação de correr atrás do vigário e da mulher e bater-lhes com a porta, excluindo-os da sua vida para sempre, Angel respirou fundo. Independentemente do que pudesse acontecer-lhe e à tia no futuro, a única coisa boa para sair daquela situação horrível era que a tia Cordelia estaria livre para recomeçar a vida, longe da tagarelice e dos falsos olhares dos que supostamente eram seus amigos. Mesmo assim, o futuro parecia sombrio e pela primeira vez na sua vida Angel estava assustada.

5 Amostrador – uma peça decorativa de bordado normalmente com letras ou versos bordados em vários pontos como um exemplo de habilidade. (*N. da T.*)

6 Pantaletas são roupas de baixo que cobrem as pernas usadas por mulheres, meninas e meninos muito jovens, desde o início a meados do século XIX. (*N. da T.*)

7 Um rabo de andorinha era um dos grandes pregos anteriormente usado com frequência em portas para ornamentação ou para maior resistência. (*N. da T.*)

8 O London General Mourning Warehouse de Jay abriu em 1841 e estabeleceu-se rapidamente como uma das principais lojas de roupas de luto. (*N. da T.*)

9 Tussor – Seda grossa das larvas da mariposa de tussor e espécies relacionadas. (*N. da T.*)

10 Cavanhaque – Até ao final do século XX, o termo cavanhaque era usado para referir apenas uma barba formada por um tufo de pelos no queixo, como no queixo de uma cabra, e daí o termo. (*N. da T.*)

11 A «Green Baize Door» era uma característica de quase todas as casas ricas. Tratava-se de uma porta comum emoldurada na qual estava pregado um tecido de feltro verde, geralmente com pregos de latão. Era o sinal universal da linha divisória entre as duas metades da casa: os servos e os donos. (*N. da T.*)

Capítulo Três

Dois dias depois, Angel estava de pé no meio do *hall* de entrada, olhando para as paredes. Manchas fantasmagóricas no papel de parede assinalavam os lugares onde quadros e espelhos de moldura dourada haviam estado pendurado até os homens do oficial de justiça os levarem. O menor som ecoava pelos quartos vazios como um trovão e a casa que conhecera toda a sua vida estava a ser devastada. Homens estranhos tinham-lhes roubado tudo o que amavam e lhes era familiar, e a própria casa deveria ser vendida em leilão. Para onde iriam e o que fariam era algo que Angel mal se atrevera a imaginar, mas agora encarava a realidade. A infância acabara e tinha de crescer rapidamente. Era uma perspectiva aterradora.

Os oficiais de justiça haviam-lhes deixado muito pouco, além dos seus pertences pessoais. Lil tinha-os metido a esmo em três grandes malas e as panelas e as frigideiras da cozinha foram empilhadas em cestas de vime e numa grande caixa de chá. A própria Lil encarregara-se de as embalar e insistira para que Gilly as defendesse com a vida, se necessário. Angel tinha ouvido a jovem a soluçar e fora à cozinha investigar o que se passava. Encontrou-a a apertar a caixa contra o peito como um marinheiro naufragado agarrado a um bote.

– O que estás a fazer? – perguntou Angel.

– Ela disse-me para não deixar ninguém aproximar-se disto ou dava-me uma tarefa. Sei que a Lumpy Lil o faria.

– Sua parvinha! Ela só queria que impedisses os homens do oficial de justiça de levarem tudo. Duvido que se interessassem muito por panelas velhas e porcelana lascada. Levanta-te, por amor de Deus.

Gilly pôs-se em pé com dificuldade.

– Tenho câibras nas pernas por causa dela.

– Se tens algum juízo, não deixes que Miss Heavitree te ouça a falares assim, e não lhe chames Lumpy Lil ou ela faz umas ligas das tuas entranhas.

– Onde ouviste essa expressão vulgar, Angel? – O tom de voz chocado de Cordelia fez com que Angel rodasse sobre os calcanhares e avistasse a tia, de pé, ao fundo das escadas.

– Desculpe, tia Cordelia. Não sabia que estava aí.

– Não podemos esquecer os nossos princípios, apenas porque estamos numa situação difícil – observou Cordelia num tom formal. – Quero que subas as escadas, Angel. Mister Galloway está aqui e tem algo a dizer-te.

– O quê? – perguntou Angel ansiosamente.

– Deixarei que seja ele a informar-te, querida. Vem. Não o faças esperar.

Arrastando os pés, Angel seguiu a tia pela escada íngreme. Geoffrey Galloway aguardava-as no escritório, que, despojado dos livros e dos móveis, parecia um lugar diferente. O único item deixado

pelos homens do oficial de justiça era uma cadeira com um assento puído e um rodízio e a que faltava uma perna. Cordelia empoleirou-se nela, equilibrando-se com dificuldade.

– Não disse nada a Angel, Geoffrey. Julgo que seria preferível ouvi-lo da sua boca.

Ele ficou de costas para a lareira, com os pés apartados, as mãos entrelaçadas.

– Deves ter consciência da gravidade da situação em que a tua tia se encontra, Angel.

– Sim, *sir*.

– Tenho analisado a questão cuidadosamente, entendes, e a tua tia concorda com o que estou prestes a dizer.

Angel soube logo que a solução não iria beneficiá-la. Lançou um olhar desconfiado na direção da tia, mas Cordelia analisava as tábuas nuas do soalho como se fossem algo novo e interessante.

– A minha irmã, Mistress Adams, também enviuvou recentemente – anunciou Galloway num tom sonoro. – Rebecca possui uma pequena casa em Maddox Street e está a precisar de uma dama gentil para ser sua dama de companhia. Penso que seria muito adequado para a tua tia.

Angel virou-se para a tia.

– É isso que quer, tia Cordelia?

– Que opção me resta, minha querida? – Cordelia fitou Angel com um leve sorriso. – É muita generosidade de Mister Galloway dar-se a tanto esforço por nossa causa, e encontrei-me com Mistress Adams em algumas ocasiões. Parece uma senhora muito simpática.

– Irei consigo, tia?

– Não, Angel – respondeu Galloway com firmeza. – A minha irmã não tem filhos e gosta de viajar. Não seria apropriado para ti morares com a tua tia, mas podes obviamente visitá-la às vezes.

– O que será de mim, Mister Galloway? – Angel enfrentou o seu rosto com uma expressão séria, sem pestanejar.

– Coube-te em sorte teres sido criada como uma jovem dama. Mistress Wilding tem sido mais do que generosa em certificar-se de que recebeste uma boa educação e sabes comportar-te na alta sociedade.

– O que Mister Galloway está a tentar dizer-te, meu amor, é que encontrou um lugar adequado para ti junto de uma boa família, onde espero que sejas tão feliz como tens sido aqui, comigo. – Cordelia estendeu-lhe a mão. – Detesto a ideia de me separar de ti, Angel, mas espero e rezo para que isso seja apenas temporário.

Angel recusava ser apaziguada.

– Serei uma criada como a Lil?

– Não, decididamente não. – Os lábios de Cordelia tremeram. – Não permitiria que assim fosse. – Lançou um olhar suplicante a Galloway. – Diz-lhe, por favor. Sabes mais sobre a família Grimes do que eu.

– Phileas Grimes é um cliente meu, que conheço há muitos anos. É um homem rico que tem feito fortuna a comprar extensões de terra no East End para construção. Tem uma filha perto da tua idade e ausenta-se frequentemente de casa.

– Então, vamos as duas viver com estranhos – concluiu Angel lentamente. – A tia Cordelia ficará com a sua irmã e eu vou... – Fez uma pausa. – Onde é exatamente essa casa? Em Londres?

– Ah, descobriste a melhor parte do plano. – Galloway sorriu-lhe, enchendo o peito. – Mister Grimes é dono de uma linda casa antiga nos arredores de Essex. Terás muita liberdade e vais

compartilhar lições de arte e música com a filha. Será uma existência idílica longe da imundície e da doença do East End.

Angel lançou-se de joelhos para o lado da tia, apertando-lhe as duas mãos, num gesto desesperado.

– Não deixe que ele nos separe, tia Cordelia. É mais importante para mim do que alguém que possa reivindicar ser a minha mãe verdadeira. Diga-lhe, por favor, que não vai separar-se de mim.

Os olhos de Cordelia encheram-se de lágrimas e levou as mãos de Angel aos lábios.

– Se ao menos pudesse, querida, faria qualquer coisa para nos manter juntas, mas tens de perceber que de momento é impossível. Não tenho dinheiro, meu amor. O dinheiro das minhas joias foi gasto em comida e bens necessários e não restou nada. Não posso sustentar-me, quanto mais a ti, mas Geoffrey prometeu que Lil pode ir contigo e Mistress Adams tem um lugar para Gilly na sua casa. Tomarão conta de nós, mas espero que no futuro fiquemos juntas novamente. Isto não é para sempre, minha querida menina.

Atordoadada e lutando para se enquadrar na súbita mudança dos acontecimentos, Angel pôs-se lentamente de pé.

– E se eu recusar? O que acontece?

Os lábios de Galloway apertaram-se numa linha fina por baixo do seu bigode trémulo.

– Vais cumprir os desejos da tua tia, se sabes o que te convém. És uma órfã, Angel Winter. Esse nem sequer é o teu verdadeiro nome, então como tencionas gerir a tua vida, já que a tua tia não pode cuidar de ti, como fez nos últimos onze anos? Fazes alguma ideia da sorte que tens, garotinha?

Angel sacudiu a cabeça.

– O senhor não é um bom homem, Mister Galloway. Espero que a minha tia nunca se case consigo, porque tem uma natureza cruel. Um homem bom não nos separaria, e o senhor não é um homem bom, embora finja ser.

– Basta, Angel! Tens de pedir desculpa por seres tão indelicada para Mister Galloway. – Cordelia levantou-se em desequilíbrio e Galloway deu um salto em frente para a ajudar.

– Agora vês a verdadeira natureza da criança, Cordelia – reagiu enfurecido. – Desconheces a sua linhagem e julgo que está a tornar-se óbvio que veio da sarjeta. Albergaste fantasias românticas sobre o seu nascimento, mas ela é uma criança dos bairros de lata e precisa de uma mão firme.

Cordelia soltou um grito abafado e desmaiou nos seus braços.

– É um homem odioso – gritou Angel com veemência. – Planeou tudo isto.

– Não sejas ridícula, menina. Vai buscar a tua criada. Preciso que ela acompanhe Mistress Wilding até à casa da minha irmã. Tu virás comigo.

– Não deixarei a tia Cordelia.

– É o que veremos. – Galloway ergueu o corpo desmaiado de Cordelia e levou-a para fora da sala. Parou ao ver Lil, que tinha uma mala em cada mão e um pacote de roupas dobrado sob um braço. – A minha carruagem está lá fora. Preciso que acompanhe a sua patroa até Maddox Street.

Lil deixou cair as malas nas tábuas do chão polido.

– Não vou a sítio nenhum sem a Angel.

– É Miss Winter para si – replicou Galloway. – Faça o que lhe disse. Eu vou cuidar da jovem. – Olhou para Gilly, que estava encolhida a um canto, segurando um cesto cheio de utensílios de cozinha. – Tu, também. Entra na carruagem.

– Não saio daqui sem saber o que vai acontecer a Angel – insurgiu-se Lil. – O que se passa com a patroa, afinal? O que lhe fez?

Galloway optou por ignorá-la e saiu da casa, cambaleando sob as dobras volumosas de crepe preto que envolviam Cordelia como uma mortalha.

Angel agarrou na mão de Lil.

– Cuida da tia Cordelia. Ele prometeu que podes vir ter comigo ao campo. Não sei onde estarei, mas ele deu a sua palavra de que ficarias comigo.

– E acreditaste nele? – Lil revirou o lábio. – Não confio nesse homem, mas, para teu bem, vou zelar para que a patroa fique instalada confortavelmente e depois irei procurar-te. Onde quer que estejas, podes confiar em mim, Angel.

– Sei que posso. Não iria com ele se não me tivesse prometido que estaríamos juntos.

Lil acenou a Gilly.

– Anda, rapariga. Vamos resolver e acabar com isto. – Seguiu Galloway até ao exterior da casa.

Invadida por um sentimento de pânico, Angel correu atrás dela, mas Cordelia já estava na carruagem e Lil subiu para o lado dela, seguida por Gilly.

– Diz adeus à tua tia, minha querida – indicou Galloway em voz alta. – Agarrou no braço de Angel e moveu-o para cima e para baixo de modo a que da janela da carruagem deva ter parecido que ela estava a acenar. – Sorri – ordenou por entre os dentes cerrados, enquanto o cocheiro agitava o chicote e os cavalos se afastaram.

Angel tentou libertar-se, mas Galloway apertou-lhe o braço com mais força.

– Não, não vais. – Deu um empurrão a Angel que a fez tropeçar para trás. – A minha irmã não quer ser incomodada por uma pirralha como tu.

– Tia Cordelia. – As palavras foram arrancadas da garganta de Angel num grito rouco de angústia. A única mãe que conhecera fora-lhe tirada da maneira mais cruel e a própria Lil tinha-a abandonado. Encarou Galloway com lágrimas a correr-lhe pelo rosto. – Odeio-o. Finge ser bom, mas é um monstro.

Só tarde de mais se apercebeu do golpe dirigido à sua cabeça e caiu no chão, aturdida e quase inconsciente. Depois, antes que tivesse uma oportunidade para se recompor, foi içada sobre o ombro de Galloway como um saco de carvão. Envolta numa névoa de dor, ouviu-o chamar uma carruagem. Subitamente, viu-se no interior do veículo e Galloway subiu e sentou-se ao seu lado. Invadida por uma sensação de náusea e uma dor de cabeça latejante, afundou-se contra as almofadas de couro, respirando fundo o ar fétido. O mau cheiro do rio e as fábricas nas margens eram avassaladores.

– Para onde está a levar-me? – perguntou com raiva.

– Para a casa de trabalho em Bear Yard¹², se queres saber.

Angel fitou-o, incrédula. A pancada na cabeça devia tê-la desorientado.

– Para a casa de trabalho?

– Foi o que eu disse. Agora és pobre. És a semente do diabo e vais voltar para onde pertences. É um novo edifício, inaugurado apenas no ano passado. Vais sentir-te bem lá.

– Mas prometeu à tia Cordelia que tomariam conta de mim. Disse que seria companheira de uma menina da minha idade algures em Essex.

– Menti – confessou com um ar de satisfação. – É natural para um advogado. Vais aprender a não acreditar em tudo o que te dizem. Esta é uma lição valiosa na vida.

– Não pode fazer-me isto.

– Não existe essa expressão *não pode*. É o que a minha velha ama costumava dizer-me e ela estava certa. Vais fazer o que te digo ou informarei o mestre¹³ da casa de trabalho que és retardada e deves

ser amarrada à cama para tua própria proteção. Não levarás a melhor sobre mim, Angel Winter, portanto não tentes.

* * *

Apesar dos protestos de Angel, foi admitida na casa de trabalho e forçada a sofrer a humilhação de ser despida de todas as suas roupas finas, esfregada com sabão de soda cáustica e lavar o cabelo com vinagre. Escorreu-lhe para os olhos e fê-la gritar de dor, mas uma bofetada do preso mais velho incumbido desta tarefa fez com que Angel recuperasse o fôlego e mordesse o lábio, decidida a não chorar. Por fim, depois de ter recebido uma toalha de tecido grosseiro, secou-se o melhor que pôde e com a maior relutância enfiou uma farda desbotada com riscas azuis e brancas. Um avental de chita e um gorro de pano branco completaram o conjunto e um par de botas, que já tinha visto melhores dias, magoava-lhe os dedos dos pés. Quando tentou protestar e pedir os seus próprios sapatos, recebeu uma pancada na orelha que a deixou prostrada no chão de ladrilho.

Em toda a sua vida nunca recebera nada mais brutal do que uma pancadinha no pulso, e devera-se a uma transgressão tão pequena que não conseguia lembrar-se do que fizera para merecer o castigo. Agora, no espaço de algumas horas, tinha sido atirada ao chão, humilhada e presa entre estranhos absolutos.

A vida confortável que levava em Spital Square parecia-lhe o céu e agora estava no inferno. Havia apenas uma coisa que a ligava ao seu passado e, quando a mulher se virou para pendurar a toalha, Angel tirou o anel e a corrente de dentro da bochecha onde os escondera antes do assalto indigno ao seu corpo. Só teve tempo para deslizar a corrente à volta do pescoço e enfiar o anel por baixo da farda, antes de a mulher mais velha se virar para ela. Colocou Angel violentamente em pé.

– Vem comigo.

– Para onde está a levar-me?

– Não fales a menos que te dirijam a palavra ou apanhas outro soco.

Angel não teve outra alternativa senão seguir a figura curvada do banheiro comunitário através de um longo corredor escuro, que conduziu, eventualmente, a um lanço de escadas. Um odor desagradável a roupa suja e húmida flutuou da cave em nuvens de vapor. A sala grande, pouco mais do que uma adega húmida, estendia-se a todo o comprimento do edifício e o calor das máquinas de cobre era sufocante. As mulheres, de rostos corados, trabalhavam silenciosamente, lavando a roupa de cama, enxaguando-a e espremendo-a através de máquinas gigantes, que manejavam à mão. Cestas enormes eram empilhadas com lençóis e cobertores e levadas para a sala de secagem. O som ensurdecedor de botas pesadas no chão de pedra aliava-se ao ruído borbulhante das máquinas de cobre e ao rítmico ranger das máquinas de espremer. A tudo isso acrescentava-se o coro constante da tosse de pulmões doentes. Era um lugar horrível, mas onde Angel estava destinada a passar o resto do dia, e, tanto quanto sabia, o resto da vida.

Angel tinha perdido a refeição do meio-dia por pouco e não comera quase nada ao pequeno-almoço. Como trabalhara toda a tarde, só conseguia pensar na tigela de mingau espesso e cremoso, polvilhado de açúcar dourado e creme em que mal tocara. O ovo cozido resultara pouco mais e só mordiscou a torrada com manteiga. O seu estômago roncou e à hora da ceia estava faminta, atordoada de cansaço, mal conseguindo arrastar um pé atrás do outro quando as presas foram levadas para a sala de jantar. Um pedaço de pão seco acompanhado de uma tigela de mingau fino foi comido em silêncio com a matrona a observar cada movimento.

Naquela noite, enquanto tentava dormir numa cama de madeira dura, com apenas um colchão cheio de pedaços de lã, um cobertor e sem almofada, Angel decidiu fugir. As outras raparigas do seu dormitório tinham idades entre os sete e os quinze: as mais pequenas choraram até adormecer e as mais velhas conversaram em voz baixa durante algum tempo. Soluços, roncos e tosse preencheram o ar da noite e um forte cheiro a fénico emanava das tábuas do soalho, que eram esfregadas todas as manhãs até ficarem branqueadas. Angel ficara a saber isso pela boca de Lizzie, a rapariga mais velha que partilhava a sua cama, e ainda que era o trabalho das que eram demasiado jovens para apanhar estopa ou trabalhar na lavandaria e demasiado crescidas para a sala de aula.

Apesar dos membros doridos e da exaustão física, a mente de Angel estava surpreendentemente clara enquanto traçava a fuga. A primeira coisa de que precisaria era das suas próprias roupas. Tinha-as visto dobradas e colocadas numa prateleira na área ao lado da casa de banho. Seriam vendidas para pagar a farda, segundo Lizzie afirmara, e Angel não tinha motivo para duvidar dela. Lizzie nascera na casa de trabalho e nunca vira os irmãos, que haviam sido admitidos com a mãe deles. A infeliz mulher morrera há uns anos, mas Lizzie ignorava o que acontecera com o pai. A jovem de treze anos vivia na esperança de que um dia alguém apareceria para a levar dali. Sorria enquanto dormia e Angel imaginou quais deveriam ser os sonhos da sua nova amiga. Pelo menos, Lizzie podia escapar da realidade do seu encarceramento durante algumas horas em cada noite.

Mas não se passava o mesmo com Angel; manteve os olhos abertos, à espera que o silêncio reinasse. Não fazia ideia de como conseguiria fugir, mas estava determinada a tentar. Qualquer coisa e qualquer lugar seriam preferíveis àquele horror.

Por fim, todas dormiam aparentemente.

Angel levantou-se com todo o cuidado da cama estreita para não acordar Lizzie e escapou-se do dormitório descalça e ainda com a sua camisa de noite de chita. Ao ouvir o som de passos que se aproximavam, enfiou-se rapidamente num armário e, através de uma fenda na porta, avistou a luz de uma lamparina de óleo que se movia para cima e para baixo. Susteve a respiração até a mulher estar fora de alcance. Não esperara que houvesse vigília noturna, mas isso colocou-a em alerta e aumentou a determinação de fugir. O longo corredor estendia-se paralelamente aos dormitórios; o luar infiltrava-se pelas janelas altas e os raios benevolentes iluminavam o caminho para a escada.

Chegou ao rés-do-chão sem contratempos, embora tivesse sido obrigada a esconder-se da patrulha noturna várias vezes. A área da receção estava deserta e silenciosa e o porteiro tinha, por alguma razão conhecida do próprio, abandonado o posto. Para enorme alívio de Angel, encontrou as suas roupas ainda ordenadamente empilhadas na prateleira. Os dedos tremiam-lhe quando despiu a camisa de noite e as vestiu. A anágua de flanela vermelha acariciou-lhe as pernas nuas como um sussurrar depois do material grosso da farda da casa de trabalho. Deslizou pela cabeça o corpete de seda verde e a saia de cima, apertando-a com dificuldade. Cada segundo contava e estava prestes a calçar as meias quando ouviu passos a aproximar-se. Enfiou os pés descalços nas botas e atravessou a sala em bicos de pés para abrir a porta que dava para o exterior. Os ferrolhos cederam com pouco mais que um clique e a porta abriu-se com um mero ranger de dobradiças bem lubrificadas.

O ar da noite envolveu-a num abraço caloroso quando se viu em Bear Yard. Recolheu as saias e correu. Não sabia para onde se dirigia, pois o seu único objetivo era ficar tão longe da casa de trabalho quanto as suas pernas permitissem.

Mas, quando emergiu na Vere Street, percebeu que a noite naquela conhecida área de Londres não era um lugar amigável. A casa de trabalho poderia estar adormecida, mas não acontecia o mesmo fora

das suas paredes. Mulheres vestidas com roupas garridas mostravam os seus encantos nas ombreiras das portas, enquanto outras se penduravam das janelas do andar de cima, gritando para os homens que cambaleavam ao longo dos passeios, alguns com garrafas nas mãos e todos eles embriagados. Cães de uma magreza esquelética vasculhavam as sarjetas em busca de restos de comida e gatos vadios brigavam pelas carcaças de ratos, ao mesmo tempo que ratazanas pretas se escapuliam de beco em beco, à procura de qualquer coisa que pudessem atacar e devorar.

Grupos de rapazes maltrapilhos mantinham-se sob as lâmpadas a gás, fumando cachimbo e à caça dos incautos. Angel escondeu-se na ombreira de uma porta quando um jovem roubou uma carteira do bolso de um estranho que ia a passar, mas a vítima cercou-o e seguiu-se uma luta. Todos pareceram juntar-se e houve muitos gritos e agitar de braços e pernas. Angel aproveitou a oportunidade para se escapulir e correu, desviando-se por becos e travessas, evitando ser agarrada pelas mãos de homens que saíam das portas, oferecendo-lhe dinheiro e prometendo-lhe um bom bocado. Não sabia ao que se referiam, mas não parou para descobrir.

Os estreitos pátios e becos estavam às escuras, mas à distância avistou um círculo de luz. Emergir da escuridão assemelhava-se a entrar no céu – ela podia ouvir vozes e o aroma a fruta e a flores enchia o ar. Os pés mal pareciam tocar nas ruas empedradas enquanto corria para aquele oásis na escuridão da cidade perversa. Parou numa praça onde carroças estavam a ser descarregadas por trabalhadores, que equilibravam cestas cheias de produtos à cabeça. Iam colocando umas em cima das outras até as suas cargas atingirem alturas improváveis, mas de alguma forma conseguiam entregar a fruta e os legumes aos proprietários das bancas sem deixar cair uma única maçã.

Angel observava, fascinada e excitada por todo aquele bulício. Poderia ser invisível a julgar pela atenção que lhe prestavam, o que era estranhamente reconfortante depois dos momentos aterrorizantes em Clare Market. De súbito, dominada pelo cansaço, abriu caminho por entre as carroças e carrinhos de mão até ao outro lado da praça e à segurança comparativa sob o pórtico da igreja de St. Paul. Enroscou-se a um canto e adormeceu.

Despertou com o sol luminoso e uma cacofonia de ruído. Rodas de carroça ecoavam pelas ruas empedradas e o *clip-clop* de cascos de cavalos pesados ecoava dos prédios circundantes. Os gritos dos comerciantes a negociar a fruta e os legumes competiam com os gritos das vendedoras de flores, o riso estridente e a tagarelice dos carregadores.

– O que estás a fazer aqui? Isto não é um lugar para gente como tu.

Angel protegeu os olhos da luz do Sol e viu-se a olhar para uma rapariga mais velha com um rosto sardento e um monte de cachos de cenoura a escapar de um boné de palha.

– Quem és tu?

– Eu perguntei primeiro. Não és uma de nós, então porque estás a ocupar o meu lugar?

Angel levantou-se.

– Não sei do que estás a falar. Que lugar é este?

– És um tanto atrasada? Isto aqui é o mercado de Covent Garden. Onde estiveste toda a vida?

Angel fitou-a cautelosamente.

– Como te chamas?

– Aí vestida com roupas finas, que devem ter custado bom dinheiro! Estás a gozar? Anda lá. Diz-nos quem és e o que estás a fazer aqui.

– Para dizer a verdade, estou perdida. O meu nome é Angel Winter e fugi da casa de trabalho na noite passada.

– Estavas na casa de trabalho?

– Só umas horas. Já te disse que fugi. Não ia ficar num lugar daqueles. Mister Galloway deixou-me lá, mas deveria levar-me para uma família em Essex. Tenho de chegar a Maddox Street e contar à minha tia o que ele fez. Ela pensa que ele é um bom homem, mas não é. É mau e cruel, e estou preocupada com a tia Cordelia. – A voz de Angel quebrou-se num soluço e virou a cabeça. Não queria que aquela criatura desconhecida a visse chorar.

– Parece-me que estás em maré de azar, miúda. – A jovem pousou a mão no ombro de Angel. – Chamo-me Dolly Chapman e vendo flores, quando posso deitar-lhes a mão.

Angel ergueu o rosto.

– O que queres dizer com isso?

– As flores custam dinheiro, idiota. Tenho de vender flores para botões de lapela e coisas assim para ganhar o suficiente para manter o corpo e a alma juntos. Não tenho dinheiro para pagar o que os vendedores ambulantes pedem.

O rosto de nariz arrebitado de Dolly pareceu desvanecer-se e Angel fechou os olhos.

– Ei, não desmaies em cima de mim, pirralha. – Dolly deu-lhe um abanão. – Não estás com muito bom ar. Tens fome?

– Penso que sim. Dói-me a barriga.

– És uma criança – observou Dolly com desdém. – Fica aí sentada e verei o que posso fazer. A verdade é que também estou com fome.

Afastou-se na direção de uma banca de café e voltou minutos depois com uma caneca a fumegar e dois pãezinhos. Estendeu um a Angel.

– Engole isso e podes partilhar o meu café.

– Não tenho permissão para beber café – disse Angel sem conseguir dominar-se.

– Ouve lá, *miss*. Não sei de onde vens, mas não foi daqui. Vais aceitar o café ou tens de ir à procura de um bebedouro dos cavalos e beber a água onde esses brutamontes se babaram.

Angel engoliu um pedaço do pãozinho com manteiga.

– Desculpa. Ficaria muito agradecida por um gole do teu café, por favor, Dolly.

Dolly estendeu-lhe a caneca.

– Não sei como uma jovem senhora como tu acabou na casa de trabalho, mas vai dar uma boa história para contar às outras numa noite em que estivermos a aquecer-nos à volta da braseira do guarda.

– Há mais como tu?

– Deus te guarde, patinha. Podes ter caído do céu como um verdadeiro anjo, tanto quanto sei. Come o resto e vou mostrar-te como abarbarar alguns botões de flores, mas terás de cuidar de ti. Há que estar de olho nos que vêm do leste de Clare Market – raio de espertinhos, todos eles, capazes de tramar as próprias mães por um copo de *blue ruin*¹⁴.

– *Blue ruin*?

– Gim, patinha. Não sabes mesmo nada?

Angel bebeu um gole de café. Estava quente e era doce com um toque amargo, mas aqueceu-lhe o estômago.

– Aprendo depressa – reagiu de imediato. – Muito obrigada pelo pão e pelo café.

– Anda lá, então. Mexe esses tocos, Angel. Temos trabalho para fazer. Precisarás de uns dinheiros para pagar uma noite de hospedagem, se não vais dormir aqui novamente. Não é fácil sobreviver nas

ruas.

Dolly liderou o caminho através das ruas empedradas na direção do salão floral, onde o perfume das flores do jardim se misturava com o de flores mais exóticas, e Angel soltou uma exclamação deliciada ante aquela explosão de cores. Apesar das suas recentes experiências traumáticas, foi transportada para um mundo em que a paz e a beleza abundavam – mas não por muito tempo. Dolly agarrou-a pelo braço e arrastou-a até ao exterior, onde as flores estavam a ser desembaladas. Um mar de cabeças e de braços agitados, saias esvoaçantes e uivos felinos acompanhavam os movimentos frenéticos das mulheres e das jovens que apanhavam as flores caídas do chão poeirento. Dolly foi a primeira a mergulhar de cabeça.

Angel ficou de pé a olhar, mas num abrir e fechar de olhos tudo acabou e a multidão dispersou; cada uma das mulheres agarrava com força punhados de botões de flores e raminhos com folhas. Dolly enfrentou uma mulher mais velha que tentou arrancar um botão de rosa que ela agarrava. A linguagem ordinária entre as duas levou Angel a recuar com uma mistura de horror e de surpresa. Já tinha ouvido vendedores ambulantes e carregadores a insultar-se uns aos outros, mas os palavrões usados por aquelas duas teriam feito um marinheiro corar.

Dolly correu para junto dela.

– Não te metas com a Smutty¹⁵ Sue. É uma cadela ordinária e uma vez arrancou à dentada o dedo de um carregador quando ele tentou parar uma briga.

Angel lançou um olhar cauteloso na direção de Smutty Sue e ficou convencida. A mulher tinha dentes compridos e aguçados semelhantes a presas e cabelos grisalhos desgrehados, que mal escondiam as cicatrizes na face e no pescoço. Smutty Sue tossicou e cuspiu, deitando um jato de tabaco sobre as pedras da rua.

– Ela assusta-me – sussurrou Angel.

– Com razão. – Dolly sacudiu a cabeça na direção de um grupo de raparigas mais jovens, que estavam agora sentadas de pernas cruzadas do lado de fora do salão floral.

– Nelas podes confiar, desde que não lhes apertes as flores ou os seus homens. Vamos lá, Angel. Vou mostrar-te como fazer botões de lapela.

Angel sacudiu a cabeça.

– Obrigada, mas preciso mesmo de ir procurar a minha tia. Sabes onde fica Maddox Street?

– É lá para oeste. Não é o meu território, patinha. Vai, se quiseres, mas, pelo que me contaste, duvido que a velhota possa ajudar. Ou está gamada no teu Mister Galloway ou tem medo dele e, se é ele quem puxa os cordões à bolsa, fará o que ele quiser.

– Não me parece que assim seja – respondeu Angel, franzindo a testa. – Ela amava realmente o tio Joseph e tenho a certeza de que só fez o que Mister Galloway ordenou porque estava com medo. Ele fingiu ser amável e bondoso, mas era só espetáculo.

– Os homens são todos iguais. São como marionetistas e as mulheres é que dançam nas cordas. Mas não eu. Vi muitas mulheres a ser espancadas pelos companheiros e que morreram antes de tempo. Nenhum homem vai fazer isso comigo.

– Não pensava assim. Suponho que a tia Cordelia fazia exatamente o que o tio Joseph dizia. É assim que as coisas são.

– Não, por aqui não são. – Dolly piscou o olho e deu uma pancadinha no lado do nariz com o dedo indicador. – Nós tratamos da nossa vidinha.

– Então, julgo que é melhor ir à procura de algumas flores – concluiu Angel relutante. – Smutty Sue não se importará, pois não?

– Sue não manda nas nossas vidas. De qualquer forma, ela já tem o que queria. Vai lá ver o que consegues apanhar.

Angel regressou ao salão floral, de olhos postos em quem pudesse irritar-se com ela. Lumpy Lil faria frente a Smutty Sue, mas a recordação de Lil fez com que os olhos de Angel se enchessem de lágrimas. Não deveria chorar ou as vendedoras de flores troçariam dela. Respirou fundo, concentrando-se para encontrar qualquer coisa que tivesse escapado aos outros. Uma aragem perfumada recordou-lhe o armário da tia, onde lençóis de algodão egípcio eram salpicados com raminhos de lavanda, e parou na banca onde a planta estava à venda.

– O que faz uma jovem senhora como tu num lugar destes? – O dono da banca fitou-a com curiosidade.

– Porque pergunta, *sir*?

Ele atirou a cabeça para trás e riu.

– Bem, bem, então és realmente uma rapariga bem-educada e não do género habitual que luta, arranha e pragueja como soldados. Pensei que talvez tivesses roubado essas belas roupas, mas aparentemente estava enganado.

– Ando à procura de flores quebradas, *sir*. Espero vendê-las para pagar o meu alojamento.

– Onde estão os teus pais, ou fugiste de casa?

– Não, *sir*. Sou órfã.

– Tem um nome, Miss Orfã? – Os olhos enrugaram-se nos cantos quando sorriu e o seu sorriso era contagioso.

Apesar do medo de que ele pudesse perceber que ela era uma fugitiva e chamasse a polícia, Angel viu-se a devolver o sorriso.

– O meu nome é Angel, *sir*.

– Um anjo, adequadamente escolhido, tenho a certeza. – Colheu uns raminhos de lavanda de um recipiente e entregou-lhos. – Leva estes. Vais preferir flores com um cheiro doce. Rosas e cravos são populares. – Inclinou-se para a frente, com uma expressão subitamente séria. – Mas tem cuidado. Algumas dessas raparigas são más. Não te deixes enganar.

Angel fez uma vénia.

– Não deixarei, *sir*. Obrigada.

– Agora vai e, se vieres ter comigo amanhã, zelarei para que tenhas algo para vender. – Estendeu-lhe a mão. – Jack Wicks.

Angel apertou-lhe a mão.

– Angel Winter. Fico-lhe muito grata, *sir*.

* * *

As raparigas conversavam e riam enquanto os dedos ágeis transformavam as flores descartadas em bonitos buquês e botões de lapela. Dolly abriu espaço para Angel.

– Bem, estou abismada – disse, assobiando entre dentes. – Como conseguiste toda essa lavanda?

– Deu-me um homem gentil.

As palavras de Angel foram recebidas com gargalhadas.

– O que fizeste para ganhar isso, miúda? – Uma das raparigas mais velhas soltou uma enorme gargalhada e deu uma cotovelada na vizinha. – Ele meteu-te a mão por baixo da saia, amor?

– Não, claro que não – respondeu Angel, horrorizada com a sugestão. – Ele é um bom homem.

– Isso não existe. Eles estão sempre prontos para o que lhes vier parar à mão.

– Não é verdade, Nelly – insurgiu-se uma das raparigas mais novas. – O meu pai foi sempre muito bom. Não faria mal a uma mosca. – Pôs-se a choramingar. – Afogou-se quando a sua barcaça foi destruída no escuro por um navio.

– Não lhe dê atenção – apressou-se Dolly a interferir. – A Nelly passou um mau bocado, não foi, Nell?

A pergunta pareceu abrir as comportas e, antes que Nelly tivesse oportunidade de contar a sua história, puseram-se todas a trocar experiências que tinham tido em casa e nas ruas. Angel sentiu-se chocada e assustada com o que ouviu, mas Dolly pareceu entender e deu-lhe um abraço.

– Só tens de aprender a ser cuidadosa, patinha. Jack Wicks é fixe, então não tens de ter medo dele, mas põe-te a pau, porque nem todos são como ele. – Dolly agarrou num pé de rosas, arrancando os botões que estavam esmagados. – Agora, vê como eu faço para transformá-las num botão de lapela e copia-me. Depois, vou levar-te para as ruas e ver como te safas.

– Porque estás a ajudar-me? – perguntou Angel, surpreendida com a bondade de Dolly.

– Já tive uma irmã mais nova. – Os dedos ágeis de Dolly torciam as rosas, dando-lhes forma, adicionando um raminho de gipsofila. – Era loira como tu e tinha grandes olhos azuis. Grace estava sempre a sorrir, embora estivesse mortalmente doente. Tinha apenas dez anos quando caiu à cama com a febre que levou a minha mãe e os meus três irmãos, todos no espaço de dias. Não sei porque fui poupada, mas aqui estou, e aqui estás tu, e então vamos aproveitar ao máximo e continuar com o nosso negócio.

– Sei que o que dizes é verdade – disse Angel lentamente –, mas preciso de voltar a ver a minha tia e a Lumpy Lil. Sinto-me muito grata por me ajudares, Dolly, mas tenho de encontrá-las ou morrer na tentativa.

¹² Na Inglaterra e no País de Gales, uma casa de trabalho, coloquialmente conhecida como pico, era um lugar onde os que não podiam sustentar-se recebiam alojamento e emprego. (*N. da T.*)

¹³ Em cada casa de trabalho havia um mestre, uma matrona, um oficial médico, um capelão, um porteiro e um professor da escola. (*N. da T.*)

¹⁴ *Blue ruin* – gim assim designado devido à sua cor azulada. (*N. da T.*)

¹⁵ *Smutty* – Suja. (*N. da T.*)

Capítulo Quatro

Angel ficou perto de Dolly durante todo o dia e não tardou a aperceber-se de que estava nas mãos de uma especialista quando se tratava de convencer um público relutante a gastar o seu dinheiro. Dolly aliava uma fisionomia descarada a uma conversa divertida, o que funcionava melhor com homens do que com mulheres. No final da tarde, Angel tinha ganho três *pence*, mas a quantia não bastava para pagar uma noite na hospedaria usada por muitas das vendedoras de flores.

– Não te preocupes, patinha – tranquilizou-a Dolly alegremente. – Ajudo-te mais uma vez, mas amanhã tens de virar-te sozinha. Vamos chegar cedo ao mercado e ver o que podemos raspar do chão, mas tens de fazer os teus próprios botões de lapela e buquês e montares o teu espaço.

– Queres dizer que terei de ficar por conta própria?

– És capaz, Angel. Não iria sugeri-lo se não achasse que podes usar esses teus grandes olhos azuis em teu proveito. Escolhe os senhores mais velhos; eles são mais inclinados a ser generosos com uma pobre órfã. Os tipos mais novos são um pouco incertos. Podem ter outras ideias, se é que me percebes.

– Julgo que sim, mas e as raparigas? Como posso saber se estou a invadir a zona de alguém?

– Vais ter de usar o cérebro, aceitar a minha dica e falar um pouco mais como nós. Falas como uma ricaça e também te vestes como uma delas. Temos de te arranjar uns restos de uma loja de penhores, mas isso custa dinheiro. De qualquer forma, vamos preocupar-nos com isso amanhã. O principal agora é conseguir algo para comer e pagar por uma noite de sono no palácio da Mãe Jolly.

– Um palácio a sério?

Dolly suspirou.

– É uma piada, Angel. Tens muito que aprender, patinha. – Verificou o conteúdo dos bolsos. – Seis *pence* – não é um mau dia. Custa quatro *pence* por noite na Mãe Jolly, seis *pence* se partilharmos uma cama. Então, podes acrescentar os teus três *pence* aos meus seis o que dá... – Dolly pôs-se a contar pelos dedos.

– Nove *pence* – disse Angel sem hesitar. – Sobram três *pence* para o nosso jantar.

– És rápida em contas, não és? Fizeste isso de cabeça. – Dolly fitou-a com uma admiração genuína.

– Gostaria de ter aprendido mais.

– Pareces passar muito bem sem isso. – Angel entregou-lhe três moedas. – O que vamos conseguir com essa quantia?

– Um litro de sopa de ervilhas custa meio *penny* e outro dá para uma caneca de cacau. Ficamos com dois *pence* para o pequeno-almoço. Podemos aguentar-nos com isso, mas amanhã precisarás de ganhar mais, pirralha.

– Vou tentar, Dolly. A sério que tentarei.

A hospedaria da Mãe Jolly na Monmouth Street era um prédio de quatro andares dividido numa secção masculina, nos dois últimos andares, e numa secção feminina, no rés-do-chão e no primeiro andar. A Mãe Jolly vivia na cave e só aparecia para receber o dinheiro ou pôr na rua um inquilino desordeiro.

As mulheres que pagavam quatro *pence* pelo privilégio de dormir num catre de madeira com um colchão deformado cheio de palha e um único cobertor, independentemente da temperatura no exterior, eram na maioria trabalhadoras do mercado de Covent Garden, mas os ocupantes masculinos eram pobres trabalhadores migrantes irlandeses e a primeira noite de Angel foi perturbada pelo som pesado das botas nos degraus nus das escadas e alterações ainda mais barulhentas. Enroscou-se contra as costas de Dolly e tentou não pensar no seu antigo quarto, na Spital Square, e na confortável cama de penas. Talvez tudo aquilo fosse um pesadelo e, quando acordasse de manhã, estivesse em casa com Lil a resmungar enquanto abria as cortinas e o aroma do chocolate quente, tentando-a a sentar-se e a beber de uma chávena de porcelana.

Mas, na manhã seguinte, Angel foi acordada por Dolly a dar-lhe um abanão e o cheiro de corpos não lavados entrou-lhe pelas narinas. Saiu da cama aos tropeções.

– Que horas são?

– Hora de começar a trabalhar antes que as outras acordem – sussurrou Dolly.

Angel tinha dormido com a combinação e recolheu a roupa que estava ao fundo da cama.

– Julgo que apanhei sarampo ou uma coisa assim, Dolly. Sinto comichão em todo o corpo.

Dolly deitou-lhe um olhar de relance.

– Não estás doente coisa nenhuma, patinha. Os percevejos fizeram uma festa contigo. – Dolly enfiou o vestido esfarrapado pela cabeça e colocou os pés descalços nas botas.

– Percevejos! Isso é nojento. – Horrorizada, Angel examinou as marcas vermelhas na sua pele pálida. – Não voltarei a dormir aqui.

– Acabarás por te habituar – reagiu Dolly casualmente. – Anda. Temos dinheiro suficiente para uma chávena de café e um pãozinho. – Dolly saiu do quarto em bicos de pés e Angel correu atrás dela. Estava ansiosa por se afastar da hospedaria infestada de percevejos e o pensamento de outra noite num lugar como aquele aumentou a sua determinação de encontrar a tia.

Dolly tentou dissuadi-la, mas Angel não perdeu a coragem. Fez o máximo de botões de lapela que conseguiu antes que as vendedoras de flores chegassem ao mercado como um bando de gaivotas barulhentas e Jack Wicks emprestou-lhe gentilmente uma cesta de vime.

– Podes devolver-me de manhã – disse ele, acrescentando uns raminhos de lavanda, como extra. – Mantém-te longe das outras vendedoras de flores. Não vão tolerar ninguém que pensem que está a tentar roubar-lhes a sua zona.

– Vou lembrar-me disso – garantiu Angel, assentindo. – Pode indicar-me a direção de Maddox Street, *sir*? É onde está a minha tia e preciso encontrá-la.

– Uma garota bem-educada como tu não deveria ter de vender botões de lapela para toda a gente. Gostaria de trocar algumas palavras com essa senhora.

– Oh, não, *sir*. A culpa não é da tia Cordelia. Ela pensa que estou no campo com uma família respeitável.

Jack Wicks olhou para ela, franzindo a testa.

– Não conheço a tua história, jovem, mas, se tivesse uma filha, não queria que ela vagueasse pelas ruas e se misturasse com gente da laia dessas vendedoras de flores. – Retirou um lápis de trás da

orelha e desenhou o esboço de um mapa num pedaço de papel. – Sabes ler, suponho.

– Sim, *sir*. Obrigada, Mister Wicks. Estou-lhe muito agradecida.

Ele abanou a cabeça.

– Eu mesmo te levaria lá, se não tivesse de olhar pela minha banca. Boa sorte, Angel. Espero que encontres a tua tia.

* * *

A manhã ia a meio quando Angel chegou a Maddox Street. Tinha vendido um par de botões de lapela, mas a maioria das pessoas estava demasiado ocupada com a sua rotina diária para se interessar em comprar essas trivialidades. Disse a si mesma que não importava – ela ia encontrar a tia Cordelia e Lumpy Lil e voltariam a reunir-se. A tia Cordelia compreenderia que Mr. Galloway não era de confiança e elas viveriam felizes para sempre, como nos livros de contos. O único problema era que não fazia ideia de qual era a casa que pertencia a Mrs. Adams e os transeuntes pareciam relutantes em parar e responder às suas perguntas. Por fim, depois de abordar de surpresa um moço de recados, descobriu que Mrs. Adams possuía uma casa no meio de um elegante terraço.

Angel lutou para controlar a sua excitação enquanto batia à porta. A tia Cordelia estava tão perto que quase podia sentir o cheiro do perfume de gardênia que ela usava sempre. Mas foi uma criada empertigada quem abriu a porta.

– Nem vendedores ambulantes nem mercadores.

Angel colocou o pé na ombreira, mesmo a tempo de evitar que a rapariga lhe batesse com a porta na cara.

– Não estou a vender nada. Vim para ver Mistress Wilding. Sou a sobrinha dela, Angel Winter.

A criada não parecia convencida.

– Por mim, poderias ser o Anjo São Gabriel, mas a tua tia não está aqui.

– Tem de estar – insistiu Angel. – Mister Galloway trouxe-a para cá anteontem. Ele disse que ela deveria ficar com Mistress Adams.

– Mistress Adams foi para o campo durante o resto do verão. Não gosta do calor de Londres.

– Isso não pode ser verdade. Mister Galloway disse...

– Sai da ombreira, rapariga, ou chamarei a polícia. Já disse que Mistress Adams e a sua convidada foram para o campo.

– Miss Heavitree também foi?

– Se estás a referir-te àquela criatura assustadora que veio com ela, foi enviada em separado com a bagagem e aquela rapariga imbecil e meio retardada. Certamente vão ser roubadas e terão de encontrar sozinhas o caminho de volta para Londres.

Angel lutou contra as lágrimas de decepção e frustração.

– Para onde foram? Diga-me, por favor. Preciso de encontrar a minha tia.

– Não teria permissão para dizer, mesmo que soubesse. Agora vai-te embora e deixa-nos em paz.

– Existe alguém aí em casa que possa saber o paradeiro da minha tia?

– Estou apenas eu e as mulheres da limpeza. A casa vai ser fechada até ao outono, portanto, volta cá nessa altura.

– Só um minuto. – Angel retirou o pedaço de papel de dentro da cesta. Mister Wicks tinha escrito instruções na parte de trás de um recibo com o seu nome impresso em maiúsculas pretas e o número

da sua banca em Covent Garden. – Pode ficar com isso e entregá-lo à minha tia ou a Miss Heavitree quando elas regressarem a Londres? É muito importante.

A rapariga arrancou o papel da mão de Angel.

– Qualquer coisa, se te afastares e me deixares em paz. Agora vais embora ou chamo um oficial da polícia?

Angel deixou-se cair no degrau da frente quando a porta se fechou. A sua última esperança desaparecera e estava sozinha na grande cidade, excetuando Dolly. Ignorava durante quanto tempo permaneceu ali sentada, mas por fim levantou-se e começou a fazer o caminho da volta e, depois de aparentemente virar algumas vezes no sítio errado, encontrou-se no Regent's Circus e dispunha-se a pedir a um cavalheiro que lhe indicasse o caminho para Covent Garden quando a senhora que o acompanhava viu os raminhos de lavanda. Com um gritinho de prazer colheu um da cesta.

– Lavanda, a minha flor favorita. Tem um cheiro tão doce.

O cavalheiro sorriu-lhe.

– Assim como tu, minha querida. – Tirou um punhado de moedas do bolso e deixou-as cair na cesta de Angel. – Vou levar toda a lavanda.

Angel reuniu os raminhos num molho e entregou-lhos, mal conseguindo acreditar na sua sorte. Ele apresentou-os à sua dama e ela corou e agradeceu-lhe tão gentilmente que Angel pensou que ele ia beijá-la ali mesmo, mas ele enfiou-lhe a mão no braço e afastaram-se. Angel recolheu as moedas – sete *pence* ao todo – colocou o dinheiro dentro da sua bolsinha e pegou num buquê.

– Flores, lindas flores. Não quer comprar um botão de lapela, *sir*?

No final da tarde, Angel tinha vendido todas as flores da sua cesta e a sua riqueza aumentara para onze *pence*. Por comparação com os escassos três *pence* do dia anterior, parecia uma pequena fortuna. Fez o caminho de regresso a Covent Garden com um sorriso no rosto pela primeira vez desde que tinha sido arrancada à força da sua casa. Deparou com Dolly a conversar com uma das outras jovens floristas. Pararam de falar quando Angel se aproximou delas.

– Encontrei a tua tia? – quis saber Dolly.

O sorriso de Angel desapareceu.

– Não, elas tinham ido embora e a criada não sabia para onde.

– Sinto muito. – Dolly deu-lhe um abraço. – Suponho que isso significa que estou atada a ti por mais algum tempo. – Olhou para a cesta vazia. – Quanto fizeste hoje?

– Onze *pence* – respondeu Angel com orgulho.

– Uau! Saíste-te bem. – Dolly virou-se para a amiga. – Quanto tiraste, Ivy?

– Seis *pence*, e pensei que era bom. Talvez a pirralha tenha algo que não temos.

– Grandes olhos azuis e uma maneira de falar à senhora – respondeu Dolly, rindo. – Deixa lá, Angel. Podes retribuir-me comprando um pãozinho de presunto e uma caneca de chá para o jantar.

Angel sorriu e assentiu com a cabeça, mas por dentro chorava pela sua tia e pela sua antiga vida, que estava a transformar-se numa mera recordação feliz. A percepção de que era assim que iria sobreviver a partir de agora atingiu-a como um raio, e parecia não haver escapatória.

* * *

Gradualmente, dia após dia, Angel acostumou-se à vida no mercado de Covent Garden. Aprendeu os truques do comércio com as outras raparigas e tornou-se rapidamente tão hábil a transformar flores quebradas em botões de lapela e buquês como a melhor delas. Mas estava longe de ser uma maneira

fácil de ganhar a vida e tinha de estar na rua, independentemente do tempo que fizesse. O verão passou a outono, quando o frio transformava as folhas dos plátanos de Londres em tons de cobre, bronze e ouro e ventos gelados abanavam as janelas da hospedaria da Mãe Jolly.

Os dedos das mãos e dos pés de Angel ficavam entorpecidos pelo frio enquanto permanecia nas esquinas das ruas. Conseguiu economizar umas moedas para comprar um xaile de lã comido da traça numa loja de penhores nos Shorts Gardens, mas as solas das suas botas estavam cheias de buracos e entrava água quando chovia. Levaria meses a ganhar o suficiente para comprar um par em segunda mão e o inverno estava a caminho. Angel sabia que não estava a sofrer sozinha – acontecia o mesmo a todas as raparigas vendedoras de flores – mas isso pouco a confortava. À medida que as noites ficaram geladas e escurecia mais cedo, Dolly desenvolveu uma tosse que sufocou até mesmo a sua habitual alegria.

Flores de verão há muito haviam desaparecido das bancas e flores de estufa eram difíceis de encontrar e caras. As raparigas foram forçadas a encontrar alternativas para vender mercadoria nas ruas. Algumas optaram por agrião, laranjas ou mesmo fósforos e, em desespero, outras começaram a andar pelas ruas à noite, vendendo o corpo.

Angel dirigiu-se a Maddox Street várias vezes nos meses seguintes àquela primeira visita, mas a casa estava sempre com as persianas corridas e vazia. Na última ocasião fez deslizar um bilhete por baixo da porta, indicando o endereço da hospedaria da Mãe Jolly, com a esperança de que um dia a tia regressasse a Londres. Não tivera notícias desde então e os tempos eram difíceis. Gardénias e cravos davam botões de lapela maravilhosos, mas custavam mais do que ela podia pagar e tinha optado por vender agrião. Mesmo assim, havia um bando de crianças muito mais novas envolvidas nesse comércio e os seus rostos famintos, os membros finos, e os pés descalços arroxeados pelo frio, tocavam os corações sensíveis de muitas donas de casa, enquanto Angel se via amplamente ignorada.

Deixara de poder contar com Jack Wicks para a ajudar com molhos de lavanda, pois ele tinha fechado a banca até à primavera, mas, no último dia, ele dera a Angel a sua morada em Hackney. Com Dolly demasiado doente para trabalhar, Angel juntou o dinheiro para pagar à Mãe Jolly, só que, vendendo agrião a quatro molhos por um *penny*, mal lhes rendia o suficiente para matar a fome. Dolly insistia em que se sentia mais forte de dia para dia, mas estava fraca e uma simples ida à casa de banho esgotava-a.

Angel sabia que deveria fazer algo drástico ou nenhuma delas sobreviveria ao inverno. Tinha um convite aberto para visitar a família Wicks e precisava aflitivamente de ajuda. Talvez Jack pudesse arranjar-lhe trabalho na sua horta. O inverno aproximava-se e Angel sentia-se mais desesperada de dia para dia.

Foi uma longa caminhada até Pratts Lane e Angel demorou a manhã inteira para chegar ao chalé de tijolos vermelhos cercado de hortas. A própria respiração ondulava em torno da sua cabeça e tinha as faces entorpecidas do frio, mas o ar na orla da cidade era notavelmente fresco e liberto do fumo e do fedor das sarjetas transbordantes.

Parou a olhar para a vasta extensão de pântanos a perder de vista, com o canal em Hackney Cut entrelaçado pelo meio deles como uma fita prateada. Bateu à porta e esperou, mal se atrevendo a respirar. Mr. Wicks podia ter-se esquecido dela ou, pior ainda, podia arrepender-se de a ter convidado a visitar a sua casa. A tentação de retroceder e voltar para Seven Dials era quase irresistível, e estava prestes a rodar sobre os calcanhares quando a porta se abriu.

– Deus do céu! Se não é Angel Winter! É melhor entrares e saíres do frio. – Jack Wicks conduziu-a pelo corredor estreito e o calor do chalé e o cheiro de pão a cozer no forno foi quase demasiado para Angel. Encostou-se à parede, lutando contra uma sensação de enjoo na boca do estômago, e a voz de Jack pareceu desaparecer à distância.

A próxima coisa de que se deu conta foi de estar sentada numa cadeira com alguém a esfregar-lhe as mãos frias.

– Estás a sentir-te melhor, querida?

A visão de Angel clareou ao deparar com o olhar preocupado da mulher.

– Lamento. Senti-me um pouco fraca.

– O Jack diz que deves ter percorrido todo o caminho desde Seven Dials. É verdade, Angel?

– Sim, *madam*. Não deveria ter vindo.

O rosto de Jack tornou-se visível.

– Convidei-te para vires aqui em muitas ocasiões no verão, portanto, deixemo-nos dessa conversa.

– Estendeu a Angel uma caneca fumegante de chá. – Aqui tens, querida, bebe um gole disto. Atrevo-me a dizer que não comeste nada desde o pequeno-almoço. É verdade?

Angel não queria admitir que não tinha comido nada e muito pouca coisa passara pelos seus lábios desde o dia anterior, mas conseguiu esboçar um aceno de cabeça, enquanto tomava um gole do chá quente e doce.

– Foi o que pensei. – Jack trocou olhares significativos com a mulher. – Bem, em breve poderemos remediar isso. Sally coze no forno o melhor pão que alguma vez saboreaste na vida.

Sally Wicks endireitou-se, limpando ao avental as mãos enfarinhas.

– Estávamos prestes a comer, minha querida, portanto, espero que nos faças companhia. Mas primeiro senta-te um bocado. Pareces exausta. – Virou-se para mexer o conteúdo de uma panela grande e preta.

– Obrigada, mas não quero impor-me – disse Angel ansiosamente. – Vim pedir o seu conselho, Mister Wicks. As coisas têm estado um pouco difíceis ultimamente.

Jack puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela.

– Entendo isso muito bem. O inverno é sempre duro para aqueles que dependem do mercado para viver. É por isso que temos a sorte de possuir a nossa própria horta. Não sei como sobreviveríamos os meses frios se não tivéssemos como apoio uma reserva de legumes e a venda da lavanda seca.

– Não o teria incomodado por minha vontade, mas a Dolly está doente e vender agrião não dá lucro. Interroguei-me se poderia dar-me algum trabalho. Farei qualquer coisa.

– Não te preocupes, querida. Vamos falar sobre isso depois de teres comido alguma coisa – respondeu Sally, agitando a colher de pau no ar e entornando pingos de sopa quente no chão, que eram de imediato lambidos por um pequeno *terrier* que estivera a dormir num canto e subitamente acordou.

Angel devolveu a caneca a Jack.

– Obrigada pelo chá. Já me sinto melhor. – Inclinou-se para acariciar o cão e ele saltou-lhe para o colo e começou a lamber-lhe o rosto, abanando a cauda atarracada.

– Muito bem – comentou Jack a rir. – O *Stumpy* nem sempre simpatiza com estranhos, mas obviamente gosta de ti, Angel. Deves saber lidar com cães.

– Nunca tive um animal de estimação – disse Angel, rindo do cumprimento entusiasta do animal. – Fez uma festa na cabeça de *Stumpy* e ele instalou-se no seu colo. O calor começava a infiltrar-se nos

seus ossos e o chá doce também estava a produzir efeito. – Gostava de ter um cão como ele. Aquecer-me-ia durante a noite.

– E é um caçador de primeira apanha. – Jack levantou-se. – Somos atormentados por insetos, particularmente no inverno. O *Stumpy* encarrega-se deles.

Stumpy olhou para cima, abanando o rabo e ofegando.

– Parece estar a rir – comentou Angel, apertando o *terrier*. – És uma criaturinha engraçada.

Jack aproximou a cadeira da mesa.

– Anda e senta-te, Angel. O caldo de legumes da Sally irá dar-te forças para o resto do dia. –

Virou-se para a mulher. – Onde está o Danny? Estamos a aguardá-lo?

Sally sacudiu a cabeça.

– Não, amor, ele foi à procura de azevinho e de visco. Duvido que volte antes do escurecer.

Angel fez menção de se levantar e *Stumpy* saltou de má vontade para o chão. Comportando-se como uma criança amuada, expressou o que sentia quando atirou para longe o pedaço de cobertor que lhe servia de cama. Angel ocupou o seu lugar na mesa e Sally passou-lhe uma tigela de sopa.

– Serve-te de pão, minha querida. Ainda está quente do forno.

– Obrigada. – Angel agarrou uma fatia e espalhou manteiga moderadamente. O aroma perfumado do caldo fez com que o estômago roncasse de antecipação, mas, consciente das maneiras que lhe tinham sido incutidas nos velhos tempos, esperou que os anfitriões se sentassem antes de provar a sopa.

– Poderias ganhar algum dinheiro antes do Natal se vendesses visco, Angel – observou Jack, pensativo. – O azevinho é sempre popular.

Angel engoliu um bocado de sopa quente.

– Tentaria qualquer coisa, Mister Wicks, mas onde arranjaria fornecimento? Não vi nenhum no mercado.

– O visco cresce em todos os tipos de árvores. É particularmente abundante em pomares e fácil de colher de árvores de fruto. Danny terá percorrido um longo caminho para encontrar o suficiente para encher o seu carrinho de mão. Os que têm conhecimento guardam as fontes como se fosse ouro em pó. É uma curta temporada, então têm de aproveitar ao máximo.

– Talvez o Danny possa ajudá-la, Jack. – Sally pegou numa fatia de pão e partiu-a em pedacinhos.

– Uma rapariga a vender visco pode ser muito atraente.

– Vamos perguntar-lhe quando ele regressar a casa. – Jack virou-se para Angel com um sorriso radioso. – Vais ficar para conhecer o nosso filho, não vais?

– Gostaria, mas escurece muito rapidamente, portanto tenho de ir embora cedo. De qualquer maneira, obrigada. Talvez me fique pelo agrião. Afinal, o visco só é procurado depois do Natal.

– Há muito mais sopa na panela – disse Sally, sorridente. – Serve-te também de mais pão.

– Obrigada. Está tudo tão bom, Mistress Wicks. Não tinha comido assim desde que saí de casa. – A voz de Angel quebrou-se num soluço e desviou o olhar. A recordação da tia Cordelia e de Lumpy Lil ainda lhe enchiam os olhos de lágrimas. Tentava atirar para trás das costas todos os pensamentos relacionados com a sua antiga vida, mas nem sempre era possível.

– Jack contou-me algumas coisas do teu passado, querida. És uma rapariguinha corajosa.

Angel baixou os olhos para o prato. A bondade do casal era esmagadora e, caso cedesse ao choro, receava não ser capaz de parar.

Sally deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Parece que vai nevar. Talvez devesse passar aqui a noite. Podemos alojar-te sem problemas, e pareces bastante à vontade.

– Isso faz muito sentido, Sally – concordou Jack, franzindo a testa. – Vi os sinais esta manhã bem cedo. Esperemos que Danny chegue a casa antes que comece a nevar. – Virou-se para Angel. – Não conseguirás chegar a Seven Dials antes que o tempo mude. Passa aqui esta noite e zelarei para que chegues em segurança a casa de manhã.

Angel estava prestes a recusar, mas Sally antecipou-se.

– Sim, deves ficar. Podes dormir na sala de estar. Acenderei a lareira depois de levantar a mesa, e vai ficar agradável e quente.

– E a Dolly? – perguntou Angel ansiosamente. – Quem vai cuidar dela se não estiver lá para me certificar de que tem algo para comer e beber?

– Estou segura de que ela vai sobreviver uma noite sem ti, querida. – Sally levantou-se da cadeira. – Não lhe servirias de nada se te perdesse numa tempestade de neve, pois não?

– Suponho que não.

– Boa menina. – Jack também se levantou. – Se já acabaste de comer, podes vir até lá fora e ajudar a colocar as plantas tenras sob cobertura. Construí um anexo com telhado para que a lavanda possa ficar protegida do pior do inverno. É a nossa principal fonte de rendimento, por isso não posso perder uma única planta.

Angel percebeu que era inútil discutir e o pensamento de voltar a fazer parte de uma família, ainda que por uma noite, era tentador de mais para recusar. Teria dormido no chão, se necessário, e a única coisa que a preocupava era Dolly, mas ela sentira-se um pouco melhor naquela manhã, portanto, talvez pudesse aguentar-se sozinha por mais algumas horas e talvez também uma das outras raparigas partilhasse a comida dela com Dolly. Judy podia ser gentil, se não estivesse com um dos seus amuos, e Maisie parecia ter sempre dinheiro bastante para gastar em penas para o boné e em fitas para o cabelo. Dolly dizia que Maisie não era uma rapariga às direitas e acabaria mal, mas Angel não a questionou mais sobre o assunto. Embora tivesse uma vaga ideia de como Maisie ganhava dinheiro, preferiu manter-se na ignorância.

Lá fora, o céu estava da cor da ardósia e, embora fosse o começo da tarde, a escuridão adensava-se nos pântanos. Era difícil estabelecer a diferença entre a terra e o corpulento banco de nuvens. Angel trabalhou duramente, ajudando Jack a erguer do chão os grandes vasos de barro e a levá-los para o anexo, e acabaram a tarefa precisamente quando os primeiros flocos de neve começaram a cair. Naquele momento, o chiar das rodas de um carrinho de mão pelo caminho de cascalho antecedeu a chegada de Danny Wicks. Ele deu a volta à casa com passo pesado, estacando surpreendido ao ver Angel.

– Quem é esta, pai?

– Onde estão as tuas boas maneiras, filho? – Jack colocou um braço protetor em volta dos ombros de Angel. – Esta jovem é Angel Winter, uma das vendedoras de flores de Covent Garden. Angel, este sujeito bruto é o meu filho Daniel.

– Como está? – perguntou Angel educadamente.

Danny olhou para ela.

– Ela não parece uma das raparigas, pai.

– Esquece isso. Arruma o carrinho e vem para dentro. Desde o meio-dia que a tua mãe está preocupada contigo.

– Tenho quinze anos e não cinco – murmurou Danny, empurrando o carrinho carregado sob o teto inclinado do anexo. – Estou a fazer o trabalho de um homem, certo?

Jack encolheu os ombros e abriu a porta das traseiras.

– Vai para dentro e aquece-te, Angel. Quero trocar umas palavras com o meu filho.

Angel ficou satisfeita por voltar para a cozinha e foi recebida pelo aroma de cacau quente. Sally entregou-lhe uma caneca.

– Aqui tens, querida. Precisarás disso. Pareces congelada.

– Obrigada. – Angel rodeou os dedos entorpecidos em redor da caneca de lata. – O seu filho chegou a casa, Mistress Wicks. Traz um grande carregamento de visco e de azevinho.

– Danny é um bom rapazinho. Queria ir para o mar, mas Jack conseguiu convencê-lo de que trabalhar na horta era uma vida melhor. Não tenho assim tanta certeza.

Angel não disse nada. Enfiou-se a um canto da sala, puxando um banquinho de três pernas para se sentar ao lado de *Stumpy*. O cão encostou-lhe o focinho à mão e deu-lhe pancadinhas com a cabeça até ela ceder e brincar com ele, mas perdeu o interesse quando Danny entrou na casa e ele correu ao seu encontro, pulando para cima e para baixo e latindo animadamente.

Danny agarrou o cãozinho nos braços.

– Seu companheiro idiota – disse carinhosamente. – Podia ter-te levado comigo, mas não queria perder-te numa toca de coelho, como da última vez.

Sally correu para abraçar o filho.

– Vem sentar-te perto do lume, amor. Está um gelo lá fora. Tens fome?

– Não exageres, mãe. – Danny deitou um olhar de lado para Angel. – O que está ela a fazer aqui?

– Não sejas indelicado, Danny. Angel percorreu todo o caminho de Saint Giles para se aconselhar com o teu pai, e pedi-lhe que passasse cá a noite. Não é adequado para um homem ou um animal ficar lá fora na neve.

Danny voltou a colocar *Stumpy* no chão e o cão correu novamente até junto de Angel e saltou-lhe para o colo.

– Desde que não lhe tenhas dado o meu quarto. Não quero uma criança a mexer nas minhas coisas.

– Danny aceitou uma caneca de cacau da mãe e fulminou Angel com o olhar ao sair da sala.

Sally sacudiu a cabeça.

– Não lhe liguês, Angel. Danny não sente metade do que diz. Na verdade, é um rapaz bom e gentil.

– Tenho a certeza que sim – concordou Angel, duvidosa. – Não quero ser intrometida, Mistress Wicks.

– És mais do que bem-vinda aqui, Angel. Não deixes que o Danny te enerve. Provavelmente está cansado e com fome também. – Sally fez um movimento na direção da porta. – Vem até à sala da frente para veres a cama que inventei para ti no sofá. Também te emprestei uma camisa de noite. Vai ficar demasiado grande, mas manter-te-á quente e amanhã Danny irá acompanhar-te em segurança de volta ao teu alojamento. Vou embalar-te alguma comida para levares à tua pobre amiga, portanto, não deves preocupar-te com nada.

Mais tarde, na mesa do jantar, Jack persuadiu Danny a separar algum do seu visco para que Angel pudesse ter algo para vender quando voltasse para St. Giles. Danny concordou com relutância e ficou ainda menos entusiasmado com a perspetiva de acompanhar Angel como segurança até casa.

– Ela chegou aqui sozinha, não foi? – replicou asperamente.

– Danny, meu filho, talvez penses que és um homem, mas ainda tens muito que aprender – repreendeu o pai com severidade. – Podes retirar uma lição da vida de Angel. Ela sofreu mais na sua curta vida do que saberás e, portanto, quero que faças isso por ela. Entendido?

Capítulo Cinco

Poucas palavras foram trocadas entre Angel e Danny durante a longa caminhada de volta à hospedaria da Mãe Jolly. Ele carregava um saco cheio de visco e *Stumpy* saltitava junto aos seus calcanhares, mas Danny prestou pouca atenção a Angel, mesmo quando ela escorregou num pedaço de terra particularmente gelado e caiu de joelhos. Ela levantou-se rapidamente e continuou sem dizer uma palavra, mas as mãos doíam-lhe e rasgara a saia.

– Porque não gosta de mim? – perguntou ela quando pararam junto à porta da hospedaria da Mãe Jolly.

Danny deixou cair o saco aos pés de Angel.

– Quem disse isso?

– Fez questão de o mostrar.

– Não gosto de pessoas que se aproveitam do bom caráter do meu pai. Está sempre a ajudar um ou outro necessitado e depois eles desaparecem e ele nunca recebe uma palavra de agradecimento.

– Não sou assim – contrapôs Angel. – Quando ganhar dinheiro quero pagar-lhe o visco e escreverei uma carta aos seus pais, agradecendo a hospitalidade deles.

– É isso que acho estranho – observou Danny cautelosamente. – Fala e age como uma rapariga educada. Então, porque está neste lugar? Não acredito na história que contou ao meu pai. Se a sua tia a ama tanto, porque a abandonou?

Angel pegou no saco, que apesar de todo o seu volume pesava muito pouco.

– Não tem nada a ver com isso. É um rapaz rude, como a sua mãe disse. Deveria ter vergonha de si mesmo. Sou mais nova, mas acho que sou muito mais crescida do que você, Danny Wicks.

Angel fitou-o enfurecida e ele devolveu-lhe o olhar. Então, para sua surpresa, Danny atirou a cabeça para trás e riu.

– Acho-a uma coisinha engraçada. Mas nunca quis ferir os seus sentimentos.

– Então deveria ter tento na língua – replicou Angel rispidamente. – Não lhe pedi que me levasse a casa.

– Não, não pediu. – Ele estendeu a mão, sorrindo com um ar pesaroso. – Disse que sinto muito, Angel. O meu pai matava-me se soubesse que a tinha tratado mal, e não quis dizer metade do que falei. Juro pela minha vida.

– Não lhe contarei, se é isso o que o preocupa. – Angel abanou a cabeça. – Também não voltarei a incomodá-lo. – Entrou na casa e bateu a porta atrás dela.

Esquecendo tudo o que não fosse o bem-estar de Dolly, Angel subiu as escadas a correr até ao dormitório.

– Estás bem, Dolly? – parou ao ver a cama vazia, cuidadosamente arrumada, e sentiu um baque no coração. Os seus piores medos tinham-se concretizado. – Oh, não... Uma cama vazia significava uma

de duas coisas: a ocupante recuperara e fora trabalhar, ou tivera o funeral de um pobre. Abandonando o saco de azevinho, Angel desceu e bateu com força à porta da cave.

– Quem é e o que quer? – A Mãe Jolly escancarou a porta. Prendeu o cachimbo de barro entre os dentes quebrados e soprou fumo para o rosto de Angel. – Ah, és tu! Pensei que tivesses fugido. És uma sortuda em não ter dado a tua cama a outra pessoa.

– Onde está a Dolly?

– Como ia saber? Ela deve-me a noite passada, e tu também. Se não receber o dinheiro até ao meio-dia, terão de encontrar outro albergue.

– Eu pagarei – apressou-se Angel a garantir. – Tenho azevinho para vender. Terei muito dinheiro, mas talvez só mais tarde. A Dolly foi ao mercado? Ela não está...? – Angel não conseguiu pronunciar a palavra.

– Morta? – A Mãe Jolly desatou à gargalhada. – Estava bem o suficiente para se vestir e sair para a neve. Mas não sei o que lhe aconteceu desde as sete da manhã. Pode estar congelada junto à costa ou a flutuar pelo Tamisa em direção ao mar.

Angel virou as costas à senhoria e subiu as escadas dois degraus de cada vez.

* * *

Encontrou Dolly descalça e a tremer de frio no mercado de Covent Garden. Estava descaída contra a parede do salão floral, rodeada por um monte de cravos amachucados e quebrados e pétalas de crisântemo.

– O que estás a fazer aqui? – Angel ficou aliviada ao encontrá-la, mas a palidez de Dolly era alarmante. Os cabelos ruivos pareciam ter sugado o último fragmento de cor do seu rosto e havia sombras parecidas com hematomas sob os olhos verdes. – Não estás bem, Dolly.

– Não tenho dinheiro para pagar à Mãe Jolly. Não voltaste ontem à noite e achei que poderia ganhar um *penny* ou dois aqui.

Angel tirou o xaile e envolveu os ombros magros de Dolly.

– Vais morrer de frio, sentada aí na pedra fria. Consegues levantar-te?

– Não consigo dar um passo. Tenho os pés tão dormentes que acho que não consigo pôr-me de pé.

Angel sentou-se ao lado dela e tirou-lhe as botas.

– Calça estas. Deixam entrar água, mas são melhores do que nada.

Dolly arregalou os olhos, horrorizada.

– Não posso aceitar as tuas botas. Como vais arranjar-te?

– Tenho algum dinheiro – disse Angel, cruzando os dedos atrás das costas. – Vou comprar outro par no penhorista, não te preocupes comigo. Tenho de levar-te de volta ao calor.

Dolly estava demasiado fraca para oferecer muita resistência e, por fim, Angel conseguiu levá-la. Regressaram devagar à hospedaria da Mãe Jolly, Dolly arrastando os pés e Angel esforçando-se por ignorar a dor de estar descalça na neve. Ajudou Dolly a deitar-se, mas estavam apenas uns graus mais quente no dormitório do que no exterior e os cobertores gastos da Mãe Jolly ofereciam pouca proteção contra o frio. Tendo-se certificado de que Dolly estava confortável, Angel calçou as suas botas e saiu à procura de uma banca de café. Voltou minutos depois com uma bebida quente e um rolinho de presunto, mas Dolly queixou-se debilmente de que tinha a garganta demasiado inflamada para poder comer. Bebeu o café e afundou-se novamente no colchão cheio de altos e baixos.

– Não vale de nada, ela vai pôr-me na rua, Angel. Estou feita.

– Não digas isso. Tenho muito visco e vou vendê-lo imediatamente. Ganharei o suficiente para pagar à Mãe Jolly por nós as duas. Mantém-te quente e tenta dormir. Prometo que voltarei mais tarde e vou trazer-te um bom chocolate quente, como tu gostas. – Agarrou no saco e pendurou-o sobre o ombro.

O comércio estava lento. A ameaça de mais neve parecia ter mantido muitas pessoas dentro de casa e aqueles que estavam na rua tinham a intenção de chegar aos seus destinos o mais rápido possível. Mesmo assim, no final da tarde, Angel ganhara o suficiente para pagar à Mãe Jolly e sobrara-lhe algum dinheiro com que pagar um litro de sopa de ervilha, um pãozinho e, mais importante, um *penny* de láudano para aliviar as dores de Dolly. Melhor ainda, restava visco bastante no saco para outro dia de venda. Naquela noite, Angel arrastou-se para a cama ao lado de Dolly com uma sensação de dever cumprido. Aos poucos, o calor compartilhado das duas embalou-a até adormecer, apesar dos roncos sonoros de Maisie e do barulho dos ratos atrás dos rodapés.

* * *

No dia seguinte, a neve que tinha caído durante a noite formara uma camada espessa no chão, embora a sua brancura imaculada se transformasse rapidamente em lama à medida que as pessoas caminhavam para os seus locais de trabalho. Angel seguiu para leste, ao longo da costa, em direção à Fleet Street, parando ocasionalmente a admirar as montras das lojas e observando cobiçosamente a comida apetitosa. A visão de empadas de carne de porco crocante, bolos com cobertura branca, tortas de carne e pudins de Natal, recheados de fruta seca, fez-lhe crescer água na boca.

Os carrinhos de mão dos vendedores ambulantes estavam decorados com raminhos de azevinho e a abarrotar de maçãs vermelhas, laranjas com covinhas, cachos de uvas pretas e verdes e montes de nozes. Parecia uma outra vida quando essa comida havia sido abundante, e o cheiro de castanhas a assar num braseiro à beira da estrada fez com que o seu estômago roncasse de fome. Acelerou o passo, dirigindo-se à Cidade, onde esperava vender o resto do visco antes do meio-dia, o que lhe permitiria deambular pelos mercados de rua na esperança de encontrar um novo abastecimento a um preço razoável. Para oeste, ela poderia ganhar mais em cada raminho do que no East End, e cada cêntimo contava. Estava nos degraus de St. Paul descalça e a tremer, vendo-se obrigada a descalçar as botas quando as partes superiores se separaram finalmente das solas. Tinha os pés e as pernas roxas de frio, mas, por mais estranho que parecesse, não sentia dor nas bolhas que havia contraído durante a longa caminhada de ida e volta de Hackney. Se conseguisse ganhar dinheiro suficiente, poderia comprar um bom par de botas em segunda mão, e algumas meias de lã seriam um bónus. Apregoava as mercadorias, com a esperança de atrair a simpatia dos senhores da cidade que poderiam ter pena de uma rapariga maltrapilha naquela época de paz e de boa vontade.

A meio da tarde, a luz estava a diminuir e tinha a bolsa satisfatoriamente pesada. Restava-lhe um último ramo de visco para vender quando iniciou o caminho de volta para o seu alojamento, mas, em Ludgate Hill, deparou-se com um grupo de rapazes maltrapilhos que a espicaçaram e lhe atiraram pedras. Acelerou o passo, mas eles seguiram-na e, quando começou a correr, apanharam-na e viu-se cercada.

– Passa para cá o teu dinheiro, miúda. – O rapaz mais alto agarrou-a pelo pescoço e outro rapaz arrancou-lhe a bolsa da mão.

Rindo, afastaram-se a correr, deixando Angel abalada e irritada, mas ilesa. Todo o seu esforço fora em vão e agora não podia pagar o alojamento e ela e Dolly passariam fome. Baixou os olhos para a

mão esquerda e percebeu que ainda não largara o último ramo de visco. Um dos rapazes parou para olhar para trás e por um momento receou que ele voltasse. O único ramo de visco significava a diferença entre dormir na hospedaria e ser atirada à noite. Para alguém no estado de Dolly, seria uma sentença de morte e Angel não estava preparada para deixar que isso acontecesse.

Esquivou-se para Naked Boy Court¹⁶, mas verificou, surpreendida, que o estreito beco não tinha saída. Encostou-se a uma porta cravejada de espigões de ferro, esperando que os seus algozes não a vissem. O som das suas vozes estridentes e provocatórias aproximava-se a cada segundo e susteve a respiração, rezando para que os rapazes não a encontrassem. As dobradiças frias de ferro pressionaram-lhe as costas e ela tremia de medo, mas, quando pensou que tudo estava perdido, a porta abriu-se.

Viu-se a contemplar o pátio coberto de neve de uma casa grande com janelas gradeadas e um pórtico sobre a entrada da frente. Um cavalheiro alto usando um chapéu de aba larga e um sobretudo preto estava prestes a colocar no chão uma tigela de restos para dois galgos. Os cães, envoltos em agasalhos de lã azul, estavam melhor vestidos para o clima nevado do que a própria Angel e viu-se a invejar os animais. Sabia que era errado espiar o cavalheiro e os seus animais de estimação, mas a suavidade do seu tom ao falar com os cães trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Dominada por uma sensação de solidão, conteve um soluço e os cães alertaram o dono para a sua presença.

Angel queria correr, mas os seus membros cansados não obedeceram ao comando do seu cérebro igualmente exausto. A falta de comida e o frio intenso tinham-na transformado temporariamente em pedra e não conseguia mover um músculo.

O cavalheiro endireitou-se e caminhou na sua direção, ladeado pelos seus fiéis cães de caça. Angel limitou-se a ficar de pé e a olhá-lo. Era de uma elegância austera, com olhos escuros sob as sobrancelhas pesadas e um bigode que lhe chegava ao queixo. Sobre o braço exibia uma manta de lã vermelha e na mão segurava um chicote de caça com uma longa correia branca de couro. Avançou para Angel como o deus da ira e ela sabia que estava em apuros, mas ouvia os rapazes a gritar insultos, desafiando-a a sair e a enfrentá-los, e não tinha mais nenhum lugar para onde ir.

– Bem, o que temos aqui? – O cavalheiro estalou os dedos e os cães pararam ao seu lado. – Quem és tu, rapariga?

– Gostaria de um pouco de visco, *sir*? – Estendeu-lhe o ramo para que o inspecionasse. – É só um *penny* por ramo.

Ele fitou-a com uma expressão intrigada.

– Para que diabo quereria o visco? É um disparate pagão.

Angel olhou nervosamente por cima do ombro quando dois dos rapazes pararam do lado de fora da grande porta de carvalho.

– Estou a ver. – O cavalheiro levantou o chicote e baixou-o com um movimento perito do pulso. O som da correia de couro ecoou pelas paredes como um tiro de pistola. – Rapazes corajosos, não é verdade? Perseguindo uma rapariga por desporto. Desapareçam ou na próxima vez arranco-vos as orelhas. – Ergueu o chicote novamente e os rapazes fugiram. Fechou a porta e trancou-a.

Angel experimentou um momento de puro pânico. O homem com o chicote era ainda mais assustador do que os árabes das ruas.

– Eu... eu deveria ir andando, *sir*.

Ele virou-se e lançou-lhe um olhar perscrutador.

– Quem és tu, rapariga? Pareces uma maltrapilha, mas a tua maneira de falar é a de uma jovem dama.

Angel recuou até à porta.

– Sou uma vendedora de flores, *sir*. Estava a vender visco para pagar o alojamento de uma noite para mim e para a minha amiga, Dolly, e aqueles rapazes roubaram-me a bolsa. – Conteve lágrimas de medo e de cansaço, e um dos galgos lambeu-lhe a mão com os olhos castanhos líquidos cheios de empatia, como se também soubesse de dificuldades e de crueldade.

– Parece que a *Juno* simpatizou contigo, rapariga. Como te chamas?

Os dentes batiam tanto uns nos outros que mal conseguia falar.

– Angel Winter, *sir*.

Um esboço de sorriso surgiu-lhe no rosto.

– Um anjo pousou no meio de nós, cachorros. O que faremos com ela? – A expressão dele mudou.

– Deves ir para casa, Angel Winter. Onde moras?

– Na hos...pedaria da M-mãe J-Jolly, *sir*. Se me der seis *pence* pelo azevinho, posso pagar uma noite de alojamento para mim e para a Dolly. Ela está muito doente, *sir*. Temo que possa morrer.

– O que diabo faz uma criança como tu num lugar como esse? – Tapou-lhe os ombros com a manta vermelha. – É melhor entrares enquanto decido o que fazer contigo.

O grosso tecido de lã ainda estava quente do contacto com o seu corpo e cheirava a *aftershave* e a charutos, trazendo-lhe de volta lembranças do tio Joseph e da sua antiga casa.

– Obrigada, *sir*, mas preciso mesmo de voltar a Monmouth Street.

– Monmouth Street? Veremos isso. Venham, cachorros. – Atravessou o pátio coberto de neve e abriu a porta. – Não demores, rapariga. Segue-me. – Entrou no interior da casa. – Baines, onde estás? Vem cá, homem.

Juno empurrou suavemente a mão de Angel com a cabeça aveludada e os dois cães seguiram o dono para dentro da casa. Angel hesitou, mas grandes flocos de neve estavam a cair em espiral no chão, e o calor da manta era demasiado reconfortante para que não se rendesse de bom grado. As suas opções eram limitadas e certamente alguém que era bondoso para os animais não poderia ser ruim? Reuniu coragem para entrar.

O *hall* era escuro e fresco, com um chão de ladrilho, painéis de carvalho e um teto com vigas de madeira. A atmosfera sombria estava longe de ser acolhedora e Angel sentia-se nervosa. Parou.

– Quem é o senhor?

– O que tens a ver com isso, rapariga? – pousou o chicote no topo esculpido de um baú de carvalho e tirou o chapéu. Tinha o cabelo preto e liso que lhe chegava aos ombros, dando-lhe a aparência de um poeta trágico, mas o seu porte militar e as feições marcadas eram as de um homem habituado a comandar.

– O que se passa, coronel? – Um homem que apareceu repentinamente das profundezas da casa aproximou-se deles, enxugando as mãos grandes e ossudas a um avental de juta, coberto de penas de galinha. – Estava a depenar um belo e gordo capão quando chamou, *sir*.

– Leva esta rapariga para a cozinha, Baines. Dá-lhe alguma coisa para comer enquanto decido o que fazer com ela.

Baines olhou para Angel sob as sobrancelhas grossas e claras.

– Quem temos aqui, então, *sir*?

– O nome dela, ao que parece, é Angel Winter e foi atacada por um bando de rapazes que lhe roubaram a bolsa.

– Eu mandava-a para casa, *sir*. Sem querer de forma alguma dizer-lhe o que fazer, as raparigas desta idade são mentirosas e só dão problemas.

– Não sou mentirosa – protestou Angel. – Queria ir-me embora, mas ele não me deixou.

– Atenção à língua, rapariga. Estás a falar com o coronel Sir Adolphus Grantley e, se ele diz que vais ficar aqui algum tempo, então é o que vais fazer. Vem comigo e nada de conversa!

– Leva o *Thor* e a *Juno*, Baines. Estarei no meu escritório. – Sir Adolphus afastou-se, deixando Angel com o crítico Baines e os galgos como companhia.

Baines afastou-se com um decidido coxear e os cães foram atrás, deixando a Angel pouca alternativa além de o seguir também. Os longos corredores eram pouco iluminados e cheiravam a humidade e a mofo, mas Angel não se preocupava com esses pormenores. Apenas conseguia pensar em Dolly e na necessidade desesperada de um xelim para pagar à Mãe Jolly duas noites de hospedagem. O frio e o cansaço eram demasiados para que se preocupasse com a sua barriga vazia, mas, ao entrar na cozinha, o aroma de algo saboroso a ferver por perto fez com que o seu estômago desse sinal.

Juno e *Thor* foram deitar-se juntos numa pilha de cobertores no canto junto à lareira, e Baines fez sinal a Angel para se sentar na mesa de pinho no centro da divisão. Ela deixou-se cair na cadeira mais próxima. Do lado de fora da janela, leves flocos de neve agarravam-se brevemente às vidraças em forma de diamante e depois derretiam e escorriam pelo vidro como lágrimas.

– Tenho de ir embora dentro em pouco – disse Angel com firmeza. – É muita gentileza de Sir Adolphus convidar-me a entrar, mas agora os rapazes já terão ido embora e preciso de voltar para a hospedaria. A vida da minha amiga Dolly depende de levar para casa o dinheiro para pagar à Mãe Jolly. Tem de entender isso, Mister Baines.

– Sargento Baines para ti, rapariga. – Baines encheu uma tigela com sopa engrossada com lentilhas e bolinhos de massa. – Vá, come isso. Já vi cadáveres com um ar mais saudável.

Angel não discutiu. Levou à boca a colher com o caldo aromático, queimando a língua no processo, mas o sabor era bom e sentiu o calor do mesmo a correr-lhe nas veias, trazendo a vida de volta ao seu corpo gelado.

Baines retomou a sua posição junto à porta das traseiras, num banquinho, enquanto acabava de depenar o frango.

– Há mais na panela, se ainda tiveres fome – disse com um sorriso. – Comeste isso mais depressa do que o velho *Thor*, e ele é um comilão.

– Estava muito saboroso. Obrigada.

Baines limpou o nariz com as costas da mão.

– Como é que uma rapariguinha tão bem-falante caiu nesta embrulhada?

– É uma longa história – respondeu Angel, fatigada. – Estou muito agradecida pela comida e pela oportunidade de me aquecer, mas, por favor, deixe-me ir, sargento Baines. – Apalpou o anel pendurado ao pescoço na corrente de ouro da tia Cordelia. Até agora, resistira à tentação de penhorar, sabendo que nunca seria capaz de resgatar a única coisa que a ligava à mãe, mas a vida de Dolly estava em risco e não havia escolha.

– Porquê tanta pressa? O patrão não te deixará ir, a menos que ache que estarás segura. Ele é assim.

– Tenho de ir à casa de penhores antes que feche. Se não puder pagar à Mãe Jolly, seremos postas na rua e preciso desesperadamente de um par de botas.

Baines atirou a última pena para a neve e fechou a porta.

– Anda comigo, rapariga. Terás de dizer isso ao coronel. Ele é um bom homem.

* * *

Sir Adolphus estava de costas para a lareira no escritório forrado de livros.

– Achei que tinha dito para a manteres na cozinha, Baines.

– Ela precisa de ir a uma casa de penhores, coronel. Por mim, sentir-me-ia inclinado a perguntar-lhe onde arranjou um anel valioso. A polícia pode estar interessada nesta rapariga.

– Deixa-nos, Baines. Traz-me café e leite quente para o nosso anjo caído.

Baines saiu do quarto com um grunhido, fechando a porta atrás dele.

– Não o roubei – afirmou Angel, enfurecida. – Prendeu o dedo na corrente e mostrou-lhe o anel de rubi. – É meu. Foi-me deixado quando fui abandonada em bebé. A tia Cordelia deu-me a corrente e nunca me separaria dela, a menos que estivesse desesperada, o que estou. Por favor, deixe-me ir, *sir*. Temo pela vida da minha amiga se ela não conseguir comer alguma coisa e tomar um remédio.

O coronel sentou-se num cadeirão de couro de abas, junto à lareira.

– Estás à espera que acredite numa história dessas?

– Juro que é a verdade. – Angel voltou a enfiar o anel dentro da blusa esfarrapada. – É tudo o que tenho da minha mãe, coronel. Nunca roubei nada na minha vida.

Ele ficou em silêncio por um momento, fitando-a com uma expressão indecifrável.

– Por alguma razão acredito em ti, rapariga. – Estendeu a mão. – Deixa-me ver o anel, por favor.

Angel abriu relutantemente a corrente e colocou o anel na sua palma da mão. Ele examinou, erguendo-o à luz da lareira, com um olhar crítico.

– Não sou especialista, mas diria que são pedras preciosas, julgo que valem muito dinheiro. Vai buscar a lupa à minha secretária. Gostaria de o examinar de mais perto.

Angel obedeceu e ele analisou o anel, rodando-o entre os dedos até Angel poder ter gritado de frustração.

O coronel ergueu os olhos.

– Sabias que há iniciais gravadas na parte de dentro do anel?

– Não, *sir*.

– E não sabes quem eram os teus pais?

– Não, *sir*. Fui encontrada em Angel Court, Whitechapel, na véspera de Natal, há doze anos. Tinha apenas umas semanas. Deram-me o nome de Angel Winter.

– Um nome adequado, na verdade. Ia mandar-te de volta à hospedaria com dinheiro suficiente para te manter e à tua amiga doente durante uma semana ou duas, mas mudei de ideias. Vieste obviamente de uma boa família, Angel Winter. Estou intrigado e isso não me acontece com muita frequência.

– Quais são as marcas, *sir*? – perguntou Angel ansiosamente. Qualquer ligação com a sua verdadeira mãe seria maravilhosa.

– J E M – respondeu ele, olhando através da lupa. – Isso diz-te alguma coisa?

– Não, *sir*. Não sei nada da minha verdadeira identidade.

– Um mistério, de facto. No entanto, não posso permitir que penhores a única coisa que te liga à tua verdadeira mãe, e um penhorista só te daria uma fração do seu valor.

– Mas, *sir*, eu já...

Ele ergueu a mão.

– Falaste-me várias vezes da tua desesperada necessidade de pagares a essa mulher sugadora de sangue. – Sir Adolphus recostou-se na cadeira, olhando para Angel com um olhar especulativo. – O que vou fazer contigo, Angel Winter?

– Nada, *sir*. Por favor, deixe-me ir. Não quero incomodá-lo, e a sopa estava deliciosa. Já me sinto melhor.

– Olha para ti, menina. Esses trapos não vão proteger-te do frio e certamente não podes andar descalça com este tempo. – Ficou em silêncio por um momento, como se estivesse a pensar no curso de ação a seguir. – Sabes ler, Angel?

– Sim, *sir*. A tia Cordelia era muito cuidadosa com a minha educação. Tive uma governanta até aos onze anos.

– E onde está essa tua tia agora?

– Não sei, *sir*. Mister Galloway, o seu advogado, conseguiu que ela ficasse com a sua irmã, uma tal Mistress Adams que vive em Maddox Street. Fui até lá porque queria contar à tia Cordelia que Mister Galloway voltara atrás com a sua palavra, mas ela partira para o campo com Mistress Adams, e a criada não me disse para onde. Voltei lá várias vezes desde então, mas não havia ninguém em casa, nem mesmo um criado.

– E onde está esse tal Mister Galloway?

Angel estremeceu.

– Não sei, *sir*. Ele deixou-me na casa de trabalho da Bear Street, mas escapei e fugi. Ele é um homem mau.

– Entendo. Talvez eu deva fazer uma visita a esse Mister Galloway.

– Não poderia pedir-lhe que fizesse isso, *sir*.

– Não estás a pedir-me, Angel. Detesto trapaceiros e mentirosos e foste maltratada. – Inclinou-se para puxar o cordão de uma campainha. – Vamos visitar essa tal Mãe Jolly e resgatar a tua jovem amiga. Depois, julgo que posso ter uma solução que nos beneficiaria a todos. – Ergueu o rosto quando a porta se abriu para admitir Baines.

– Leva Angel ao quarto de Miss Susannah. Julgo que ela pode encontrar roupas mais adequadas lá e algo para colocar nos pés. – Fixou Angel com um olhar penetrante. – A minha sobrinha fica aqui às vezes, embora viva na minha casa de campo. Descobre algo para vestires e despacha-te. Iremos diretamente à tua hospedaria.

Angel estava demasiado atordoada e surpreendida para discutir. Seguiu Baines, que a conduziu pelo *hall* de entrada e ao longo da ampla escadaria até ao andar superior. A luz estava a desvanecer-se rapidamente, apesar do reflexo da neve lá fora, e os painéis de madeira escura, bem como os tetos amarelados, tornavam a atmosfera mais sombria. O quarto de Susannah ficava ao fundo do patamar. Baines abriu a porta e afastou-se para o lado.

– Aí tem, *miss*. Não sei se vai encontrar algo adequado, mas pegue no que quiser. Miss Susannah não precisará de nenhuma das coisas que encontrará no armário da roupa.

– Porque não? – perguntou Angel, ansiosa. – Ela está morta?

– Não que eu saiba. Hoje em dia, ela não vem aqui com frequência e duvido que qualquer das roupas que encontrar lhe servisse agora. Conseguirá encontrar sozinha o caminho de volta até ao escritório do patrão?

– Julgo que sim.

– Se não, mandarei os cães à sua procura. – Baines sorriu e fez a continência ao fechar a porta, deixando Angel sozinha no quarto que era dominado por uma grande cama de dossel. Móveis pesados de mogno repousavam nas sombras como gigantes adormecidos e, para a mente imaginativa de Angel, havia uma sensação persistente de tristeza no ar parado. A poeira estendia-se como cobertores felpudos sobre todas as superfícies e um leve aroma a lavanda parecia passar por ela como um espírito de uma dona da casa há muito falecida. Angel reprimiu um arrepio e concentrou-se na tarefa em mãos.

O armário estava cheio de roupas que variavam em tamanho, desde as que eram adequadas para uma criança de cinco anos a outras que eram largas para Angel, mas eram infinitamente melhores do que os trapos que ela usava. Encontrou um simples vestido cinzento de lã com gola e punhos brancos ligeiramente amarelados, uma camisa de algodão e algumas meias de lã. Num outro armário descobriu uma seleção de sapatos, novamente de todos os tamanhos e vários pares de botas que mal haviam sido usadas.

Miss Susannah devia ter levado uma existência muito protegida sem nunca percorrer longas distâncias a pé. Angel libertou-se dos seus trapos e vestiu-se com as novas roupas. O cheiro a cânfora agarrava-se a elas, mas pelo menos evitara que as traças se banquetearassem no tecido caro. Puxou as meias, deliciando-se com o seu calor, e enfiou os pés nas botas, que se ajustavam como se tivessem sido feitas para ela. Apesar da pressa, raspou uma camada de pó do espelho e examinou o seu reflexo com um sorriso satisfeito. Uma sensação de otimismo invadiu-a enquanto arrumava tudo e descia as escadas ao encontro de Sir Adolphus. O motivo por que ele decidira ajudá-la era um mistério, mas, mesmo que ele mudasse de ideias, como tantas vezes os adultos faziam, ela estava vestida com roupa quente, embora a capa de veludo vermelho-cereja que escolheu a fizesse sentir-se como o Capuchinho Vermelho.

– Incrível! – Sir Adolphus olhou para Angel, com um brilho nos olhos escuros. – Que transformação da pétala de rosa esmagada a jovem senhora.

– Fico contente que ache a minha aparência divertida, *sir*.

Ele levantou-se.

– Não estou a troçar de ti, pateta. Aparentemente, os meus instintos estavam certos. Debaixo desses trapos, havia uma jovem apresentável. Acho que Susannah pode aquecer-te, Angel Winter. Podes ser perfeitamente a resposta às minhas preces.

– Não compreendo, *sir*.

– Não, claro que não, mas compreenderás. – Voltou a puxar o cordão da campainha e Baines apareceu tão rapidamente que Angel suspeitou que ele estivesse a aguardar do lado de fora da porta.

– O que posso fazer por si, coronel?

– Arranja-me uma carruagem, Baines. Vamos sair.

¹⁶ Estátua de bronze de um menino nu junto ao Supremo Tribunal. (*N. da T.*)

Capítulo Seis

Dolly foi deitada na cama de dossel com uma garrafa de água quente de pedra enrolada numa toalha aos seus pés, e outra colocada ao lado dela. Baines acendera a lareira e deixara um escarificador de latão cheio de carvão suficiente para manter o quarto quente a noite toda. A sensação de humidade e o cheiro a mofo já faziam parte de uma memória distante e as sombras pareciam menos densas e menos assustadoras.

Um médico foi mandado chamar e, depois de examinar Dolly, puxou Sir Adolphus para o lado. Angel apurou o ouvido para saber o que ele dizia.

– A criança está gravemente desnutrida, mas não penso que esteja tuberculosa. Alguns dias na cama e uma dieta equilibrada devem operar milagres. Já vi casos semelhantes em algumas das crianças menos afortunadas. Elas nasceram resistentes para sobreviver aos rigores da vida nas ruas. – O médico lançou um olhar na direção de Angel e ela desviou rapidamente os olhos.

– E a outra criança? – Sir Adolphus não se incomodou a baixar a voz. – Também tem levado uma vida dura.

– Mas não há muito tempo, julgo. – O médico acenou com a cabeça. – Foi obviamente bem cuidada desde bebé, o que se nota no seu estado físico geral. Elas são um exemplo interessante de duas classes sociais muito diferentes.

– Obrigado, doutor. Desça e partilhe comigo um copo de ponche de rum amanteigado antes de sair para a noite. – Sir Adolphus olhou por cima do ombro enquanto levava o médico para fora do quarto. – Tenho a certeza de que ouviste tudo, Angel. Baines cuidará das tuas necessidades. Virei ver-te de manhã.

Dolly levantou a cabeça das almofadas, quando a porta se fechou.

– Estou a sonhar, Angel? Isto não parece real.

– Não me perguntes como isto aconteceu – respondeu Angel, a sorrir. – Também sinto o mesmo. Num minuto temia pela vida e estava congelada de morte, e agora olha para mim. Olha para nós as duas, com uma cama várias vezes maior do que a que tínhamos de dividir, e uma lareira acesa só para nós. É como costumava ser quando morava com a minha tia e o meu tio, mas receio que a qualquer momento possa acordar e ver-me de novo nas ruas.

O corpo magro de Dolly foi sacudido por um ataque de tosse e ela caiu de novo para trás nas almofadas de penas. Angel dirigiu-se até junto da cama e tapou os ombros de Dolly com o cobertor.

– Tenta dormir. Vais sentir-te melhor de manhã e estarei ao teu lado se precisares de alguma coisa.

– Ta^u, Angel – Dolly fechou os olhos e enroscou-se com a garrafa de água quente nos braços. – Nunca causei tanta bagunça em toda a minha vida.

Na manhã seguinte, Angel deixou Dolly a dormir e desceu até à cozinha. Baines estava a acender o lume e ergueu os olhos.

– Acordou de madrugada.

– Estou habituada a ir ao mercado. É preciso ser rápido ou os outros terão arrebatado as melhores flores e não haverá nada além de hastes quebradas e folhas pisadas.

– O patrão disse que deveria tomar o pequeno-almoço com ele na sala de jantar.

– Posso fazer alguma coisa para ajudar, Mister Baines? Parece que estamos a dar-lhe muitos problemas.

Ele endireitou-se e fitou-a com um olhar surpreendido.

– É uma jovem educada, certo? Não é uma rapariga da rua.

– Fui criada para ser educada, se é isso que quer dizer. – Angel olhou-o com curiosidade. – Isto é tudo muito estranho. Sabe o que o coronel tem em mente para mim e para a Dolly, Mister Baines?

– É só Baines, *miss*. Quanto ao patrão, participámos em muitas campanhas juntos, mas não pretendo questionar as suas ações. De qualquer forma, ele gosta de tomar o pequeno-almoço cedo e não gosta que o façam esperar. A sala de jantar fica à esquerda do *hall* de entrada. Precisa que lhe mostre o caminho?

– Irei bem sozinha, obrigada, Baines.

A atmosfera na velha casa parecia de alguma forma mais amistosa quando Angel avançou pelo labirinto de corredores, ou talvez já se estivesse a habituar à monotonia dos painéis de madeira e dos tetos baixos. Uma coisa era certa: à casa faltava um toque feminino e, embora nunca tivesse estado num quartel, era exatamente assim que o imaginava.

Angel entrou na sala de jantar e viu Sir Adolphus já sentado na sua cadeira à cabeceira de uma mesa que daria para vinte pessoas e ainda sobraria espaço. A mobília era esculpida e um aparador de mogno rangia sob o peso de bandejas cheias de rins de carneiro, ovos com manteiga e um prato grande com salsichas e *bacon*.

– Serve-te, Angel – disse Sir Adolphus casualmente. – Acredito que um bom pequeno-almoço é a única maneira de começar o dia.

Angel sentiu que lhe crescia água na boca. Não vira comida assim desde que deixara a casa em Spital Square e estava com muita fome. Tirou um pouco de tudo, exceto dos rins, de que nunca gostara, e foi sentar-se à mesa.

– Sinto-me muito agradecida por nos receber – disse entre garfadas –, mas não entendo porque se mostra tão bondoso com estranhos.

O coronel recostou-se na cadeira.

– Não gosto de injustiça, Angel Winter. Poderia dizer, apesar dos teus trapos, que não eras uma rapariga de rua comum, e estou curioso. A história que me contaste é um mistério que me intriga um pouco, e tenciono visitar o teu Mister Galloway.

Alarmada, Angel parou com o garfo a meio caminho da boca.

– Porquê, *sir*? Ele não é um bom homem. Prometeu à tia Cordelia que cuidaria de mim, mas quebrou a palavra.

– Exatamente. É por isso que pretendo conhecer o cavalheiro. Ocorreu-me ontem à noite que devo primeiro pedir a permissão da tua tia para te levar para Grantley Park.

– Grantley Park, *sir*?

– Falaremos sobre isso mais tarde, depois de eu ter conversado com Galloway.

Angel passou a manhã a atender as necessidades de Dolly. Baines manteve o escarificador cheio de carvão e Angel limpou o pó e varreu o quarto, abrindo as janelas de batente apenas o suficiente para permitir que o ar circulasse. Lá fora ainda estava a nevar e ela sentia-se feliz por, juntamente com Dolly, se encontrarem num lugar quente e seguro. Os cães agora reconheciam-na como amiga e seguiram-na até ao andar de cima. *Thor* instalou-se diante da lareira, enquanto *Juno* se acomodou na cama e se enroscou ao lado de Dolly, e dentro em pouco adormeceram os três, dando liberdade a Angel para examinar melhor o que a rodeava.

Abriu um aparador e encontrou uma prateleira cheia de livros infantis. Os cantos das páginas estavam dobrados e alguém, talvez a misteriosa Miss Susannah, tinha sido obviamente uma ávida leitora. Numa prateleira mais alta, havia uma boneca de madeira com o rosto pintado e cabelos negro-azeviche, os braços estendidos como se implorasse a uma menina que a apertasse junto ao coração. Ao lado da boneca estava uma arca de Noé de madeira com pintura lascada e, após um exame mais pormenorizado, Angel percebeu que faltava a maioria dos animais. Descobriu uma girafa e um elefante atirados descuidadamente para uma caixa que continha blocos de madeira, e um macaco de cabeça para baixo num tinteiro vazio.

Voltou a colocar tudo no lugar, antes de passar ao toucador. As gavetas estavam cheias de lenços enfeitados com renda, luvas de pelica, meias estranhas e fitas de cetim. Um guarda-joias tinha contas de vidro e escovas de cabelo cravejadas de pedras preciosas, correntes de prata com nós e botões estranhos. Angel conseguiu fazer mentalmente um retrato mais claro de Miss Susannah e concluiu que devia ser uma jovem dama muito mimada e excessivamente afetada.

Ao meio-dia, Dolly engoliu umas colheradas da canja e mordiscou um pouco de pão e manteiga. Tendo comido razoavelmente bem, voltou a adormecer e Angel levou a bandeja para baixo acompanhada por *Thor*, embora *Juno* decidisse permanecer na cama, protegendo a sua nova amiga. Angel deixou os pratos na cozinha, pois Baines recusou a sua oferta para lavar a louça, e ia a subir quando *Thor* a deixou e correu para a porta da frente. Uma rajada de ar gelado precedeu Sir Adolphus quando ele entrou na casa. Ergueu o rosto e avistou Angel, que se preparava para subir as escadas.

— Vem ao meu escritório. Preciso de falar contigo. — Tirou o chapéu e o sobretudo e dirigiu-se ao escritório.

Angel correu atrás dele.

— Falou com Mister Galloway, *sir*?

— Acabei por conseguir localizá-lo. — Sir Adolphus ficou de pé junto à lareira, estendendo as mãos para o calor. — Uma pessoa desprezível. Desagradou-me à primeira vista.

— Ele disse alguma coisa sobre a tia Cordelia? Ela está bem?

Sir Adolphus virou-se lentamente para a encarar e tinha uma expressão sombria.

— Sinto muito ser o portador de más notícias, mas aparentemente a tua tia andou a caminhar à chuva e apanhou um resfriado. Sucumbiu a uma inflamação pulmonar há algumas semanas.

Angel afundou-se numa cadeira.

— Ela está morta?

— Receio que sim, mas, se te serve de algum conforto, acreditou até ao último suspiro que vivias com uma família em Essex, estavas feliz e eras bem cuidada.

Demasiado atordoada para chorar, Angel olhou para ele, incapaz de expressar os seus sentimentos por palavras.

– Eu não sou bom nesse tipo de coisa, jovem. Mas há alguém aqui que pode oferecer-te conforto. Ao que parece, ela esteve acampada do lado de fora do escritório de Galloway, recusando afastar-se, até que ele lhe dissesse onde tu estavas. Aquele sujeito desprezível ficou feliz por se livrar dela.

A respiração de Angel ficou presa na garganta.

– Lumpy Lil?

– Uma descrição adequada. Em toda a minha vida nunca tinha visto uma mulher que se parecesse tanto com um sofá mal estofado. Mande-i-a para a cozinha para ajudar o Baines, embora só Deus saiba o que pensará dela. Ele não gosta da fêmea da espécie desde que a esposa o deixou por outro homem. Podes descer e ir ver a tua amiga, Angel, mas mantém-na longe de mim, dê lá por onde der.

Angel levantou-se. Tinha a cabeça a andar à roda e estava demasiado atordoada para pensar com clareza, mas uma coisa ocupava o primeiro lugar na sua mente.

– O que vai acontecer agora, *sir*?

– Nada mudou no que me diz respeito. Não tens um tutor legal e tenho um destino para uma menina como tu. Assim que a tua amiga estiver em condições de viajar, levarei as três para Grantley Park. Serão bem tratadas, não tenhas medo.

– Porquê, *sir*? Porque nos leva?

– Tenho as minhas razões. Agora vai ao encontro da tua amiga. Certifica-te de que ela não está a aborrecer o Baines. Ele não aguenta muito de uma mulher.

Atordoada pela súbita reviravolta dos acontecimentos, Angel saiu do escritório e desceu à cozinha, onde encontrou Lil e Baines no meio de uma discussão feroz.

– Lil! – exclamou Angel. – Lil, não acredito que estejas aqui!

– Ela está aqui, sim – disse Baines com uma expressão carrancuda. – Não é mesmo o meu dia de sorte.

– Minha querida menina! – Lil estendeu os braços e Angel correu para ela, aconchegando-se nas curvas familiares do corpo amplo de Lil.

– Oh, Lil. Julguei que nunca mais te veria. – As lágrimas que Angel tinha estado a suster correram livremente pelas faces e encostou a cabeça no ombro de Lil. – É verdade que a tia Cordelia morreu?

Baines pigarreou.

– Vou fazer um chá. Quando vocês, mulheres, começam a chorar, não há quem vos pare.

– Podemos ir para qualquer lugar tranquilo, longe desse homem ignorante? – perguntou Lil enraivecida. – É rude e grosseiro e não quero nada com gente da laia dele.

– Sobe até ao meu quarto – disse Angel apressadamente. – Há tanta coisa que quero perguntar-te sobre a pobre tia Cordelia. – Agarrou na mão de Lil e levou-a da cozinha, sem lhe dar tempo a continuar a sua batalha verbal com Baines.

– Não acho que este lugar seja grande coisa – murmurou Lil, enquanto seguia Angel até ao primeiro andar. – Precisa de uma boa limpeza de primavera e poria todos esses tapetes ao ar para lhes tirar a poeira. Estes homens nunca ouviram falar de sabão, água e de trabalhar no duro? – Olhou para a figura adormecida de Dolly. – Quem é aquela? E quem disse que o cão podia ficar em cima da cama? Não está certo. Vão apanhar pulgas e coisas assim.

– Está tudo bem, Lil – sossegou-a Angel apressadamente. – *Juno* é uma cadela boa e muito asseada, e mantém a Dolly aquecida.

Lil pôs as mãos nas ancas e franziu os lábios.

– Vou sentar-me junto à lareira e podes contar-me exatamente o que se passa.

As feições de Lil registaram todas as emoções desde choque a horror, indignação e raiva, enquanto Angel revivia os acontecimentos que a tinham levado a casa de Sir Adolphus Grantley.

– O que não entendo – disse Lil carrancuda – é porque um janota como ele receberia duas crianças, e porque mostraria tanto interesse no teu passado?

– Não sei. Talvez seja apenas um homem bondoso que gosta de ajudar as pessoas.

– Hum! – As sobrancelhas de Lil uniram-se e franziu a testa. – Na minha experiência, os homens não fazem qualquer coisa a troco de nada. Há algo nisso para ele.

– Não sei o que queres dizer, Lil.

– Claro que não sabes, minha pequena inocente. Agora, estou aqui para te proteger. Cuidei de ti desde bebé como se fosses minha, e Deus ajude quem tentar tocar-te com um dedo.

– Sir Adolphus é um bom homem, Lil. Era um coronel do exército e Baines era o seu sargento. Eles são bravos soldados.

– Essa gente é muitas vezes do pior. – Lil levantou-se da cadeira com um gemido. – Este clima afeta o meu reumatismo. – Atravessou o quarto a coxear. – Para onde dá esta porta?

– É uma sala pequena, como o quarto de vestir da tia Cordelia. – Os olhos de Angel encheram-se de lágrimas e sentiu um nó na garganta. – Não me contaste o que lhe aconteceu, Lil.

Lil abriu a porta e espreitou para o interior.

– Isto servirá. Vou dormir aqui para estar perto de vocês, miúdas. Precisaré de uma cama e de algumas roupas. – Fez uma pausa, olhando de esguelha para Angel, com uma expressão preocupada. – A tua tia não sofreu, amor. Era pneumonia, disse o médico, e ela foi-se muito rapidamente. Não estava com dores, mas a última coisa que disse foi: «Encontra a Angel, Lil. Garante que a minha menina esteja bem e feliz.» – Tossicou ruidosamente. – Agora vou descer e dizer a esse fanfarrão do Baines o que preciso para me pôr confortável.

* * *

Baines e Lil nunca se entenderiam – isso ficou claro desde o começo – e durante os próximos dias, Angel viu-se a fazer de pacificadora. Sir Adolphus raramente estava em casa para testemunhar as brigas que ocorriam entre o seu sargento e a ex-ama de Angel, mas, dois dias antes do Natal, mandou Baines à procura de Angel com instruções para a mandar ao seu escritório.

Ela desceu as escadas a correr, interrogando-se sobre o que poderia ser tão urgente. Baines mostrara-se taciturno, mas isso poderia dever-se a que tanto Lil quanto *Juno* lhe rosnavam como cães de guarda enraivecidos.

– Mandou-me chamar, *sir*? – Angel ficou de pé com as mãos entrelaçadas com força atrás das costas.

Sir Adolphus estava sentado atrás da secretária. Parou de escrever e mergulhou a pena no tinteiro prateado.

– Partiremos amanhã para Grantley Park. Suponho que a tua jovem amiga já está em condições de viajar, e é bem-vinda para vir connosco, mas terá de ganhar o seu sustento. A minha governanta arranjar-lhe-á trabalho e também para a criada da tua tia, se quiser acompanhar-nos.

– Não posso falar pelos outros, *sir*.

– Então debes conversar sobre o assunto com elas, Angel. Não sou uma instituição de caridade, mas sinto-me um pouco responsável pela rapariga das flores, e a tua criada tem uma opinião própria. Galloway garantiria isso, tenho a certeza. Ele deu o seu melhor para me envenenar a mente contra Miss Heavitree, mas sou um homem que gosta de avaliar por si.

– Podemos saber para onde vamos, *sir*?

– Grantley Park está na minha família há duzentos anos. É uma casa Tudor com o seu próprio terreno, à beira do pântano Low Leyton. Então, isso satisfaz a tua curiosidade?

– Um pouco – respondeu Angel, hesitante. – Fica longe de Londres, *sir*?

– A cerca de dez quilómetros, o que é suficiente para ficar distante do fedor e da corrupção da cidade.

Angel não sabia se deveria continuar a fazer-lhe perguntas, mas ele pegou na pena e ficou claro que deixara de prestar-lhe atenção. Percebeu que havia sido dispensada e foi procurar Dolly, que agora estava fora da cama e vestida com roupas que haviam descoberto no armário. Lil teve de fazer algumas alterações para adaptá-las, mas Dolly estava entusiasmada com as suas aquisições e ficou ainda mais satisfeita quando encontraram um par de botas que eram muito pequenas para Angel, mas serviam a Dolly na perfeição.

Ia a meio de descrever uma volta quando Angel irrompeu pelo quarto.

– Olha como estou fixe – disse Dolly, encantada. – Nunca tive nada tão grandioso em toda a vida. Serei uma jovem igual a ti, Angel.

– Penso que Sir Adolphus tem outros planos, Dolly. Ele disse que terias de ganhar o teu sustento quando formos para a casa de campo dele.

– Suponho que era de esperar – comentou Dolly, filosoficamente. – Estava apenas a sonhar. Então, suponho que é melhor tirar estas roupas.

– Não, claro que não. Elas foram deixadas para as traças, portanto, obviamente ninguém as queria. É um crime deixá-las a apodrecer. Estás linda, Dolly. Não vou deixar que te transformem numa escrava. Se o sítio para onde vamos não for bom, iremos embora por conta própria. Já ganhámos a vida antes e podemos voltar a fazê-lo. Agora resta-me convencer Lil de que é o melhor para nós.

* * *

Na véspera de Natal, de manhã cedo, Angel, Dolly e Lil viajaram na carruagem de Sir Adolphus, com *Thor* e *Juno*. Baines sentou-se no espaço ao lado do cocheiro e Sir Adolphus montou *Caesar*, o seu garanhão castanho. Parara de nevar, mas o avanço foi moroso e difícil. Às vezes, parecia que teriam de voltar para trás, mas Sir Adolphus estava determinado a alcançar Grantley Park. Os tijolos que Baines aquecera na cozinha e colocara no chão para manter os pés quentes tinham esfriado e, apesar das camadas de roupas e mantas de lã, o frio era insidioso, infiltrando-se-lhes nos ossos e gelando-os até à medula.

Angel olhou pela janela para a vasta extensão branca dos pântanos, com tufos de relva descorados a espreitar através da neve e poças cinzentas de água congelada refletindo o céu de chumbo. Dolly tinha adormecido com *Juno* encostada a ela, e *Thor* instalou-se aos pés de Angel, compartilhando o seu calor. Lil sentou-se com os braços cruzados e assentindo com a cabeça, mas, sempre que se sentia invadida pelo desejo de dormir, retomava a consciência.

Por fim, quando a luz estava a desaparecer, chegaram ao destino. Tinha havido momentos durante a viagem em que Angel pensara que a carruagem ia tombar, e outros, quando ficaram presos num monte

de neve particularmente profundo e Baines teve de desenterrá-los. Mas haviam chegado em segurança e Baines saltou para abrir a porta. Sir Adolphus desmontou, entregando as rédeas a um criado, que apareceu a deslizar e a escorregar pela neve, vindo do bloco do estábulo.

Os cães saltaram primeiro e escorregaram sobre a neve para se reunirem ao dono. Angel desceu para o chão mais devagar. Foi um alívio esticar as pernas e sentir terra firme debaixo dos pés após o movimento de balanço da carruagem. Fez uma pausa, examinando a vasta mansão Tudor de tijolos vermelhos, que era muito maior do que imaginara. Mesmo à meia-luz, podia ver que a casa e os terrenos eram extensos, mas não teve tempo de se deter na grandiosidade do seu novo ambiente, pois a porta da frente abriu-se, lançando um raio de luz sobre a brancura imaculada da neve. Um criado saiu apressado, seguido por uma criada e uma jovem com longos caracóis negros, que se atirou para os braços de Sir Adolphus com um grito de prazer.

– Tio Dolph, chegou finalmente a casa.

– Vai para dentro, Susannah. Está um frio de rachar aqui fora. – Sir Adolphus dirigiu-lhe um dos seus raros sorrisos quando se soltou do seu abraço.

– Quem são essas pessoas? – perguntou Susannah, olhando por cima do ombro. – Quem trouxe consigo, tio?

– Tudo a seu tempo, Susannah. – Sir Adolphus entrou na casa. – Entrem todos. Deixem que os criados tragam a bagagem.

Angel apertou a mão de Dolly e levou-a para o *hall* de entrada. O calor da casa era quase insuportável depois do frio na carruagem, e a primeira coisa que Angel viu foi uma enorme árvore de Natal decorada com bolas de vidro e fitas prateadas. Grinaldas de azevinho e de hera tinham sido enroladas em volta do corrimão, e o cheiro dos toros de madeira de macieira ardendo na imensa lareira de pedra misturou-se ao aroma de pinho, com um toque agradável de cera de abelha e polidor de móveis de lavanda.

Tinha acabado de entrar em Grantley Park e de alguma forma parecia que regressara a casa. Angel lutou para aceitar a sensação estranha de quando a criada avançou para pegar na sua roupa de fora, e uma mulher, usando uma corrente com um molho pesado de chaves, acorreu a cumprimentar o amo. Estava vestida de bombazina preta e tinha o cabelo escuro puxado para trás, parecendo haver sido pintado na sua cabeça, lembrando a Angel a boneca que encontrara no armário dos brinquedos.

– Boa tarde, Sir Adolphus. Bem-vindo a casa, *sir*.

– Obrigado, Mistress Kerslake. Estamos muito felizes por termos chegado sem nenhum incidente. Faz um tempo verdadeiramente atroz. – Sir Adolphus pousou a mão no ombro de Angel. – Esta jovem é minha pupila¹⁸, Angel Winter, e vai fazer parte da família a partir de agora. Deixo ao seu cuidado a preparação de um quarto para ela.

– Claro, *sir*, mas e os outros? – Mrs. Kerslake examinou Lil e Dolly com desconfiança.

– Miss Heavitree é minha criada – esclareceu Angel rapidamente. – E a Dolly está disposta a trabalhar, mas tem estado doente e precisa de descansar.

Os lábios de Mrs. Kerslake apertaram-se numa linha reta.

– Entendo. – Lançou um olhar interrogativo ao patrão. – É assim, *sir*?

– Julgo que deve haver espaço para uma pessoa pequena nos aposentos dos criados. A jovem é mais forte do que parece e tenho a certeza de que a cozinheira pode sempre ajeitar-se com mais um par de mãos na cozinha. – Sir Adolphus entregou o sobretudo e a cartola à serviçal que estava ao seu lado. – A minha irmã está na sala de estar?

Susannah agarrou-lhe no braço.

– Claro que está, tio. Onde mais estaria a mamã na véspera de Natal? Hector e Toby chegaram ontem da escola e temos estado num alvoroço desde então. Provocaram o pobre Humpty até que o fizeram chorar.

– Ah, sim? – replicou Sir Adolphus severamente. – Já trataremos do assunto. – Virou-se e fez sinal a Angel. – Vem conhecer a tua nova família. Não te preocupes com a tua amiguinha. Miss Heavitree cuidará dela.

– Cuidarei, sim – murmurou Lil. – Vamos ficar bem, Angel.

– Irei ver-te mais tarde – sussurrou Angel olhando cautelosamente para Mrs. Kerslake. Não tinha a certeza se a mulher de aparência severa era amiga ou inimiga, mas não questionaria a sua autoridade, e seguiu Susannah e o tio até à sala de visitas com os cães trotando nos seus calcanhares.

Angel hesitou na ombreira da porta, observando a cena. Iluminada por dezenas de velas caras de cera e aquecida por uma lareira, a sala era grande e com um mobiliário mais escolhido para conforto do que por estar na moda. Outra árvore de Natal, ligeiramente mais baixa do que a do *hall* de entrada, encontrava-se no canto da sala, flamejando com pequenas velas. Os presentes estavam empilhados por baixo dela e grinaldas de azevinho e de hera estavam penduradas na pedra esculpida da lareira. Tigelas de laranjas cravejadas de cravinho perfumavam o ar e vasos de crisântemos brilhantes davam cor a cantos escuros.

Uma mulher elegantemente vestida estava sentada no sofá, comprimida entre um rapazinho de oito ou nove anos e um rapaz que Angel pensava ser da sua idade ou um pouco mais velho. Um jovem estava de costas para a lareira e fora a voz dele que sobressaía, mas foi silenciado pela chegada do seu tio.

– Eloise, minha querida. Não te levantes. – Sir Adolphus atravessou a sala para abraçar a irmã. – Vejo que os teus filhos errantes voltaram a tempo do Natal. Deu uma pequena palmada no ombro do jovem alto de cabelos escuros. – Então, conseguiste sobreviver ao último período, Hector. Parabéns, meu rapaz.

– Obrigado, *sir*. Por vezes, foi mesmo à justa, mas agora estou pronto para Sandhurst¹⁹. Estou ansioso por começar o treino.

– Gostaria que reconsiderasses, Hector. – Eloise suspirou pesadamente. – O teu pai morreu na fronteira noroeste, e agora queres seguir os seus passos e alistares-te no exército.

– O teu querido falecido, pelo que me lembro, foi atropelado por uma carroça de cerveja – retorquiu Sir Adolphus, piscando o olho ao sobrinho.

– Ia a caminho do quartel – protestou Eloise, enxugando os olhos com um lenço de algodão.

– Não chores, mamã. – O menino mais novo deu um abraço à mãe. – Queres um reбуçado de mentol? Tenho alguns no bolso.

O irmão mais velho estendeu a mão e deu-lhe uma palmada na cabeça.

– Ignora-o, mamã. Se estiver no bolso, estará cheio de algodão. Humpty é um bicho sujo.

– Basta, Toby. Eloise envolveu Humphrey com os braços, que se esforçava para não chorar. – Deixem-no em paz, os dois. Ele é apenas um bebé.

– O miúdo tem oito anos, Eloise – interferiu Sir Adolphus bruscamente. – Não o transformes num mariquinhas.

Susannah revirou os olhos.

– Eu disse-lhe que eles estavam a ser umas bestas para o pobre Humpty, tio Dolph. Hector e Toby são valentões.

Angel mantinha-se afastada, observando e ouvindo as brincadeiras da família com uma sensação de desapego. Tinha-se apaixonado por Grantley Park no momento em que entrara na casa, mas sentia-se uma intrusa. Sir Adolphus pareceu recordar-se da sua presença e fê-la avançar.

– Angel, gostaria que conhecesses a minha irmã, Mistress Devane, e os meus sobrinhos, Hector, Toby e Humphrey. Já conheceste a Susannah, e espero que ela cuide de ti e faça com que te sintas um membro da família.

Angel fez uma reverência, sem saber como responder. Mrs. Devane fitava-a com uma expressão chocada que poderia, em qualquer outra circunstância, ter sido cómica.

– Adolphus, julgo que deverias explicar-te.

– Angel Winter é minha pupila e, como tal, agora faz parte da família. – Sir Adolphus encarou a irmã com um olhar firme. – Darei mais pormenores quando estivermos sozinhos. Basta dizer que Angel é uma de nós e espero que seja tratada como tal.

Angel apalpou o anel da mãe, retirando conforto do objeto familiar coberto pelo corpete do seu vestido de lã, que se tornava insignificante comparativamente ao vestido que Susannah usava.

Angel tinha visto jovens bem-vestidas passeando pela Strand, e a criação de tafetá cintilante que mudava de cor-de-rosa para púrpura a cada movimento do jovem corpo de Susannah era, sem dúvida, o auge da moda. Os caracóis brilhantes da cor das asas de um corvo estavam atados com fitas a condizer e os grandes olhos castanhos brilhavam com saúde e vitalidade. Angel tomou súbita consciência da sua própria palidez e da sua magreza. Tinha o peito tão liso como o jovem Humphrey, enquanto Susannah estava a desenvolver as curvas da adolescência e em breve se transformaria numa bonita jovem.

Angel sentiu-se como um pardal confrontando um pavão e, quando se apercebeu do olhar interrogativo de Hector, viu que ele havia formado a mesma opinião. Os seus olhos escuros brilharam de troça quando se encontraram com o seu ar desafiador e os lábios generosos esboçaram um sorriso. Era, sem dúvida, o rapaz mais bonito que ela já vira e tinha a altura e o porte de um atleta.

– Bem-vinda ao hospício de Grantley, Angel – disse Hector, com uma gargalhada. – És provavelmente o primeiro e o último anjo que já conheci.

– És mesmo um anjo? – perguntou Humphrey inocentemente. – Onde estão as tuas asas?

– Estão fechadas à chave no escritório de Mistress Kerslake – respondeu Toby, lutando para se manter sério. – Ela só pode usá-las quando vai fazer uma visita ao céu.

– Parem com isso, meninos. – Eloise levantou-se do sofá com um restolhar de anáguas engomadas e uma onda de perfume de tuberosa e da raiz de orris.

– O tio Dolph trouxe a Angel para morar connosco, portanto, espero que a tratem com delicadeza. – Virou-se para Susannah. – Isso também é válido para ti, *miss*. Ter por perto uma menina quase da tua idade pode ser benéfico.

Angel encontrou o olhar frio de Susannah e sentiu um peso no coração. Tinha visto essa expressão muitas vezes nos olhos das jovens vendedoras de flores, geralmente antes de lhe puxarem o cabelo ou de a ameaçarem com danos corporais. A vida em Grantley Park poderia parecer de luxo e de diversão, mas sentia as vibrações negativas e sabia que não ia ser fácil.

17 Ta – Uma maneira informal de dizer «obrigado» no Império Britânico. Não é, regra geral, usado no Canadá ou nos Estados Unidos e pode ser mal interpretado como «adeus». (*N. da T.*)

18 Também se usa *ala*, um termo ligeiramente antiquado para algo/alguém que está sob a guarda de outra pessoa. (*N. da T.*)

19 A Real Academia Militar de Sandhurst (em inglês: Royal Military Academy Sandhurst – RMAS), também conhecida simplesmente como Sandhurst, é um centro de treino inicial dos militares oficiais do exército britânico. (*N. da T.*)

Capítulo Sete

Grantley Park, verão de 1878

Angel enfiou o balde no braço quando entrou no jardim murado. O sol brilhava num céu límpido e azul e o ar estava repleto do zumbido das abelhas, do canto dos pássaros e da fragrância inebriante das flores. O aroma da lavanda levava-a sempre de volta ao mercado de Covent Garden e à banca de Jack Wicks. Apesar do conforto e do luxo de morar em Grantley Park, ela nunca esquecera a gentileza com que Jack a tratara e, embora muitas vezes se interrogasse como a família Wicks estaria a progredir do outro lado do pântano, nunca surgira um tempo adequado para lhes fazer uma visita. Danny Wicks deixara bem claro que a considerava um incômodo, mas isso fora há anos e tinha sido a falta de oportunidade o que a mantivera ligada a Grantley. A vida ali nunca era monótona, especialmente quando os rapazes estavam em casa.

Angel tirou uma tesoura do bolso do avental de juta e cortou raminhos de lavanda para acrescentar ao balde, que já estava cheio de rosas cor de musgo e de gipsofila. Era outro mundo dentro das paredes de tijolos vermelhos da horta, pacífico e bem organizado, e uma fuga aos tempos em que brigas e disputas familiares eram de mais para suportar. Angel deambulou pelos caminhos de cascalho entre os canteiros de legumes bem tratados e as flores cultivadas para adornar a casa. Organizá-los era uma das suas tarefas favoritas, qualquer que fosse a estação. A meio do inverno ela reunia galhos carregados de bagas vermelhas e juncos das bordas do lago, mas nos meses em que não havia quase nada que valesse a pena colher, e as bagas tinham sido consumidas pela vida selvagem faminta, tinha de confiar em flores crescidas no verão anterior, que haviam sido penduradas para secar na estufa. Como sempre, mal podia esperar pela primavera, quando anêmonas cobriam o chão dos dois lados da passagem da carruagem, seguidas de aglomerados de prímulas amarelas, a espreitar por baixo das cercas, e a glória final de jacintos perfumados que atapetavam a floresta.

Baixou-se para cortar um pequeno buquê de cravos de cheiro para colocar num vaso de vidro para a tia Eloise, como fora instruída a tratar Mrs. Devane logo após a sua chegada a Grantley. A relação entre ambas era frágil e muitas vezes bastante difícil, mas Angel aprendera a conter-se quando Eloise decidia convencê-la a entrar numa discussão, embora por vezes fosse levada além do limite e retaliasse. O resultado dessas brigas durava muitas vezes dias, até que Angel era forçada a pedir desculpas, quanto mais não fosse por causa de toda a família, que sofria terrivelmente quando Mrs. Devane estava irritada. Estranhamente, a única pessoa que conseguia lidar com ela durante um desses ataques de mau humor era Lil. Agora, ela estava um pouco mais velha, com mais alguns quilos, o cabelo adquirira um estranho tom de sal e pimenta, mas não havia perdido o seu espírito lutador e sabia exatamente como lidar com Eloise Devane.

O balde estava a transbordar e Angel dispusera-se a abandonar a paz e a tranquilidade do jardim murado quando ouviu Susannah a chamar pelo seu nome. Havia um toque de urgência na sua voz que levou Angel a apressar-se, quando, normalmente, teria feito Susannah esperar até estar pronta para

lidar com o que quer que a jovem dama quisesse. Eram amigas na maior parte do tempo, mas Susannah continuava a ser a queridinha mimada, adorada pela mãe e favorecida pelo tio. Os irmãos picavam-na, mas Susannah tinha-os na palma da mão, e com um pestanejar dos cílios ridiculamente longos ou um sorriso persuasivo que mostrava as suas covinhas, podia geralmente fazer deles o que lhe apetecesse. Mas havia uma exceção que era Hector.

A mão de Angel tremeu quando os dedos envolveram o trinco de metal aquecido pelo sol. Hector, apesar de todo o *bluff* e fanfarronice, era o seu favorito, a partir do momento em que o viu pela primeira vez. Era bonito de mais para o seu próprio bem e ela sabia que todas as raparigas da vizinhança estavam perdidamente apaixonadas por ele. Era, no fim de contas, herdeiro de Grantley Park e um arrojado capitão no Regimento Real de Artilharia.

– Angel. Onde estás? Vem cá imediatamente, preciso de ti. – A voz de Susannah soou alta e clara, ecoando pelos muros da horta.

Angel abriu o portão e emergiu na sombra verde e fresca de um antigo carvalho. Certa vez, Humphrey trepara pela árvore por desafio e chegou ao topo, assustando os pássaros que faziam ninho. Na sua descida apressada, desequilibrara-se e escorregara pelos galhos até aterrar mal. Toby, que o instigara impiedosamente, tinha corrido para a casa em busca de ajuda, deixando Angel a cuidar do atordoadado rapazinho de nove anos.

Humphrey partira o braço e sofrera uma ligeira contusão. Embora não tivesse nada a ver com o desafio, Angel fora implicada simplesmente devido à sua presença. A mesada de Toby fora-lhe retirada durante todo o período letivo seguinte e Angel tinha sido confinada à sala de aula por duas semanas e recebido uma pilha de roupa para consertos, que a tia Eloise inspecionava todos os dias. Se os seus pontos fossem demasiado grandes ou o cerzido não fosse considerado bastante perfeito, Angel tinha de desfazer o trabalho e começar de novo.

Caminhou ao encontro de Susannah, que se aproximou a correr pelo relvado macio, segurando o vestido de algodão azul e branco acima dos tornozelos, o que a sua mãe consideraria uma atitude grosseira para uma jovem dama.

– O que estás a fazer, Angel? Porque perdes tempo a colher flores? És precisa na casa.

– Qual é o problema, Sukey?

– Não me chames assim – retorquiu Susannah, irritada. – Isso soa-me a criada.

Angel acertou o passo com o dela.

– E agora és obviamente uma jovem senhora. Gira tudo à tua volta, certo?

– Não sei o que queres dizer. – Susannah acelerou o passo. – Blanche estará aqui em menos de uma hora e a mamã está deitada com uma das suas dores de cabeça. Preciso que me ajudes a arranjar e deves sentar-te connosco na sala de visitas.

– Então precisas de uma dama de companhia – comentou Angel, a rir. – Concluo que Blanche não estará sozinha ou não precisarias de mim.

– Suponho que Rupert possa estar com ela, e não seria adequado para mim entretê-los por conta própria.

– Poderias ter pedido à Lil. – Angel enfiou a mão no braço de Susannah. – Estou só a brincar. Claro que estarei ao teu lado. Rupert é muito atraente, embora não seja muito inteligente.

– Se disseres algo que o embarace, nunca mais te falarei, Angel Winter.

– Prometo ser a dama de companhia perfeita. Vou ficar sentada em silêncio sem dizer uma palavra que aborreça Rupert Westwood.

Susannah fulminou-a com o olhar.

– As tuas vulgaridades atraíam a tua época nas ruas, Angel. Não aprendeste nada durante o tempo que passaste connosco?

– Sou um de vocês – contrapôs Angel suavemente. – Sir Adolphus adotou-me legalmente. Somos primas, Sukey.

– No papel, talvez. – Susannah parou do lado de fora da entrada da frente. – Não sabes quem era a tua mãe.

– Obrigada por me lembrares. Podia ter-me esquecido de que não sou igual a ti. – Angel abriu a porta e pisou o umbral. A casa, como sempre, parecia envolver-se em torno dela com um gentil abraço de boas-vindas.

– Não foi isso o que quis dizer – apressou-se a corrigir Susannah. – Desculpa, Angel. Só que ignoro o que farei se Blanche não me convidar para o baile deles. Tenho dezanove anos, e que oportunidade me resta de conhecer rapazes interessantes, se nunca for a outro lugar além da igreja, e desfrutar apenas da ocasional estadia na triste casa de Londres na parte mais antiquada da cidade?

– Então temos de ser extremamente simpáticas com Blanche e esperar que ela se sinta forçada a fazer um convite para o seu baile de debutante?

Susannah dirigiu-se à escada.

– Não é verdadeiramente um baile de debutante. Quer dizer, ela não vai ser apresentada na Corte, embora Sir Eugene seja um membro do Parlamento.

– Sei disso, Sukey, e o Rupert está no mesmo regimento que Hector, e ele pode ser enviado para a Índia ou para a África do Sul, e nesse caso o que farias?

– Julgo que morreria de coração partido.

– Vá lá, Sukey, não dramatizes – disse Angel, cansada. – Vamos subir e escolher um vestido de tarde. Eu arranjo-te o cabelo.

Susannah parou a meio da ampla escada.

– Deveria ter pedido à Cook que fizesse uns bolinhos decorados. Terás tempo para arranjar as flores, certo? Apenas na sala de estar e na entrada também.

– Não te preocupes. Pedirei à Lil que faça os bolos, ela é muito dotada para esse tipo de coisas, e cuidarei das flores assim que estiveres pronta. – Angel deu-lhe um leve empurrão. – Anda lá, Sukey. Vou pôr-te tão bonita que o capitão Westwood cairá aos teus pés.

– Talvez Hector chegue a casa a tempo para o baile.

Angel não tinha resposta para isso e seguiu Susannah até ao grande quarto com vista para o jardim ornamentado na parte de trás da casa. Depois de examinarem todos os vestidos de tarde que Susannah possuía, optaram pelo de cetim creme enfeitado com renda clara. Angel teve de puxar com força enquanto apertava os atilhos de Susannah numa tentativa para lhe reduzir a cintura para sessenta centímetros, mas, depois de um grande esforço da sua parte e gemidos de protesto de Susannah, conseguiram encaixá-la no vestido.

– Não posso comer nada, nem mesmo o mais pequeno bolo – disse Susannah sem fôlego. – Se alguém disser alguma coisa que me irrite, provavelmente vou desmaiar.

– Então certifica-te de que desmaias nos braços de Rupert. – Angel dirigiu-se ao toucador de pau-rosa e pegou na escova de cabelo prateada. – Senta-te e deixa de resmungar. Como diz a Lil: o orgulho não sente dor.

– Ela não usa espartilho, ou se usa é muito largo. Essa mulher parece sempre um saco de batatas.

– Não permitiria que ela te ouvisse – respondeu Angel a rir. – Lil é uma amiga maravilhosa, mas não tem sentido de humor.

Susannah sentou-se rigidamente no banquinho e fixou a sua imagem no espelho.

– Acho que tenho uma espinha a formar-se na ponta do nariz. Vai estar enorme no momento em que eles chegarem.

– Disparate. É apenas imaginação tua, Sukey. Estás perfeita. – Angel escovou o cabelo grosso de Susannah até que ele brilhasse, e depois prendeu-o de uma forma enganadoramente simples, permitindo que alguns caracóis se enrolassem na testa de Susannah. – Estás pronta. Se isso não perturbar o capitão Westwood, nada o perturbará.

Susannah observou a sua imagem com um olhar crítico e por um momento Angel pensou que iria reclamar, mas os seus lábios desenharam um sorriso de prazer.

– Obrigada, Angel. Se ficares solteira, podes tornar-te cabeleireira ou dama de companhia. De qualquer forma, agora adeus, é melhor ires tratar das flores e lembrar-lhes na cozinha de que temos convidados importantes para o chá da tarde.

– E o que irá fazer enquanto eu andar a correr atrás de si, Alteza?

– Não fiques agastada, Angel, só porque eu tenho um admirador e tu não. Talvez um dia Hector repare em ti, mas acautela-te, porque ele nunca se casaria contigo. Tem o objetivo de se tornar um major-general no mínimo, e está à procura de uma mulher rica com um bom *pedigree*. – Virou a cabeça e brindou Angel com um sorriso piedoso. – Lamento, mas aí está. Não sabes quem eram os teus pais.

– Não lamentos, Susannah. Não faço tenção de casar com ninguém. Pretendo tornar-me uma mulher de posses. Não sei bem como o conseguirei, mas não gostaria de arriscar-me a acabar como a minha pobre mãe, quem quer que ela fosse. – Angel saiu da sala antes que Susannah tivesse hipótese de continuar a tagarelar com a sua falta de tato e piorar a situação. Ela tinha, obviamente, falado a verdade e Angel estava ciente da desvantagem da sua origem. Com toda a probabilidade nunca viria a conhecer a identidade dos pais, e nenhum cavalheiro gostaria de casar com uma enjeitada.

Dirigiu-se à cozinha para transmitir a mensagem de Susannah, mas Lil já havia feito um monte de bolinhos e estava a decorá-los. Tendo em conta o tamanho das suas mãos e os dedos parecidos com salsichas, conseguia executar um trabalho surpreendentemente delicado e as suas flores de pasta de açúcar recebiam sempre elogios, até mesmo de Eloise, que era notoriamente exigente.

– Deveria estar a fazer isto para teu proveito, não para a dama – comentou Lil mal-humorada. – Aquela jovem tem tudo à sua maneira.

A cozinheira ergueu os olhos da massa que estava a enrolar.

– Não devias falar da família assim, Lil. Não é respeitoso.

– Eu respeito aqueles que merecem – replicou Lil, fungando. – Miss Susannah é uma sirigaita mimada e Angel vale dez dela.

Angel percebeu que estava prestes a rebentar uma discussão acalorada e ergueu a mão.

– Seja o que for que penses da família, lembra-te de que estamos agradecidas a Sir Adolphus e a Mistress Devane por nos receberem, Lil. Em todo o caso, Miss Susannah aprecia muito os teus bolos e está sempre a elogiar o talento culinário de Mistress Jones.

– Então, Lumpy Lil – disse a cozinheira, apontando-lhe o rolo da massa. – Talvez devas pensar antes de falar.

– É Miss Heavitree para ti, Eudora Jones. – Lil acrescentou uma flor de pasta de açúcar ao último bolo minúsculo e recuou, admirando o seu trabalho. – Poderia ser pasteleira se tivesse tido oportunidade de aprender.

– Na verdade, poderias – concordou Angel, sorrindo. – Sabes onde está a Dolly? Talvez precise da ajuda dela com as flores, pois estou a ficar atrasada.

– Que palavreado. – Lil sacudiu a cabeça. – Dir-se-ia que é a Rainha que vem tomar chá.

Angel afastou-a da cozinha. A cozinheira e Lil estavam constantemente em desacordo, mas suspeitava que elas gostavam bastante das suas brigas, e Dolly mantinha-se sabiamente fora do caminho quando as duas estavam a trabalhar na cozinha. Lil não tinha deveres especiais em Grantley. Ajudava onde era necessária e Angel sabia que a tia Eloise a teria despedido há anos se não fosse por Sir Adolphus. Ele tinha um fraquinho por Lil e disse em mais de uma ocasião que, se ela fosse um homem, a teria recebido com todo o gosto no seu regimento.

Mas Lil possuía um dom especial que lhe garantia uma posição permanente na casa: tinha muito jeito para lidar com animais e um conhecimento de remédios de ervas capazes de aliviar o sofrimento de um cavalo coxo ou de curar um cão doente. Passava muito do seu tempo nos estábulos e *Caesar* era o seu preferido. Era velho de mais para prestar serviço ativo e Sir Adolphus teve de o deixar para trás com relutância quando voltou ao dever na África do Sul. O cavalo tinha deixado de comer após a partida do patrão e Lil foi a única capaz de o convencer. Dormiu no seu estábulo durante várias noites enquanto ele estava à beira do colapso, cuidando dele e falando-lhe com tanta ternura que os olhos de Angel se enchiam de lágrimas. Lil podia não ser bonita, e por fora era agressiva e mal-humorada, mas tinha um grande coração, como Angel tão bem sabia. Fora Lil que se tornara a sua mãe substituta desde aquela manhã gelada de Natal, quando o tio Joseph pagara a fiança e a libertara da custódia policial. Lil era a sua amiga e confidente, e a única pessoa em quem sabia que podia confiar.

Angel encontrou Dolly na lavandaria, a ajudar Meg a dobrar os lençóis recém-engomados. Meg Potter era uma rapariga da aldeia que começara como criada de copa e subira à posição de camareira sob a égide de Mrs. Kerslake. Mas os tempos haviam mudado, assim como o destino de Grantley. Mrs. Kerslake tinha-se reformado para ir morar em Hampshire com o irmão e Miss Langdon, a criada pessoal de Mrs. Devane, encontrara emprego em outro lugar. Meg agora fazia o trabalho da camareira e da criada. Também Dolly começara por ser criada de copa, mas era rápida, disposta a ajudar, e fora promovida a criada de quarto. Angel tinha a certeza de que a sua amiga poderia fazer ainda melhor e, durante o último ano, tinha-a encorajado a aperfeiçoar as suas capacidades para que pudesse subir à vertiginosa posição de criada da patroa.

Nos seus tempos livres, elas estudaram as ilustrações de moda do *Young Ladies' Journal*, do *Ladies' Companion* e da *Queen*, e Dolly praticava os seus dotes de cabeleireira em Angel, com vários graus de sucesso. Susannah ria dos seus esforços, mas não tardou a requisitar a ajuda de Dolly quando se tratava de consertar a renda da sua anágua ou de cerzir as suas meias de seda cara. Sir Adolphus dava a Susannah uma generosa mesada para comprar roupa, mas ela depressa a gastava e depois era obrigada a fazer economias. Angel não possuía esse luxo e tinha de contar com a caridade de Mrs. Devane e os restos de Susannah, mas, mesmo assim, estava melhor vestida do que nunca, desde que deixara a Spital Square. Não perdia tempo a lamentar-se com o que poderia ter sido ou a invejar a boa sorte de Susannah. O breve tempo que passara na casa de trabalho e na venda de flores nas ruas já lhe mostrara um modo de vida duro e brutal e, embora soubesse que nunca seria

considerada parte da família, sentia-se agradecida a Sir Adolphus por lhe dar uma segunda oportunidade.

Com a ajuda de Dolly, Angel completou os arranjos de flores a tempo da chegada dos Westwood e Susannah esperou até os convidados aparecerem para fazer uma entrada em grande. Desceu a escada, uma visão em seda creme e renda, com uma rosa de chá presa no vestido.

– Blanche, que bom voltar a ver-te. – Susannah beijou a amiga na face, mas o seu olhar estava focado no jovem oficial do exército que se encontrava atrás de sua irmã. – E a Rupert também. Que gentileza ter reservado uma parte da sua licença conquistada a pulso para nos visitar em Grantley.

Rupert Westwood era mais simpático do que bonito, tinha uma estatura média, mas a boca de lábios grossos e os olhos cinzentos bem-humorados tornavam-no instantaneamente agradável. Curvou-se sobre a mão dela.

– É sempre um prazer vê-la, Susannah.

– Obrigada pelo convite – disse Blanche docemente. – Tivemos uma viagem tão agradável de carruagem que até parece uma pena entrar em casa.

O sorriso de Susannah desapareceu, mas ela recuperou rapidamente.

– Sim, claro. Achei que poderíamos tomar chá no relvado. – Enviou um apelo silencioso de ajuda a Angel. – Mas primeiro vem até à sala de estar tomar um copo de limonada. Angel, minha querida, podes ter a gentileza de verificar se a mesa foi colocada à sombra? – soltou uma gargalhada. – Não se pode confiar que a criadagem use o pouco senso comum de que dispõe.

– Absolutamente verdade – concordou Blanche, enfiando a pequena mão no braço de Susannah. – E adoraria um copo de limonada. Está muito calor lá fora.

– Posso ajudar? – Rupert virou-se para Angel, que estava prestes a esquivar-se para fazer com que uma mesa e cadeiras fossem instaladas lá fora.

– Não será necessário – opôs-se Susannah bruscamente. – Deve juntar-se a nós na sala de estar, Rupert. Quero ouvir tudo sobre as suas experiências no Cabo.

– Não foram férias, Susannah. – O seu sorriso desapareceu e os olhos escureceram. – Há algumas coisas sobre as quais é preferível não falar.

Susannah limitou-se a encolher os ombros e seguiu em frente, dedicando a atenção a Blanche, mas Angel não podia simplesmente afastar-se e deixar Rupert com as suas memórias dolorosas.

– É quase impossível para nós colocarmo-nos na sua posição – disse suavemente.

– Não desejaria que fosse de outra forma. – Ofereceu-lhe o braço. – Vamos juntar-nos à minha irmã e a Susannah?

Ela abanou a cabeça.

– Entrarei daqui a um momento, mas tenho de verificar que tudo está em ordem no jardim.

– Não é uma criada.

– Não, capitão Westwood, mas sinto-me muito feliz em ajudar quando necessário. – Angel correu para a cozinha, deixando-o em pé no *hall* de entrada. Havia coisas mais importantes a serem feitas e ele estava familiarizado com a disposição da casa. Poderia encontrar o seu próprio caminho para a sala de estar.

* * *

Uma mesa de chá e quatro cadeiras foram trazidas da casa e colocadas à sombra de um olmo alto e Dolly movia-se apressadamente, estendendo uma toalha e trazendo guardanapos e talheres. Uma

chaleira de prata foi trazida da sala de jantar, bem como o melhor serviço de chá em prata.

Angel sabia que Susannah estava desesperada por causar uma boa impressão a Rupert, já que esta era apenas a sua segunda visita à casa. Deu o seu melhor para deixar a mesa perfeita, antes de se juntar a eles na sala de estar.

Susannah levantou o olhar interrogativamente.

– Está tudo bem, Angel?

– Perfeito – respondeu Angel com um sorriso.

– Então vamos lá para fora e aproveitar o sol. – Susannah levantou-se graciosamente do sofá, estendendo a mão para Rupert, que correu para o lado dela como um cachorrinho bem treinado.

– Espero que haja muita sombra – Blanche seguiu-os até ao jardim. – A minha pele é tão sensível que me queimo facilmente e as sardas são tão inconvenientes. – Olhou de relance para Dolly, que estava em pé ao lado da mesa.

Angel sabia que Dolly era sensível à aspersão de sardas no nariz e nas faces, mas crescera e transformara-se numa bela mulher, embora ainda estivesse convencida de que era de uma enorme simplicidade.

– Sandes de pepino – sussurrou Angel. – Vamos tê-las agora, acho, Dolly. – Angel observou a amiga a regressar a correr à casa e viu pela posição dos ombros de Dolly que ela tinha ouvido o comentário indelicado de Blanche. Poderia ter perturbado a jovem imbecil, mas conseguiu manter um sorriso no rosto enquanto se sentava à mesa. Disfarçou o aborrecimento, ocupando-se do chá, deixando que Susannah enchesse as chávenas e as passasse aos seus convidados como a perfeita anfitriã.

Angel permaneceu em silêncio e Rupert falou pouco, embora, para ser justo com ele, tivesse tido dificuldade em participar na conversa, quando Susannah e Blanche abordaram o assunto da moda e vestidos de baile em particular. Blanche estava a descrever uma peça de roupa que vira numa revista com expressivos movimentos dos braços quando Dolly tentou colocar um prato na mesa e ela agarrou a mão de Dolly, enviando para o ar uma chuva de deliciosas sanduíches de pepino. Elas caíram numa chuva amanteigada e a maioria aterrou no colo de Blanche, que se levantou precipitadamente com um grito agudo.

– Sua idiota estúpida e desajeitada.

Dolly levou as mãos à boca, com os olhos arregalados de horror.

– Eu... eu sinto muito, *miss*.

– Foi um acidente – disse Rupert calmamente. – E a culpa foi tua, Blanche. Se não estivesse a agitar os braços como um moinho de vento, isso nunca teria acontecido.

– Cala-te, Rupert. Não é engraçado, e a culpa foi daquela estúpida rapariga. – Blanche examinou as manchas de gordura na sua saia de seda rosa. – O meu vestido está arruinado.

Susannah ficou aparentemente incapaz de se mover, mas a cor afluiu-lhe ao rosto e apontou um dedo trémulo a Dolly.

– Estás despedida. Faz as malas e sai imediatamente.

Foi a vez de Angel se levantar.

– Não podes fazer isso, Susannah. A Dolly não teve culpa.

Rupert puxou o braço da irmã.

– Senta-te e para de dar espetáculo, Blanche. Tenho a certeza de que as manchas sairão na lavagem. Não podes permitir que essa pobre rapariga perca o emprego por causa de um acidente.

Blanche afundou-se na cadeira e rompeu em lágrimas.

– Não quero saber dela.

– Bem, eu quero. – Rupert virou-se para Susannah. – Peço desculpas pela explosão da minha irmã.

Não deve permitir que o histerismo dela influencie a sua decisão. Foi um acidente.

Angel colocou o braço em volta dos ombros de Dolly.

– Não chores, querida. Tenho a certeza de que tudo foi dito no calor do momento. – Fixou Susannah com um olhar duro. – Por favor, diz-lhe que não era essa a tua intenção.

Os lábios de Susannah tremeram e assentiu.

– Suponho que sim, mas, na verdade, lamento muito quanto ao teu lindo vestido, Blanche.

Blanche revolveu a bolsa e tirou um lenço.

– Penso que gostaria de ir para casa – enxugou os olhos e assoou o nariz.

– Não sejas ridícula, Blanche – disse Rupert, irritado.

– Quero ir para casa. Vou sozinha se quiseses ficar aqui, mas preciso de mudar de roupa.

– Sinto muito, Susannah. – Rupert suspirou e abanou a cabeça. – Blanche está a ser extremamente infantil quanto a um pequeno nada.

– Ainda bem que foi um nada. Se não teria sido uma verdadeira bagunça. – As palavras saíram-lhe dos lábios antes que Angel pudesse conter-se. Olhou ansiosamente para Blanche, que a fitava boquiaberta, mas Rupert atirou a cabeça para trás e riu.

– É exatamente isso, Angel. Você percebeu bem a importância da estupidez. – Virou-se para Blanche e o riso desapareceu dos seus olhos. – Vamos lá, Blanche. Fica para o chá e depois levo-te a casa. Raios, compro-te um vestido novo se esse ficar arruinado.

– Cuidado com a língua, Rupert – retorquiu Blanche irritada. – Estás entre damas, e não entre os teus soldados comuns. – Fez beicinho, mas sentou-se.

– Se Blanche pode perdoar a Dolly, então decerto também podes, Susannah? – Angel agarrou Dolly, sentindo que ela estava prestes a fugir.

Susannah levantou as mãos.

– Oh, está bem. Podes ficar, rapariga, mas tem mais cuidado ao trazer um prato fresco de sandes, e deves agradecer ao capitão Westwood pela sua clemência.

Sorriu a Rupert e pestanejou.

– É um homem justo, Rupert.

Dolly fez uma reverência.

– Obrigada, *sir*. Obrigada, Miss Susannah. – Recuou, virou-se e correu pelo relvado, com as madeixas a escapar por baixo da touca.

– A rapariga não tem elegância – comentou Susannah desdenhosamente. – Mantemo-la porque o tio Adolphus insistiu, caso contrário há muito que a teríamos mandado fazer as malas. – Olhou para Angel com uma expressão de desafio.

– Estava a falar sobre o baile em Westwood antes do acidente – disse Angel, recusando-se a aceitar o subtil desafio de Susannah. – Quando será?

Rupert puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela.

– Foi uma jogada de mestre – sussurrou. – Desviou bem a conversa. É uma estratega nata, Angel.

Angel voltou a sentar-se e sorriu. Susannah e Blanche iniciaram uma animada discussão sobre o próximo baile e o contratempo de Dolly parecia ter sido esquecido.

O resto da visita correu razoavelmente bem. Os delicados bolos de Lil foram apreciados e uma mensagem foi enviada para a cozinha, elogiando a cozinheira, e Dolly conseguiu passar a tarde sem mais acidentes.

Quando chegou a hora de os Westwood partirem, Blanche e Susannah comportaram-se novamente como as melhores amigas e, quando Dolly entregou a Rupert o seu chapéu e a bengala, ele inclinou-se para sussurrar algo ao seu ouvido. As faces de Dolly ruborizaram-se e ela sorriu timidamente.

– Obrigada, *sir*.

Angel esperou até que a carruagem dos Westwood se afastasse antes de enfrentar Dolly.

– O que te disse ele para que corasses?

– Disse que esperava que eu não estivesse muito irritada e que não tive culpa. Ele é um cavalheiro encantador e muito bonito também.

Angel olhou para ela desanimada.

– Não tenhas ideias, Dolly. É um cavalheiro dos pés à cabeça, mas não é para ti.

Dolly sacudiu a cabeça.

– Não vejo porque é tão impossível. Sou tão boa quanto ele e uma visão melhor do que a irmã dele, se me perguntares. Porque não deveria uma rapariga como eu subir no mundo? Ele gosta de mim, Angel. Tratou-me como uma dama. – Dolly escapou-se a correr na direção dos aposentos dos criados.

Angel observou-a com um peso no coração. Podia ver problemas intermináveis a surgir no futuro.

Capítulo Oito

Rupert Westwood vinha todos os dias a cavalo de Westwood Hall. Às vezes Blanche acompanhava-o, mas ela preferia um passeio de carruagem elegante, enquanto o irmão gostava de exercitar o cavalo e manter os dois em boa forma física. Ele gozava apenas uma breve licença, mas os pormenores nunca eram discutidos na frente de Angel e Susannah não estava ciente disso ou optara por parar de pensar nisso. Estava convencida de que Rupert se apaixonara por ela e nada do que Angel pudesse dizer a arrancaria ao seu estado de euforia. A sua conversa recorrente incidia no baile iminente em Westwood Hall e no facto de que Rupert já a havia reivindicado para a primeira dança. Esperava de alma e coração que ele se propusesse e já havia decidido onde gostaria de passar a lua de mel.

Angel gostava bastante do capitão Westwood, mas desconfiava dos motivos das suas frequentes visitas. Primeiro, aceitou a suposição de Susannah de que o galante capitão aparecia para a ver só a ela, mas um encontro casual numa tarde quente do início de agosto desfizera essa ilusão. Angel estivera no jardim murado a colher lavanda e a prepará-la para secar para uso nos longos meses de inverno quando ouviu vozes. Reconhecendo a voz despreocupada de Dolly, abriu o portão e voltou a fechá-lo. Encostou-se à parede, chocada com a visão de Dolly e Rupert Westwood envolvidos num abraço carinhoso. Estavam de pé à sombra do carvalho, fora da vista da casa principal, mas claramente visíveis do jardim murado.

Dolly tentara negar a evidência quando Angel a confrontou mais tarde naquele dia, mas era óbvio que estava a mentir e, por fim, teve de admitir que se apaixonara pelo capitão Westwood e que ele havia correspondido ao sentimento. Angel tentara convencê-la de que aquilo só poderia acabar mal, mas Dolly ficara mal-humorada e obstinada, recusando-se a escutar a voz da razão. Angel só podia esperar que o entusiasmo passasse, que Rupert ponderasse nas dificuldades que tal relacionamento criaria para os dois e percebesse que Susannah estava a ser usada de uma forma cruel. Não conseguindo convencer Dolly, Angel decidiu que teria de confrontar Rupert. Faltavam apenas dois dias para o baile e Susannah vivia na feliz ignorância da existência dupla a que Rupert se entregava.

Ele chegou, como de costume, logo após o almoço, mas Angel estava à espera dele do lado de fora dos estábulos. Ele desmontou, atirando as rédeas a um cavaleiro que se apressou a agarrar o cavalo.

– Angel, trata-se de uma surpresa agradável? Como não está vestida para montar, devo assumir que veio encontrar-se comigo?

Ela não devolveu o seu sorriso amistoso.

– Sim, vim.

– Aconteceu alguma coisa? – Rupert tirou o chapéu e enfiou-o debaixo do braço. – Susannah está indisposta?

Angel olhou por cima do ombro.

– Não podemos falar aqui. Quer caminhar um pouco comigo?

– Claro. Ficaria feliz por desfrutar da sua companhia durante algum tempo. Espero que não sinta que a tenho negligenciado.

– Não, porque haveria de sentir? Vem até aqui visitar a Susannah, não é? – Angel começou a dirigir-se ao jardim ornamental e ele acertou o passo com o dela.

– Sim, mas também fico feliz com a sua presença.

Angel parou fora da vista da janela do quarto de Susannah. Uma magnólia alta subia pela parede da casa, com os seus enormes botões de cor creme espalhando pétalas semelhantes a pires no caminho de cascalho.

– Vi-o a beijar a Dolly. Ela está apaixonada por si, Rupert, e você não está a ser justo para com ela ou para com a Susannah.

Ele recuou como se ela o tivesse esbofeteado e baixou os olhos.

– Eu sei, Angel. Não posso negá-lo e isso tem-me atormentado.

– Então faça alguma coisa ou quebrará o coração às duas.

– O que posso fazer? Estava genuinamente atraído por Susannah. Quem não estaria? Ela é linda e inteligente e vem de uma família que pode traçar a sua linhagem até Guilherme, *o Conquistador*, mas Dolly é um original. É terna, simples e faz-me rir.

– Ela veio de uma família pobre e foi forçada a viver nas ruas até que eu a trouxe para cá, mas estou de acordo consigo em todos os outros aspetos, e gosto da Dolly como se fosse minha irmã; e por isso não posso deixar que a use para seu entretenimento. Vá-se embora e esqueça-a.

Rupert baixou a cabeça.

– Isso não vai acontecer.

– O que quer dizer com isso?

– Tenciono levá-la comigo. Ela sabe disso e está disposta a enfrentar os rigores da vida no acampamento. – Ergueu o rosto e os olhos cinzentos suplicavam a aprovação dela.

– Então pretende que ela viva como uma seguidora de acampamento²⁰. Não quer casar, mas fará dela sua amante, um objeto de desprezo por todos os seus colegas oficiais e amigos por trás das suas costas. – Angel mal conseguia conter a fúria. – E, quando se cansar dela ou decidir casar com uma mulher da sua própria classe, abandonará Dolly para o próximo homem que a aceitar.

– Não, isso não vai acontecer – contestou ele num tom sério. – Prometo-lhe que vou amá-la e cuidar dela.

– Pode julgar que sou ingénua, Rupert, mas fui educada por um casal respeitável e conheço os hábitos da sociedade. Um dia vai sucumbir à pressão da sua família para se casar e produzir um herdeiro para Westwood, e essa mulher não será a sua amante. Poderia colocar a Dolly em quartos alugados em algum lugar oculto, mas ela tornar-se-ia um pária. É melhor deixá-la agora, enquanto ela tem uma hipótese de fazer algo da sua vida.

– Mas eu amo-a realmente, Angel.

– Então prove isso. Diga-lhe a verdade e termine aqui e agora. Ela ficará arrasada, mas é jovem e acabará por esquecê-lo.

– Vai contar isto à Susannah?

Angel pensou um momento e depois sacudiu a cabeça.

– Não, não direi nada se resolver as coisas com a Dolly. Deve ser completamente sincero com ela, e só espero que ela entenda.

– O meu pai quer que eu case com a Susannah – referiu Rupert com tristeza. – Admiro-a muito, mas a ideia de casar sem amor é repugnante.

– Isso é algo que só você pode decidir. A Susannah é uma boa pessoa e gosto muito dela. Seria uma esposa dedicada e todos aprovariam o enlace, mas a escolha é sua. – Angel fitou o seu olhar torturado com uma tentativa de sorrir. – Sei que escolherá o caminho certo, Rupert. – Afastou-se, preparando-se para uma discussão tempestuosa com Dolly no final do dia.

Mas tudo continuou como antes. Dolly mostrava um olhar sonhador e quase ausente do que a rodeava e Susannah passou a tarde na companhia de Rupert sem nenhum sinal exterior de tristeza. Era óbvio que ele ou havia ignorado o aviso de Angel ou concedera tempo a si mesmo para pensar como informaria Dolly de que o breve caso deles tinha acabado. De qualquer maneira, Angel passou uma noite de insónia e um dia stressante antes do baile.

Rupert não fez a visita habitual, mas nem Susannah nem Dolly pareciam perturbadas ou preocupadas com a sua ausência. Susannah estava demasiado ocupada a escolher o leque que levaria ao baile e a pensar se usaria uma tiara ou flores de seda no cabelo e Dolly continuava a cantar a plenos pulmões, até que Lil a mandou calar e Cook ameaçou lançar-lhe um balde de água para cima. Nessa altura, Angel estava na cozinha, a discutir o menu para o jantar, devido ao prolongamento da enxaqueca de Eloise, que a mantivera num quarto às escuras por mais um dia. Deveria ter sido Susannah a assumir o comando quando a mãe estava incapacitada, mas Susannah não se interessava pelo funcionamento da casa e, como sempre, foi Angel quem tomou as rédeas.

Deixou a criadagem a discutir o baile, sendo os preparativos para o jantar uma preocupação secundária, e estava prestes a subir para ver como se sentia Eloise quando um clamor do lado de fora antecedeu o ruído das rodas da carruagem. Angel correu a abrir a porta e o seu coração bateu desconfortavelmente contra o espartilho ao ver Hector, bonito como sempre no seu uniforme, quando desmontou do cavalo. *Thor* e *Juno* apareceram do nada, movendo-se o mais rapidamente que os seus ossos envelhecidos permitiam, e saudaram-no com entusiasmo. Toby inclinou-se para fora da janela da carruagem, gritando e acenando para Angel, com Humphrey olhando por cima do seu ombro. Quase caíram do veículo quando ele parou e Humphrey correu para abraçá-la. Aos quinze anos, crescera muito, tendo perdido a jovialidade de criança, mas ainda possuía o entusiasmo ilimitado pela vida que lhe causara uns arranhões na escola. Por outro lado, Toby tornara-se um jovem com boa aparência, que estava no terceiro ano em Oxford, a estudar Direito, o que sempre fazia rir Susannah. Ela provocara-o quando ele anunciara a sua opção de carreira, chamando-lhe o larápio que se tornara guarda-caça, referindo-se ao facto de que também ele estivera sempre em apuros na escola, e estava constantemente a ser apanhado a pregar partidas que muitas vezes davam para o torto.

Humphrey soltou Angel, mas Toby tomou o seu lugar, dando-lhe um abraço que a levantou do chão. Hector sorriu e entrou.

– Ele foi sempre um insensível – acusou Toby, enraivecido. – Não consegues melhor do que isso, Hector? Ou agora és demasiado crescido?

Hector parou na ombreira da porta.

– Angel sabe que estou feliz por vê-la. Grantley não seria o mesmo sem ela.

– Presumo que isso será o bastante. – Toby passou o braço à volta da cintura de Angel e entraram juntos na casa. – Lar, doce lar. Onde está a mamã? Julguei que o barulho a teria feito vir a correr.

– Receio que não se sinta bem hoje – apressou-se Angel a justificar. – Está com uma das suas crises de enxaqueca, mas espero que esteja recuperada para jantar connosco.

Humphrey olhou para cima quando Eloise apareceu no patamar, parecendo spectral com o seu volumoso xaile branco.

– Mamã, a Angel disse que não se sente bem. Devia estar na cama. – Precipitou-se pelas escadas para abraçar a mãe, fazendo-a parecer mais pequena.

– Humpty, crescestes uns centímetros desde o ano passado. – Eloise sorriu-lhe e um pouco de cor tingiu-lhe as faces. – Que bom ver-te. Não esperava nenhum de vocês antes de uma semana. Julguei que estariam a divertir-se em Londres.

– Estávamos com pouco dinheiro, mamã – respondeu Toby com tristeza. – E tínhamos obviamente saudades tuas.

Hector atravessou a sala e ficou ao fundo da escada com os cães junto aos calcanhares.

– Apanhei-os junto a Naked Boy Court, mamã. Vinha a caminho de casa e sabia que gostaria de ver os seus filhos.

– E é uma bela surpresa, querido. – Eloise fez um sinal a Angel. – Ajudas-me a vestir? Dei o dia de folga a Meg para que fosse visitar a sua mãe doente, mas agora gostaria de não ter sido tão generosa.

– Claro. – Angel sentiu-se tentada a sugerir Dolly, mas sabia que a tia Eloise gostava que as coisas fossem feitas de uma certa maneira e, embora Meg não tivesse nenhum treino formal como criada de uma dama, estava habituada às manias de Mrs. Devane.

Hector afastou-se para dar passagem a Angel e ela sentiu o calor do seu corpo e o odor familiar a sabão de sela, cabedal e ar fresco que se agarrava ao seu uniforme. Ele brindou-a com um sorriso encorajador.

– O que faríamos sem ti, Angel?

Era o tipo de elogio que poderia ter feito a uma criada de confiança, mas ainda assim isso ruborizou as faces de Angel e correspondeu com um esboço de sorriso enquanto se apressava a subir as escadas.

– Encontramo-nos na sala de estar daqui a meia hora – disse Eloise com firmeza. – E leva esses cães daqui, Hector. Os estábulos são aonde eles pertencem. Já é suficientemente mau tê-los em casa quando o Adolphus está. – Rodou sobre os calcanhares e encaminhou-se para o quarto, deixando atrás de si uma onda de perfume de rosas e violetas.

Angel estava habituada aos pequenos nadas da tia Eloise e às suas depressões. Criara simpatia pela sua tia adotiva e estava acostumada aos seus humores. Vesti-la demorou um pouco, mas, por fim, Eloise estava pronta para descer e Angel seguiu-a a uma distância discreta. Aprendera a manter o delicado equilíbrio de não ser criada nem membro da família. A vida era mais fácil quando Sir Adolphus estava em casa, mas Hector disse que o regresso do tio estava longe de ser iminente. Quando interrogado mais insistentemente, Hector contou-lhes que a agitação no reino zulu iria provavelmente transformar-se em guerra aberta e ele regressaria ao cumprimento do dever muito em breve.

Angel ficou arrasada com a notícia, mas teve de esconder as suas emoções ou arriscar ser impiedosamente espicada por Toby. Suspeitava que Humphrey, que havia sido uma vítima de *bullying* em criança, seria mais compreensivo, mas uma coisa era certa, o desagrado que suportaria da tia Eloise se achasse que o querido e adorado Hector poderia simpatizar com uma enjeitada. Ele

tomara sempre o partido de Angel durante as discussões quando eles eram mais jovens, mas nunca lhe deu motivos para acreditar que lhe devotava mais do que um afeto fraternal. O segredo que ela mantinha perto do coração, como o anel que a sua mãe deixara com ela, não era para ser partilhado de ânimo leve.

Angel sentou-se ligeiramente afastada do grupo familiar, como sempre, distanciando-se, mas pronta a participar, quando alguém se lembrava da presença dela. Susannah juntou-se-lhes e ficou ligeiramente satisfeita por ver os irmãos, mas não tardou a desviar a conversa para si mesma e para o próximo baile no Westwood Hall.

– Vai ser uma ocasião fantástica – disse com entusiasmo. – Deves vir, Hector. Vestido obviamente com a farda, porque te torna atraente. Lembras-te da Blanche, certo?

Hector encolheu os ombros.

– Parecia bastante simpática.

– Simpática? – Susannah trocou olhares maliciosos com a mãe. – Blanche é encantadora e muito terna, na maioria das vezes. Também é uma herdeira. Não seria uma má escolha, Hector.

– Obrigado, Sukey, escolherei a minha própria noiva, se não te importares.

– Não me chames Sukey. Só há muito pouco tempo consegui que Angel deixasse de usar esse nome estúpido e infantil.

Toby piscou o olho a Angel e Humphrey deu uma palmada no joelho.

– Ótimo, Angel. Mantém a Susie no lugar dela, é o que te digo.

Susannah sacudiu a cabeça.

– Ainda és um pirralho, Humpty Dumpty²¹.

Humphrey abriu a boca para retaliar, mas a mãe levou a mão à testa com uma expressão de dor.

– Parem com isso. Acabei de me recompor de uma terrível enxaqueca e vocês estão a trazê-la de volta.

– Desculpe, mamã. – Susannah deitou a língua de fora a Humphrey, mas ele lançou um olhar preocupado à mãe e acalmou-se.

– Desculpe, mamã – pediu humildemente.

– De qualquer forma – prosseguiu Susannah, triunfante –, e voltando às coisas importantes da vida, deves ir ao baile, Hector. Também poderias vir, Toby, se prometeres comportar-te.

Toby levantou-se e espreguiçou-se, abafando um bocejo.

– Não consigo pensar em nada mais aborrecido. Preferiria andar a caçar coelhos para a panela ou pescar, obrigado.

Angel estava sentada tranquilamente perto da janela, ouvindo a conversa tão remanescente dos seus primeiros dias em Grantley, mas percebeu que Hector lhe analisava o rosto com uma expressão pensativa nos olhos escuros.

– Vais ao baile, Angel?

– Sim, na verdade, vou.

Ele assentiu.

– Então parece que é meu dever acompanhá-las.

– Realmente, Hector? – Susannah olhou-o, surpreendida. – Falaste a sério?

– Acabei de o dizer, não foi?

– Então *estás* interessado na Blanche. Sabia que ficarias quando eu mencionasse o facto de que ela é um ótimo partido.

Um sorriso desenhou-se-lhe nos lábios e os olhos adquiriram um brilho dourado.

– Julguei que fosse a tua reivindicação de fama, Susannah.

Angel levantou-se rapidamente. Percebeu que a conversa se transformaria em discussão e não queria que Hector mudasse de ideias.

– Bem, acho que é muito galante da tua parte escoltar-nos, Hector. Não estava com muito interesse no baile, mas agora estou.

– Bem, estás, não estás? – disse Susannah, impiedosamente.

– E por que motivo? – perguntou Hector.

Eloise levantou-se majestosamente.

– Não estragues o regresso dos rapazes, Susannah. Deves comportar-te como uma jovem senhora, e as jovens senhoras não brigam com os irmãos. Vou descansar antes do almoço. Angel, quero que vás à cozinha e digas à Cook que temos três bocas extras para alimentar.

– Quatro, a contar com o Humpty Dumpty, que pode comer por dois – disse Toby, a rir.

– Vou já fazer isso.

Angel saiu apressadamente da sala. Estava acostumada aos lapsos de Susannah quando o ressentimento borbulhava à superfície. Sempre tinha havido ciúmes da sua parte desde que Sir Adolphus trouxera Angel para Grantley, e compreendia que assim fosse. Até à chegada dela, Susannah era a única filha mimada e, de repente, esperava-se que compartilhasse tudo com uma total desconhecida. Angel estava habituada a fazer-lhe concessões, e sabia que sob a superfície espinhosa, Susannah era uma jovem com bom coração. Talvez crescer com três irmãos a tivesse feito competir pelo afeto da mãe, mas, independentemente do motivo da reação de Susannah, o seu mau humor nunca durava muito. Iria arrepender-se, pedir desculpas e dar a Angel uma bugiganga do seu guarda-joias, ou um lenço de renda, e ficariam novamente amigas.

Angel dirigiu-se lentamente à cozinha. Tencionara usar o seu vestido de musselina no baile, que era bastante bonito, mas em nada se assemelhava à criação elegante de Susannah, feita especialmente para uma ocasião tão grandiosa. A decisão de Hector causara um torvelinho nos planos de Angel e o facto de não possuir algo mais adequado para vestir tornou-se subitamente um problema. Iria ao baile, parecendo Cinderela antes que a fada madrinha tivesse usado a sua varinha mágica. Mas suspeitava que Hector não teria olhos para mais ninguém senão para Blanche, e tinha de admitir que Blanche era muito bonita, além de ser muito rica e bem relacionada. Angel suspirou e foi até à cozinha para dar a notícia de que três bocas com saudáveis apetites se lhes juntariam para o almoço. A cozinheira Cook devia arranjar mais comida ou Toby e Humpty passariam fome.

– O que tens, menina? – perguntou Lil quando Angel entrou na cozinha. – Não respondas «nada», porque não vou acreditar.

– Parece um pouco em baixo – acrescentou Cook, olhando para Angel com curiosidade.

– Estou perfeitamente bem, obrigada, mas talvez não seja o seu caso quando lhe disser que os meninos estão em casa, e por quanto tempo não sei. Haverá mais três para o almoço.

Cook levantou as mãos.

– Sabia que a paz e a tranquilidade não durariam. Vão acabar com tudo o que temos em casa.

Lil arregaçou as mangas.

– Vou descascar mais batatas, Eudora. – Fitou Angel com um olhar interrogativo. – Suponho que Mister Hector também está em casa?

– Sim, está de licença por um tempo. De qualquer forma, não vamos estar no jantar amanhã. Ele vai acompanhar-nos ao baile, então só terás de alimentar Toby e Humphrey.

– Então é isso. – Lil puxou Angel para o lado quando Cook entrou na despensa. – Ele aborreceu-te? Esfolo-o vivo, mesmo sendo um homem adulto.

– Não, Lil. Entendeste tudo mal.

– Então, o que é? Conheço-te, Angel. Há algo que te incomoda.

– É realmente uma parvoíce. Não deveria ser tão vaidosa, mas acabei de perceber que o meu vestido vai parecer antiquado e sem graça comparado com o das outras jovens senhoras.

– E Miss Susannah estará toda aperaltada e o meu anjinho parecerá um pardal comum ou de jardim – explodiu Lil, furiosa. – Não aceito isso. Temos o resto de hoje e a noite toda, se necessário. Veremos o que podemos fazer. Dolly, onde paras, rapariga? És precisa aqui. Tenho outras coisas para fazer.

Dolly enfiou a cabeça pela porta.

– Estou ocupada, Lil. Não pode esperar?

– Queres que a Angel vá para o baile com ar de mono? O capitão Hector veio a casa.

Angel encarou o olhar curioso de Cook com uma tentativa de sorriso.

– Não é só por Hector nos acompanhar ao baile... é só que...

– Não precisas de explicar – concluiu Dolly, apressadamente. – Todos nós entendemos, não é, Cook?

Eudora assentiu e um sorriso lento espalhou-se no seu rosto rechonchudo.

– Acho que sim, Dolly. Ajeito-me bem com a minha agulha.

– Não precisam dar-se a todo esse trabalho. – Angel olhava de um rosto ansioso para o outro. – Posso pregar algumas fitas no meu vestido ou algo assim.

– Tontice! – Lil franziu o lábio. – Há, pelo menos, dois anos que tens aquele vestido de musselina, e todas as outras jovens estarão vestidas com as últimas modas. Não vou deixar que a minha menina vá ao baile com o ar de uma parente pobre.

– Mas é isso que eu sou – lembrou Angel, rindo. – Quem vai olhar para mim?

– O capitão Hector, para começar. – Dolly piscou o olho a Lil. – De certeza que podemos pôr-te apresentável.

– Temos uma ou duas horas entre a limpeza após o almoço e a preparação do jantar – disse Lil firmemente. – Quem quiser ajudar pode ir ter comigo à sala de costura às três horas. Estarás lá, Angel, diga lá o que a sua senhoria disser. Compreendido?

– Sim, Lil – respondeu Angel, humildemente. Era inútil contrariar Lil quando se lhe metia uma ideia na cabeça.

* * *

O almoço foi uma refeição animada com Toby e Humphrey a tagarelar sem parar sobre as suas experiências na universidade e na Rugby School²². Humphrey anunciou orgulhosamente que havia vencido os valentões, transformando-se no palhaço e mantendo os colegas de turma entretidos com histórias e definições cómicas dos professores.

– Acho que posso vir a ser ator, mamã – disse e provocou o riso na família.

– Não digas essas coisas, Humphrey. – Eloise fitou-o horrorizada. – A tua educação está a custar uma pequena fortuna ao meu irmão, e ele esperará que consigas algo melhor do que tornares-te um

humorista.

– Ele está outra vez a brincar, mamã. – Toby atirou uma bolinha de pão ao irmão, mas um olhar de Eloise impediu Humphrey de retaliar.

– Uns tempos no exército fariam bem aos dois – observou Hector casualmente. – Não te preocupes, mamã. Humphrey tem um sentido de humor distorcido.

– Pelo menos, tenho um – respondeu Humphrey. – Tu estás sempre tão sério, Hector. Alguma vez te permitiste relaxar e dar umas boas risadas?

– Interrogo-me sobre se o Rupert nos visitará esta tarde – disse Susannah, aparentemente alheia à discussão entre os irmãos. – Deves conhecê-lo, Hector. Ele está no mesmo regimento que tu.

– Mas num batalhão diferente, Sukey.

Ela encolheu os ombros e sacudiu as madeixas negras encaracoladas.

– Não sei a diferença, é apenas o exército, no que me diz respeito.

– Que sacrilégio, Sukey! – exclamou Toby, com uma gargalhada. – Estragaste o dia a Hector, se não toda a sua licença.

Angel olhou ansiosamente para Hector.

– A África do Sul e a província de Natal estão tão longe daqui que é difícil imaginar como deve ser.

Ele respondeu com um sorriso.

– Isso é verdade e não esperaria que ninguém aqui entendesse, nem desejaria que assim fosse. A guerra, seja em que circunstância for, é horrível e temo que seja inevitável.

– Que afirmação insensata vinda de um homem cuja profissão é lutar e matar – comentou Toby com uma expressão grave.

– Poderias pensar de forma diferente se o inimigo estivesse à nossa porta. De qualquer forma, este não é o tópico mais indicado para discussão numa refeição em família. – Hector esboçou um aceno de cabeça à mãe. – É bom estar em casa, mamã, embora seja por pouco tempo.

– Oh, Hector, não digas isso. Esperava que tivesses algumas semanas para descansar e recuperares forças. Estás muito magro, meu querido filho.

– Tenho a certeza de que uma semana de comida caseira vai remediar isso, mamã. – Hector recostou-se na cadeira. – Esta foi uma refeição excelente. A melhor que comi em semanas. – Ergueu o rosto quando Dolly começou a levantar a mesa e brindou-a com um sorriso deslumbrante.

– Por favor, passe a mensagem à Cook e agradeça-lhe por mim.

Dolly fez uma vénia.

– Sim, *sir*.

– Acho que vou descansar um pouco – disse Eloise, levantando-se da mesa com um suspiro cansado. – Toda esta emoção é de mais para mim.

Hector levantou-se para afastar a cadeira da mãe.

– Não deve esforçar-se muito, mamã.

– Não, querido. Tens razão.

– Vou acompanhá-la ao quarto, mamã. – Susannah levantou-se apressadamente. – Posso dar uma espreitadela ao seu guarda-joias? Tenho de decidir o que usar com o meu vestido de baile.

– Não pensas em mais nada senão em ti, Sukey? – observou Toby, num tom áspero. – Costumavas ser mais divertida.

– Ela costumava puxar-me o cabelo – disse Humphrey sombriamente. – Pelo menos agora deixou de o fazer.

– Irmãos são uma coisa horrível. – Susannah seguiu a mãe para fora da sala, parando para virar a cabeça e fazer uma careta a Toby. – E deixa de me chamares Sukey.

Angel estava prestes a ajudar Dolly a levantar a mesa quando Hector pousou a mão no seu braço.

– Não deverias fazer isso. Não és uma criada.

– São apenas alguns pratos, Hector. Não pretendia fazer nada mais trabalhoso.

Toby já estava junto à porta.

– Quem vem dar uma volta? Que tal, Hector? Esse teu cavalo precisa de exercício.

– Sim, era nisso que estava a pensar. – Hector soltou Angel. – Gostarias de vir também? Está uma tarde linda.

– E eu? – perguntou Humphrey em tom de lamento. – Não conto?

– Claro que sim, Humpty. Vamos todos. – Toby saiu a correr da sala, deixando que a porta se fechasse sozinha.

– Então? – Hector encarou Angel com um olhar interrogativo. – Atreves-te a vir connosco?

Angel olhou para o relógio da lareira. Faltava uma hora para se juntar a Lil na sala de costura, mas um convite para sair a cavalo com Hector era uma honra pela qual ela teria andado descalça por cima de pedaços de vidro partido.

– Sim, atrevo-me, e podes surpreender-te ao descobrir que sou uma amazona bastante boa, Hector.

– Vamos esperar que mudes para o teu traje de equitação e te encontres connosco nos estábulos daqui a quinze minutos. Consegues isso? Ou és como a Susannah e levas horas a preparar-te?

Angel dirigiu-se à porta.

– Encontramo-nos daqui a dez minutos. Onze no máximo.

* * *

Afastaram-se da propriedade num trote tranquilo, passando a galope à medida que se aproximavam da Floresta Epping, e abrandando a passada sob a copa verde e fresca das árvores até emergirem de novo à luz do Sol e à vastidão reluzente do Hollow Pond. Toby e Humphrey instigaram os cavalos a galopar em Leyton Flats, mas Hector andava mais devagar, observando a paisagem com um sorriso apreciativo.

– Vou sentir a falta de tudo isto, Angel. As memórias de casa dão-me força quando estou longe.

– Quando terás de nos deixar? – perguntou Angel, embora já soubesse a resposta. Era visível pela expressão sombria no rosto dele.

²⁰ Seguidor de acampamento é alguém que apoia um grupo ou um partido político, mas não lhe pertence oficialmente. (*N. da T.*)

²¹ Humpty Dumpty é um personagem de uma canção infantil inglesa. É retratado como um ovo personificado, embora não seja explicitamente descrito como tal. (*N. da T.*)

²² A Rugby School, escola localizada na cidade de Rugby, no Reino Unido, é uma das mais antigas escolas públicas na Inglaterra. Foi fundada em 1567 como uma disposição da vontade de Lawrence Sheriff, que fez fortuna a fornecer mantimentos para a rainha Elizabeth I. É uma das nove escolas públicas inglesas e uma das poucas que teriam criado o ideal do cavaleiro vitoriano, bem como a importância das mesmas como campo de treino para o serviço do Império Britânico durante o século XIX. É considerada o berço do desporto com o seu nome. (*N. da T.*)

Capítulo Nove

Angel só se lembrou da promessa feita a Lil quando entregou as rédeas ao cavaleiro. Afastou-se a correr dos estábulos, com as saias do seu traje de montar voando atrás dela como asas, e os caracóis loiros a escapar do chapéu. Ao chegar à sala de costura deparou com Lil, Meg e Dolly a trabalhar. Dolly olhou para cima e sorriu, mas o rosto de Lil parecia esculpido em madeira. Angel sabia que estava em apuros.

– Sinto muito – começou ofegante. – Perdi a noção do tempo e estava um dia muito agradável para um passeio a cavalo.

– Estamos a gastar o nosso tempo a fazer coisas para ti e não te deste ao trabalho de aparecer para a prova – disse Lil, irritada. – Sorte a tua que a Dolly seja mais ou menos da tua altura.

– Oh, não ralhes com ela, Lil. – Dolly cortou uma linha e alisou o tecido. – Eu não recusaria um convite para ir andar a cavalo com o capitão, se fosse a mim que ele pedisse, e se eu soubesse andar a cavalo, o que não sei.

Angel olhou para o vestido de cetim brilhante num tom turquesa também brilhante, embelezado com pequenas contas de cristal e pérolas de semente.

– De onde veio isso? Não é meu.

Meg ergueu os olhos da bainha que estava a coser.

– É um dos da senhora. Há anos que está guardado num baú e duvido que ela se lembre disso. Nós fizemos umas alterações, então não acho que ela o reconheça.

– Já que decidiste juntar-te a nós, é melhor que o proves. – Lil levantou-se do banco de madeira e segurou o vestido, sacudindo-o.

– É lindo. – Angel passou a mão pelos olhos, dominada pela emoção. – Nunca vi nada tão bonito. Brilha como a luz do Sol no lago Hollow Pond.

– Deixa-te de palermices, pateta. Despe a roupa de montar e vamos ver se o vestido te serve. Se não for o caso, perdemos uma tarde inteira. – Lil franziu a testa, mas havia uma nota de orgulho na sua voz. – Não quero que vás a um baile a parecer uma esfregona. Vais ofuscar Miss Susannah ou eu não me chame Lilian Heavitree.

* * *

Na noite do baile, Eloise ainda não estava suficientemente recuperada para ser dama de companhia de Susannah e de Angel, mas, como Hector as levaria, não tinha colocado objeções. Ele esperava-as ao fundo das escadas, deslumbrante como sempre com o seu uniforme de gala. Susannah arrastou a mão enluvada pelo corrimão enquanto descia lentamente, deixando uma nuvem de perfume inebriante atrás dela. O seu vestido, em seda vermelha, estava luxuosamente enfeitado, com renda preta, e a anágua puxada para trás de forma elaborada e uma longa cauda. Angel tinha de estar atenta ou poderia tê-la pisado com consequências desastrosas.

– Pareces uma imperatriz, Sukey – elogiou Hector galantemente, mas o seu sorriso desapareceu e arregalou os olhos quando viu Angel.

– Céus! Quem iria pensar que o patinho que o meu tio trouxe para cá num Natal se tenha transformado num belo cisne?

– Não sejas ridículo, Hector. – Susannah parou, fulminando-o com um olhar de pedra. – É incrível o que um dos velhos vestidos da mamã, cortado pelas mãos inexperientes das criadas da cozinha, pode fazer por uma rapariga das ruas.

As sobancelhas arqueadas de Hector uniram-se num franzir sinistro.

– Isso foi mesquinho até pelos teus padrões, Susannah. Quero que peças desculpa a Angel. Ela parece encantadora e quem quer que tenha alterado o vestido fez maravilhas. Ninguém saberia que não foi feito pela mesma mão que criou o teu adorno teatral.

– Queres insinuar que estou exagerada? – replicou Susannah, enfurecida.

– Surpreende-me que a mamã tenha aprovado algo tão elaborado e colorido, especialmente para uma jovem solteira.

– Não percebo porque devo desculpar-me por parecer elegante – protestou Susannah, fazendo beicinho.

– Não estragues a noite, Sukey. És linda e sabes disso. Tenho a certeza de que Westwood cairá aos teus pés quando te vir.

A tensão entre irmão e irmã foi quebrada pelo aparecimento de Toby, que desceu as escadas a correr, às voltas com o laço.

– Mudei de ideias, Hector, vou ao baile, mas preciso de ajuda. Há meia hora ou mais que estou a lutar com esta maldita coisa.

Susannah bateu com o pé.

– Realmente, Toby, és impossível.

– Chega aqui, seu palhaço. – Hector pousou o chapéu e as luvas sobre uma mesa ao lado enquanto ajeitava o laço do irmão. – Perdeste um botão do colarinho. És mesmo um desastre, meu velho.

– Tenho um sobresselente. – Toby apalpou o bolso do colete de onde tirou um botão. – Ando sempre a perder as coisas, e por isso tenho sempre a mais.

Hector tentou e falhou.

– Vais ter de tirar o laço e começar tudo de novo.

– Deixa-me tentar. – Angel descalçou as luvas. – Lembro-me de ajudar o tio Joseph com os botões do colarinho. Há um jeito a dar, especialmente ao substituir um. Vamos ver se consigo lembrar-me de como fazê-lo. – Em poucos segundos tinha-o colocado. – Aí está, Toby. Não me esqueci.

Susannah deu uma palmadinha com o leque no braço de Toby.

– Despacha-te, vamos atrasar-nos e o baile já terá começado. Porque tens sempre de estragar as coisas?

– Deixa lá, Sukey – comentou Hector agradavelmente. – Sempre gostaste de fazer uma grande entrada. O teu público estará à tua espera.

Ela virou-se, estreitando os olhos.

– Se voltares a chamar-me Sukey uma única vez, esquecer-me-ei que sou uma senhora e arranco-te os olhos.

– Sempre soube que ela tinha garras – comentou Toby, rindo. Agarrou Susannah pela mão e arrastou-a para a porta. – Tenho pena do pobre Westwood se lhe deitares as garras, seu gato

selvagem.

Hector ofereceu o braço a Angel.

– Dá-me o prazer da primeira dança, Miss Winter?

O brilho nos olhos dele era irresistível.

– Terei de verificar o meu cartão, capitão Devane, mas julgo que pode ser providenciado. – Angel ergueu o rosto e sorriu-lhe. Apesar da birra de Susannah, seria uma noite maravilhosa.

* * *

Tochas flamejantes colocadas intervaladamente ao longo do percurso da carruagem mostravam o caminho até à imponente entrada do Westwood Hall. Construído no estilo palladiano, era uma grande casa de campo bem situada num parque aberto. Um lacaios de libré apressou-se a abrir a porta da carruagem e Hector e Toby desceram para ajudar as meninas a descer.

Susannah colocou a mão no braço de Hector, pretendendo visivelmente fazer uma grande entrada, deixando Angel seguir com Toby. O salão espaçoso era iluminado por dezenas de velas e o cheiro de cera de abelha misturava-se com o perfume de lírios brancos, rosas e jasmim. Angel percebeu que as suas tentativas para arranjo de flores se tornavam insignificantes quando comparadas às espetaculares mostras pendentes de recipientes de prata e vasos de vidro lapidado colocadas em todas as superfícies disponíveis. A música fluía do salão de baile e foram recebidos por Sir Eugene Westwood, com Rupert e Blanche ao seu lado.

Susannah não se incomodou a disfarçar o seu aborrecimento quando Hector reivindicou Angel para a primeira dança, mas Angel estava no céu. Os seus pés mal pareciam tocar no chão enquanto a orquestra tocava uma valsa vienense e Hector a segurava nos braços, fazendo-a rodopiar até ficar tonta de prazer. Dançou a quadrilha com Toby e Rupert reivindicou-a para uma polca animada, deixando Susannah a pisar o chão com Sir Eugene.

Quando Angel voltou para a mesa, ficou consternada ao encontrar Blanche sentada ao lado de Hector. Ela conversava animadamente e Hector escutava-a, parecendo arrebatado. Um verme de ciúme rastejou para o coração de Angel e de repente Blanche assumiu a aura de uma vil sedutora – uma sereia que atraía Hector com a sua voz encantadora. Angel respirou fundo e forçou os lábios frios a esboçar um sorriso. Estava a ser ridícula e tinha essa noção. Hector era dono de si próprio e Blanche era bonita e uma herdeira. Tratava-se de um enlace de sonho e ela, Angel Winter, a criança abandonada, não estava na corrida.

– Obrigado, Miss Winter – agradeceu Rupert com uma vénia delicada. – Posso ir buscar-lhe um refresco? Um copo de ponche de fruta, talvez?

Angel deixou-se cair na cadeira ao lado de Blanche.

– Isso seria adorável. Foi uma polca muito animada.

– Foi mesmo. – Ele olhou por cima do ombro enquanto o pai vinha na direção deles com Susannah pelo braço. – Miss Devane, posso trazer-lhe um copo de ponche de fruta?

Angel viu que Susannah ainda estava a ferver de ressentimento, mas esboçou um sorriso doce a Rupert e aceitou a sua oferta. Sir Eugene colocou-a numa cadeira diante de Angel.

– Obrigado, Miss Devane. Lamento ter de a deixar agora e cumprir o meu dever de anfitrião, mas espero que tenha outra dança livre depois do jantar.

– Vou reservar-lhe uma, Sir Eugene. – O sorriso de Susannah desapareceu quando ele se afastou e inclinou-se sobre a mesa, lançando um olhar de advertência a Angel. – Mantém-te longe de Rupert –

sibilou. – Ele não é para ti.

As palavras «não é comigo que tens de te preocupar» pairavam nos lábios de Angel, mas permaneceram silenciadas. Não podia atraiçoar o segredo de Dolly, nem tinha coragem de sufocar as esperanças de Susannah, embora ela estivesse particularmente irritante nessa noite. Angel podia entender esta mostra de antipatia, ainda que fosse dirigido à pessoa errada. O coração de Rupert Westwood já estava perdido, mas para alguém que Susannah teria pensado como o mais improvável recipiente. A verdade ainda seria mais dolorosa do que se as suspeitas de Susannah estivessem corretas. O facto de um homem de uma família tão ilustre estabelecer um relacionamento com uma criada arruinaria o seu bom-nome e seria a destruição para Dolly. Angel estendeu a mão e colocou-a sobre a de Susannah.

– Não precisas preocupar-te comigo. Considero-o muito elegante e encantador, mas é tudo, e foi apenas um cavalheiro ao convidar-me para dançar.

Susannah encolheu os ombros e desviou o olhar.

– Claro que sabia isso.

Hector virou a cabeça.

– Vocês as duas estão novamente a discutir?

– Mete-te na tua vida, Hector – replicou Susannah com um sorriso brilhante. – Estávamos apenas a discutir parceiros de dança. – Fixou o olhar em Blanche. – O meu irmão pisou-te os dedos?

– Isso não é justo. – Blanche corou até à raiz dos cabelos. – Hector é o parceiro perfeito em todos os sentidos.

– Estava a brincar, pateta – reagiu Susannah alegremente. – Claro que Hector é bom em qualquer coisa que opte por fazer. Todos concordamos com isso, não é, Angel?

– Susannah tem um fantástico sentido de humor – reagiu Angel.

– Vais habituar-te à minha irmã a seu tempo, Blanche. – Hector levantou-se quando a orquestra atacou uma mazurca.

– Estás disposta a arriscar que te pisem os dedos, Angel?

Ela pensara que ele ia pedir a Blanche para dançar, mas estava a sorrir e a estender a mão e teria sido impossível recusar. Conseguia sentir os olhos de Blanche a trespassar-lhe as costas ao caminhar para o salão a abarrotar, no entanto, quando a música começou, todos os outros casais pareceram fundir-se no nada. Angel só havia praticado a mazurca uma ou duas vezes, mas, quando Hector lhe pegou na mão, achou fácil seguir os passos e começou a relaxar e a divertir-se. Era uma dança elegante e Hector parecia um especialista. Interrogou-se sobre quantas mulheres haviam sido seus pares no passado e quantos corações havia quebrado, mas isso parecia insignificante – ele pertencia-lhe enquanto a orquestra continuasse a tocar.

Acabou muito cedo e regressaram para junto do grupo. Foi a vez de Blanche brindar Angel com um olhar que teria coalhado leite, o que a reconfortava um pouco. Afinal de contas, se uma dama como Blanche Westwood podia ter ciúmes de uma enjeitada, ainda poderia haver esperança para ela.

Angel aceitou uma taça de ponche de fruta de Rupert e bebeu com avidez. Este podia ser o seu primeiro e último baile e estava determinada a aproveitar cada minuto. Mas quase se sentiu desiludida quando Hector acompanhou Blanche à sala de jantar. Mesas compridas estavam postas com toalhas de damasco branco, onde a loiça de cristal brilhava à luz das velas, e centros de mesa em prata transbordavam de fruta e de flores. Toby puxou uma cadeira para Angel e ela sentou-se ao lado de Rupert com Susannah à direita. Hector e Blanche estavam no lado oposto da mesa.

Toby afundou-se na cadeira ao lado de Angel.

– Coisas muito monótonas, mas, pelo menos, a comida parece boa e estou a morrer de fome. – Olhou para o prato vazio de Angel enquanto se servia de presunto e de língua. – O que se passa? Perdeste o apetite?

Angel não estava com fome e tinha os espartilhos tão apertados que duvidava que conseguisse comer algo mais substancial do que um sorvete ou uma colher ou duas de uma das enormes gelatinas de fruta cintilantes e tremeluzentes.

– Não tenho muita fome, Toby.

Ele chamou um lacaios com um gesto imperioso da mão.

– Um sorvete de morango para a senhora.

– Não era necessário – protestou Angel, olhando ansiosamente para Hector, porém ele tinha toda a atenção concentrada em Blanche, que falava animadamente.

– Isso seria um casamento divino – comentou Toby, sorrindo. – A fortuna de Westwood poderia salvar Grantley da falência.

Angel fitou-o, horrorizada.

– O que queres dizer com isso?

Toby espetou uma fatia de língua com o garfo.

– Não sabias? Julguei que todos estavam a par das nossas dificuldades financeiras. O tio Dolph está desesperado por dinheiro e a mamã ficou sem dinheiro quando o nosso pai morreu.

– Sinto muito – murmurou Angel, dirigindo um leve sorriso ao lacaios, enquanto ele colocava um prato de vidro cheio com gelado de morango na mesa à sua frente.

– O papá era um jogador – prosseguiu Toby casualmente. – Perdeu tudo e atirou-se para a frente de uma carroça de cerveja, deixando a mamã sozinha. Não sei onde estaríamos se o tio Dolph não nos tivesse recebido.

– Isso é terrível. Não percebi que ele se tinha suicidado.

– Não havia motivo para que percebesses. Não é o tipo de coisa de que uma pessoa se gabe, mas significa que Hector, Humpty e eu temos de ganhar a vida, ou casar com herdeiras, ou viúvas ricas. – Atacou a comida com prazer, deixando Angel a saborear o seu gelado em silêncio. Mas sempre que ela olhava para Hector, tinha visões dele a caminhar pelo corredor da igreja da vila de braço dado com Blanche e ficava sem apetite.

Susannah dava o seu melhor para seduzir Rupert e Angel percebeu com uma picada de culpa que o motivo para a determinação de Susannah em fazer um bom casamento era a sobrevivência e não a avareza. A notícia de que Grantley estava em dificuldades financeiras trouxe de volta lembranças da sua confortável infância com a tia Cordelia e o tio Joseph, que haviam terminado tão abruptamente. Se a família perdesse Grantley, ela podia ver a repetição do passado: encontrar-se de novo sem teto e viver nas ruas de Londres era uma possibilidade distinta.

– Em que pensas? – perguntou Toby. – Estavas a milhas de distância.

Ela voltou à terra com um sobressalto.

– Sim, tens razão. Estava a pensar no que acabaste de me dizer. Como deve ser terrível para a tia Eloise viver com a ameaça de perder tudo de novo. Não admira que sofra de enxaquecas.

– Atrevo-me a dizer que vamos conseguir – replicou Toby, despreocupado. – Quando passar nos meus exames de Direito, estarei em situação de ajudar a mamã. Imagino-me um advogado de província, fazendo o mínimo de trabalho possível e gastando o meu tempo livre a caçar e a pescar. –

Ele olhou para o prato vazio dela. – Que tal estava o gelado? Não sei bem se prefiro isso ou um prato cheio de gelatina. Por outro lado, o bolo bêbado²³ parece bom.

– É melhor que cases com uma mulher rica, Toby. Com o teu gosto pela comida, é bom que ela tenha uma grande fortuna para poder manter-te em grande estilo.

Toby riu e optou por uma fatia de bolo bêbado.

O resto da noite passou agradavelmente, mas, no que dizia respeito a Angel, a magia dissolvera-se. Apenas conseguia pensar na ameaça a Grantley, na vida que tinha vindo a apreciar e nas pessoas de quem acabara por gostar. A ideia de perder tudo pela segunda vez era quase demasiado para suportar, mas a única pessoa que notou uma mudança no seu humor foi Hector. Ela tinha, a seu pedido, guardado a última valsa para ele. Se não estivesse tão preocupada com a notícia que Toby lhe dera tão casualmente, poderia ter-se interrogado porque escolhera honrá-la, e não à bela Blanche, com a última dança, mas até eles estarem a rodopiar pela sala o pensamento não lhe ocorrera.

– O que se passa, Angel? – Hector apertou-lhe a mão com mais força. – Perdeste um pouco do brilho que tinhas antes. Estás cansada?

– De modo nenhum. Estou perfeitamente bem, obrigada.

– Há algo de errado, tenho a certeza.

Não era nem o momento nem o lugar para lhe dizer o que sabia e abanou a cabeça.

– Talvez esteja um pouco cansada. Tem sido uma noite emocionante.

– Estou feliz que te tenhas divertido.

Angel havia prometido a si mesma que não faria a pergunta, mas não conseguiu dominar-se.

– Só não entendo porque estás a dançar comigo e não com a Blanche?

Se ficou surpreendido, dissimulou bem.

– Talvez prefira dançar com a minha prima adotada.

– Ou talvez alguém a reivindicasse primeiro e tivesses perdido a oportunidade?

– O que importa isso? Não te dei uma pisadela, tanto quanto sei.

– Ela é rica e bonita. Blanche Westwood é a mais cobiçada do condado, de acordo com Susannah.

– Estou a ver onde isso leva. Toby falou sobre a nossa precária posição financeira, não falou?

– Como adivinhaste?

– O meu irmão é um homem de poucas palavras, o que é estranho para alguém que está a exercitar-se para ser um advogado, mas vi pela tua expressão que ele estava a revelar algo que te chocou. Não serias boa jogadora de póquer, Angel.

– Fiquei muito triste ao ouvir isso. A tua pobre mãe deve estar tão preocupada!

– O meu tio e eu conseguimos ocultar o pior à minha mãe. Ela tem tido o suficiente para se aguentar e é frágil. Julgo que perder Grantley seria de mais para suportar.

– Então o que vais fazer?

– De momento, nada. Estamos a pagar os juros sobre a hipoteca que o tio Dolph fez sobre Grantley e acabaremos por encontrar uma solução. Não deves preocupar-te e, por favor, não repitas nada disto a Susannah. Ela não sabe, e seria inútil preocupá-la desnecessariamente. Felizmente, está decidida a casar com um homem rico, embora me pareça que Sir Eugene possa ser um pouco velho para ela.

Angel virou a cabeça e viu Susannah apertada nos braços de Sir Eugene. Havia alguma coisa na forma como ele a agarrava, e no ângulo da sua cabeça ao fitar os olhos de Susannah, que a fez interrogar-se se o cavalheiro estava à procura de uma jovem esposa. Rupert dançava com uma bonita rapariga loira, que namoriscava escandalosamente e parecia estar a divertir-se. Angel nunca havia

experimentado uma felicidade como a que sentia agora, mas as vidas e os amores das pessoas ao seu redor eram tão emaranhados e intrincados quanto uma teia de aranha, e sabia que a sua própria bolha pessoal poderia explodir a qualquer momento.

Encontrou o olhar de Hector e sorriu.

– Foi uma noite maravilhosa, Hector. Eu gostaria que nunca terminasse.

Mas pouco depois os convidados começaram a partir e a orquestra parou de tocar. Era hora de voltar para casa, para Grantley, e, no interior da carruagem, Angel sentiu-se mais perto de Hector do que durante o baile. Fora uma noite mágica e terminara cedo de mais.

* * *

No dia seguinte, uma sensação de anticlímax pairou sobre a casa em Grantley. Embora tivesse chegado a casa às primeiras horas da manhã, Hector partira para Londres antes do pequeno-almoço, deixando uma mensagem a dizer que voltaria a tempo para o jantar. Angel leu o bilhete, interrogando-se porque não havia ele feito qualquer menção a isso na noite anterior.

Encontrou Susannah e a mãe a tomar o pequeno-almoço na sala de jantar. Humphrey não se via em sítio algum e Toby ainda não aparecera, o que era de esperar, pois bebera de mais e adormecera na carruagem de regresso a casa, ressonando bem alto até Susannah lhe dar uma cotovelada nas costas.

Angel ocupou o seu lugar à mesa, remexendo um prato de ovos com manteiga e *bacon* grelhado, enquanto Susannah mordiscava uma fatia de torrada.

– Pela tua expressão mal-humorada, Susannah, presumo que o baile não tenha sido um sucesso absoluto. – Eloise tocou na cafeteira de prata com as pontas dos dedos e fez uma careta.

– Recuso beber café frio. – Agarrou na sineta e tocou. – Onde está essa rapariga?

Quase de imediato, como se estivesse a aguardar do lado de fora, Dolly entrou apressadamente na sala.

– Tocou, *madam*?

– Mais café, por favor. E vais lá acima dizer a Mister Humphrey que o seu pequeno-almoço não fica guardado? – Virou-se para Susannah com um sorriso cansado. – Presumo que Toby bebeu de mais, como de costume, e não vai levantar-se até ao meio-dia, no mínimo.

Dolly fez uma reverência.

– Se me permite *madam*, Mister Humphrey acordou muito cedo e foi para a cidade com o capitão Devane.

– Obrigada, Dolly. É tudo. Basta que me tragas café fresco e mais algumas torradas.

– Com certeza. – Dolly saiu da sala a correr, fechando a porta atrás dela.

– Bem, então – questionou Susannah, franzindo a testa. – O que lhe parece, mamã? Porque iriam Hector e Humpty Dumpty à cidade sem dizer uma palavra?

– Ontem, recebi uma carta do nosso advogado. – Eloise suspirou e balançou a cabeça. – Esse homem só entra em contacto comigo quando há más notícias.

– O que poderia estar errado, mamã? – perguntou Susannah ansiosamente.

Eloise levou a mão à cabeça.

– Não sei. Talvez Hector possa resolver isso. As coisas acontecem sempre quando o Dolph está ausente, e eu não entendo nada de negócios.

– Hector saberá o que fazer. – Angel percebeu que Susannah não largaria o assunto e a tia Eloise parecia estar prestes a admitir que estavam em sérias dificuldades financeiras. Não era difícil

imaginar que efeito tal informação teria sobre Susannah, que ainda estava visivelmente perturbada com a falta de êxito quanto a seduzir Rupert Westwood.

– Monopolizaste Hector a noite toda – acusou Susannah, enfurecida. – Blanche só teve uma dança com ele e tu deves ter tido três ou quatro. Estragarás tudo se continuares a namoriscar com o meu irmão.

– Não namorisquei com ele. – As boas intenções de Angel evaporaram-se como neblina matinal. – Hector estava a ser gentil e atencioso porque percebeu que eu não conhecia muitos dos convidados.

– Se o que Susannah diz é verdade, deverias ter lembrado ao meu filho o seu dever para com as outras jovens no baile – observou Eloise severamente. – Hector tem um coração gentil e sempre soubeste tocar-lhe, Angel. Podes não te aperceber, mas é verdade.

Uma pancada na porta antecedeu Dolly, que entrou com a cafeteira e um jarro de leite quente.

– Deseja mais alguma coisa, *madam*?

– É tudo por agora. Podes levantar a mesa quando terminarmos. O meu filho terá de esquecer o pequeno-almoço se não consegue ser pontual às refeições.

– Com certeza. – Dolly fez uma vénia e abandonou a sala.

– Por vezes, deteto um toque de insolência na atitude dessa rapariga – comentou Eloise num tom áspero. – Trouxeste-a para cá, Angel, portanto, deves falar-lhe severamente. Avisá-la de que, se não mudar de atitude, será despedida e não a recomendaria a ninguém se ela não puder respeitar adequadamente os seus superiores.

Angel levantou-se rapidamente.

– Tenho a certeza de que ela não quer ser rude, tia Eloise. Vou já falar-lhe.

– Obrigada e, por favor, dá uma vista de olhos nos arranjos de flores. A água precisa de ser mudada. O cheiro está a causar-me a enxaqueca. – Eloise encheu a chávena de café. – Vou descansar um pouco quando terminar a refeição e não quero ser incomodada.

– Achei que poderia ir até Westwood Hall esta tarde – disse Susannah cautelosamente. – Gostaria de agradecer pessoalmente a Sir Eugene e à família a sua hospitalidade. – Olhou para Angel, que estava prestes a sair da sala. – Acompanhas-me?

– Hoje não. Tenho coisas para tratar aqui. Talvez um dos cavaleiros possa acompanhar-te. – Enquanto falava, Angel ouviu o som dos cascos de um cavalo no cascalho e foi observar pela janela.

– Não terás de te preocupar, Sukey. Rupert Westwood acabou de salvar-te.

As faces de Susannah ruborizaram-se e levantou-se de um salto.

– Oh, céus! Tenho de ir ao meu quarto e apanhar o cabelo. Mantém-no ocupado até eu descer, Angel.

Angel acabara de ver Dolly sair para cumprimentar a visita e susteve a respiração, esperando que Susannah não mudasse de ideias e apanhasse o casal a abraçar-se carinhosamente. Angel só podia esperar que a vaidade tivesse ganhado o dia e Susannah subisse até lá acima para se embelezar.

Eloise levantou-se mais devagar.

– Manda-o para a sala de visitas, Angel – disse ela com firmeza. – Vou manter o jovem entretido até que Susannah esteja pronta para recebê-lo.

Contente com o adiamento, Angel correu até lá fora para saudar Rupert, que estava de pé ao fundo da escada com Dolly. Apartaram-se e Dolly recuou nervosamente.

– Bom dia, capitão Westwood – saudou Angel amistosamente. – Não vai entrar? – deitou um olhar de aviso a Dolly.

– Bom dia, Miss Winter. – Rupert tirou a cartola. – Parece extremamente recomposta para alguém que dançou a noite toda. – Entregou as rédeas a um cavaleiro, que apareceu a correr, vindo dos estábulos.

– Foi um baile encantador – reagiu Angel, sorrindo. – E Westwood Hall é uma linda casa. – Virou-se para Dolly. – Estou certa de que tens trabalho a fazer.

Dolly hesitou.

– Poderias deixar-nos uns momentos juntos?

– Estás doida? – enfureceu-se Angel. – O que teria acontecido se alguém, que não eu, estivesse a olhar pela janela?

– Não a repreenda, Miss Winter. – Rupert moveu-se rapidamente para o lado de Dolly. – Estou-lhe muito grato por manter o nosso segredo.

– Quanto tempo acha que pode conservar uma coisa destas em silêncio? – Angel olhou de um para o outro. – É Dolly quem vai sofrer, capitão Westwood. Já sabe isso, então porque a persegue?

– Estamos apaixonados – protestou Dolly. – Sabes que é verdade, Angel. Julguei que estivesses do nosso lado.

– Claro que estou, e é por isso que deves acabar com isto agora. – Angel virou-se para Rupert. – Não está a ser honesto com ninguém. – Podia ver pela expressão horrível do seu rosto que alguém ouvira as suas palavras, e, ao virar-se, deparou com Eloise de pé, atrás dela.

²³ O bolo bêbado data de meados do século XVIII e o nome refere-se à quantidade de álcool usada na sua preparação. Combina compota de fruta, uísque, xerez e recheio ou creme de torta de baunilha quente. (*N. da T.*)

Capítulo Dez

– Deixa-nos, Chapman. – Eloise olhou furiosa para Dolly, que correu para dentro de casa. – O que estavas a dizer, Angel? Parece-me que é devida uma explicação.

Rupert deu um passo à frente.

– Perdoe-me, Mistress Devane. A culpa foi minha. Angel estava a tentar protegê-la de uma situação difícil.

– Entrem, os dois. – Eloise virou-se e liderou o caminho até à sala de estar, onde se afundou num dos sofás forrados de damasco. – Agora digam-me exatamente o que se passa.

Angel olhou nervosamente para Rupert, mas mais uma vez ele tomou conta da situação.

– Tenho de ser honesto consigo, *madam*.

Eloise levantou uma mão pálida.

– Por favor, poupe-me à exibição teatral, capitão Westwood. Parece-me que se aproveitou de uma das minhas criadas e tem estado a brincar com os sentimentos da minha filha. Agora diga-me que estou errada.

– Não é assim – apressou-se Angel a interferir.

– Não estava a falar contigo. – Eloise virou as costas a Angel. – Capitão Westwood. Estou à espera.

– Amo a Dolly, *madam*. Não estou a desculpar-me por um sentimento profundo e genuíno. Confesso que me aproveitei do meu conhecimento com Susannah para visitar Grantley e, por isso, peço as mais sinceras desculpas, mas deve entender que me encontrava numa situação difícil.

– Apenas entendo que tem usado a minha filha e abusado da minha hospitalidade. Tinha uma opinião melhor a seu respeito, *sir*. Veremos o que o seu pai tem a dizer sobre isso.

– Por que motivo ele não deveria gostar da Dolly? – Angel foi incapaz de continuar em silêncio. – É uma rapariga maravilhosa e ama-o de verdade. Porque não podem casar e ser felizes?

– Casamento? – Eloise levantou uma sobrancelha delicada. – Está a dizer-me que deseja casar com uma rapariga que foi arrancada às ruas da cidade?

– Sim – respondeu Rupert com simplicidade. – Não me interessa nada disso, Mistress Devane. Amo a Dolly e pretendo torná-la minha esposa.

Angel fitou-o, surpreendida. Não acreditara nele no início, quando lhe dissera que as suas intenções em relação a Dolly eram inteiramente honrosas, mas a expressão dos seus olhos e a paixão na sua voz não lhe deixavam dúvidas quanto à sua sinceridade.

– E o que vai dizer Sir Eugene? – Eloise expressou os pensamentos não pronunciados de Angel.

– Terá de se acostumar à ideia, *madam*, mas, quando perceber como estamos felizes e como Dolly será uma boa esposa de um militar, julgo que se renderá à ideia.

– Espero que sim, em seu benefício, mas percebe que agora não posso continuar a dar emprego à rapariga?

Angel não conseguiu ficar calada.

– A Dolly não fez nada de errado.

– Por favor, não interfiras nos meus assuntos. Trouxeste a criatura para a minha casa e ela enganou-nos a todos. Não vou tolerar esse tipo de comportamento de uma criada. – Eloise agarrou no cordão da campainha e puxou-o, lançando um olhar zangado a Rupert. – Ludibriou a minha filha, *sir*.

– Não, *madam*. Não posso permitir isso – apressou-se Rupert a contestar. – Gosto realmente da Susannah. É uma mulher jovem e bonita, mas a vida da esposa de um soldado não é uma vida que desejasse para ela. Susannah merece melhor. – Olhou por cima do ombro quando a porta se abriu e Susannah entrou, seguida de Dolly. Uma mancha nublou-lhe as faces e lançou um olhar suplicante a Eloise, mas ela preferiu ignorá-lo.

– Susannah, gostaria de ter-te poupado isto, mas o capitão Westwood acabou de me dizer algo muito interessante. – Fixou Dolly com um olhar hostil. – Pode fazer a mala, Chapman. Está despedida e não espere receber uma recomendação minha.

A boca de Dolly abriu-se num grito silencioso de angústia e Angel correu para o lado dela, rodeando-lhe os ombros com um braço protetor.

– Que diabo se passa aqui? – perguntou Susannah, a rir. – Parecem personagens de uma tragédia grega, e o que fez Chapman para merecer ser despedida, mamã?

Eloise cruzou as mãos no colo e os olhos deixaram transparecer um brilho malicioso.

– Julgo que o capitão Westwood pode responder melhor do que eu.

Dolly baixou a cabeça e começou a chorar.

– Como pode ser tão cruel, tia Eloise? – replicou Angel, enfurecida. – A Dolly não tem culpa.

– Devo-lhe desculpas, Susannah – começou Rupert timidamente. – Nunca quis enganá-la quanto às minhas intenções, mas não esperava apaixonar-me desta maneira.

O rosto de Susannah deixou transparecer uma série de emoções, mas a esperança cedeu rapidamente lugar à dúvida.

– O que está a dizer?

Rupert foi colocar-se ao lado de Dolly.

– Não pretendi enganá-la, Susannah. Foi amor à primeira vista, o que parece banal, eu sei, mas foi assim que aconteceu. Eu vi a Dolly e apaixonei-me por ela. Pedi-lhe que se casasse comigo.

Susannah deixou-se cair no sofá ao lado da mãe.

– Mas isso é ridículo. Não pode casar-se com uma criada. O que diria o seu pai?

Dolly apartou-se de Rupert e saiu da sala a correr.

– Reagirá provavelmente como você e a sua mãe, Susannah. Angel é a única presente que tem um grão de humanidade. Amo a Dolly e ponto final. Vou casar-me com ela e ela vai acompanhar-me para onde quer que seja colocado. Dará uma corajosa e maravilhosa esposa de um militar, e considero-me um homem de sorte. – Rupert saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

Seguiu-se um momento de silêncio atordado antes que Susannah rompesse em lágrimas.

– Culpo-te por isso, Angel Winter – acusou Eloise, enraivecida.

Angel dispunha-se a protestar, mas Susannah levantou a cabeça.

– Se a culpa é de alguém, pertence a Rupert. Fez-me pensar que era a mim que vinha visitar, quando passava o tempo atrás de uma das nossas criadas. Sir Eugene precisa saber e acabará com isso.

– Sukey! – exclamou Angel, horrorizada. – Não podes querer interferir.

– Não posso? É o que veremos. Não percebes que serei motivo de chacota do condado se isto se espalhar? Ontem à noite no baile todos partiram do princípio de que Rupert era meu namorado.

Angel sacudiu a cabeça.

– Dançaste mais vezes com o pai do que com qualquer outra pessoa.

Eloise ficou subitamente atenta, pondo a cabeça de lado como um pássaro curioso.

– Isso é verdade, Susannah?

– Suponho que sim – respondeu Susannah, mal-humorada. – Mas ele é velho, mamã. Deve ter quarenta e cinco anos ou mais.

– Sir Eugene Westwood é um viúvo elegante e cobiçado. – Eloise levantou-se, estendendo a mão. – Anda, querida. Deves recompor-te, lavar o rosto e mudar para o teu novo vestido de musselina creme com ramagens. Sabia que valeria a pena gastar tanto dinheiro num vestido tão bonito. A Angel vai apanhar-te o cabelo.

– Do que está a falar, mamã? – questionou Susannah, chorosa. – Tenho o coração partido e só consegue pensar em musselina com ramagens.

– As aparências são muito importantes, Susannah. Também vou mudar para algo mais adequado. Angel, manda vir a carruagem. A Susannah e eu vamos a Westwood Hall fazer uma visita a Sir Eugene.

– Devo ir também? – perguntou Angel aturdida. Tratava-se de uma reviravolta dos acontecimentos que nunca esperara.

– Julgo que posso fazer isso sem a tua ajuda, menina, mas, quando mandares vir a carruagem, quero que subas lá acima e arranjes o cabelo de Susannah. Agora apressa-te. – Com uma explosão de energia surpreendente, Eloise correu com Susannah da sala.

Angel deveria ir aos estábulos e passar a mensagem, mas, em vez de obedecer às instruções de Eloise, foi até à cozinha, onde encontrou Dolly em lágrimas e Rupert a tentar explicar a situação a umas surpreendidas Cook e Lil. Meg e Flossie, a copeira, olhavam boquiabertas.

– O que se há de fazer? – explodiu Lil bruscamente. – Pôs a rapariga neste estado, *sir*. Agora, o que vai fazer?

Angel susteve a respiração. Era quase inédito que os criados desafiassem os seus superiores e Lil arriscava-se a despertar a ira de ambos, Sir Eugene e tia Eloise, se Rupert optasse por fazer queixa.

– Tem razão, *miss...*, desculpe, não sei o seu nome.

– Miss Heavitree, *sir*, mas pode tratar-me por Lil.

– Bem, Lil, tenciono ir a cavalo a Londres e obter uma licença especial para que Dolly e eu possamos casar-nos adequadamente, na igreja, como desejaria. Este não é um caso furtivo e a minha mulher vai receber o respeito que lhe é devido.

Angel abraçou Dolly.

– Não chores, querida. O capitão Westwood resolverá tudo.

– Ma...mas para onde vou agora? – Dolly ergueu o rosto manchado de lágrimas. – Mistress Devane acabou de me despedir e tenho de sair imediatamente.

Cook deixou-se cair num banquinho e quase o derrubou com o seu peso considerável.

– Céus, nunca ouvi tal coisa. Devias achar-te uma sortuda, rapariga. Um cavalheiro não costuma andar com gente como tu.

Rupert olhou-a friamente.

– Dolly é uma pessoa tão boa como as que conheci, e é melhor do que a maioria.

– Não quis falar mal, *sir*. Estava apenas a dizer o que todos vão pensar.

– Isso mesmo, Cook – concordou Lil. – Mas está a ver o problema, *sir*? Para onde vai a Dolly enquanto espera que tome as medidas necessárias?

– Não me parece mesmo nada que a tia Eloise permita que ela fique aqui. – Angel tirou um lenço do bolso e passou-o a Dolly. – Mas vamos encontrar uma solução, mesmo que eu tenha de te pôr às escondidas no meu quarto e manter-te escondida por um ou dois dias.

– A patroa não vai gostar disso – Meg dirigiu-se à ombreira da porta. – Eu estou fora. Se Mistress Devane descobrisse que eu perdoava tal coisa, também seria despedida.

– Finge apenas que não sabes de nada. – Angel esperou até que Meg estivesse fora do alcance da voz. – Tenho uma ideia. Há a casa do tio Dolph no Naked Boy Court. A Dolly conhece-a bem e Baines trata de tudo enquanto o coronel está fora. Podiam ficar lá os dois.

Rupert franziu a testa.

– Isso não é sensato, Angel. Só me cruzei com Sir Adolphus em algumas ocasiões e não gostaria de fazer nada que compromettesse o bom-nome de Dolly. Vou reservar uma noite numa pousada.

– O sargento Baines gostou da Dolly – disse Angel, pensativa. – Tenho a certeza de que ficaria muito feliz por ajudar.

Dolly enxugou os olhos.

– Também virás, Angel? Não me imagino a dormir naquela casa assustadora sem ti.

– Claro que iria, se pudesse, mas acho que a tia Eloise levantaria fortes objeções e poderia tentar impedir-te de ir se descobrisse os teus planos, Dolly. Isto deve ser feito de uma forma secreta e rápida.

– Eu irei com ela – ofereceu-se Lil. – Ninguém pode fazer nada se Dolly me tiver como sua dama de companhia, e darei uma tarefa a qualquer um que tente parar-nos. – Lil flexionou os músculos e apertou o maxilar como para demonstrar os seus inegáveis poderes.

– Está certo – aprovou Cook. – Vai, Lil. Mantém a jovem Dolly a salvo até que ela tenha o anel no dedo.

Rupert colocou um braço protetor sobre os ombros de Dolly.

– Ninguém fará mal à Dolly. Eu mesmo me encarregarei disso, mas é muito bem-vinda para vir connosco, Lil. Quero que a Dolly seja tratada como a dama que é, e passaremos pelo vicariato a caminho de Londres. Quero que nos casemos na igreja da vila, sendo todos bem-vindos, e o dono do The Plough irá providenciar o pequeno-almoço do casamento.

Dolly afastou-se dele, pálida e com os lábios trémulos.

– Não posso fazer-te isso, Rupert. O teu pai e a tua irmã nunca te perdoarão, e vão odiar-me.

– Não deves pensar assim – contrapôs Angel. – Diga-lhe que não é verdade, capitão Westwood.

Rupert envolveu Dolly, abraçando-a, e Cook soltou um suspiro sentimental, ecoado por Flossie, que pairava, esquecida, junto ao lava-loiça. Cook falou-lhe num tom ríspido:

– Trata desses pratos, vagabunda preguiçosa. Não tens nada a ver com isto.

Rupert levantou a mão.

– Quero agradecer a todos, incluindo a si, rapariguinha. – Sorriu e piscou o olho à pobre Flossie, que estava à beira das lágrimas. – Todos têm sido maravilhosos, e Dolly e eu agradecemos do fundo dos nossos corações. – Soltou um pouco Dolly e deu-lhe uma leve sacudidela. – O meu pai e a Blanche vão gostar tanto de ti como eu, mas precisarão de algum tempo para se acostumar à ideia de

que me casei, na opinião deles, com alguém de posição inferior. É um conceito estúpido e antiquado e iremos provar-lhes que estão errados.

– Bem-dito, *sir*. – Lil bateu-lhe nas costas quase o derrubando, mas ele recuperou o equilíbrio com um sorriso bem-humorado e Cook liderou uma rodada de aplausos.

Angel beijou Dolly na face.

– Vai lá embalar as tuas coisas. Leva a minha mala, a que Sir Adolphus me deu. Agora, tenho de ir lá acima e arranjar o cabelo de Susannah, por isso não posso ajudar-te, mas vou encobrir-te, Lil. Direi que estás doente e tens de ficar de cama alguns dias. Não quero ver-te posta na rua.

– Não, espero que não. – Lil agarrou na mão de Dolly. – Vem, amor. Vejo que estás entre as seis e as sete. Vou dar-te uma mão e embalar algumas coisas para mim.

– Deem cumprimentos meus ao sargento Baines. – Angel deixou-os a fazer planos, sentindo um pouco de inveja. Tentou não pensar muito nisso, mas, ainda que adorasse o campo, uma parte dela sentia saudades das ruas de Londres. Tinha recordações felizes da sua infância em Spitalfields, e esforçara-se ao máximo para esquecer a sua experiência na casa de trabalho e a fome que passara antes de conhecer Dolly. Desejava poder acompanhar Dolly e Rupert na primeira parte da sua grande aventura, mas isso era impossível. Por um lado, havia muito a ser feito em casa e, por outro, queria estar presente quando Hector regressasse. Subiu as escadas até ao quarto de Susannah.

* * *

Mais tarde, nesse dia, encontrando-se sozinha e com pouco para fazer, Angel decidiu levar os galgos já velhotes para uma caminhada. A súbita reviravolta dos acontecimentos tinha abalado todos, inclusive Humphrey, que regressara inesperadamente de Londres no preciso momento em que Rupert e Dolly, acompanhados por Lil, partiam para a cidade na carruagem dos Westwood. Humphrey prometera não dizer nada à mãe ou a Susannah, mas Angel sabia que o caso não permaneceria em segredo por muito tempo. Toby ainda estava a dormir devido à ressaca dos abusos cometidos na noite anterior, mas, embora gostasse de fingir que não pensava em nada além de desportos de campo, Angel sabia que ele tinha uma inteligência apurada e uma mente perspicaz que um dia o tornaria um advogado de mérito. Teria certamente algo a dizer sobre a humilhação que a irmã sofrera.

Saiu de casa com um chapéu de palha para proteger o rosto do sol escaldante de verão e um vestido simples de algodão estampado, e afastou-se com *Juno* e *Thor* nos seus calcanhares, dirigindo-se à vasta extensão dos pântanos. Percorrera muitas vezes aqueles caminhos e conhecia a maneira mais segura de se mover no terreno pantanoso, mas naquela tarde verificou-se uma súbita mudança de tempo. Nuvens encheram-se como cogumelos gigantes, tapando o sol, e a chuva começou a cair, lentamente no início, mas depois parecia que os céus se tinham aberto, despejando violentamente uma chuvada. O chão morno emitiu vapor e criou uma névoa espessa, que se desenvolveu tão repentinamente que a desorientou.

Angel sabia que se tinha afastado de mais para poder chegar a casa antes que os caminhos ficassem alagados e se tornassem perigosos e a única coisa a fazer era seguir em frente por onde esperava ser a direção certa. Os cães mantinham-se perto dela, fitando-a com olhos suplicantes, como se lhe implorassem que parasse o constante bombardear da chuva nos seus elegantes agasalhos. Também ela estava encharcada, o chapéu de palha pendia frouxamente em torno do rosto e, para piorar as coisas, estava gelada até aos ossos. A chuva abrandou um pouco, deixando uma espessa névoa branca em seu lugar e Angel via-se forçada a testar o chão antes de cada passo. Um erro poderia deixá-la retida e a

afundar-se no pântano, e as batidas do seu coração eram o único som que ouvia além da respiração ofegante dos dois cães.

Estava a ficar exausta e totalmente desesperada quando avistou o leve contorno cinzento de uma habitação não muito longe. O chão sob os seus pés parecia mais firme e acelerou o passo até chegar a uma cerca que separava o pântano dos jardins do mercado. Sentiu-se animada quando reconheceu a casinha do outro lado do terreno repleto de lavanda. O cheiro deixou-a entontecida de antecipação quando abriu o portão e entrou na área bem cuidada, jardinada por Jack Wicks. Era como se voltasse a casa e correu pelo caminho até à porta das traseiras.

– Mister Wicks, está aí? Sou eu, Angel Winter. Posso entrar?

Um momento depois, a porta abriu-se.

– Angel, és mesmo tu? – Sally Wicks olhou para ela, incrédula. – Entra, minha querida. Estás encharcada até aos ossos e esse lindo chapéu está arruinado.

Nunca um convite lhe parecera mais tentador e Angel quase caiu no limiar.

– Mas e os cães, Mistress Wicks? Eles estão muito molhados.

– Trá-los também, pobres criaturas. O *Stumpy* está a ficar velho, e não vai incomodá-los. Ele tenta deslocar-se como costumava fazer, mas está um pouco artrítico, pobre velho.

A cozinha era exatamente como Angel se lembrava de há tantos anos. O fogão estava aceso, o que era bem-vindo, embora o verão fosse a meio, e as roupas de Angel começaram a fumegar quando se sentou perto da lareira, tomando uma chávena de chá quente e doce. O cabelo de Sally estava um pouco mais grisalho e as suas ancas ligeiramente mais largas, mas os olhos castanhos ainda tinham um brilho bondoso e o seu sorriso de boas-vindas era genuíno. Puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Angel.

– Ouvimos dizer que tiveste um golpe de sorte, minha querida. Foi motivo de conversa entre as jovens vendedoras de flores que tu e a Dolly haviam sido adotadas por um rico cavalheiro e levadas para morar na sua mansão.

– Deus do céu! – exclamou Angel, a rir. – É inacreditável. Não é totalmente verdade, mas está bastante perto. Como descobriram elas?

– O boato veio de uma rapariga chamada Maisie, que dividiu um quarto com vocês na hospedaria da Mãe Jolly. – Sally estendeu a mão para apalpar o tecido do avental estampado de Angel. – Isso custou um bom dinheiro; deves ter tido muita sorte.

Angel percebeu que Sally não ficaria satisfeita até saber tudo e descreveu, o mais resumidamente possível, todos os acontecimentos até esse dia. Sally ouviu com muita atenção, pronunciando oohs! e aaahs! em intervalos adequados.

– É esta toda a história – disse Angel, aproveitando a oportunidade para beber o resto do chá, que agora estava morno.

– Quem iria pensar que tal coisa poderia acontecer? Casar-se com um bonito homem que herdará uma fortuna parece um conto de fadas para a Dolly, mas e tu, querida? Terás um final feliz com o teu jovem?

Sobressaltada, Angel disfarçou a atrapalhão, levantando-se para colocar a chávena na mesa.

– Não tenho um jovem, Mistress Wicks.

– Trata-me por Sally, querida. Não temos de fazer cerimónia. – Sally inclinou a cabeça para um lado, olhando para Angel com curiosidade. – Não quis ofender-te, mas a maneira como falaste do capitão Devane fez-me pensar que poderia haver algo entre vocês os dois.

Angel sacudiu a cabeça.

– Gosto muito do Hector, mas duvido que ele tenha pensado em mim como uma mulher. Ainda sou uma menina para ele. – Tinha o rosto a arder e não era apenas o calor da lareira que lhe ruborizava as faces.

– Sinto muito, minha querida. Não quero meter-me na tua vida. Não é da minha conta, mas gostaria de ver-te feliz. Tiveste mais do que a tua quota de infelicidade.

Angel olhou pela janela, enquanto um raio de sol se filtrava através das pequenas vidraças.

– Parou de chover. Deveria regressar a Grantley. É uma longa caminhada e eles ficarão a imaginar o que me aconteceu.

– Não ficas para jantar, querida? Sei que o Jack e o Danny adorariam ver-te. Eles estão a chegar a qualquer momento.

– Eu gostaria de ver o Jack. Tratou-me com muita bondade e foi por causa do azevinho que conheci Sir Adolphus. Poderia não ter tido coragem para o abordar se não fosse o desespero para ganhar alguns *pence*.

– Pelo que me lembro, foi Danny que te levou de volta a Saint Giles com o visco.

– Não sei bem se gostou da experiência – comentou Angel, a rir. – Ele não simpatizou muito comigo.

Sally levantou-se ao ouvir o som da porta a abrir-se.

– Bem, vamos ver se mudou de opinião. São eles.

Stumpy levantou-se do cobertor junto à lareira e avançou aos tropeções ao encontro do dono quando Jack Wicks entrou na sala, trazendo com ele uma lufada de ar fresco. *Thor* e *Juno* estavam a dormir, mas levantaram-se e foram ter com ele. Jack inclinou-se para fazer festas a *Stumpy*.

– O que temos aqui? – acariciou as cabeças dos dois galgos e a sua pele coriácea enrugou-se num largo sorriso quando avistou Angel. – Ora, se não é a minha amiguinha, já crescida! – empurrou o boné para a parte de trás da sua cabeça careca. – Já uma jovem senhora, agora? – virou-se para o filho enquanto Danny entrava na cozinha. – Olha quem está aqui, Dan, meu rapaz. Recordas-te da Angel, certo?

Angel levantou-se e estendeu a mão.

– Mister Wicks, que bom voltar a vê-lo. – Deitou um olhar cauteloso a Danny. – E a si, também, claro.

Danny Wicks parou a olhá-la. Já não era o jovem inexperiente que a tratara com tanto desdém. Crescera e tornara-se um homem com boa aparência; alto e de ombros largos, o rosto e os braços bronzeados por causa da exposição aos elementos. Tinha herdado as feições regulares e o queixo firme do pai e um toque da mãe sobre os olhos. No conjunto, era um jovem apresentável e os preconceitos de Angel derreteram-se ante o calor do seu largo sorriso.

– É bom voltar a vê-la, Angel. Receio não ter sido muito simpático quando nos vimos na última vez.

Ela assentiu.

– Surpreende-me que se recorde.

– O que é isso que estou a ouvir, Danny? – replicou a mãe severamente. – Não acredito que tenhas sido indelicado para uma rapariguinha.

– Poderia ter sido mais simpático, mãe. Mas isso foi nessa altura. Agora cresci e peço desculpa pelo meu *eu* jovem, Angel Winter. – Estendeu a mão e Angel aceitou-a com firmeza.

– Foi há muito tempo, Danny. Devo ter sido aborrecida.

Jack tirou o chapéu e lançou-o com um toque perito do pulso para que caísse num cabide na parte de trás da porta.

– Ouvimos falar da tua boa sorte, Angel. Se alguém merecia um golpe de boa sorte eras tu.

– Acabei de dizer à Sally que vender visco mudou a minha vida – Angel virou-se para Danny com um sorriso. – E tu também, mesmo que nessa altura não o soubesses.

– Bem, sinto-me feliz por ter servido de alguma coisa. – Danny despiu o casaco. – O que há para o jantar, mãe? Estou faminto.

Parecia-se tanto com Toby que Angel teve vontade de rir, mas conseguiu manter uma cara séria.

– Não quero intrometer-me – apressou-se a dizer. – Adoraria ficar a conversar, mas devo fazer o caminho de regresso pelo pântano para o caso de chover novamente. Conheço bem os caminhos, mas é diferente quando a neblina desce. – *Thor* e *Juno* perceberam e dirigiram-se à porta das traseiras, abanando o rabo.

– Tens a certeza de que não vais ficar para o jantar? – Sally levantou a tampa de uma panela e um cheiro apetitoso flutuou pela cozinha. – Há muito aqui.

– Talvez noutra altura, se me receberem. – Angel fez um movimento em direção à porta. – A propósito, Jack, fiquei muito impressionada com a quantidade de lavanda que cultivou.

Ele colocou-se ao lado dela num instante.

– Deixa que te mostre a minha horta. Não é enorme, mas espero alugar a que está ao lado quando o locatário atual se aposentar. Posso vender lavanda durante todo o ano, verde no verão e seca no inverno.

– Faço saquinhos em musselina e encho-os com as cabeças das flores – disse Sally com orgulho. – Rendem um bom preço na banca do Jack. Se pudesse fazer mais poderia fornecer lojas, mas saio-me bastante bem assim.

– Sim, lembro-me de me ter contado isso há muitos anos. – Angel beijou Sally na face. – Foi maravilhoso vê-la, e voltarei em breve, se estiver de acordo?

– Sim, querida, por favor, e tens de ficar mais tempo na próxima vez.

Jack abriu a porta das traseiras e saiu. Angel seguiu-o com Danny logo atrás. Um rápido percurso em redor do perímetro das camas de lavanda revelou a extensão do cultivo de Jack, e o cheiro encheu-lhe as narinas, trazendo de volta algumas das recordações mais felizes de Covent Garden.

– Saiu-se tão bem – elogiou ela. – As plantas parecem muito saudáveis.

– Mantemo-las aparadas para que os caules não se tornem lenhosos – disse Jack com conhecimento de causa. – Funcionou suficientemente bem, sinto-me feliz em afirmar. – Olhou de relance para o filho. – Mas o jovem Dan não está interessado em continuar o negócio. Tem outras ideias.

– Não comece de novo, pai. – Danny deu uma palmada nas costas do pai. – Gosta das suas plantas, mas, se tivermos um inverno ruim ou uma geada tardia, isso pode arruinar uma colheita inteira. Precisamos expandir e considerar o cultivo de fruta e legumes em estufas, como as empresas, só que numa base mais comercial.

– Talvez, filho, mas isso exigiria dinheiro que não temos. Não é algo que sequer considerasse.

Angel podia ver que uma discussão estava prestes a acontecer e não queria envolver-se numa disputa familiar.

– Poderia ficar aqui o dia todo, mas tenho realmente de prosseguir caminho. – Chamou os cães para o lado dela. – Foi muito bom ver-vos a todos, depois de tanto tempo.

Jack assentiu e sorriu.

– Aparece novamente, se puderes, mas entendemos que agora tens uma vida diferente. És uma jovem dama e pertences à mansão. Fico feliz por ti, Angel.

– Só porque moro em Grantley Park não significa que seja uma pessoa diferente, Jack.

– Penso que virás a descobrir que faz diferença – respondeu Jack gentilmente. – Somos pessoas simples e comuns, e ousa dizer que a tua pobre mãe era uma dama, que se viu em apuros. Nunca foste uma rapariga comum, Angel.

– Tento não pensar sobre isso.

– Vou pôr-te no caminho certo – interferiu Danny. – Vamos ver se o *Stumpy* pode vencer os teus cães.

A sugestão era tão ridícula que provocou um sorriso no rosto de Angel, banindo os pensamentos tristes sobre a mãe que nunca conheceria.

– Tudo bem, mas não quero privar-te da tua refeição.

– Não te preocupes com isso. A minha mãe vai guardar-me um prato cheio. Não me deixa ir embora sem comer.

– Adeus, Angel. Volta em breve e falaremos sobre os velhos e maus dias – despediu-se Jack, sorrindo. – Leva-a em segurança para casa, Dan. O solo estará ainda mais traiçoeiro do que o habitual depois daquela tempestade.

Com os cães a coxear à frente, Angel e Danny partiram pelo pântano. O Sol estava baixo no céu e Angel não se dera conta de quanto tempo tinha passado na casinha de campo, mas deviam ter sido várias horas pois as suas roupas estavam secas. O chapéu estava definitivamente estragado e não se preocupou em colocá-lo, mas tinha amarrado a fita à volta do cinto, pendurando-o à cintura.

– Mudaste muito – constatou Danny gravemente. – Eras uma figurinha magra.

– E achaste que eras muito melhor que eu.

– Já me desculpei por isso.

– Sim, e provavelmente fui um pouco aborrecida, mas sempre gostei de visco. Ele cresce livremente nas macieiras do nosso pomar.

Danny lançou-lhe um olhar de lado.

– Tens um pomar?

– Não, claro que não. Pertence a Sir Adolphus.

Apenas moro lá, Danny. Faço parte da família.

– A sério?

– Duvidas?

Ele refletiu um momento.

– Não posso dizer que me relacionei muito com os nobres, mas parece-me que nos olham de cima. Espero que te tratem como se fosses família, mas, quando se trata disso, penso que são todos iguais. Ficam juntos como rebarbas e, se as coisas derem para o torto, podes ver-te na rua.

– Até as famílias próximas se desfazem – respondeu Angel. – Foi o que me pareceu, como se tencionasses deixar que o teu pai continuasse o seu negócio sem ti.

– Não quero vender visco e lavanda pelas ruas da cidade para ganhar a vida. Constou-me que as pessoas nas ilhas do Canal estão a começar o cultivo de tomateiros em estufas aquecidas por caldeiras a vapor. Não entendo porque não podemos fazer isso aqui.

– Parece uma ideia maravilhosa, mas não custaria muito dinheiro a montar o negócio?

– Pareces o meu pai a falar – retorquiu Danny com tristeza. – Sei que custaria, mas pretendo ir mais longe. Tenho a certeza de que é o caminho para progredir. – Agarrou no braço de Angel ao chegarem a solo particularmente encharcado. – Uma tempestade como a que tivemos anteriormente pode causar danos incriveis.

Angel permitiu que ele a guiasse para um caminho mais seguro.

– Não precisas convencer-me, Danny. Compreendo o teu ponto de vista, mas é o teu pai que precisas de conquistar e não eu.

– Desculpa. Às vezes empolgo-me, e não sou um homem paciente.

Ela riu.

– Não precisas lembrar-me disso, Danny Wicks. Eras um rapaz horrível.

– E tu uma rapariguinha desconfiada – replicou ele a rir.

Angel olhou por cima do ombro ao ouvir o som de cascos soando no chão atrás deles.

– Vem aí alguém.

– Só um louco andaria a cavalo pelo pântano – comentou Danny, irritado.

– Ou alguém que o conhece como as costas da sua mão. É o Hector.

– Quem é ele?

– Capitão Devane. É o chefe da casa enquanto o tio Dolph está fora.

Pararam, ficando muito quietos enquanto Hector estacava o cavalo.

– Angel, o que estás a fazer no pântano a esta hora da noite? Vai escurecer em breve.

– Não, durante mais ou menos uma hora – assegurou Danny com um beligerante levantar do queixo.

– Ela está comigo e eu conheço os caminhos seguros.

– Quem é você? – perguntou Hector, com um esgar.

– É um velho amigo, Hector. Os pais de Danny foram muito bons para mim quando eu era criança.

– Bem, suponho que deveria agradecer-lhe por cuidar de Angel – respondeu Hector de má vontade.

– Mas vou levá-la para casa, e é melhor você encontrar o caminho de regresso através do pântano enquanto ainda há um pouco de luz do dia. – Inclinou-se, estendendo a mão. – *Hannibal* pode levar dois de nós, Angel.

– Irás melhor a cavalo. – Sem esperar por uma resposta, Danny içou Angel para a sela. – Vem visitar-nos novamente. – Fez uma saudação e recuou.

– Poderia ter ido a pé – disse Angel num tom rígido, enquanto Hector a abraçava para pegar nas rédeas.

– Continua. – Hector estalou a língua contra os dentes e *Hannibal* avançou, abrindo caminho pelo chão pantanoso.

– Foste muito rude com o Danny. Ele estava a prestar-me um favor, embora eu pudesse ter encontrado facilmente o caminho de casa. – Angel virou a cabeça e avistou Danny em pé, onde o haviam deixado.

– Desculpa se fui indelicado – retorquiu Hector com relutância. – Mas o indivíduo parecia demasiado familiar e estavas sozinha com ele. O que achas que a minha mãe diria a isso?

– Não é a minha mãe, Hector, nem eu sou a tua irmã. Desculpa se o meu comportamento ofende o teu código de conduta, mas o que esperas da rapariga que foi arrancada das ruas? – Sentia o hálito quente dele na sua face e o seu cheiro familiar fazia com que se sentisse ridiculamente segura.

– Recuso-me a ser arrastado para uma discussão. Peço desculpa e ponto final. Tenho mais coisas com que me preocupar do que ofender um indivíduo que não conheço e provavelmente nunca mais

verei.

Angel examinou o seu perfil rígido e cedeu.

– O que se passa, Hector? Porque tiveste de correr para Londres tão apressadamente?

– É algo que vai esperar até estarmos todos juntos, Angel. Não quero na verdade repassar o assunto, mas não é uma boa notícia. Para simplificar, os nossos negócios estão um caos e, o que é pior, fui chamado a regressar e amanhã partirei, assim como Westwood. Não sei como a Susannah vai reagir.

Angel encostou a cabeça no ombro dele.

– Isso é horrível. O pior de tudo é não saber como a tua mãe vai aguentar.

– O que queres dizer? O que pode ter acontecido de errado nas poucas horas desde que saí de casa hoje de manhã?

Capítulo Onze

– Suponho que irás descobrir em breve – respondeu Angel com um suspiro. – Rupert e Dolly estão apaixonados. Ele vai casar com ela mediante uma licença especial.

– Filho da mãe. Sinto muito, Angel, mas gostaria de lhe torcer o pescoço. A Susannah sabe?

– Sim, bem, em parte. A tua mãe levou-a a Westwood Hall esta manhã. Julgo que planeava contar a Sir Eugene, embora não tenha a certeza de que servisse de alguma coisa, porque Rupert e Dolly foram para Londres, levando Lil com eles como dama de companhia. Dolly e Lil vão ficar na casa do teu tio até Rupert receber a licença.

– Não vão nada.

– A tia Eloise disse à Dolly que saísse imediatamente, e pensei que não te importarias que ela fosse para Naked Boy Court – apressou-se Angel a dizer. – Sei que aos teus olhos ela é apenas uma criada, mas é minha amiga.

– Se Westwood quer arruinar a carreira, isso é problema dele, mas importo-me com a minha irmã. Se tem andado a enganá-la, preciso de dar-lhe umas palavrinhas.

Seguiram em silêncio, apenas com o suave ruído dos cascos de *Hannibal* no relvado pantanoso e a respiração ofegante dos cães, que trotavam ao lado deles, fazendo-lhes companhia. O crepúsculo caíra quando chegaram a Grantley e Hector desmontou primeiro. Colocou Angel no chão e entregou as rédeas a um cavaleiro, que tinha vindo a correr dos estábulos.

A porta da frente estava aberta e um raio de luz derramava-se nos degraus em pedra. Eloise aguardava-os, pálida e carrancuda.

– Onde estiveste, Angel? Pensei que tinhas fugido com aquela criada desavergonhada.

– Fui dar uma volta, tia Eloise, e a chuva apanhou-me.

Hector beijou a mãe na testa.

– Ela está bem e a salvo, mamã. Mas preciso de falar contigo e com o resto da família. Tenho algo a dizer que nos interessa a todos.

Eloise fitou-o com os olhos arregalados.

– Isso soa a ameaçador, Hector. O que se passa?

– Tenho de subir e trocar de roupa. – Angel fez um movimento na direção da escada, mas Hector agarrou-lhe a mão.

– Não. Isto diz-te tanto respeito a ti como aos restantes. – Virou-se para a mãe. – Os outros estão na sala de estar?

– Sim, e não te esperámos para jantar porque não fazia ideia se voltarias ou não esta noite. – Eloise olhou de relance para Angel. – Quanto a si, *miss*, agradeceria que não desaparecesse assim. Estava prestes a enviar uma equipa de busca. O meu irmão nunca me perdoaria se permitisse que lhe acontecesse algo.

O significado das palavras era claro, mas Angel estava habituada aos comentários afiados de Mrs. Devane e sempre soubera que a tia adotiva se limitava a tolerar a sua presença. Eloise dirigiu-se à sala de estar com a cabeça erguida e as anáguas de tafetá de seda a balançar, enquanto deslizava pelo chão polido.

Na sala de estar, Toby e Hector estavam instalados em cadeiras de cada lado de uma lareira crepitante. Embora se estivesse no pino do verão, um frio gelado parecia surgir sempre dos pântanos ao fim da tarde e o calor da lareira era mais do que bem-vindo. Susannah empoleirou-se no assento da janela, olhando para o jardim à luz do crepúsculo. Virou a cabeça para brindar Angel com um olhar superficial e depois desviou o rosto.

– Hector tem algo de importante para nos dizer – informou Eloise, com um ar petulante. – Depois das infelicidades de hoje, não consigo pensar no que poderia ser pior. – Afundou-se no sofá e deu uma palmadinha no espaço vazio ao lado dela.

– Senta-te, Hector. Não nos deixes em *suspense*.

Toby tomou um gole do copo que segurava na mão.

– Espero que o nosso vendedor de bebidas não nos tenha cortado o crédito. Este é um excelente *Armagnac*.

– É só nisso que consegues pensar? – perguntou Hector, irritado. – Posso dizer-vos agora que a conta foi encerrada. Liquidei-a hoje, bem como a que tinha com o Fortnum, mamã. Não podemos permitir-nos levar o mesmo estilo de vida.

– De que estás a falar, Hector? – Eloise desdobrou o leque e usou-o vigorosamente. – Isso é alguma brincadeira?

– É pior do que qualquer das minhas – comentou Humphrey, a rir. – Anda lá, Hector, agora vais dizer-nos que temos de vender Grantley.

Susannah levantou-se de um salto.

– Parem todos com isso. O meu coração foi partido e vocês limitam-se a falar sobre comida e vinho e a fazer piadas parvas.

– Não fiques irritada, Sukey – disse Angel gentilmente. – Não terias sido feliz com o Rupert.

– Como sabes? – Os olhos de Susannah brilharam e apertou os lábios. – É tudo culpa tua por trazeres aquela rameira para a nossa casa. Vê o que acontece quando se tenta ser gentil para os pobres e necessitados – viram-se contra nós e dão-nos cabo da vida.

– Basta! – A áspera reprimenda de Hector silenciou Susannah, que se afundou no assento, empurrando Angel para longe enquanto ela tentava consolá-la.

– Diz-nos o que tens a dizer, Hector – pediu Eloise num tom fatigado. – Tem sido um dia longo e difícil e sinto a aproximação de uma das minhas enxaquecas.

– Para ser franco, estamos em dificuldades financeiras. – Hector pegou numa garrafa e deitou um pouco de conhaque num copo. Levou-o aos lábios e tomou um gole. – Luxos como este terão de ser dispensados. Teremos de nos arranjar com menos criados e reduzir também o pessoal do exterior.

– Porquê, querido? – perguntou Eloise ansiosamente. – O que causou esta horrível situação? Houve decerto algum engano?

– Não, mamã. Receio que seja ainda pior. O tio Dolph fez alguns investimentos que falharam espetacularmente. Fez uma grande hipoteca sobre Grantley para comprar as ações e a hipoteca tem de ser paga, o que pode significar colocar toda a propriedade e a casa à venda.

Toby deixou cair o copo que se quebrou no guarda-fogo da lareira.

– Deve haver algo que possamos fazer, Hector.

– Passei o dia com o nosso advogado e ele não consegue ver outra saída para esta confusão.

– De certeza, querido? – Eloise apertou as faces com as mãos.

– Porque não nos disseram isso mais cedo? Não posso acreditar que Freddie Beauchamp nos decepcionaria a este ponto.

– Mister Beauchamp morreu há dois meses, mamã. Aparentemente, foi enviada uma carta ao tio Dolph, informando-o que o sócio de Beauchamp iria substituí-lo.

– Deve estar na sua secretária. Nunca abro a correspondência do Dolph. Não seria apropriado imiscuir-me nos seus assuntos. – Eloise fechou os olhos e recostou-se contra as almofadas de seda. – Isto é um pesadelo. Vou acordar daqui a um minuto e descobrir que foi apenas um pesadelo.

– Quem é o novo homem? – perguntou Toby ansiosamente. – Conhecemo-lo, Hector?

– Agora é o solicitador sénior. Chama-se Galloway.

A respiração de Angel ficou presa na garganta quando uma visão da casa de trabalho surgiu diante dos seus olhos.

– Geoffrey Galloway?

– Sim, julgo que sim. – Hector lançou-lhe um olhar perscrutador. – Conhece-lo, Angel?

– Como é que uma rapariga da rua conhece um advogado? – ripostou Susannah num tom áspero.

– Deixem-na responder. – Hector baixou a voz. – Está tudo bem, Angel? Pareces ter visto um fantasma.

– Se é o mesmo Geoffrey Galloway, é o homem que me separou da tia Cordelia e me colocou na casa de trabalho. – As palavras saíram-lhe num sussurro horrorizado.

– Não sejas idiota, Angel – disse Eloise com aspereza. – Tenho a certeza de que o nosso advogado se encontra acima de qualquer suspeita.

– Devo acrescentar que não simpatizei com o homem. – Hector bebeu o conhaque de um trago. – Mas não há muito que possa fazer no curto espaço de tempo de que disponho em casa. A verdade é que estamos praticamente falidos, e tenho de voltar ao meu regimento amanhã. Gostaria de poder ficar e acompanhar-vos neste momento difícil, mas seria fuzilado como um desertor se não voltasse à província de Natal.

Susannah levantou-se com um suspiro de aborrecimento.

– Muito bem, Hector. Faz o que é teu hábito e foge. Volta para brincaremos aos soldados e deixa-nos a enfrentar a perda da nossa casa e de tudo o que valorizamos. – Saiu do quarto a correr, batendo com a porta atrás dela.

– Nem sempre concordo com a Susannah quando ela faz birra – disse Eloise, suspirando pesadamente –, mas desta vez acho que poderias colocar-nos em primeiro lugar, Hector. Tenho a certeza de que o exército entenderia.

Hector abriu a boca para responder, mas Toby falou primeiro.

– Temo que ele esteja certo, mamã. Hector é um soldado e tem de partir, mas talvez eu possa fazer alguma coisa.

– Eu ajudaria se pudesse – declarou Humphrey tristemente. – Mas não sei por onde começar.

– Todos podemos fazer alguma coisa. – Angel mantivera-se calada até ao momento, mas não ia ficar parada e sem dizer nada quando Hector estava a ser injustamente criticado. – Não sei muito sobre o exército, mas sei que Hector ficaria se fosse possível. Farei tudo o que puder para salvar

Grantley Park. Aceitou-me, tia Eloise, mesmo sem o desejar, e por isso estarei sempre agradecida. Vocês são a minha família e amo-vos a todos.

Hector agarrou-lhe na mão e os olhos escuros brilharam de gratidão.

– Obrigado, Angel. Tomei providências para que o meu salário seja depositado na conta bancária da mamã e, com um pouco de sorte, poderemos ser capazes de persuadir os nossos credores a darem-nos mais tempo. A agitação na província de Natal não pode durar para sempre, ainda pode ser resolvida com diplomacia, e então voltarei e renunciarei à minha comissão. – Virou-se para a mãe com um olhar suplicante. – Se conseguir aguentar-se até lá, fazendo as economias necessárias, desistirei da minha carreira no exército para me dedicar à administração da propriedade. Provavelmente, teremos de vender algumas das terras, mas espero que possamos manter Grantley.

– Vou sair da Rugby School – declarou Humphrey impulsivamente. – Ficarei em casa a trabalhar nos estábulos ou no jardim.

Hector assentiu.

– Podemos chegar a isso, amigão. Galloway virá aqui amanhã para verificar os números comigo. – Olhou para Toby. – Não está em causa deixares Oxford antes dos exames finais, e podemos precisar de um bom advogado se esse tal Galloway for a mesma pessoa que tratou Angel tão desprezivelmente.

– Teria muito prazer em processar esse aldrabão. – Toby levantou-se da cadeira e foi servir-se de outra bebida. – Já agora, vou aproveitando, se vamos dispensar isto no futuro. Suponho que ficarei sem mesada, Hector?

– Só precisas acostumar-te a uma vida frugal – respondeu Hector com um sorriso irónico. – Ou podes encontrar um emprego remunerado. Acredito que os outros menos afortunados do que nós têm de trabalhar e tirar o curso na universidade ao mesmo tempo.

Eloise levantou-se.

– Parem com isso, vocês os dois. Sinto-me bastante indisposta e vou para o meu quarto. Confio em ti para resolveres as coisas amanhã, Hector.

Ele correu a abrir-lhe a porta.

– Boa noite, mamã. Tente não se preocupar. Tenho a certeza de que encontraremos uma solução. – Virou-se para Angel com um sorriso encorajador. – Não sei se sentes o mesmo, mas eu estou a morrer de fome. Não comi o dia todo.

– Também estou com fome. Vou à cozinha e descobrirei algo para comermos.

– Podes tentar tocar a campainha – sugeriu Toby preguiçosamente. – Temos criadas para fazer isso, Angel, ou esqueceste-te?

– Lil e Dolly estão em Londres, e Cook e Flossie já se devem ter recolhido. Não sou inútil como vocês, rapazes.

– Muito bem – aprovou Hector. – Irei contigo, Angel.

– Ficaria admirada se soubesses onde fica a cozinha. – Hector atirou Angel por cima do ombro.

– É aí que te enganas. Costumava saber quando a Cook tinha feito tortas ou empadas e rondava a cozinha até ela ceder e dar-me uma ou duas. Estou acostumado a acampar, portanto não sou totalmente inútil.

– Veremos.

Meia hora depois, Angel e Hector estavam sentados à mesa da cozinha, a terminar a sua refeição de presunto frito e ovos.

– Estava excelente. Obrigado, Angel. Hector recostou-se na cadeira, tomando uma chávena de chá.

– Quem te ensinou a cozinhar?

Ela pousou a faca e o garfo, com um sorriso.

– Não é precisa muita ciência para fritar algumas fatias de presunto e adicionar alguns ovos à frigideira, mas, tal como tu, também costumava demorar-me na cozinha da tia Cordelia e observar Cook, embora ela não tivesse tempo para as crianças. Mas a Lil defendia-me sempre e a cozinheira tinha medo da Lil. – Ela riu. – Quem não teria? Se alguma vez tivesses visto a Lil fora de si, saberias ao que me refiro.

– Lil Heavitree daria um sargento fantástico. Aterrorizaria o inimigo, assim como as tropas.

– Mas ela é uma boa amiga e está a cuidar da Dolly. Não te importas que usem a tua casa em Londres, pois não?

– Pertence ao tio Dolph, mas ele está longe e disseste que voltariam dentro de dias, portanto esquece isso.

Angel brincava com a faca, evitando fixá-lo nos olhos.

– Se o teu Mister Galloway for o mesmo homem que me abandonou na casa de trabalho, o que farás?

– Descreve o homem que conhecias.

– Era alto e magro. Estava a ficar careca, mas tinha um bigode encaracolado e um cavanhaque. Quando era miúda, costumava pensar que era um homem bom, porque tinha sempre doces no bolso para mim, mas mudou completamente depois de mandar a tia Cordelia morar com a irmã.

Hector franziu a testa enquanto voltava a colocar a chávena no pires.

– Então deve ser o mesmo indivíduo. Agora tem os bigodes grisalhos, mas a tua descrição enquadra-se-lhe perfeitamente.

– O que vais fazer?

– Estás disposta a enfrentá-lo novamente?

– Sim, claro.

– Então deixa o assunto comigo, Angel. Não permitirei que alguém volte a magoar-te.

* * *

Geoffrey Galloway levantou-se da cadeira de couro no escritório de Hector quando Angel entrou na sala e o seu sorriso untuoso deu lugar a uma expressão chocada, que poderia, em qualquer outra circunstância, tê-la feito rir.

– Sim, é este o homem, Hector – afirmou ela sem demonstrar emoção. O coração batia-lhe com força no peito e lembranças do seu último encontro ameaçavam dominá-la, mas conseguiu manter a postura e a calma. – Esta é a pessoa que mentiu à minha tia e me deixou na casa de trabalho.

A cor afluiu às faces de Galloway, mas desvaneceu-se instantaneamente, deixando-o pálido e com um ar doentio.

– Interpretaste mal os meus motivos, Angel, minha querida. Deixei-te aos cuidados do mestre da casa de trabalho e da sua boa esposa, porque eu estava a viver em quartos de solteiro, sem instalações apropriadas a uma menina. Tencionava indubitavelmente levar-te para o campo...

– Não acredito em si – declarou Angel acaloradamente. – Prometeu à tia Cordelia que cuidaria de mim.

– Tens de entender que a morte de Mister Wilding foi súbita e inesperada – replicou Galloway com cautela. – Fomos todos apanhados desprevenidos.

– Já ouvi o suficiente. – Hector levantou-se e deu a volta à secretária para encarar Galloway. – Não o quero a tratar dos assuntos da minha família.

Galloway recuperou rapidamente.

– Não é uma decisão sua, capitão Devane. A minha firma representa Sir Adolphus e só ele pode pôr fim ao nosso acordo. Agora sou sócio sénior no negócio, portanto, temo que tenha de lidar comigo. A alternativa é permitir que os credores executem a hipoteca.

Angel abafou um suspiro de desânimo, mas a expressão de Hector permaneceu impassível. Poderia muito bem ter sido esculpido em mármore com a emoção que demonstrou.

– É um bandido e um charlatão, Galloway. O meu tio vai ouvir isso quando eu voltar à província de Natal. Entretanto, espero que lidere o assunto de uma forma adequada a um homem da sua profissão. Se não o fizer, vou denunciá-lo à Instituição Jurídica ou qualquer que seja o nome atual do corpo administrativo de advogados.

Galloway esboçou um sorriso afetado e voltou a sentar-se.

– Ainda bem que entende a minha perspetiva, capitão Devane. – Deitou um olhar de soslaio a Angel. – Posso concluir que esta jovem faz parte do seu agregado familiar?

Angel cerrou os punhos junto aos lados do corpo. Não era uma pessoa violenta, mas nesse momento ter-lhe-ia dado uma grande satisfação apagar o estúpido sorriso do rosto de Galloway com uma forte bofetada.

– Miss Winter foi descoberta descalça na neve, a vender azevinho numa tentativa para não morrer de fome. O meu tio trouxe-a para cá na véspera de Natal há sete anos, e ela é um membro muito amado da nossa família. Vai tratá-la com o respeito que ela merece.

– Está obviamente a par de que ela era uma recém-nascida abandonada em Angel Alley, Whitechapel, de pais desconhecidos.

– Isso não é da sua conta, Galloway – replicou Hector bruscamente. – O passado de Miss Winter não tem nada a ver com o nosso atual dilema, e pode ter de lidar com ela quando a minha mãe estiver indisposta, o que acontece com demasiada frequência. Os meus irmãos regressarão à Rugby School e a Oxford no início dos períodos do Advento e da Festa de São Miguel e Todos os Anjos, mas até lá Toby estará presente para ajudar e aconselhar. Ele está a tirar o curso de Direito, portanto sabe do que fala.

– Realmente, capitão Devane, parece pensar que sou um rematado vilão, mas está enganado. O que aconteceu no passado é agora história, e conquistei a minha posição através da diligência e da boa vontade dos meus clientes. Não tem nada a temer. – Galloway virou-se para Angel com um sorriso que não se espelhou no olhar. – Estou ao seu dispor, Miss Winter. Espero que os mal-entendidos sejam esquecidos e nos venhamos a dar perfeitamente. O meu único objetivo será salvar Grantley Park da ruína, posso garantir-lhe isso.

– Espero bem que sim, Mister Galloway – reagiu Angel friamente.

– Apoio isso. – Hector foi sentar-se por trás da secretária, apoiando os cotovelos no tampo de couro. – Agora, Galloway, qual é o seu plano de ação? Lembre-se de que disponho de pouco tempo em casa e depois parto para a província de Natal.

– Não me esqueci, capitão. Com isso em mente, tomei disposições para nos reunirmos com os seus credores esta tarde. – Retirou uma série de documentos de uma pasta e colocou-os na frente de Hector. – Se ler e aprovar essas condições mediante as quais o pagamento seria feito, deverá assiná-los e vou levá-los comigo, mas tenho de sair dentro de uma hora.

Angel foi colocar-se atrás de Hector, tentando ler os documentos por cima do seu ombro, mas achou os termos legais assustadores e pareceram-lhe desnecessariamente complicados. Galloway sentou-se na beira da cadeira, sorrindo, mas Angel concentrou-se nos documentos, evitando o seu olhar.

– É o melhor que consegui fazer? – perguntou Hector, erguendo a cabeça para encarar Galloway. – Estas são realmente as condições mais favoráveis que obtive?

– Está a duvidar da minha integridade, capitão Devane? Trabalhei incansavelmente em conjunto com os advogados dos credores para elaborar um acordo que seja justo para as duas partes.

– Então a sua ideia de justiça não se iguala à minha – observou Hector, irritado. – O valor que eles esperam receber a cada mês é exorbitante.

– Mas, capitão Devane – contrapôs Galloway, num tom suave –, o seu tio perdeu muito dinheiro e apresentou a propriedade como equidade. Dificilmente pode culpar os credores por exigirem um retorno justo. Talvez devêssemos considerar os benefícios de vender a terra, o que pode salvar Grantley, embora não possa ter essa certeza.

Hector estreitou os olhos.

– Que benefícios tira do negócio, Galloway?

– Sinto-me profundamente ofendido por pensar isso a meu respeito, *sir*. Sou agora o sócio principal da empresa e altamente respeitado. Não acredite em tudo o que Miss Winter lhe diz.

– Basta, Galloway. Se a situação não fosse tão desesperada, expulsá-lo-ia por fazer um comentário desses.

– Peço obviamente desculpa. Talvez tenha falado de uma forma inapropriada, mas peço-lhe que assine o acordo, capitão Devane. Caso contrário, temo que venha a perder tudo.

Hector hesitou por um momento, baixando o rosto para o documento, com a testa franzida.

– Em qualquer outra altura, lutaria contra isso – suspirou fundo. – Porém, realmente, não tenho escolha. – Agarrou numa pena, mergulhou-a no tinteiro e assinou o seu nome com um floreado. – Leve-lhes isso e maldito seja.

Galloway levantou-se, estendendo a mão.

– Era a única maneira. Pode ter a certeza de que os seus interesses serão bem defendidos na sua ausência. – Olhou de relance para Angel. – Vai considerar-me um aliado valioso, Miss Winter, mas um inimigo perigoso. – Agarrou nos documentos e colocou-os na pasta de cabedal. – Bom dia aos dois.

– Continua sem me inspirar confiança – disse Angel quando a porta se fechou. – E ameaçou-me. Ouviste isso, Hector?

– Sim, mas não escapará por muito tempo. Quando vir o tio Dolph, vou contar-lhe tudo o que aconteceu na sua ausência. Galloway ficará em sérios apuros se pisar o risco, e trocaremos de solicitadores na primeira oportunidade possível. – Recostou-se na cadeira, unindo os dedos ao alto. – Lamento deixar-te a braços com tudo isto, Angel. Percebo que o fardo cairá sobre os teus ombros e enfrentarás uma luta difícil.

– Sabes que farei tudo o que puder para salvar Grantley. Vou lavar roupa, se necessário.

A expressão perturbada de Hector cedeu lugar a um sorriso.

– Consegues imaginar a cara da minha mãe se isso acontecesse?

– Mereceria uma foto – riu Angel. – Mas estava a falar a sério.

– Sei que é verdade, e gosto de ti por isso.

Para alívio de Angel, Hector levantou-se e dirigiu-se à janela. As suas palavras tinham-lhe acelerado a pulsação e sabia que estava a corar. Não havia nada de remotamente enamorado no seu tom, mas foi a primeira vez que lhe falara com tanto carinho. No entanto, as palavras seguintes fizeram-na voltar à realidade com um baque surdo.

– Raios! É o Westwood. Tem cá uma coragem. – Hector correu para a porta. – Preciso de lhe dizer umas palavras.

Angel precipitou-se atrás dele.

– Ele está a tentar agir da melhor maneira, Hector. Dá-lhe uma oportunidade.

– Mantém-te fora disto, Angel. Não suportarei que ninguém se aproveite da minha irmã. – Parou no *hall* de entrada, virando-se para encarar Angel. – Vinha aqui para ver a Susannah, mas a sua intenção durante todo o tempo era encontrar-se secretamente com uma das nossas criadas. Negas isso?

– Não, claro que não, e ele sabe que foi errado, mas...

– Mas nada. Não interfiras, Angel. Este assunto diz-me respeito. – Abriu a porta da frente e saiu.

Apesar do seu aviso, Angel seguiu-o, mas conservou-se à distância, enquanto Rupert detinha o cavalo e saltava da sela.

– Sei o que deves pensar de mim, Devane, mas vim apresentar as minhas desculpas pela maneira como me comportei.

– A parte lesada é a minha irmã – reagiu Hector, num tom áspero. – Julgo que Susannah merece uma explicação e um pedido de desculpas. Abusaste da nossa hospitalidade e levaste a minha irmã a acreditar que a visitavas, quando afinal cortejavas uma das nossas criadas. Foi desonesto, Westwood. Desonesto e indigno de ti.

Rupert baixou a cabeça.

– Aceito tudo isso, e na verdade lamento muito, mas nem sempre podemos escolher quando se trata de assuntos do coração.

– Ora! Por favor! – exclamou Hector com desdém. – Pareces uma personagem de um dos romances baratos da minha irmã. Os meus irmãos e eu costumávamos provocá-la quando éramos mais jovens.

– Não estou a desculpar-me por me ter apaixonado, Devane.

– Dolly Chapman é uma criada. Como julgas que será recebida pelas esposas dos outros oficiais? É provável que se veja ostracizada.

– Hector. – Angel tinha escutado o suficiente. Correu para junto dele e colocou a mão no seu braço. – Isso não é justo e é indigno de ti. Dolly é uma rapariga terna e dará uma esposa amorosa. Pode não ter o benefício de uma família abastada e de uma boa educação, mas está disposta a aprender e é mais capaz de se inserir no exército do que muitas meninas bem-educadas.

Rupert pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios.

– Obrigado, Angel. Nunca ouvi palavras mais verdadeiras. – Virou-se para Hector e o sorriso desvaneceu-se. – Diz o que quiseres de mim, mas não insultes a minha noiva.

– Talvez tenha exagerado, mas ela não terá uma vida fácil, Westwood.

– Estarei lá para amá-la e protegê-la, e a principal razão para a minha visita de hoje é convidar-vos a todos para o casamento esta tarde. Comprei uma licença especial e o vigário está feliz por

ajudar. Receio que não haja um pequeno-almoço de casamento, porque não houve tempo para organizar um, mas todos serão bem-vindos a aparecer na igreja.

– Obrigado – agradeceu Hector, num tom áspero.

– A sua família estará lá? – perguntou Angel. – E quem conduzirá a Dolly?

Os olhos cinzentos de Rupert escureceram.

– Esperava que o meu pai aceitasse, mas ele decidiu ficar longe.

– Mas certamente a Blanche estará lá?

Rupert abanou a cabeça.

– A Blanche também recusou. Tomou as dores de Susannah, e suponho que seja natural.

Angel puxou a manga de Hector.

– És o chefe da casa, Hector, e Dolly fazia parte de Grantley até ontem.

– O que estás a sugerir? – A expressão sombria de Hector não era encorajadora, mas Angel estava decidida a proporcionar a Dolly um dia inesquecível.

– Rupert é um colega oficial e partirás hoje, mais tarde. O passado poderia certamente ser deixado para trás, nem que fosse apenas por um dia. Vais conduzir a Dolly ao altar, Hector?

Capítulo Doze

Dolly, usando um dos vestidos de tarde de tafetá de seda de Angel num delicado tom de verde que fazia os seus olhos brilhar como esmeraldas, percorreu a ala pelo braço de Hector. Angel tivera de usar todos os seus poderes de persuasão, mas, por fim, ele acedera a conduzir Dolly e parecia imponente no seu uniforme de gala, bem como Rupert, que aguardava no altar. A igreja da aldeia estava estranhamente silenciosa, pois não havia música para anunciar a chegada da noiva. Miss Creedy, que dirigia a loja da vila e os correios, era geralmente a organista, mas não restara tempo suficiente para garantir os seus serviços e os meninos do coro estavam na propriedade, a ajudar na colheita.

Embora as disposições para o casamento tivessem sido apressadas, Angel desejava que tivesse havido mais bem-intencionados para verem Dolly e Rupert pronunciar os votos. Humphrey era o único membro da família, além de Hector, que se sentira capaz de comparecer. Quando Eloise se inteirou dos seus planos, mandou chamar a carruagem e levou Susannah a Westwood Hall. Iriam obviamente tomar chá com Blanche e Sir Eugene, que também haviam optado por ignorar os convites, e a pobre Dolly seria o objeto da sua raiva conjunta. «Mesmo assim, Blanche poderia ter feito um esforço», pensou Angel, irritada. Rupert era seu irmão e o único crime fora ter-se apaixonado por uma jovem que não pertencia à sua classe social. O casal estava genuinamente apaixonado, o que era visível para todos quando Dolly se juntou a Rupert no altar.

Houve suspiros sentimentais de Lil, Cook e Meg, que estavam no banco atrás de Angel e de Humphrey. Angel avançou para pegar no buquê de rosas de musgo de Dolly, enquanto o vigário pronunciava as palavras da cerimónia de casamento. Tendo desempenhado o seu papel, Hector veio sentar-se ao lado dela. Angel olhou para o seu perfil bem delineado e um súbito arrepio percorreu-lhe a espinha. Hector partiria nessa tarde, assim como Rupert, e embarcariam numa longa viagem marítima que os levaria à África do Sul e a uma guerra que parecia inevitável, embora distante das suas vidas diárias. Angel respirou fundo e esforçou-se para se concentrar na noiva e no noivo, enquanto o vigário anunciava que agora eram marido e mulher.

Do lado de fora da igreja, Dolly e o seu agora marido foram inundados com pétalas de rosas perfumadas que Angel e Meg tinham colhido no jardim nessa manhã. Cook enxugou as lágrimas e Lil assoou-se ruidosamente ao mesmo tempo que Meg fitava Dolly com o olhar nublado.

– Estás uma noiva tão linda.

– A tua vez será a próxima, Meg, e vou dançar no teu casamento. – O rosto de Dolly brilhava de felicidade quando abraçou a amiga. – Obrigada a todos por terem vindo.

– Sim – acrescentou Rupert, apertando mãos. – Também vos agradeço. Prometo cuidar de Dolly e faremos uma visita quando voltarmos da província de Natal.

Cook e Meg fizeram uma vénia, mas, quando Lil tentou imitá-las, quase caiu e endireitou-se com um grunhido e um sorriso retorcido.

– Nunca tive muito jeito para ser elegante.

Humphrey deu um abraço a Dolly.

– Espero que sejam os dois muito felizes e voltem para casa em segurança.

– Parabéns. – Hector apertou a mão de Rupert. Virou-se para Dolly com um sorriso genuíno. –

Espero que sejam muito felizes.

– Obrigado, Devane – agradeceu Rupert, envolvendo a delicada cintura da esposa com o braço. –

Aprecio o que fizeste por nós.

Angel olhou para Lil, Cook e Meg, que estavam muito juntas com olhares de expectativa.

– Gostariam de voltar a casa para alguns refrescos?

Rupert sacudiu a cabeça.

– Receio que tenham de nos desculpar. Partimos imediatamente para Southampton assim que mudarmos para roupas mais adequadas. E tu, Devane?

– Também partirei em breve. Provavelmente vemo-nos na estação de Waterloo Bridge.

– Aluguei uma carruagem. És muito bem-vindo se nos quiseres acompanhar.

Um sorriso irónico curvou os lábios de Hector.

– Não me parece que vá fazer de dama de companhia aos recém-casados, mas, obrigado, Westwood. – Fez uma vénia a Dolly. – Mistress Westwood.

Dolly fitou-o e em seguida desatou a rir.

– Isso soa muito estranho, Mistress Westwood. Quem iria pensar em tal coisa?

Essa foi a deixa de Angel para se apressar a dar-lhe um abraço, seguida por Lil e pelos outros. Rupert teve de lhes tirar a noiva e seguiram de braço dado até à estalagem, que ficava a poucos passos dali.

Humphrey deu uma palmada nas costas do irmão.

– Vou sentir a tua falta, Hector. Quem me dera ir contigo.

– Não, tu não, Humpty. Não será um piquenique e, quanto a levar uma mulher para enfrentar a vida no acampamento, não é o que desejaria para alguém que amasse. – Hector ofereceu o braço a Angel.

– Vou para casa acabar de fazer as malas e gostaria de passar em revista algumas coisas contigo antes de partir.

– Sim, claro. – Angel enfiou a mão na dobra do seu braço. – Podes confiar em mim para dar o meu melhor por Grantley.

– Sei que posso. Estou a depender de ti para unires as pontas, Angel.

– Vou deixar a Rugby School para ficar aqui a ajudar a administrar as coisas – afirmou Humphrey ao lado deles.

– Pode vir a ser preciso, amigo. Tudo depende do dinheiro extra com que o tio Dolph possa contribuir para o reembolso, e só vou saber isso quando tiver oportunidade de conversar com ele. O seu antigo advogado conhecia os negócios da família por dentro e por fora, mas não confio em Galloway e a Angel também não. Quero que faças tudo o que puderes para a ajudar, Humpty, e direi o mesmo a Toby.

– Darei o meu melhor – prometeu Humphrey, com uma expressão séria. – A mamã não tem cabeça para o negócio e colocaria mais depressa um gato no comando do leme do que confiaria na Susannah. Ela gastaria até ao último centavo em novos vestidos e sapatos, se tivesse oportunidade.

– Não acho justo. – Angel tentou parecer severa, mas não conseguiu sustentar o riso –, era exatamente o que Susannah faria.

O sol brilhava e o ar estava repleto de trinados de pássaros, do cheiro inebriante de flores de verão e da relva quente. Era um lindo dia para um casamento e, enquanto Angel regressava a casa de braço dado com os dois irmãos, percebeu que nunca se sentira mais feliz do que naquele momento, mas não se atrevia a pensar no futuro; a sua vida quase perfeita estava a ser ameaçada por forças exteriores. Teria de ser forte e não se permitir pensar no que poderia acontecer a Hector quando regressasse à província de Natal. A possibilidade de poder não voltar pairava sobre eles como um pássaro de mau agouro e empurrou-a resolutamente para o fundo da mente. Além disso, tinha agora o seu antigo inimigo para enfrentar. Não confiava em Galloway e lutaria com ele até à última gota do seu próprio sangue, se isso significasse manter Grantley na família que passara a considerar como sua.

– Porque estás tão calada? – perguntou Hector ao chegarem aos altos portões de ferro forjado que protegiam Grantley do mundo exterior. – Fiz o que pediste e acompanhei ao altar a tua jovem amiga, embora a minha mãe e a minha irmã nunca me perdoem.

– Não a provoques – Humphrey deu uma cotovelada brincalhona nas costas do irmão. – A mamã e a Sukey nunca se lembram de nada durante mais de cinco minutos, a menos que seja a última moda de Paris ou a perspectiva de um baile.

Hector simulou um soco com a direita, como se estivesse a brigar com o irmão.

– Não deixes que nenhuma delas te oiça a dizer coisas dessas, pirralho.

– Não briguem – disse Angel, tentando não rir. O comportamento brincalhão de ambos era um alívio após as tensões dos últimos dois dias. – Tenho uma ideia melhor. Vamos para dentro de casa e brindar ao casal feliz. Julgo que deve haver uma garrafa de champanhe empoeirada na adega. – Queria agarrar aquele momento para sempre, pois sabia que iria passar rapidamente e a seguir Hector partiria para a guerra enquanto o futuro de Grantley ficava pendente na balança.

* * *

Eloise e Susannah voltaram a tempo de trocar de roupa para o jantar e Angel encontrou-as no *hall* de entrada.

– Hector saiu há uma hora – disse sem rodeios. – Não acharam importante despedirem-se?

– Não sejas impertinente. – Eloise empurrou a sombrinha para a mão de Angel. – Suponho que a rapariga se tenha ido embora e não haja criada de quarto.

– Dolly e Rupert casaram-se esta tarde. – Angel manteve a calma, embora estivesse a ferver por dentro. – Foi uma pena que o pai e a irmã não tivessem achado por bem comparecer.

Susannah atirou a sua sombrinha para uma cadeira.

– Suponho que o jardineiro ou um dos cavaleiros tenha levado a rameira ao altar.

Angel olhou por cima do ombro ao ouvir o som de passos e Humphrey apareceu vindo da sala de estar e parando ao lado dela.

– Na verdade, foi Hector quem levou a noiva ao altar – comentou casualmente – e fez um belo trabalho.

Eloise inspirou o ar, desconfiada.

– Estiveste a beber, Humphrey?

– Bebi uma ou duas taças de champanhe para brindar ao feliz casal e desejar *bon voyage* a Hector, se isso for apropriado para um homem que possa estar a enfrentar a guerra. – Humphrey enroscou os

dedos ao redor da mão de Angel. – Poderiam ter chegado a casa a tempo de vê-lo partir. Talvez nunca mais o vejamos.

– Não digas essas coisas. – O lábio inferior de Susannah tremeu. – Não sofri o suficiente sem que aumentes os meus problemas?

– Sempre foi egoísta, mas tinha melhor opinião a seu respeito, mamã. – Humphrey afastou-se, deixando a mãe e a irmã boquiabertas.

– Volta aqui imediatamente, Humphrey – gritou Eloise, batendo o pé como uma criança mimada. – Não podes falar com a tua mãe nesse tom de voz. Não o permitirei.

Susannah colocou o braço em volta dos ombros da mãe.

– A culpa é toda tua, Angel. Encorajaste aquela rapariga a pensar que era igual a nós, e agora Humphrey está a ser ofensivo e deixaste-o beber. Devias ter vergonha.

Angel podia ver que nenhuma delas estava disposta a ouvir a voz da razão e virou-se.

– O jantar será servido daqui a uma hora – anunciou friamente.

– Susannah, ajuda-me a subir. – Eloise apoiou-se pesadamente no braço da filha. – E como não temos nenhuma criada de quarto, terás de trazer-me água quente, Angel Winter. Vais trabalhar para pagar a hospitalidade que te tem sido dispensada desde que nos foste impingida pelo meu irmão.

– Isso não é muito justo, mamã – protestou Susannah enquanto ajudava a mãe a subir a ampla escadaria. – Não é culpa da Angel que tenhamos de fazer economias.

– Não é? É estranho como a má sorte nos atingiu desde a sua chegada. Éramos uma família feliz e unida até ela nos ter sido imposta.

Angel não esperou para ouvir a resposta de Susannah. Suspirou, mas estava acostumada às farpas da tia Eloise e nesse aspeto pouco mudara. Dirigiu-se à cozinha para pedir a Lil que nessa noite servisse à mesa e mandou Flossie para o andar de cima com um jarro de água quente.

– Não posso servir à mesa – protestou Lil asperamente. – Sabes como sou desajeitada, Angel. Ainda despejava a sopa no colo da senhora.

– Seria bem feito – observou a cozinheira Cook batendo um pedaço de massa no tampo da mesa. – Sei que não devo dizer isso dos meus superiores, mas o governo da casa tem sido péssimo desde que Mistress Kerslake se reformou e não foi substituída. Como é que uma casa deste tamanho pode ser administrada só por nós as três? É impossível, é o que é.

– Sabemos que algo está a passar-se, Angel. – Lil fitou-a com um olhar interrogativo. – Deita cá para fora. Conta-nos o pior, e não finjas que as coisas estão normais porque eu vi aquele vilão do Galloway. O que queria ele daqui?

Angel percebeu que elas não seriam enganadas com desculpas.

– A verdade é que a família está com problemas financeiros. Sir Adolphus perdeu muito dinheiro e os seus credores ameaçam levá-lo à falência. É possível que Grantley e a propriedade tenham de ser vendidos.

Cook desabou sobre um banquinho de três pernas, deixando apenas o topo da cabeça e a touca branca visíveis acima da mesa.

– Que o céu nos ajude!

– Eu não confiaria em nada no que esse tal Galloway diga. – Lil cruzou os braços ossudos sobre o peito. – Lembra-te do que ele te fez e à pobre Mistress Wilding.

– Claro que me lembro. Conteí tudo ao capitão Devane, mas ele não teve outra escolha senão assinar um acordo para pagar uma quantia mensal aos credores.

– Podemos pagar? – As sobranceiras arenosas de Lil arquearam-se sobre a cana do nariz. – A sua senhoria lá do andar de cima tem um rendimento privado?

Angel sacudiu a cabeça.

– Não me parece.

– O que significa isso para nós? – perguntou Cook com raiva. – Vamos ser dispensadas?

– Não, se puder evitá-lo. – Angel dirigiu-se à porta. – Farei tudo o que estiver ao meu alcance para amenizar a situação, e sei que vão ajudar-me, mesmo que isso signifique fazer trabalho extra.

Lil e Cook trocaram olhares cansados.

– Vou servir à mesa – decidiu Lil com uma expressão sombria –, mas não me culpes se correr mal.

– Eu não posso trabalhar mais. – Cook levantou-se e começou a atacar a massa de pão. – Mas vou esforçar-me, Angel.

– Obrigada às duas. Sabia que podia contar convosco. Mas peço-vos que por agora não digam nada ao pessoal externo. Amanhã vou a Londres encontrar-me com Galloway no seu escritório e verificar exatamente a nossa situação. Nenhum de nós vai ceder facilmente.

* * *

A firma de Beauchamp e Quelch tinha escritórios num dos edifícios de quatro andares nos Lincoln's Inn Fields, que dantes tinham alojado lordes e damas, mas que agora eram habitados quase inteiramente por advogados. Angel chegou acompanhada por Lil. O rececionista, com farda em tons de preto e verde, coçada nos cotovelos e nos joelhos, examinou-as com um ar desconfiado.

– Mister Galloway só recebe com hora marcada.

– Acho que ele vai receber-me – replicou Angel, confiante. – Por favor, diga-lhe que Miss Winter deseja falar-lhe sobre um assunto urgente.

Lil inclinou-se sobre a mesa, fixando o homem nervoso com um olhar duro.

– E se dá valor a esse seu pescoço magro, voltará com uma resposta satisfatória. Entende-me?

Ele levantou-se e recuou, mantendo um olhar cauteloso em Lil até conseguir escapar-se por um corredor estreito.

– Galloway vai receber-me – disse Angel com firmeza.

– Se ele recusar, deito a porta abaixo. – Lil estalou os nós dos dedos, produzindo um som impressionante que ecoou nas paredes revestidas de madeira. – Não penses que não o farei, Angel. Não quero ser travada por um empregado medíocre.

Esperaram quase uma hora e Lil ficava cada vez mais impaciente à medida que os minutos passavam. Sentou-se, dobrando os dedos e olhando para o funcionário, que se mostrava cada vez mais ansioso e começara a tremer nervosamente. Angel também estava a perder a paciência e dispunha-se a exigir uma explicação quando ouviu o som de passos e Galloway apareceu na ombreira da porta.

– Lamento tê-las feito esperar, senhoras – disse com um sorriso insinuante. – Acompanhe-me, por favor. – Hesitou, virando a cabeça para fitar Lil com um olhar astuto. – Você não. Não lido com expensas.

Lil endireitou-se em toda a sua altura, eriçando-se e mostrando os dentes.

– Não é preciso trazer isso aqui, chefe. Agora sou uma mulher respeitável e estou aqui para cuidar de Miss Angel.

– Não tenho segredos para Miss Heavitree. – Angel dominou a voz com dificuldade.

– Conheces a história da mulher que te amamentou em bebé, não é verdade, Angel?

O seu tom era ofensivo, mas Angel percebeu que ele estava a ser deliberadamente provocador e forçou um sorriso.

– Claro que sim, *sir*. Não temos segredos uma para a outra. Agora podemos passar ao nosso assunto? Manteve-nos à espera o tempo suficiente.

Ele encolheu os ombros.

– Sigam-me.

O seu gabinete situava-se ao fundo de um corredor escuro e estreito e o interior era igualmente sombrio, com um forte cheiro a livros velhos e gás de carvão. Galloway fez sinal para que se sentassem em cadeiras de madeira enquanto se entronava confortavelmente atrás da sua secretária.

– Agora, o que posso fazer por ti, Angel?

– É Miss Winter para si, parceiro – emendou Lil com raiva. – Lembro-me de como meteu o nariz nos livros da pobre Mistress Wilding. Acho que foi você quem causou a ruína financeira de Mister Wilding enquanto enchia os bolsos. Culpo-o pelas mortes deles, seu canalha.

Galloway inclinou-se para a frente, com os olhos estreitados e os lábios repuxados para trás num grunhido.

– Poderia pô-la em tribunal por calúnia, Lumpy Lil. Acha que um magistrado acreditaria na palavra de uma mulher da rua? – A sua risada ecoou pela sala. – Poderia deitar mão ao seu cadastro policial, portanto, não se arme em esperta.

Angel colocou a mão no braço de Lil.

– Ignora as provocações dele, Lil. És superior a isso. – Enfrentou o sorriso cínico de Galloway com um olhar direto. – E não tente assustar-me, Mister Galloway. Estou aqui hoje para verificar a extensão dos problemas financeiros de Grantley, e quero que me dê respostas diretas.

– Vejo que cresceu, Miss Winter – disse Galloway, assentindo. – Bem, uma vez que me pede, posso mostrar-lhe o contrato de hipoteca assinado por Sir Adolphus há dois anos, e as exigências de pagamentos que não foram cumpridas, mas, como o capitão Devane os examinou recentemente, não me parece apropriado.

– Preciso vê-los com os meus próprios olhos.

– Certamente isso não é da sua conta – respondeu Galloway com suavidade. – Afinal, Mistress Devane é a chefe da família na ausência do irmão e do filho mais velho.

Lil levantou-se e inclinou-se sobre a secretária. Os músculos dos antebraços destacavam-se como cordões sob as finas mangas de algodão do seu vestido cinzento.

– Vai fazer o que Miss Winter pede, Galloway. Aprendi alguns truques na prisão e não tenho medo de usá-los em si.

Ele levantou-se bruscamente e por um momento Angel pensou que ia bater em Lil, mas estalou os dedos diante do rosto dela.

– Sente-se, sua rameira idiota. Poderia levá-la diante do magistrado por fazer ameaças à minha pessoa, mas não vale o incómodo. – Voltou a sentar-se e abriu uma gaveta, de onde tirou um maço de papéis, que colocou na frente de Angel. – Represento a família e você é uma intrusa, aceiteada por Sir Adolphus por capricho. Da mesma forma, os Devane poderiam expulsá-la e recusar ter mais alguma coisa a ver consigo. Leia isto e depois saia do meu gabinete. Se voltar, darei instruções ao meu funcionário para a expulsar pela força. Entende, Angel Winter?

Ela inclinou a cabeça sobre os papéis, erguendo a mão, para o silenciar.

– Só preciso disto. Não pensaria em vir aqui novamente, mas os seus dias como advogado da família estão contados, garanto-lhe, Mister Galloway. – Podia ouvi-lo a tartamudear, mas ignorou os seus insultos entre dentes e concentrou-se nos documentos, que pareciam bastante genuínos. Quando ficou satisfeita por ter entendido o conteúdo dos mesmos, levantou-se.

– Não posso fazer nada quanto a si. A resolução pertencerá a Sir Adolphus, mas ele sabe como me tratou quando eu era criança e não vai gostar de saber que assumiu o lugar do falecido Mister Beauchamp. – Juntou-se a Lil, que já se levantara, e mantinha a porta aberta. – Bom dia, Mister Galloway. Espero que nunca mais nos voltemos a ver.

* * *

Lá fora, ao sol, Angel respirou fundo. Embora o ar estivesse fétido com a podridão do rio e as fossas e drenos, ainda estava mais limpo do que o cheiro de corrupção que cercava Galloway numa nuvem de chuva.

– Esse homem é um vilão – disse ela, suspirando. – Mas não consegui ver qualquer sinal de que estivesse a mentir sobre a posição financeira de Grantley.

Lil limpou gotas de suor da testa com um lenço já húmido.

– Tive vontade de lhe torcer o pescoço, velho sapo. Homens como ele deviam ser enforcados e deixados para os corvos comer.

– As dificuldades de Grantley parecem agradar-lhe – comentou Angel, pensativa. – Em princípio, seria do seu interesse, como advogado dos Devane, salvar a herança da falência. – Angel acenou para atrair a atenção de Russell, o cocheiro dos Devane, que esperara à sombra da imensa quantidade de plátanos. – Não suporto ver tudo perdido, embora nada disso me pertença.

A carruagem parou na curva e Lil abriu a porta antes que o cocheiro tivesse oportunidade de saltar e ajudá-la.

– Não sou inválida, trouxa – disse ela, com um sorriso desdentado. – Leve-nos de volta a Grantley, para longe do cheiro da cidade. – Empurrou Angel sem cerimónia para a carruagem e instalou-se ao lado dela. – Siga. – A sua voz estridente fez com que os pombos e os pardais que andavam a debicar no chão à procura constante de comida voassem até aos galhos a piar, alarmados.

Angel recostou-se contra os estofos gastos e fechou os olhos. Precisava de pensar, mas, por mais que tentasse, não via uma saída fácil para o problema. Hector prometera falar sobre o assunto com o tio, mas ambos se encontravam longe e os credores estavam obviamente a fazer uma enorme pressão quanto ao pagamento da hipoteca. Isso ficou claro nas exigências que acabara de ver.

Viajaram em silêncio e Lil adormeceu, com a cabeça a pender para um lado e a boca aberta. Angel olhou pela janela para as ruas sinistras, para as crianças magras e esfarrapadas, correndo descalças, e para as mulheres desmazeladas encostadas às portas, com bebés nos braços e crianças penduradas nas saias. O fedor das fábricas de gás e da fábrica de sabão misturava-se com o fumo e o calor das obras de ferro, enquanto se dirigiam para o leste, na direção do rio Lea. Depois de atravessado o rio, os pântanos de Leyton estendiam-se dos dois lados da estrada principal. Em breve chegariam a casa.

Então, sem aviso, a carruagem parou, quase derrubando Lil do assento. Ela acordou com um sobressalto.

– Deus nos abençoe! – Lil endireitou o chapéu, que tinha escorregado sobre um olho, e inclinou-se sobre Angel para olhar pela janela. – O que aconteceu?

Angel abriu a porta e desceu. Tinha avistado uma jovem obviamente angustiada, encostada a um homem alto e novo. A bagagem deles estava espalhada pela estrada e um cocheiro e um laçao ocupavam-se a desatrelar os dois cavalos, enquanto a carruagem se inclinava perigosamente para um lado.

– Há alguma coisa que possa fazer para ajudar? – perguntou Angel, ansiosamente. – Está magoado?

O jovem conseguiu sorrir, mas era visível que estava abalado.

– Felizmente, não. Mas, como pode ver, a minha irmã está muito perturbada.

– O que podemos fazer para ajudá-los, Russell? – perguntou Angel com premência.

– Leyton está a uma curta distância, *miss*. Mas Grantley fica mais perto, embora eles precisem de um reboque para chegar lá.

O jovem, preocupado, virou-se para o cocheiro, que conduzia um dos cavalos.

– É melhor ires até à aldeia mais próxima em busca de ajuda, Atkins.

Atkins olhou para o robusto cavalo da carruagem e empalideceu sob o bronzeado.

– Eu... eu nunca montei sem sela, *sir*. Conduzo muito, mas não sei montar. Terá de ir o Smith.

O laçao abanou a cabeça.

– Não sei andar a cavalo. Nunca tive oportunidade de aprender, *sir*.

– Qual é o vosso problema, seus cobardes? – explodiu Lil com raiva. – Ponham-me em cima do animal e eu irei. Sou boa com cavalos, embora nunca tenha montado nenhum.

– Não será necessário – contrapôs Angel rapidamente. – Tenho a certeza de que um dos outros será corajoso o suficiente para tentar.

– Muito bem, Mister Montgomerie. Smith irá e eu dou-lhe um impulso. – Atkins amarrou o animal a um dos eixos. – Vamos, Smith. Não há que ter medo, rapaz. – Empurrou o desafortunado laçao para cima do cavalo e bateu na garupa do animal, fazendo-o romper num trote que quase derrubou o nervoso laçao.

– Ele vai ficar bem, Atkins? Smith não parece muito confiante a cavalo. – O jovem observou, ansioso, enquanto o laçao se agarrava à crina do cavalo.

– Smith vai ficar bem, *sir*, mas não posso dizer o mesmo quanto a este veículo. – Atkins examinou o dano, sacudindo a cabeça. – Receio que o eixo esteja quebrado, *sir*. Isto não pode ser arranjado à pressa.

A jovem levantou a cabeça, com lágrimas a escorrer dos grandes olhos azuis.

– Oh, Percy, o que faremos?

– Calma, Belle. Ninguém está ferido e os cavalos estão ilesos. A carruagem pode ser consertada; significa apenas um atraso de alguns dias. – O jovem virou-se para Angel com um sorriso encantador nas feições agradáveis. – Como está, *madam*? Dado não haver ninguém para nos apresentar formalmente, permita-me, por favor, apresentar a minha irmã, Belinda Montgomerie, e eu sou Percival, embora todos me chamem Percy.

– Parece que perdi o meu lenço – disse Belinda, a fungar.

Lil deu um passo à frente, tirando um lenço ligeiramente húmido da sua bolsa.

– Use este, *miss*. Está limpo, só um pouco encharcado. Estava um calor dos diabos na cidade.

Angel lançou-lhe um olhar de advertência ao mesmo tempo que avançava, estendendo a mão.

– Peço desculpa pela linguagem vulgar da criada, mas estava extremamente quente. No entanto, é casual. Sou Angel Winter e moro em Grantley Park, que fica apenas a alguns quilómetros a leste.

Belinda enxugou os olhos e assoou o nariz antes de devolver o lenço a Lil.

– Obrigada, Miss Winter. Estou nervosa porque vamos perder a festa de casamento da nossa prima em Colchester, e eu estava muito ansiosa por ser uma dama de honor. Desejava que tivéssemos apanhado o comboio.

– Dá graças por estares inteira – ralhou Percy, severamente. – Poderia ter sido muito pior. – Virou-se para o cocheiro, que segurava as rédeas do segundo cavalo. – Quanto tempo achas que vai demorar a reparar o dano, Atkins?

O cocheiro coçou a cabeça.

– Não sei, *sir*, e essa é a verdade. Aqui, na floresta, pode levar algum tempo para rebocar o veículo até um fabricante de carruagens ou um ferreiro.

– Entretanto, o que fazemos, Percy? – O lábio inferior de Belinda começou a tremer ameaçadoramente.

– Tome, *miss*. É melhor ficar com isso – disse Lil, entregando-lhe o lenço amarrotado.

Angel colocou a mão no ombro de Belinda.

– Se quiser vir connosco, pode ficar em Grantley até a vossa carruagem estar em condições. Isso seria uma ajuda?

Os Montgomerie trocaram olhares e assentiram em uníssono.

– É muito gentil da sua parte. – A expressão preocupada de Percy deu lugar a um sorriso. – Parece que vai chover e não quero que a minha irmã fique exposta. Ela é muito frágil e constipa-se facilmente. Mas – acrescentou, pensativo – só aceitaremos se nos permitir pagar pelo nosso alojamento.

Uma ideia atingiu Angel com a rapidez de uma tempestade de verão. Era tão óbvio que se interrogou por que não havia pensado nisso antes.

– Sim – murmurou. – Venha connosco e conversaremos sobre esse assunto mais tarde.

Capítulo Treze

– O quê? – A voz de Eloise ergueu-se num grito agudo. – Transformar Grantley numa vulgar pousada? Só por cima do meu cadáver.

– Um hotel, não uma pousada. Há uma grande diferença. – Angel entregou à tia o frasco em prata contendo uma esponja embebida em sal volátil e Eloise inspirou profundamente, com as pálpebras de veias azuis a tremular.

Susannah deixou-se cair no sofá, abanando-se vigorosamente.

– Deves estar louca, Angel. O que vais pensar a seguir? – questionou, irritada. – Estás a perturbar a mamã com essa conversa.

– Onde estão essas pessoas agora? – Eloise levantou-se da cadeira e começou a andar de um lado para o outro, a torcer as mãos. – Podem ser ladrões ou assassinos e esperas que os receba em minha casa?

– Está a ser injusta se acha que seria tola o suficiente para trazer alguém assim para Grantley. Neste momento, estão no salão da manhã, e disse a Lil que lhes levasse chá e bolo. Deve conhecê-los e decidir por si, tia Eloise.

– Isto é ridículo. – Susannah levantou-se e fulminou Angel com o olhar. – Na verdade, desta vez foste longe de mais.

– Desculpa, mas precisas de encarar os factos – disse Angel com um erguer decidido do queixo. – Esta manhã fui encontrar-me com Galloway. Os credores tomarão posse da propriedade se os reembolsos da hipoteca não forem recebidos. Hector vai tentar resolver os problemas com o tio Dolph, mas isso levará tempo, e há uma pilha de contas por pagar no escritório. Não me parece que as tenha mostrado a Hector, tia Eloise, e então ele desconhece a extensão total dos nossos problemas financeiros.

Eloise sentou-se novamente, agitando o frasco de sais sob o nariz.

– Tencionava dar-lhas, mas a horrível questão com Rupert e a criada expulsaram tudo o mais da minha mente. Os comerciantes vão esperar pelo seu dinheiro, é o que sempre fazem.

– As contas estão muito atrasadas, tia.

– O meu irmão é responsável pelas finanças da família. Não permitirá que fiquemos sem a casa.

– A mamã tem razão – interferiu Susannah despreocupadamente. – Não interfiras. Vamos contornar o problema, é o que sempre fazemos.

Angel susteve uma resposta áspera. Era óbvio que nem a tia nem Susannah levavam o assunto a sério. Pareciam viver num mundo onde tudo acabaria bem, independentemente do que lhes dissessem.

– Não é assim tão simples – replicou Angel, pacientemente. – O tio Dolph não conhece a extensão total do problema e, quando Hector chegar junto dele e explicar as coisas, pode ser tarde de mais para salvar Grantley. Temos de fazer alguma coisa e, para ser sincera, não consigo ver outra maneira senão recorrer ao que temos – a casa e o seu belo parque.

– Mas seríamos motivo de chacota – protestou Susannah. – O que diria Sir Eugene se descobrisse que recebemos hóspedes a pagar?

– É muito provável que vos felicitassem pela iniciativa – Angel olhou de uma para a outra. – Os Montgomerie não são pessoas comuns, tia Eloise. São o que Miss Creedy chamaria de «clientela de luxo» e encantadora.

– Então, devemos sem dúvida oferecer-lhes a nossa hospitalidade – reagiu Eloise –, mas não sonharia em aceitar dinheiro deles.

A leve esperança de que pudesse chamar a tia à razão desapareceu como névoa matinal. Angel sabia quando era derrotada, mas havia alguém mais próximo da tia Eloise que tinha uma compreensão mais forte da realidade. Recuou até à ombreira da porta.

– Desculpa-me um momento, por favor? Não se vá embora, porque voltarei em breve. – Saiu da sala de estar e foi à procura de Toby.

Estava na sala de armas, onde o equipamento de pesca era mantido ao lado dos canhões de calibre 12 que ele usava quando ia à caça.

– Toby, ainda bem que te encontrei.

– Vou pescar – anunciou num tom despreocupado. – Pensei ir ver se conseguia apanhar o nosso jantar de hoje.

– Temos convidados – disse Angel cautelosamente.

– A sério? – Os olhos de Toby brilharam de curiosidade. – Isso parece interessante. Quem são eles?

– Um irmão e uma irmã com o nome de Montgomerie. A carruagem deles perdeu uma roda e pedi que ficassem até ela ser arranjada.

– Esplêndido. Ela é jovem e bonita?

– As duas coisas – respondeu Angel com firmeza.

– Então pescarei o dobro de trutas ou talvez algumas enguias. Está na hora de começarmos a receber convidados, mesmo que estejamos falidos.

– É sobre isso que queria falar contigo, Toby.

Ele fechou a tampa da cesta de vime.

– Agora não, Angel. Talvez depois do jantar, quando tiver bebido alguns brandes e me sentir descontraído.

– Não. Agora. – Angel expressou-se com brusquidão e foi recompensada com um olhar sobressaltado. – Lamento, mas não me parece que algum de vocês entenda a gravidade desta situação.

– Então, Angel. Sabes que o Hector resolverá tudo quando tiver trocado uma palavra com o tio Dolph. Deixa isso para os homens da família, minha querida.

– As coisas são mais graves do que imaginas. Precisamos de ser nós a arranjar dinheiro ou Grantley ficará perdido para sempre, e terás de sair da universidade e procurar trabalho.

– Céus! É assim tão mau? Pensei que o Hector estava a resolver as coisas.

– É extremamente grave e os Montgomerie ofereceram-se para pagar pelas suas acomodações enquanto esperam que a sua carruagem seja consertada.

Toby encolheu os ombros.

– Então está tudo bem. Recebe o dinheiro e aplica-o nos pagamentos da hipoteca, se isso te faz feliz. Não vejo nada de errado nessa ideia.

– Mas a tua mãe discorda. Não consigo chamá-la à razão, Toby, mas ela ouve-te sempre. Por favor, conversa com ela e fá-la perceber que, se não agirmos rapidamente, estaremos todos na rua, e não é um bom lugar para estar. Sei, porque já lá estive.

– Falas mesmo a sério? É assim tão grave, Angel? Pensei que o Hector estava apenas a exagerar para me manter na linha.

– É pior que mau. Galloway é desonesto dos pés à cabeça. Ignoro porque quer enganar a tua família, mas posso garantir-te que não está do nosso lado. Se conseguires convencer a tia Eloise de que a nossa única esperança de salvar Grantley é fazer com que se pague a si mesma, podemos ter uma oportunidade.

– O tio Dolph não deixa que isso aconteça, Angel. Ele ama Grantley. Antes do mais, foi ele a causa desta confusão.

– Vais apoiar-me, Toby? Ou sentamo-nos e deixamos que a propriedade se afunde na falência?

– Deixa isso comigo. Posso convencer a mamã, mas espero que resulte, Angel.

Ela suspirou de alívio.

– Só há uma maneira de descobrir.

* * *

Nessa noite, ao jantar, a família e os seus convidados sentaram-se a comer na sala de jantar. A sopa de agrião de Cook fora um sucesso e Lil conseguira servi-la sem deixar cair a terrina ou esvaziar a concha no colo de ninguém. Toby acabara por ir à pesca e ao segundo prato de truta grelhada seguiu-se torta de pombo acompanhada de ervilhas que Angel tinha colhido na horta.

– É tão gentil da vossa parte receberem-nos tão principescamente – comentou Belinda, derramando natas sobre uma tigela cheia de morangos vermelhos maduros, também colhidos no jardim murado e ainda quentes do sol.

– É mesmo, de verdade – acrescentou Percy. – Por favor, dê os meus cumprimentos à sua cozinheira.

Eloise sorriu e inclinou a cabeça graciosamente.

– Orgulhamo-nos da nossa mesa em Grantley.

– E tudo tem um gosto muito melhor aqui no campo – afirmou Belinda com entusiasmo. – Nós moramos em Londres e tenho a certeza de que os produtos vendidos nos mercados não sabem tão bem.

Percy levantou o copo.

– Uma refeição maravilhosa e um excelente vinho. Não temos palavras suficientes para agradecer a vossa hospitalidade.

Toby inchou o peito.

– Orgulho-me de distinguir um bom vinho de um que tem meramente um sabor agradável.

– Então é por isso que a tua mesada nunca dura um período. – Eloise esboçou um sorriso carinhoso. – O meu filho está a estudar Direito. Um dia será juiz do Supremo Tribunal.

Humphrey abriu a boca para fazer um comentário, mas um olhar de advertência de Angel bastou para o silenciar.

Susannah brindou Percy com um sorriso.

– Gostaria de mais morangos, Mister Montgomerie?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não, obrigado. Seria incapaz de comer mais alguma coisa, mas jantámos como reis.

– Foi muito gentil ao convidar-nos para a sua encantadora casa, Mistress Devane – comentou Belinda timidamente. – Tivemos muita sorte em sermos resgatados por Angel.

– Tivemos mesmo – concordou Percy, assentindo. – Acho que deve ser o nosso anjo da guarda, Miss Winter.

Os lábios de Eloise apertaram-se num esboço de sorriso e levantou-se.

– Vamos retirar-nos e deixar os cavalheiros a desfrutar dos seus charutos e de conhaque. – Olhou para a garrafa quase vazia colocada numa mesa lateral. – Ou creio que temos um bom vinho do porto na adega. Humphrey, meu querido, talvez pudesses descobrir uma garrafa. Tivemos de despedir o mordomo recentemente, por motivos que agora não vou referir – acrescentou rapidamente. – Vai lá. Sê bom rapazinho.

Angel esperou junto da cadeira até Eloise sair da sala de jantar, seguida por Belinda e Susannah. Com a ausência de Humphrey que fora procurar o vinho do porto, Angel aproveitou a oportunidade para abordar o assunto do dinheiro. Agarrou o espaldar da cadeira com as duas mãos e aclarou a garganta.

– Posso trocar algumas palavras consigo, em particular, Mister Montgomerie?

Percy fitou-a com um olhar interrogativo e um leve sorriso enrugou os cantos dos seus olhos cor de avelã.

– Acho que Miss Winter está ansiosa, porque sabe que vou insistir em contribuir para a nossa estada aqui, o que é justo. Se nos tivéssemos alojado na pousada, teríamos de pagar pela cama e comida, e recuso aproveitar a generosa hospitalidade de Mistress Devane.

– É exatamente isso – disse Angel impetuosamente. – Torna-se difícil de admitir, mas Grantley está em risco de reintegração de posse, Mister Montgomerie, e temos de tomar medidas drásticas para mantê-lo na família.

– Isso é um pouco duro – protestou Toby. – Tenho a certeza de que podemos permitir-nos a oferta de comida e dormida por uma ou duas noites.

– É precisamente isso... não podemos. Desculpa, Toby, pensei que tinhas entendido.

Percy pigarreou.

– Por favor, não fique envergonhado, Mister Devane. Entendo perfeitamente. – Tirou uma carteira do bolso e entregou uma nota de cinco libras a Angel.

– Não, a sério. Isso é de mais. – Surpreendida, tentou devolver-lha, mas ele guardou a carteira, sacudindo a cabeça.

– De modo nenhum. A minha carruagem está no vosso estábulo a aguardar que o ferreiro faça o trabalho necessário, e a minha irmã e eu estamos a ser tratados regamente. Não falemos mais sobre esse assunto.

– É muito bondoso da sua parte, Montgomerie – disse Toby com um sorriso levemente embriagado.

– Mais do que generoso.

Angel dobrou a nota e enfiou-a na frente do corpete por precaução.

– Agradeço-lhe um milhão de vezes, *sir*.

– Vou exigí-la de volta se continuar a tratar-me por *sir*.

– Então, obrigada, Percy – agradeceu Angel, rindo. – É muita bondade sua e vamos garantir que aproveite a sua estada em Grantley. – Olhou por cima do ombro quando Humphrey entrou na sala brandindo uma garrafa de porto coberta de pó.

– Esta é definitivamente a última, Toby.

Toby levantou-se e tirou-lha das mãos, tratando-a com delicadeza, como se fosse um bebé recém-nascido.

– Se a agitaste, esfolo-te vivo, Humpty Dumpty.

– Agora, sinto-me realmente em casa – disse Percy, a rir.

Satisfeita com os seus próprios esforços, Angel deixou-os a beber o porto e dirigiu-se à sala de estar. A nota de cinco libras era apenas o começo – planeava mostrá-la à tia Eloise na primeira oportunidade. Se isso não a convencesse de que podia ganhar-se dinheiro recebendo hóspedes ricos, nada a convenceria.

* * *

Incentivada pela generosidade de Percy Montgomerie, Angel levantou-se cedo na manhã seguinte e foi diretamente à cozinha para discutir os menus daquele dia. Cook ficou lisonjeada com os comentários favoráveis que recebera dos seus hóspedes, mas Lil não estava tão entusiasmada.

– Precisamos de mais ajuda, Angel – disse sem rodeios. – Só somos as três para fazer tudo. Não se pode contar com a Meg porque é a criada da senhora e não suja as mãos.

Cook assentiu vigorosamente.

– É verdade, Angel. Nos velhos tempos, tínhamos uma dúzia ou mais de criados internos e uma governanta, já para não falar no mordomo. Depois havia os jardineiros e os cavaleiros, os criados do estábulo e dois cocheiros. Não pode esperar que nos arranjemos sozinhas.

Angel respirou fundo. Já esperava esse tipo de argumento.

– Claro que precisam de mais ajuda. Não espero que façam tudo.

– Vais arregaçar as mangas e deitar-te ao trabalho? – Lil levantou-se, com as mãos nas ancas, e o queixo esticado, mas havia um brilho nos olhos dela e os lábios contorciam-se como se estivesse prestes a desatar a rir.

– Sim, vou – respondeu Angel. – Não tenho medo do trabalho duro. Serei governanta, camareira e copeira também, se necessário. Não acho que a minha tia gostasse que servisse à mesa, mas podemos arranjar uma rapariga da aldeia para ocupar o lugar da Dolly.

Lil e Cook trocaram olhares desconfiados.

– Se o dizes, querida – pronunciou Lil, com uma expressão de dúvida.

Cook limpou as mãos ao avental.

– Bem, então, Miss Angel. Podia começar por me trazer alguns legumes da horta. Tenho uma galinha ao lume e estou a fazer sopa para o almoço, portanto, precisarei de cebolas, cenouras e de algumas ervas. E há o jantar desta noite. Talvez Mister Toby pudesse matar-me uns coelhos.

Angel fez um movimento em direção à porta.

– Deixe isso comigo, Cook. – Parou e franziu a testa. – Talvez possa fazer alguns daqueles deliciosos bolinhos com cobertura para a sobremesa e vou colher umas framboesas para os acompanhar.

A primeira tarefa de Angel foi arrancar Toby à cama, mas já o encontrou em pé, vestido e ansioso para um dia de caça e pesca, o seu passatempo favorito. Foi mais difícil despertar Humphrey, mas por fim conseguiu persuadi-lo a ir à cidade para pagar a conta ao fornecedor de vinhos e encomendar-lhe vinho e conhaque. Satisfeita por ter feito tudo o que podia de momento, foi buscar uns cestos de jardineiro ao barracão.

Ainda era cedo e o orvalho brilhava na relva quando Angel se dirigiu ao jardim murado. Um céu azul sem nuvens prometia outro belo dia e faria calor, mas uma leve brisa roçou-lhe as faces e brincou com os seus cachos loiros enquanto trabalhava no jardim murado. Um pisco de peito vermelho seguiu-lhe os movimentos ao mesmo tempo que se servia de uma pequena pá para desenterrar cenouras e retirar cebolas do chão quente. Cortou a alface, apanhou tomates e, depois de encher um cesto, concentrou-se nos paus de framboesa, levando a fruta suculenta à boca enquanto trabalhava. Foi a fome que a fez lembrar-se de que não tomara o pequeno-almoço, mas nessa altura os cestos transbordavam de fruta e legumes e Cook estaria a aguardar. Saiu do jardim murado e preparava-se para cortar caminho através do relvado quando avistou Percy Montgomerie a caminhar na sua direção.

– Levantou-se cedo, Angel.

De repente, teve consciência do seu ar desganhado. O sumo da framboesa manchara-lhe o avental e as mãos e o cabelo escapara da fita presa na nuca e encaracolava-se com rebeldia em torno do rosto e dos ombros.

– Estive no pomar – disse, atrapalhada.

Ele tirou-lhe os cestos das mãos.

– Permita-me. Estes são pesados. Para onde vai levá-los?

– Para a cozinha. Estamos com pouco pessoal, portanto estou a ajudar.

– Costuma ajudar muitas vezes?

– Na verdade, não.

– Perdoe-me por dizer isso, mas acho que estão a tirar partido de si. Desculpe se pareço impertinente, mas isso é trabalho da criadagem.

– Como lhe disse ontem à noite, Grantley está com dificuldades financeiras. O meu tio e o meu primo estão longe, na província de Natal, ou assumiriam o controlo.

– E a sua tia é demasiado *lady* para sujar as mãos.

– É muito franco, Percy.

Ele encarou o seu olhar irritado com um sorriso de desculpas.

– Sinto muito. Tenho este defeito, mas detesto ver alguém como você a ser usada por outras pessoas, especialmente quando essa pessoa faz parte da família.

– Mas eu não faço, sabe. – Angel teve vontade de morder a língua. Ante o olhar surpreendido dele era impossível colocar ponto final na questão. – Não sou parente de Sir Adolphus nem de Mistress Devane. É uma longa história, e tenho mesmo de levar estes legumes para cozinhar, e depois há o pequeno-almoço...

Percy parou do lado de fora da copa.

– Devo levá-los para dentro ou vou dificultar ainda mais a sua vida se o fizer?

– Eu levo-os. Obrigada pela sua ajuda, mas não devo detê-lo.

– Mencionou o pequeno-almoço. Pensando nisso, ainda não tomei o meu. Vejo-a na sala de jantar? Ou estará a servir à mesa?

Ela lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Está a troçar de mim, Percy?

– Não, Angel, não estou a troçar de si, mas angustia-me ver uma dama a ser tratada como uma criada.

Angel abriu a porta.

- Obrigada por transportar os cestos.
- Vejo-a ao pequeno-almoço.

* * *

Percy, Belinda e Susannah iam a meio da refeição quando Angel se lhes juntou na sala de jantar.

– O que se passa com as tuas mãos? – Susannah olhou com um ar mordaz para os dedos de Angel, que estavam manchados de vermelho.

– Têm uma horta muito produtiva – interferiu Percy sem erguer a voz. – Se as framboesas que Angel colheu tiverem metade do sabor dos morangos que desfrutámos na noite passada, estou ansioso por saboreá-las.

Os olhos de Susannah arregalaram-se de surpresa.

– Si...sim, concordo.

– Deves ter acordado cedo, Percy – comentou Belinda, curiosa. – Bati várias vezes à tua porta e não obtive resposta. – Virou-se para Susannah, a sorrir. – Achei que ele ainda devia estar a dormir. Os seus irmãos ficam na cama até ao meio-dia?

– Sim, são uns diabinhos preguiçosos – Susannah olhou de relance para Percy. – Gostou da sua caminhada matinal?

– Na verdade, fui aos estábulos para verificar se havia sido feito algo para consertar o eixo partido, e vinha a regressar pelo parque quando encontrei a Angel.

Um vinco formou-se na testa de Susannah.

– Entendo.

– Tinha acabado de chegar do pomar – apressou-se Angel a esclarecer. – Andei a colher fruta e a arrancar legumes para a Cook.

– Oh, céus! Acabei de me lembrar que Blanche e o pai vêm almoçar hoje. – Susannah levantou-se de um salto, derramando café na toalha de mesa de damasco branco. – Disseste à Cook que preparasse algo especial?

– Não sabia que eles vinham – respondeu Angel com um encolher de ombros. – Vou informar a Cook, embora tenha a certeza de que haverá bastante canja.

– É tudo o que temos? Eles estão acostumados a comida mais requintada.

– Eu adoro canja de galinha – reagiu Belinda determinada. – A sua cozinheira é excelente, Susannah. Tenho a certeza de que não necessita de se preocupar.

– Nunca desfrutei de uma refeição melhor do que a que tivemos ontem à noite – acrescentou Percy com firmeza.

– No entanto, tenho de ir à cozinha e dizer à Cook para fazer um esforço extra. A mamã desejaria que o fizesse.

– Mistress Devane não se sente bem? – perguntou Belinda inocentemente.

– A mamã nunca se levanta antes das onze. – Susannah esfregou inutilmente a mancha de café com o guardanapo.

Angel não tivera oportunidade de se servir dos ovos com manteiga e do *bacon* que arrefeciam rapidamente, mas Cook e Lil já estavam suficientemente em pânico, sem que Susannah *metesse a sua colherada*, como teria dito Dolly.

– Não te preocupes, Sukey. Vou falar com a Cook e mandar a Meg subir ao quarto da tia Eloise com um pouco de chocolate quente. – Virou-se para Belinda e Percy com um sorriso de desculpas. –

Se me derem licença, tenho muito que fazer, mas vemo-nos ao almoço.

– Não se preocupe connosco – disse Belinda alegremente. – Está um dia tão bonito que prefiro uma caminhada. E tu, Percy?

Ele negou com a cabeça.

– Preciso de estar perto dos estábulos para garantir o início do concerto da carruagem. Temos de estar em Colchester o máximo na sexta-feira.

Susannah afundou-se na cadeira.

– Serve-me outra chávena de café antes de ires, Angel, sê uma querida.

– Dê-me licença. – Percy tinha pegado na cafeteira de prata e enchido a chávena de Susannah antes que Angel tivesse hipótese de se mexer. Levantou o rosto e esboçou um sorriso irónico. – Não se preocupe connosco. Belinda e eu podemos cuidar de nós mesmos.

– Não duvido, mas vocês são nossos convidados e, enquanto estiverem aqui, pretendo zelar para que tenham todo o conforto que podemos oferecer. – Angel teve a satisfação de ver Susannah por uma vez sem palavras. Deixou-os a terminar o pequeno-almoço e voltou para a cozinha.

* * *

– Não me faltava mais nada, Miss Angel – disse Cook amargamente. – A patroa vai esperar que eu faça uma refeição própria de um rei, mesmo que sejam apenas Sir Eugene e Miss Blanche, e só tenho esta galinha magricela ao lume.

Lil parou de cortar cebolas para enxugar as lágrimas dos olhos.

– Eles terão de gostar ou aguentar. Não podemos fazer milagres.

– Tenho a certeza de que a canja estará deliciosa, como sempre – disse Angel com muito tato. – Se levantares a mesa depois do pequeno-almoço, Lil, eu preparo-a para o almoço. Vou colocar Meg no comando da lavandaria e Flossie agora é uma ajudante. Terá de acender as lareiras, esvaziar os bacios e todas as coisas que a Dolly fazia.

Flossie enfiou a cabeça pela porta da copa.

– Eu ouvi isso, *miss*. Vou mesmo ser uma ajudante?

Angel sorriu de alívio. Pelo menos alguém estava feliz.

– Sim, Flossie. Vou mostrar-te o que fazer e, a partir de agora, as tuas tarefas são principalmente no andar de cima, mas ainda vais precisar de ajudar na cozinha até encontrar alguém para te substituir.

– Tantas idas e vindas – resmungou Cook. – Suponho que em breve teremos duques e duquesas para ficarem.

Lil atirou-lhe uma casca de cebola.

– Cala a boca, Eudora. Agradece não sermos sem-abrigo, porque é isso que acontecerá se não fizermos tudo o que pudermos para ajudar Angel com esse plano dela.

– Sei que todas darão o vosso melhor – apressou-se Angel a dizer. – Eu farei o mesmo. Vamos ultrapassar isto juntas.

* * *

Angel acabara de pôr a mesa na sala de jantar e estava a acrescentar uma taça de rosas de chá recém-colhidas e raminhos de manto de senhora como toque final quando ouviu a carruagem dos Westwood estacionar lá fora. Tirou o avental e correu a abrir a porta. Se acharam estranho que um membro da

família estivesse a fazer o trabalho de uma criada, ou eram demasiado delicados para comentar ou simplesmente não tinham reparado.

Eloise apareceu no topo da escada e desceu ao encontro dos convidados com um sorriso majestoso. Mais uma vez Angel notou que a tia aplicara um cuidado extra à *toilette* e usava o seu mais novo vestido de tarde. O corpete polonês de riscas rosas e brancas sobre uma saia branca franzida era a última moda e Eloise usava-o com estilo. Estendeu a mão e Sir Eugene levou-a aos lábios.

– Que gentileza da vossa parte juntarem-se a nós para o almoço. – Eloise esboçou-lhe um sorriso antes de se virar para Blanche. – E, querida Blanche, está encantadora com esse vestido de musselina. Entrem para a sala de visitas. Susannah está ansiosa por voltar a ver-vos.

Blanche correspondeu à sua saudação efusiva com um aceno de cabeça e um sorriso quando entregou a sombrinha a Angel sem sequer olhar na sua direção.

Angel soubera o que era ser invisível quando vendia flores nas esquinas, e essa sensação voltava a apoderar-se dela agora. Pegou no chapéu e nas luvas de Sir Eugene, mas a sua atenção estava fixada em Eloise, e ocorreu a Angel que trazer Blanche para ver Susannah era meramente uma desculpa para que ele conhecesse melhor Eloise Devane. Concluiu que havia decididamente vantagens em ser criada. Tendo completado a sua tarefa como criada, Angel juntou-se à família na sala de visitas e foi saudada calorosamente por Sir Eugene e Blanche, como se a vissem pela primeira vez naquele dia.

Ocupou um lugar perto da janela, sentando-se em silêncio e ouvindo Sir Eugene a dar conselhos sobre como administrar a propriedade, quando um movimento lá fora lhe chamou a atenção e avistou Percy a percorrer apressadamente o terraço. Momentos depois, ele entrou na sala e ela levantou-se, sentindo que algo estava errado.

– Peço desculpa por me intrometer – disse Percy ofegante –, mas alguém viu a minha irmã? Belinda saiu para passear depois do pequeno-almoço e não voltou. Percorri a propriedade a cavalo e fui até à aldeia, mas não há sinal dela.

Capítulo Catorze

Eloise estava convencida de que nada de mal poderia ter acontecido a Belinda, quer em Grantley ou na aldeia, mas, apesar dos seus protestos, Sir Eugene ofereceu-se galantemente para se juntar à busca, e até mesmo Susannah teve a delicadeza de parecer um pouco preocupada.

– Mas, mamã – contrapôs –, Belinda pode ter caído e torcido o tornozelo ou ter-se atrapalhado e perdido.

– Exatamente – concordou Sir Eugene com firmeza. – Vou juntar-me a si, *sir*. Não fomos apresentados, mas o meu nome é Westwood, e conheço os arredores campestres como as costas da minha mão.

– Como está, *sir*? Percy Montgomerie, e é a minha irmã que está desaparecida. Por norma, não me preocuparia se ela estivesse um pouco atrasada em regressar de um passeio, mas saiu logo após o pequeno-almoço e não está familiarizada com a zona.

– Nesse caso, sugiro que partamos imediatamente. – Sir Eugene saiu da sala e Percy precipitou-se atrás dele.

– Bem, na verdade – disse Eloise, recostando-se no sofá e abanando-se vigorosamente –, isto é de mais.

– Não se preocupe, mamã. – Susannah foi sentar-se ao lado da mãe. – Tenho a certeza de que eles vão encontrá-la sã e salva.

– Vou acompanhar a equipa de busca. – Angel deixou-as a resmungar sobre o inconveniente causado pelas ações impensadas de Miss Montgomerie e foi juntar-se a Sir Eugene e a Percy junto à roda da carruagem onde estavam a discutir o melhor plano de ação.

Percy ergueu o rosto e sorriu.

– Vem connosco, Angel?

– Sim, claro. Farei tudo o que puder para ajudar a encontrar a sua irmã. Belinda disse para onde tencionava ir?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não. Só referiu que queria apanhar um pouco de ar fresco, mas a Belle não costuma afastar-se.

– Precisamos de cavalos – declarou Sir Eugene num tom firme. – A pé levará horas e poderemos perdê-la facilmente.

– Mandaremos o cavaliário e o criado do estábulo vasculhar a floresta. – Angel tentou colocar-se no lugar de Belinda. – Estou a ver se penso onde ela poderia ter ido.

– Ela ficou fascinada pelo pântano – disse Percy lentamente –, mas duvido que tenha sido suficientemente ousada para ir até lá sozinha.

Um arrepio percorreu a espinha de Angel enquanto se lembrava do dia em que se perdera no meio da neblina e da chuva.

– É bastante traiçoeiro, mesmo no verão. Vou levar os cães e seguir nessa direção.

– Não sei. Isso parece perigoso – hesitou Percy. – Porque não fica nos terrenos e nos deixa o pântano? Vou recrutar o Atkins e o Smith. Eles estão desocupados enquanto esperamos que o ferreiro termine o seu trabalho.

– Ela decerto não teria ido tão longe? De qualquer forma, estamos a perder tempo – impacientou-se Sir Eugene. – Vamos. Quanto mais depressa encontrarmos a sua irmã, mais depressa poderemos sentar-nos e apreciar a excelente comida que é sempre oferecida em Grantley.

Apesar das suas preocupações, Angel dissimulou um sorriso. Se ele ao menos soubesse o trabalho imenso a que se tinham dado para prover a refeição mais básica, mas Sir Eugene nascera para a riqueza e o privilégio e ela duvidava que tivesse experimentado as angustiantes dores da fome e a fraqueza debilitante causada pela quase inanição. Recolheu as saias e precipitou-se atrás deles enquanto caminhavam na direção dos estábulos.

Thor e *Juno* receberam-na alegremente e, apesar dos seus ossos envelhecidos, mostraram-se ansiosos para se lhe juntar numa caminhada. Logo após ela ter partido em direção aos pântanos o clima temperamental inglês piorou inesperadamente. Sinistras nuvens negras bloquearam o sol e uma chuva repentina encharcou Angel até aos ossos. Os cães encolheram-se ao seu lado, fitando-a com tristes olhos castanhos, como que a suplicar-lhe que parasse. A jovem afagou-lhes distraidamente as cabeças, procurando um sítio onde pudessem abrigar-se, mas a visibilidade era quase nula e só podia seguir em frente e esperar que fosse apenas um aguaceiro. A única coisa boa residia no facto de a chuva ser relativamente quente, ainda que o seu vestido estampado de algodão estivesse ensopado, bem como o cabelo. A água escorria-lhe pelo rosto e pelo pescoço e desejou ter parado para colocar um gorro e um xaile.

Então, de repente, a chuva cessou e o sol rompeu as nuvens que se dispersaram tão rapidamente como se haviam juntado, deixando a descoberto um céu azul e vapor subindo do solo molhado. Os dois cães ficaram subitamente alerta e precipitaram-se para diante. Angel protegeu os olhos do clarão do sol. Através da neblina, avistou duas figuras a caminhar na sua direção e um cãozinho que saltitava para cima e para baixo, latindo a *Thor* e a *Juno*. Embora estivessem muito longe, Angel reconheceu Danny, e a figura mais baixa, apoiada pesadamente no seu braço, distinguia-se pela aparência elegante, embora extremamente desgrehada. Belinda Montgomerie estava segura e em boas mãos. Angel começou a correr.

– Belinda, está bem? – perguntou, ofegante, quando parou.

– Poderia ter sido sugada para o pântano se não fosse o Danny. – A voz de Belinda quebrou-se num soluço. – Não conseguia libertar-me, Angel. Foi uma experiência horrível. Ouvi falar de pessoas que foram engolidas por um pântano de lama negra e ninguém mais as viu.

Danny sorriu, abanando a cabeça.

– Não havia nenhum perigo disso, *miss*. O problema foi que entrou em pânico e lutou demasiado, piorando tudo.

– Mas poderia ter ficado presa lá para sempre – insistiu Belinda. – Não vi mais ninguém até que você ouviu os meus gritos a pedir socorro e veio em meu auxílio.

– Bem, nunca pensei em ti como um herói, Danny – comentou Angel a rir. – Mas, de qualquer maneira, obrigada. Tenho a certeza de que o Percy ficará muito aliviado. Ele colocou todos à sua procura, Belinda.

– Oh, céus, ele ficará tão zangado comigo.

– Julgo que vai ficar mais aliviado do que zangado. – Angel fitou o olhar divertido de Danny com um sorriso. – Ainda bem que estavas perto. Ela poderia ter ficado presa lá por muito tempo.

– Bem, vou levar-vos para casa, meninas. Estão as duas encharcadas.

– Também estás. – Angel examinou-o com um olhar crítico. – Estás coberto de lama. É melhor vires até Grantley e secares-te.

– Não sou o tipo de pessoa que eles receberiam como convidado. Verei se a jovem fica segura e ponho-me a caminho. Um pouco de água nunca fez mal a ninguém.

– És bruto e teimoso – acusou Angel carinhosamente –, mas desta vez farás o que te dizem. Lil e Cook vão receber-te e podes secar-te na cozinha.

– Estou-lhe verdadeiramente agradecida, Danny. – Belinda fitou-o com admiração. – Obrigada por me resgatar.

Angel continuou em frente, dado que o caminho era demasiado estreito para os três caminharem lado a lado, e os cães saltitaram à sua frente, e, esquecendo a idade, brincavam como cachorrinhos. O mal-humorado *Stumpy* parecia ter recuperado um pouco do seu entusiasmo juvenil pela vida. Quando chegaram a Grantley, viram que Sir Eugene e Percy haviam chegado antes deles e desmontado no pátio do estábulo.

– Belinda! – A voz chocada de Percy ecoou junto às cavaliariças. Entregou as rédeas a Sir Eugene. – O que aconteceu? – perguntou ansiosamente, examinando Belinda de cima a baixo. – Estás magoada?

– Desviei-me do caminho e estava a afundar-me num pântano quando este homem me salvou a vida. – Fitou Danny com um sorriso tímido. – Poderia ter ficado presa lá durante horas, se não tivesse sido ele.

– Ela estava assustada, *sir*, mas ilesa. Não se teria afundado muito mais, mas não conseguia libertar-se. – Danny levou a mão ao boné, recuando. – Vou pôr-me a caminho.

Percy colocou o braço à volta da cintura da irmã.

– Ainda não lhe agradei. Deve receber alguma recompensa pelo seu incómodo. Nem sequer sei o seu nome, *sir*.

– Este é Danny Wicks – esclareceu Angel, sorrindo. – É um velho amigo.

– Bem, estou muito feliz por conhecê-lo, Wicks – Percy apertou a mão de Danny. – Prestou um enorme serviço à minha irmã, hoje.

– Teria feito o mesmo por qualquer pessoa. O pântano não é lugar para andar livremente. – Danny ia a afastar-se, mas Angel correu atrás dele.

– Não posso deixar que vás para casa nesse estado. O que diria a tua mãe? – baixou a voz. – Além disso, preciso do teu conselho e tenho uma ideia que pode beneficiar-te e à tua família, bem como a Grantley.

Um leve sorriso iluminou os olhos de Danny.

– Sempre foste um espírito independente, Angel.

– Isso não sei. – Angel olhou por cima do ombro e avistou Susannah e Blanche agitando-se em torno de Belinda. Ela enfiou a mão na dobra do braço de Danny. – Estou tão encharcada como tu e a tremer apesar do sol. Vais fazer o que te peço ou tenho de implorar?

– Não me dás muita escolha. Vamos lá, rapariga.

Tendo deixado Danny nas mãos eficazes de Cook e de Lil, Angel dirigiu-se ao seu quarto para trocar a roupa molhada. Escovou o cabelo e apanhou-o num coque, embora fosse impossível domá-lo completamente. Madeixas encaracolavam-se na testa e faziam-lhe cócegas nas orelhas, mas não era o momento para se preocupar com a aparência. Havia assuntos mais importantes a tratar e falar com Danny era um deles.

Regressou à cozinha e constatou que Lil conseguira servir a canja sem se queimar nem a nenhum dos convidados, e Humphrey regressara dos vinicultores com vinho suficiente para manter os convidados felizes. Cook tinha cozido no forno uma torta de cereja que parecia tentadora, a crosta a brilhar com cristais de açúcar, e cheirava divinamente. Havia também um bolo de amêndoas embebido em xerez, embora Cook tivesse deixado claro que estava irritada ao colocar a tigela de vidro nas mãos de Angel.

– É constrangedor oferecer uma escolha de apenas duas sobremesas. Antigamente, haveria mais pratos, mesmo no almoço, bem como gelados. Não sei o que Sir Eugene vai pensar de nós.

Danny levantou os olhos da tigela de canja que quase terminara e onde estava prestes a mergulhar um pedaço de pão.

– Eu diria que ele era um sujeito de sorte com a oferta de torta e de bolo. Nós não teríamos essa escolha aos domingos.

– Você não é um Devane – respondeu Cook, fungando. – Esta família costumava orgulhar-se de manter uma boa mesa.

Lil pegou na torta e num jarro de natas.

– Eles deviam achar-se com sorte, é o que digo. Nós vamos ficar presos a pão e raspa se a patroa não fizer algo rapidamente. – Deitou um olhar de relance para Angel. – Não podes fazer algo mais, amor?

– Sempre foste boa em ideias.

– Tenho muitas – respondeu Angel com entusiasmo. – Mas darão resultado? Esse é o ponto crucial da questão. – Virou a cabeça e sorriu a Danny. – Não te vás embora até termos a nossa conversa. Volta dentro de momentos.

– Posso esperar até ver se resta alguma dessa torta de cereja. Acho que poderia comer uma delas sozinho.

A festa na sala de jantar parecia estar a correr bem. Angel serviu o bolo, deixando que Lil cortasse a torta e a oferecesse à volta da mesa.

– Não vai juntar-se a nós, Angel? – Percy abanou a cabeça quando ela lhe trouxe o bolo. – Vejo que há um lugar para si.

– Não encontrámos quem substituísse uma criada que se foi embora, e hoje estou a assumir o papel dela. – Angel expôs a situação com o maior tato possível, mas podia sentir a tensão na sala. Eloise agarrou a haste da taça de vinho com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos e Sir Eugene enrijeceu, olhando para a frente. Susannah mordeu o lábio e baixou o rosto e Blanche lançou um olhar cauteloso na direção do pai.

Eloise foi a primeira a recuperar.

– É tão difícil encontrar bons criados hoje em dia.

– Aparentemente, não temos esse problema – comentou Belinda, feliz. – Mas vivemos em Londres e obviamente isso faz toda a diferença.

Percy não parecia convencido.

– Mesmo assim, não esperava ser servido por um membro da família. Espero que tenhamos o prazer da sua companhia ao jantar, Angel.

Lil soltou uma risadinha. Eloise brindou-a com um olhar que teria transformado um mortal comum em pedra.

Belinda continuou a sorrir alegremente, aparentemente alheia às pesadas emoções que fervilhavam sob um verniz de boas maneiras.

– Posso comer um pouco da torta de cereja? Parece tão apetitosa.

O seu comentário ingênuo pareceu aliviar a tensão e todos começaram a falar imediatamente. Angel aproveitou a oportunidade para regressar à cozinha e ficou aliviada ao ver que Danny tinha esperado por ela, embora as suas roupas tivessem secado e estivesse pronto para partir. Tirou o avental e colocou-o nas costas de uma cadeira.

– Vamos, Danny. Farei uma parte do caminho contigo.

* * *

– O que querias dizer-me? – perguntou ele, enquanto atravessavam o parque.

– A família está praticamente falida – revelou Angel sem rodeios. – Convenci a tia Eloise a aceitar hóspedes a pagar, mas temos muito pouco dinheiro e, se não satisfizermos os credores, perderemos a casa e a terra. É por isso que os Montgomerie foram convidados a ficar, ofereceram-se para pagar o alojamento.

– Estás a dizer que pretendes transformar a mansão numa pousada?

– Mais ou menos, e é aí que tu entras. Disseste que querias expandir o teu negócio e temos muito terreno. Precisamos de fruta e de legumes e podes fornecer-nos gratuitamente em vez de pagares renda. É uma oportunidade para todos nós beneficiarmos da propriedade ou ela será vendida pelo maior lance para pagar os credores. – Angel parou e abrangeu os jardins e o parque com um aceno de mão.

– É verdade que estava a pensar nesse sentido – retorquiu Danny, vacilante –, mas isso é algo diferente.

– Não sei porquê, Danny. O jardim murado produzia o suficiente para alimentar a família e os criados quando tínhamos jardineiros, mas agora há apenas um homem de idade que faz o melhor possível e decerto vês o tamanho do problema. Há uma estufa, embora nunca seja usada nos dias de hoje. Poderias lá cultivar tomates e pepinos e ao mesmo tempo prestar-nos um favor. O que te parece?

Ele coçou a cabeça, franzindo a testa.

– Preciso de pensar. Digo já que a ideia me agrada, ainda que, se não funcionar, iremos todos parar à Queer Street²⁴.

Ela sorriu.

– Pelo menos estaremos juntos. Devo-te esta oportunidade, Danny. Se não me tivesses dado um saco de visco para vender, não estaria aqui hoje. Não esqueço os meus amigos.

Tinham chegado aos portões e Danny parou, estendendo a mão para apertar a mão de Angel.

– Vou falar com o meu pai e informo-te do que ele pensa.

– Sim, por favor. Penso que nos beneficiaria a todos.

Ele firmou o aperto e olhou-a bem de frente, curvando os lábios num sorriso.

– És uma rapariga de peso, Angel Winter.

O calor nos seus olhos ruborizou-lhe as faces e, por um momento, ela permitiu-se gostar da admiração de alguém, mas depois retirou a mão.

– Adeus, Danny. Dá notícias em breve.

– Darei. – Ele afastou-se, assobiando uma melodia popular como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Enquanto o observava a dirigir-se a casa, Angel sentiu-se mais otimista sobre o futuro de Grantley. O passo tornou-se mais leve enquanto voltava a casa e se preparava para enfrentar o desagrado da tia Eloise; afinal, não era novidade. Não que Eloise tivesse sido abertamente cruel, mas, quando as coisas haviam corrido mal no passado, Angel sempre fora a mais propensa a sofrer as consequências. Toby era o favorito da mãe, com Humphrey em segundo, e Susannah em terceiro, e Angel tinha sido o bode expiatório. Nada mudara muito ao longo dos anos e provavelmente nunca mudaria.

Angel dirigiu-se aos estábulos, esperando trocar algumas palavras tranquilas com Percy. Alcançou-o quando ele estava prestes a entrar na cocheira. Os sons do martelo e da serra eram encorajadores, mas quando a carruagem estivesse pronta para a estrada, isso significaria que os Montgomerie iriam a caminho. Angel gritou-lhe e ele parou.

– Veio observar o progresso do ferreiro, Angel?

– Não propriamente. Queria pedir-lhe um favor.

– Claro. Tudo o que estiver ao meu alcance. Está desde já concedido.

– Sabe que Grantley está com dificuldades financeiras.

Ele assentiu.

– Sim, e é uma pena.

– Gostou da sua estadia aqui?

– Sem dúvida. Não poderíamos ter desejado mais.

– Tudo o que quero é que passe a palavra entre os seus amigos de que Grantley é um lugar onde podem ficar com conforto e segurança, longe do ar pútrido da cidade.

– Então pretende administrar Grantley como um hotel?

– Sim, pretendo. Pelo menos até Sir Adolphus voltar para casa. Temos de arranjar uma maneira de pagar as contas.

A testa suave de Percy enrugou-se em linhas de preocupação.

– Sinto muito, Angel. Sei que falo por Belinda quando digo que desfrutámos da sua hospitalidade, embora pudéssemos ver quão difícil deve ser administrar uma casa tão grande com o mínimo de criados. Farei tudo o que puder para que o seu negócio vá em frente.

Angel pôs-se em bicos de pés para lhe beijar a face.

– Obrigada, Percy. Tinha a sensação de poder confiar em si.

Ele esboçou um sorriso triste.

– Não gostaria de a ver de volta às ruas a vender flores.

– Quem lhe falou sobre isso?

– Susannah contou à minha irmã. Deve ter sido necessária muita coragem para sobreviver nas ruas da cidade, e admiro isso.

Angel encarou-o diretamente.

– Susannah também contou a Belinda que fui uma enjeitada, abandonada em Angel Alley, Whitechapel, numa véspera de Natal?

– Só um imbecil usaria tal coisa contra si. – Percy pegou-lhe na mão e apertou-lhe os dedos num gesto reconfortante. – É uma jovem notável e foi um golpe de boa sorte que fez com que os nossos caminhos se cruzassem. Tenho orgulho em conhecê-la, Angel Winter, e prometo que farei o meu melhor para lhe enviar clientes.

Angel estava de bom humor enquanto voltava para casa, mas a sua sensação de euforia desvaneceu-se ao ver Eloise a andar de um lado para o outro no *hall* de entrada.

– Tenho estado à sua espera, *miss*.

– Passa-se algo de errado, tia?

– Errado? Como ousas perguntar isso quando nos humilhaste ao servir à mesa ao almoço como uma vulgar criada? O que pensaram os nossos convidados?

Angel forçou-se a permanecer calma.

– Os Montgomerie são hóspedes que pagam e desfrutaram de uma refeição esplêndida que a Cook fez com quase nada. Se visitasse a cozinha ocasionalmente, perceberia o trabalho duro que custou a preparar uma receção destas.

– Portaste-te como uma criada. Foi altamente embaraçoso.

– Uma criada é paga pelos seus serviços. Fiz o que fiz por amor e lealdade à minha família. Sei que não é ao que está acostumada, mas se não agirmos agora, acabará por viver de caridade, como me aconteceu desde que era uma criança de doze anos. Posso dizer que não é bom ser-se constantemente lembrado das obrigações a cumprir.

Eloise agarrou-se ao poste do corrimão.

– Sinto-me tonta. Ninguém me fala dessa maneira.

– Talvez seja a hora de o fazerem. Há um mundo cruel fora dos portões de Grantley. Eu experimentei, o que não foi o seu caso, e não desejaria que experimentasse. Mas, se quiser conservar Grantley, sugiro que me permita tentar, porque não vejo mais ninguém com ideias.

Eloise levou a mão à cabeça.

– Ajuda-me a subir ao quarto, Angel. Estou a começar com uma das minhas enxaquecas.

– Não, não está – contrapôs Angel friamente. – Está perfeitamente bem e serve-se dessas enxaquecas para conseguir o que quer. Grite comigo, se quiser, mande-me embora se é isso o que deseja, mas, se tiver um pouco de senso, deixará que faça as coisas à minha maneira e então pode manter um teto sobre a sua cabeça.

Eloise endireitou-se, pálida e com os olhos brilhantes.

– És uma rapariga muito impertinente, mas o que se pode esperar de uma enjeitada? A tua mãe deveria ter um carácter duvidoso e ousar dizer que serás igual. Vou para o meu quarto e faz como quiseses, mas Sir Adolphus vai saber disto quando voltar da África do Sul. Veremos o que tem a dizer. – Subiu as escadas de cabeça erguida e sem o mínimo sinal da fraqueza que acompanhava muitas vezes uma das suas enxaquecas.

– Assim seja – disse Angel em voz alta. – O tio Dolph merece o nosso apoio. Tem o meu e não o dececionarei, mesmo que tenha de mendigar, pedir emprestado, ou roubar dinheiro suficiente para manter Grantley na família.

* * *

Percy e Belinda partiram na manhã seguinte para o casamento a que iam assistir em Colchester, mas reservaram quartos para pernoitar, a fim de interromper a viagem de regresso a Londres. Angel foi à

aldeia, comprou uma agenda e Mrs. Creedy vendeu-lha por metade do preço, pois faltavam apenas uns meses para o final do ano. Regressava a casa quando viu Danny a caminhar na sua direção e parou, cruzando os dedos sob as pregas do vestido de algodão estampado.

– Bem – perguntou, ofegante. – Tomaste uma decisão?

Ele acertou o passo com o dela.

– Isso não é propriamente uma saudação, mas sim, chegámos, e o meu pai e eu queremos aceitar a tua proposta. Trabalhando juntos, podemos produzir mais e o meu pai venderá o excesso na sua banca no mercado.

– Mas que fantástico! Quando podes começar?

– Vou contigo agora, se achares bem. Quero tirar as medidas da estufa e descobrir o que podemos plantar e quando, embora a estação de crescimento esteja quase a acabar. Teremos de nos esforçar para aquecer a estufa durante os meses frios do inverno.

– Julgo que há uma caldeira a carvão, mas já é muito velha e está coberta de hera. Descobri-a um dia quando era criança.

– Era disso que estava à espera e, se conseguirmos que volte a funcionar, poderemos entrar no mercado muito mais cedo.

Pararam dentro dos portões.

– Tenho a nossa segunda reserva – anunciou Angel, segurando a agenda. – A primeira de muitas, espero, portanto, faz o que tens a fazer, Danny.

Ele fez-lhe um arremedo de continência.

– Sim, general Winter.

– Muito engraçado, mas não estás muito longe da verdade. Tentar convencer a família de que é esta a única maneira de sobreviver seria um desafio para o próprio Duque de Ferro²⁵. – Angel deixou que Danny fosse tratar dos seus negócios e levou a agenda para o quarto, onde se sentou na pequena escrivaninha por baixo da janela e anotou a reserva dos Montgomerie por uma noite.

– É um começo – pronunciou em voz alta, dirigindo-se a um pombo assustado que havia pousado no peitoril e em seguida voou, alarmado.

* * *

O dinheiro dos Montgomerie, juntamente com o quinhão mensal que Eloise recebia do irmão e de Hector davam à justa para o reembolso da hipoteca seguinte, embora não restasse praticamente nada para a sobrevivência da família e a criadagem tivesse de esperar pelos seus salários. Para não ser vencida, Angel fez um acordo com o fazendeiro cujas terras eram contíguas à propriedade de Grantley, permitindo que ele usasse o terreno de cinco hectares para pasto em troca de leite, manteiga, natas e queijo. Da mesma forma, os restos da cozinha eram mantidos numa lata e usados para alimentar os porcos do fazendeiro em troca de carne de porco e *bacon*, quando estavam disponíveis. Estas medidas, juntamente com os produtos da horta, mantinham a família e a criadagem alimentadas e ainda restavam fruta e legumes suficientes para guardar para o inverno ou fazer compotas.

A cozinha era o centro do pequeno império de Angel e ela trabalhava ao lado de Cook e Lil, conservando legumes em vinagre e colocando fruta em frascos segundo as receitas de *Mrs. Beeton's Book of Household Management*²⁶. O aroma a geleia de framboesa a ferver enchia a casa com o cheiro do outono e Angel conseguiu convencer Susannah a ajudá-la a colher amoras das sebes.

Regressaram de uma incursão particularmente bem-sucedida com cestos a transbordar de frutos maduros e os lábios manchados de roxo de provar a fruta.

Susannah queixou-se de que as saias estavam enlameadas e as mãos estragadas; mas tinha as faces coradas e os olhos a brilhar de tanto rir. Angel estava satisfeita dado que, por uma vez, Susannah esquecera-se de que era uma jovem elegante e divertira-se sem se preocupar com o que a mãe poderia pensar. Humphrey também passava a maior parte do tempo fora de casa, a ajudar o velho jardineiro ou a trabalhar nos estábulos. Na verdade, mostrou mais aptidão para a administração da propriedade do que qualquer um dos seus irmãos mais velhos, e o seu projeto mais recente foi construir um galinheiro no extremo do jardim murado, onde pretendia manter galinhas e abastecer a família com ovos frescos. Angel encorajou-o, embora Eloise tivesse dito que era uma fase passageira e Humphrey voltaria a Rugby no início do novo período e esqueceria tudo sobre querer trabalhar a terra.

– Vais entrar na Igreja se não conseguires pensar noutra profissão – ameaçou Eloise um dia ao pequeno-almoço. – Não eduquei os meus filhos para se tornarem agricultores. Olha bem para as tuas mãos e para as unhas, Humphrey. Pareces um trabalhador comum, e tens a pele tão morena como a de um cigano. Isso não é sensato. Muito simplesmente, não é. O que diria Sir Eugene?

– O que tem ele a ver com o que quer que seja, mamã? – reagiu Humphrey, irritado. – Ele não é meu pai.

O sangue afluiu às faces pálidas de Eloise.

– Bem, meus queridos – disse, observando os rostos sobressaltados dos filhos. – A realidade é esta. Sir Eugene propôs-me casamento e, embora, naturalmente, não tenha respondido de imediato, faço tenção de aceitar.

– Não será um pouco precipitado, mamã, digo eu? – Toby deixou cair a faca e o garfo no prato com um eco sonoro.

Humphrey soltou uma risadinha, recebendo um olhar de advertência de Angel, mas Susannah empurrou a cadeira para trás e levantou-se de um salto.

– Mamã! Como é possível? Pensei que o tinha em mente para mim, não para si. Está demasiado velha para voltar a casar.

– Não estou velha – contrapôs Eloise, enfurecida. – Tenho quarenta e sete anos, dois anos menos que Sir Eugene – uma idade ideal. Quanto a ti, jovem, deixaste bem claro que o consideravas velho de mais para ser teu pretendente.

– Então, decidiu casar com o homem mais rico de Essex. Nunca lhe perdoarei, mamã. – Susannah abandonou a sala.

Toby levantou-se.

– Suponho que percebe o que isso significa? Vai morar em Westwood e desistir de qualquer reivindicação que possa ter sobre Grantley. Sir Eugene tem um herdeiro e duvido que queira que a sua família lhe seja impingida.

– Realmente, Tobias, estás a ser ridículo – respondeu Eloise num fio de voz. – Serias obviamente bem-vindo em Westwood Hall, mas ainda terias uma casa aqui.

– Duvido muito. Pode levar a Susannah consigo, mas, quanto a Humphrey e a mim, já sem mencionar Angel? Não sabemos se seremos capazes de manter Grantley e, se a propriedade for vendida, para onde iríamos?

– Mas estou quase a acabar o galinheiro –, protestou Humphrey. – Ia ao mercado comprar algumas frangas.

– Estão todos a ser ridículos – Eloise atacou, rompendo em lágrimas. – Não querem que a vossa mãe seja feliz?

Toby ergueu os braços.

– Feliz? Ficaré contente quando souber que arruinou a vida dos seus filhos?

– Estás a ser insensato. O vosso tio não permitirá que Grantley seja vendido. – Eloise levantou-se, tremendo visivelmente enquanto os encarava. – Não consigo ver por que algo mudaria.

– Ele não pode dar-se ao luxo de manter a propriedade, mamã – replicou Toby sem rodeios. – Só estamos a aguentar-nos porque a Angel está a geri-la como um negócio. – Virou-se para Angel, estendendo a mão. – Diz à minha mãe quantas reservas nos chegaram até agora.

– Temos três casais reservados até agora nesta semana, com outros dois para a próxima, e a tabuleta que Humphrey fez deve atrair o comércio de carruagens. Está a levar o seu tempo, mas estamos a construir o negócio aos poucos.

– E não se interrogam porque não suporto ver a velha casa, a minha casa ancestral, transformada numa vulgar pousada? – A voz de Eloise quebrou-se num soluço. – Recuso viver assim. Quero a minha antiga vida de novo e, quando casar com Eugene, serei uma dama novamente. – Abandonou a sala, soluçando com o lenço em punho.

– Vê o que fizeste, Toby – reagiu Angel, irritada. – Foi desnecessário e não sabes o que o tio Dolph planeia fazer. Porque tiveste de estragar o anúncio dela?

Toby enfiou a mão no bolso de onde tirou uma folha de papel amarrotada.

– Isto chegou ontem. Vinha dirigido à mamã, mas, como chefe da casa, na ausência do tio Dolph e do Hector, abri. Lê com os teus olhos.

– O que diz? – perguntou Humphrey nervosamente.

– Ficaste muito pálida, Angel. São más notícias?

24 Queer Street (Rua Queer) é um termo coloquial que se refere a uma pessoa que está em alguma dificuldade, mais comumente financeira. É frequentemente associada à Carey Street, onde os tribunais de falência de Londres já estiveram instalados. (*N. da T.*)

25 Iron Duke (Duque de Wellington) – general britânico e estadista. Derrotou Napoleão em Waterloo; posteriormente serviu como primeiro-ministro (1769-1852). (*N. da T.*)

26 Livro de Economia Doméstica de Mrs. Beeton. (*N. da T.*)

Capítulo Quinze

Eram muito más notícias e Angel viajou de novo para Londres para se encontrar com Galloway, mas desta vez na companhia de Toby. Galloway começou por negar recebê-los, mas Toby perdeu a paciência e ameaçou arrombar a porta e, por fim, foram admitidos no sujo escritório de Galloway.

Angel notou que a cabeça empalhada de uma raposa com os dentes à mostra fora acrescentada aos troféus pendurados no lambril e um par de chifres pendia precariamente sobre um retrato do próprio Galloway. Era grosseiramente executado e pouco lisonjeiro, mas ele permaneceu debaixo dele, com os polegares enfiados nas lapelas do luxuoso casaco de riscas, encarando-os com uma expressão um pouco menos amigável do que a da infeliz raposa.

– Então? – perguntou. – O que quer? Poderia ter mandado chamar um polícia para prendê-lo por perturbar a paz e agredir, mas sou um homem generoso. Diga o que tem a dizer e depois saia.

– Não é um cavalheiro, *sir*. – Toby cerrou os punhos ao lado do corpo.

– O que esperava, Galloway? – interferiu Angel com raiva. – Ameaçou-nos com o despejo, embora estejamos em dia com os pagamentos da hipoteca.

Galloway dirigiu-se à secretária e sentou-se.

– Mas ignorou as condições do acordo ao alugar quartos a viajantes. Está claramente indicado que a residência é apenas para uso privado.

– Li o documento e não me lembro de ter visto essa cláusula – disse Angel, desconfiada. – Que prova tem?

Galloway abriu uma gaveta de onde tirou um maço de papéis.

– Está claramente escrito aqui. O seu tio assinou o documento para que seja legal e vinculativo. Ou para de fazer negócio ou processos judiciais serão movidos.

– Decerto não pode fazer isso – protestou Angel. – Supostamente é o advogado do meu tio, mas parece estar a representar os credores.

– Estou apenas a dar o meu conselho – replicou Galloway sem erguer a voz. – Como vosso advogado, só posso dar a minha opinião com base na experiência de muitos anos e no meu amplo conhecimento de questões legais.

– Por acaso estou a estudar Direito, *sir*. – Toby debruçou-se sobre a mesa, com o rosto perto do de Galloway. – Suspeito que tem um motivo oculto e quer que percamos Grantley.

– Prove isso se puder.

– Quero uma cópia desse documento – exigiu Angel, com firmeza. – Precisamos de analisá-lo em pormenor.

– Impossível. Sir Adolphus deu-vos permissão para tratar dos seus assuntos?

Angel e Toby trocaram olhares ansiosos e Galloway soltou uma gargalhada.

– É precisamente aí que quero chegar. Vá para casa e desfrute de Grantley enquanto tem um teto sobre as vossas cabeças. Pare com essa tentativa ridícula de transformar a antiga casa num negócio e

poderão ficar lá mais algum tempo, mas, se continuarem assim, perderá a casa do seu tio para sempre. Faço-me entender?

– O senhor, *sir*, é um vilão. – Toby bateu fortemente com o punho na secretária, fazendo estremecer os tinteiros de vidro no suporte de prata. – O meu tio vai ficar a par de tudo isto.

Os olhos de Galloway estreitaram-se.

– Vou repetir o que disse. Têm de parar imediatamente o negócio ou os credores irão executar a hipoteca sob os termos e condições do contrato. Estou apenas a cumprir o meu dever como representante legal do seu tio.

– Não pode fazer-nos isso – lamentou-se Angel com emoção. – Há gerações que Grantley está na família.

– Mas não na sua família – ripostou Galloway sem erguer a voz. – Não sabe de onde veio, Angel Winter. Continue assim e será aquela que se encontrará de regresso aonde pertence, às ruas de Whitechapel. – Levantou-se da cadeira. – Agora saiam os dois ou tenho de dar ordens ao meu assistente para que chame a polícia?

Toby preparava-se para discutir, mas Angel agarrou-lhe na mão.

– Estamos a perder o nosso tempo aqui. – Enfrentou o sorriso cínico de Galloway com um olhar de desafio. – Não sei o que espera ganhar com isto, mas ainda não acabou. Não desistiremos facilmente.

* * *

No exterior, o sol brilhava nos passeios empoeirados e os plátanos londrinos denotavam sinais de outono, com as folhas adquirindo tons de amarelo, dourado e bronze, mas as belezas da natureza estavam longe da mente de Angel e Toby estava visivelmente furioso.

– Gostaria de estrangular esse filho da mãe – disse, cerrando os punhos. – Desculpa a linguagem, Angel.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não é necessário. Sinto o mesmo, mas o que podemos fazer? Ele tem todos os documentos e está certo ao dizer que nenhum de nós tem permissão do tio Dolph para tomar decisões sobre a propriedade. Não me parece que ele tenha pensado que precisaríamos disso.

– Galloway não tem boas intenções, estou seguro disso, mas sem provas não há nada que possamos fazer.

– Talvez a tia Eloise esteja a fazer o que é devido – concluiu Angel lentamente. – Está a cuidar dela e, embora se sinta irritada, tenho a certeza de que Susannah eventualmente mudará de ideias.

– Sei o que devo fazer. – Toby agarrou-a pelos ombros. – Sou o homem da casa e depende de mim. Vou à província de Natal procurar o tio Dolph e pô-lo a par dos acontecimentos. Se necessário, ele pode pedir a um advogado local que elabore uma procuração para que eu possa pôr fim ao jogo de Galloway.

– Podias enviar um telegrama – sugeriu Angel atordoada. – Chegaria lá mais rapidamente.

– Mas não há certeza de que chegaria até ele ou que ele seria capaz de responder, muito menos resolver as questões legais.

– Mas como vais levantar o dinheiro para o bilhete? É uma longa viagem.

– Arranjarei uma maneira. Poderia vender as minhas armas. São *Purdey*²² e renderão uma quantia decente. Venderei a prata da família, se necessário, mas Galloway não vai deitar as mãos a Grantley. Daria a minha vida se isso significasse salvar Grantley da posse dele.

– Vender a prata? – Eloise olhou para Toby como se ele tivesse enlouquecido. – Não podes fazer isso. Não te pertence nem a mim.

– Mamã – reagiu Toby pacientemente. – Deve tentar entender a gravidade da nossa situação. Galloway é um vilão, mas não posso prová-lo sem ver o documento que ele diz que o tio Dolph assinou. Não sei a que jogo Galloway se dedica, mas não está do nosso lado, disso tenho a certeza.

– Mas, Toby, meu querido filho, seria pura loucura viajares até à África do Sul, e o período escolar começa em breve. Tens de regressar aos teus estudos. – Eloise virou-se para Angel, que estivera sentada em silêncio, aguardando a sua vez de falar. – Diz-lhe, Angel. Orgulhas-te de teres bom senso.

– É o futuro de Grantley que está em jogo, tia Eloise. Não consigo ver outra solução. Toby precisa de ter a permissão do tio Dolph antes que possa fazer alguma coisa.

Eloise abanou a cabeça.

– Não vou aprovar isso, Toby. O teu tio nunca me perdoaria se permitisse que uma única colher de chá fosse vendida para pagar uma viagem dessas. Escreve-lhe, vai ao Gabinete de Guerra e pede-lhes que entrem em contacto com Adolphus.

– Mas, mamã...

– Não, Toby. Não quero ouvir nem mais uma palavra. Faz o que quiseres, mas não vais vender uma única peça do legado de família. – Abandonou rapidamente a sala, deixando Angel e Toby a segui-la com um olhar incrédulo.

– Ela não percebe a gravidade da situação – referiu Angel, após uma pausa. – Vais fazer o que ela diz e contactar o Gabinete de Guerra?

Toby foi até à janela e olhou para os jardins ensolarados.

– Tudo isto podia resolver-se se a minha mãe não se negasse a encarar a verdade.

– Ela não conhece o Galloway. – Angel aproximou-se dele. – Os jardins são tão bonitos e há séculos que a casa se encontra aqui. Não suporto pensar que cai nas mãos de pessoas que não a amam como nós. – Percorreu os dedos por baixo do montante de pedra que separava as janelas de batente. – Não podemos permitir que Grantley seja tirado à família, Toby.

Ele rodeou-lhe os ombros com o braço.

– Não tenciono que assim seja. Para começar, amanhã levarei as minhas *Purdey* a Londres e irei ao Gabinete de Guerra para verificar se estão dispostos a entrar em contacto com o tio Dolph em nosso nome, embora duvide que ajudem muito. Não sei se é possível enviar cabogramas para tão longe, mas, pelo menos, posso dizer à minha mãe que tentei e, se conseguir um bom preço pelas minhas armas, pode ser o suficiente para me levar à África do Sul. O que precisamos é da procuração do advogado assinada. – Franziu a testa pensativamente. – Entretanto, é melhor não aceitarmos mais reservas.

– Os Montgomerie vão chegar amanhã, mas são amigos, não vou aceitar-lhes dinheiro e então Galloway não pode usar isso contra nós.

Toby brindou-a com um olhar interrogativo.

– Pode ser que Percy Montgomerie tenha um motivo ulterior para as suas visitas frequentes?

– Talvez venha ver a Susannah.

– Ou talvez seja alguém que está a menos de um quilómetro de distância de mim neste momento – sugeriu Toby, rindo. – Não fiques tão chocada, Angel. És uma jovem muito bonita e inteligente

também.

– Não digas disparates.

Toby encolheu os ombros e o sorriso desvaneceu-se.

– Seja qual for o motivo dele para vir aqui, estou-lhe grato pela sua ajuda, e agora cabe-me a mim. Quanto mais penso no assunto, mais convencido fico de que devo viajar para a província de Natal, se quisermos salvar Grantley. Vou encontrar o tio Dolph mesmo que seja a última coisa que farei e contar-lhe exatamente o que está a ocorrer na ausência dele.

– Gostaria de poder acompanhar-te – comentou Angel tristemente.

– O lugar para onde vou não se adequa a uma mulher.

– A Dolly foi para lá. Vai viver no acampamento com as outras esposas do exército.

Toby olhou-a de lado enquanto se dirigia à porta.

– Mas Dolly não é uma dama e tu és.

Angel abriu a boca para responder, mas ele já havia abandonado a sala.

* * *

Na manhã seguinte, Angel estava prestes a dirigir-se à cozinha para tratar das ementas para a visita dos Montgomerie quando avistou Danny a atravessar o parque na direção da horta. Até esse momento, não pensara em como a mudança de circunstâncias poderia afetar a família Wicks, mas ela tinha-os envolvido sem intenção no que poderia ser um desastre financeiro.

Danny recebeu a notícia com algum fatalismo.

– Acho que era bom de mais para ser verdade – disse, encolhendo os ombros. – O meu pai e eu limpámos, arrumámos e substituímos os vidros partidos. A caldeira está em excelente forma, tendo em conta a situação, e íamos começar a semear sementes para uma colheita de tomates temporã, já que há muita madeira no interior para manter o fogo sem gastar dinheiro com carvão.

– Desculpa não poder ser mais otimista, Danny, mas isso não significa que tenhas de parar o que estás a fazer. Espero que possamos chegar ao tio Adolphus a tempo de impedir que Grantley se perca para nós. Ignoro a jogada de Galloway, mas não confio nele e parece que está a trabalhar contra nós quando deveria ser o contrário.

Danny arregaçou as mangas, expondo os antebraços musculosos bronzeados pelo sol do verão.

– Vou dar-lhe uma lição, Angel.

Ela fitou o brilho nos seus olhos com um sorriso.

– Um dia cobro-te essa promessa, mas por enquanto vamos ter de nos arranjar como pudermos.

– Continuarei a manter o pomar limpo para ti e fiz um grampo para armazenar as batatas, cenouras e beterraba para o inverno.

– Um grampo? – Angel fitou-o, intrigada.

Danny apontou para um monte ao fundo do jardim.

– O meu pai armazena raízes sempre dessa maneira. É uma vala de drenagem com camadas de palha e terra para proteger os vegetais.

– Muito inteligente – elogiou Angel, assentindo. – Obrigada, Danny.

– O prazer é meu, *miss*. – Ele tirou o boné, com um sorriso de orelha a orelha. – Agora, se não há mais nada, é melhor continuar.

– Claro. Vou deixar-te em paz. – Hesitou. – Serias mesmo capaz de enfrentar Galloway?

– É só dizeres. Gostaria de deitar as mãos ao homem que te pôs na casa de trabalho. Nada me daria mais prazer do que fazê-lo sangrar do nariz e pôr-lhe um olho negro.

– Espero que não chegue a tanto, mas mesmo assim obrigada. É bom saber que tenho amigos.

– Mais do que amigos, espero. Significas muito para mim, Angel. – Virou costas e começou a espalhar terra em bandejas de sementes.

Ela não teve resposta para este último comentário e saiu da estufa. Uma brisa fria roçou-lhe as faces e uma chuva de folhas douradas espalhou-se no chão na sua frente, enquanto percorreu o pomar e saiu para o parque. A declaração veemente de Danny fora uma surpresa. Presumiu que a sua reação se baseara na gratidão por lhe ter permitido que, juntamente com o pai, ressuscitassem a antiga estufa. Era reconfortante saber que tinha aliados tão fiéis, mas também se sentia um pouco inquieta. Esperava não ter dado uma impressão errada quando lhe pedira ajuda. Mantendo Grantley provida de fruta e de legumes era um acordo puramente comercial e nada mais. Acelerou o passo, dirigindo-se à casa, mas não conseguiu esquecer a expressão dos olhos escuros de Danny, nem o tom persuasivo da sua voz.

Chegou à casa no momento em que a carruagem dos Montgomerie parava. Correu para os saudar quando o laçao deles saltou para o chão e abriu a porta. Percy saiu primeiro, estendendo a mão para ajudar Belinda a descer.

– Angel! – exclamou ela, deliciada. – Parece ter passado tanto tempo desde a última vez que aqui estivemos. – Correu a dar-lhe um abraço. – Está com muito bom aspeto, mas não é de admirar quando se mora numa casa tão bonita, com este lindo parque e ar fresco.

– Esta é a tua terceira visita em dois meses, Belle – disse Percy, sorrindo. – Bem podíamos viver aqui.

– Oh, isso seria fantástico – aprovou Belinda, batendo palmas. – Adorava viver no campo. A Charles Street é encantadora à sua maneira, mas no verão sufoca e anseio por campos verdejantes.

– Está aqui agora. – Angel devolveu o abraço. – Entrem e descansem depois da vossa viagem.

– Viajámos apenas cerca de onze quilómetros – disse Percy com um sorriso irónico. – Dificilmente pode considerar-se uma grande distância.

– No entanto, as viagens de carruagem são cansativas, e tenho a certeza de que Belinda gostaria de um refresco, e você também, se quiser ser sincero.

– Sou sempre sincero e vejo que regressou novamente ao trabalho. – Percy avaliou-a de cima a baixo e a mão de Angel voou automaticamente para alisar o cabelo, que estava desganhado pelo vento. Apercebeu-se então de que a bainha do seu vestido estava húmida e manchada de verde por causa da erva orvalhada.

– Fui à horta falar com o Danny – apressou-se a explicar. – Vou mudar de roupa antes do almoço.

– Suponho que vai servir-nos?

Angel hesitou junto aos degraus de pedra e perscrutou-o com o olhar.

– Está a ser muito crítico, Percy. Não é costume. O que provocou essa atitude?

Belinda enfiou a mão na dobra do braço de Angel.

– Vamos para dentro de casa. Ignore o meu irmão. Ele é assim quando está preocupado com alguma coisa ou com alguém. – Olhou por cima do ombro e fez uma careta a Percy. – Angel vai desejar que tivéssemos ficado em casa se continuares a meter-te com ela.

Ele seguiu-as para o interior da casa.

– Sinto muito, Angel. Não fazia tenção de irritá-la. É só porque não gosto de vê-la levar esta vida. Sinto-me um pouco responsável pela ideia do hotel e começo a pensar que foi um erro terrível. É demasiada responsabilidade para ter sobre os ombros.

Angel conduziu-os ao salão do pequeno-almoço e fechou a porta por hábito, embora não houvesse perigo de serem espiados pela criada. Esperou até que estivessem sentados.

– Fico satisfeita com a vossa presença porque os considero meus amigos.

– O que se passa? – perguntou Belinda ansiosamente. – Está com um ar tão sério, Angel.

– Sente-se e conte-nos o que se passa – pediu Percy com firmeza. – Sabe que faremos tudo o que pudermos para ajudar.

Angel encarou-os, apertando as mãos com força na sua frente e explicou por que não deveriam oferecer-lhe nenhum dinheiro pela estadia, bem como os motivos de Toby para ir à cidade. A expressão de Belinda espelhava os seus pensamentos, mas Percy permanecia estoicamente calmo. Esperou até que ela acabasse de falar.

– Parece que o seu advogado está a trabalhar contra si – concluiu lentamente. – A Ordem dos Advogados ficaria muito interessada neste caso, mas isso não a ajuda neste momento.

– O Toby tenciona ir à África do Sul e pedir ao tio Dolph a procuração para que possamos exigir ver os documentos que Galloway está a esconder, mas temo que isso leve muito tempo. Nós, quero dizer a família, poderia perder tudo, Percy.

– Podia pô-la em contacto com o meu advogado – disse Percy, pensativo –, mas tenho a certeza de que Galloway é esperto de mais para ser apanhado nesta fase. De momento, são todas ameaças subtis e ele negaria qualquer sugestão de que estivesse a agir de forma desonesta.

– O que é que eles podem fazer? – Belinda levantou-se de um salto e abraçou Angel. – Tenho algum dinheiro. Dou-lho, Angel, se isso ajudar.

– Obrigada, Belle, mas nem sequer sonharia em aceitá-lo e, para ser sincera, julgo que seria preciso muito dinheiro para resolver este problema.

– Sugiro que esperemos que Toby volte de Londres – disse Percy calmamente. – Não podemos fazer nada até sabermos quais são os planos dele.

Angel fitou-o com curiosidade.

– Isso significa que tenciona ajudar-nos, Percy?

– Se puder, mas a África do Sul fica longe. Fazendo um cálculo por alto, levaria três meses para chegar lá e voltar, talvez mais. Conseguiria aguentar durante esse espaço de tempo?

Angel sacudiu a cabeça.

– Só conseguirei arranjar dinheiro suficiente para pagar a hipoteca este mês, mas isso deixa-nos sem nada para viver e o pessoal não recebe desde o último trimestre.

– Eu poderia emprestar-lhe o dinheiro – disse Percy lentamente –, mas mesmo que o Toby consiga ver o acordo que Sir Adolphus assinou, pode descobrir que é legal e obrigatório. Se assim for, não há nada que salve Grantley, e talvez deva encarar esse facto.

– Não digas essas coisas. – O lábio inferior de Belinda tremeu e os olhos azuis encheram-se de lágrimas. – Não vês que estás a perturbar a Angel?

– Sinto muito, e sei que é difícil, mas você e o Toby têm de ser realistas – declarou Percy firmemente. – Esta situação deve-se aos investimentos imprudentes que Sir Adolphus fez, que praticamente o levaram à sua falência e à da propriedade. Pode ser muito tarde para fazer algo a esse respeito, Angel. Lamento, mas é verdade.

– Vamos esperar pelo regresso de Toby a casa – teimou Angel. – De qualquer forma, onde estão as minhas maneiras? Vou à cozinha pedir à Cook que vos prepare café.

– Porque não tocar a campainha? – perguntou Percy, rindo. – Ainda sobram algumas criadas.

– A Lil e a Flossie estão na lavandaria e a Meg está a ajudar a tia Eloise a vestir-se. Ela foi convidada para almoçar em Westwood Hall. Sabem que está noiva de Sir Eugene, não sabem?

– Veio no *The Times* – respondeu Belinda animadamente. – É tão romântico.

– Como se sente a Susannah?

– Estamos todos muito felizes, claro. – Angel abriu a porta e ficou cara a cara com Susannah. – Oh, estávamos mesmo a falar de ti, Sukey. Percy queria saber o que pensavas sobre o casamento da tua mãe com Sir Eugene.

Susannah entrou na sala e abraçou Belinda como uma irmã há muito perdida. Estendeu a mão para Percy.

– Estou feliz por a mamã ter encontrado novamente a felicidade – respondeu, entoando as palavras como uma criança repetindo o catecismo. – Que bom ver-vos aos dois. Vão ficar muito tempo desta vez?

Angel deixou-os e correu até à cozinha para preparar uma cafeteira de café. Cook nunca estava de bom humor nos últimos tempos e as tensões na família pareciam ter invadido toda a casa.

* * *

Toby voltou de Londres a tempo de se juntar a todos na sala de visitas, onde se tinham reunido antes do jantar. Angel usava um vestido mais adequado para receber convidados, mas ainda estava corada devido ao calor da cozinha, onde ajudara Cook a preparar a comida. Eloise mandara avisar que ficaria em Westwood para o jantar e Susannah assumira o papel de anfitriã, o que estava obviamente a agradar-lhe, embora usasse a liberdade para namoriscar escandalosamente com Percy.

Angel esperou impacientemente que Toby se acalmasse com um copo de xerez.

– Bem – disse ansiosamente. – Tiveste sorte em Londres?

– Afinal, porque foste lá? – quis saber Susannah. – Ninguém me conta nada.

Toby trocou olhares cautelosos com Angel.

– Não queríamos preocupar-te, Susie. Não há nada que possas fazer sobre a situação.

– Que situação? – Susannah olhou de um para o outro, sacudindo a cabeça. – Não sou uma criança, Toby. Porque confias na Angel e não em mim?

– O que aconteceu em Londres, Toby? – perguntou Percy, curioso. – Consegui algo junto do Gabinete de Guerra? A Angel contou-nos o que aconteceu.

– Fui despachado por um funcionário júnior que disse que investigaria o assunto, mas que era tudo *top secret* e duvidava que algo pudesse ser feito para entrar em contacto com o tio Dolph, pelo menos não rapidamente.

– Então, o que farás? – reagiu Angel. – Vendeste as armas?

Toby assentiu com uma expressão sombria.

– Sim. Renderam um bom preço, como sabia que seria o caso.

– Vendeste as *Purdey*? – Susannah fitou-o de olhos arregalados. – Mas eram o teu bem mais precioso. Pertenciam ao papá e deixou-tas em testamento.

– Não me atormentes, Susie. Foi um último recurso, mas pelo menos tenho a quantia do bilhete para Durban.

– Porque queres ir lá? – Susannah levantou-se e encheu um copo de xerez. Voltou a sentar-se e bebeu um gole. – O que se passa? Vocês estão obviamente todos a par, então, por favor, digam-me antes que comece a gritar.

Angel estava sentada ao lado dela e estendeu o braço para dar uma palmadinha na mão de Susannah.

– Estamos com um problema, Sukey. O Toby não queria preocupar-te, mas é possível que possamos perder Grantley, embora tendo estado a pagar a hipoteca.

– Não sei porque te incluis – comentou Susannah, impiedosamente. – Grantley não te pertence.

– Nem a ti. – Toby bateu com o copo vazio numa mesa de jogo ao seu lado. – A propriedade pertence ao tio Dolph, e, se lhe acontecer alguma coisa, irá para o Hector, mas é a casa de Angel tanto quanto é nossa. É por isso que não te contamos as coisas, Susie. Só pensas em ti mesmo.

Percy levantou as mãos.

– Espere um minuto, Toby. Susannah tem razão ao dizer que a situação vos afeta a todos. Angel contou-me tudo e, na minha opinião, pelo que vale, duvido que conseguir simplesmente uma procuração vá salvar Grantley dos gananciosos credores. Parece-me que esse homem, Galloway, está aliado às pessoas que querem deitar mão à propriedade, por que motivo não faço ideia, mas cheira-me a um conluio e a um negócio sujo.

Toby fulminou-o com o olhar e o maxilar cerrado.

– Então o que recomendaria? Que ficássemos sentados, deixando que as coisas acontecessem?

– Não podemos fazer isso – gritou Angel com emoção. – Lutámos tanto, não podemos desistir.

– Acho que vou chorar – disse Belinda, queixosa. – É tão triste.

– Bem, eu não vou desistir tão facilmente. – Toby levantou-se. – Estou cansado e coberto de poeira depois de uma longa viagem. Vou trocar de roupa antes do jantar, mas isto não acabou, Percy. Não vou largar Grantley, sem lutar. – Abandonou a sala, deixando que a porta batesse.

– Vou contar à mamã e a Sir Eugene – disse Susannah, fazendo beicinho. – Se ele vai casar com ela, o mínimo que pode fazer é salvar Grantley para os seus filhos.

Angel estava prestes a dizer algo reconfortante quando a porta se abriu e Lil entrou na sala de estar, enxugando as mãos avermelhadas ao avental.

– O jantar está servido.

– Toby acabou de subir para trocar de roupa – disse Angel com muito tato. – Vamos ter de esperar até ele descer.

Lil ficou de pé, com as mãos nas ancas.

– Experimenta dizer isso à Cook. Ela trabalhou num tal estado que até atira facas pelo ar, uma delas quase cortou a orelha da Flossie. Estamos todas fartas de tentar fazer boas refeições com o que Mister Toby caça com a espingarda e com o que resta na horta. – Olhou para Percy e Belinda. – Começaram este estúpido negócio de administrar a casa como um hotel. Bem, deviam tentar fazer isso com um punhado de criadas e sem massa no banco. – Virou-se e apontou o dedo a Susannah. – Se me passar a perna às escondidas e contar à sua mãe o que acabei de dizer, ficará sem pessoal. Estamos todas à procura de outros empregos e, se for embora, levo a Angel comigo. Não vou deixar a minha filhinha num navio a afundar-se. – Abandonou a sala deixando todos num silêncio perplexo.

– É filha dela? – perguntou Belinda, aturdida.

– Não, não sou. – Angel levantou-se. – Mas ficaria orgulhosa se tivesse uma pessoa tão bondosa e afetuosa como minha mãe.

– Sinto muito – apressou-se Belinda a dizer. – Sabia que foi abandonada, não queria irritá-la. Deve ser horrível não ter nada que a ligue à sua verdadeira família.

– Duvido que venha a descobrir quem foi a minha mãe, mas estou certa de que tinha um bom motivo para me abandonar. – Angel traçou o contorno do anel sob a seda do vestido azul-claro. Sentiu-se tentada a mostrar-lho, mas era o seu segredo e só dela – a única coisa que a ligava à mulher que a abandonara por qualquer razão.

Percy pigarreou ruidosamente.

– Não devias fazer comentários pessoais, Belle. Não se faz.

– Já pedi desculpa. – Belinda estava à beira das lágrimas, mas a porta abriu-se e desta vez foi Humphrey que entrou na sala a correr.

– Chegou um mensageiro com isto. É para o Toby e acho que é do Gabinete de Guerra.

Susannah foi a primeira a levantar-se e a tirar-lho da mão.

– Deve ser sobre o tio Dolph. Talvez ele esteja de regresso a casa.

– Vem endereçado a Toby – disse Angel apressadamente. – Devias esperar até ele descer.

– Será para todos nós – contrapôs Susannah, quebrando o selo. – Oh, não! – murmurou e caiu desmaiada no chão.

²⁷ Uma espingarda, ou outra arma de fogo, feita pelos armeiros de Londres James Purdey & Son. (*N. da T.*)

Capítulo Dezasseis

A notícia de que Sir Adolphus havia morrido de uma febre no acampamento tinha sido um choque e deixara a família de luto profundo. Embora nunca tivessem sido próximos, Angel sentiu dolorosamente a sua perda. Sir Adolphus fora o seu salvador e o seu mentor, mas Eloise era irmã dele e reagira mal às notícias, retirando-se para o seu quarto e negando-se a sair, embora Susannah, talvez surpreendentemente para alguém tão egocêntrico, não estivesse em condições de ter qualquer utilidade prática. A sua incapacidade para fazer algo construtivo tornou necessário que Angel acompanhasse Toby ao escritório do advogado, numa tentativa de resolver os assuntos do falecido coronel.

Era a terceira vez que ia falar com Galloway e, embora ele fingisse ser compassivo, obviamente estava longe de ser sincero nos seus pêsames e Angel teve dificuldade em conter a raiva.

– O seu irmão é o herdeiro da propriedade. – Galloway dirigiu-se a Toby. – Tenho comigo o testamento do seu tio e ele deixa tudo a Hector Devane, com alguns legados menores, que infelizmente não serão cumpridos porque os fundos são insuficientes.

– O que está a dizer, *sir*? – perguntou Toby.

Angel percebeu que Galloway estava a apreciar o desconforto causado. Os olhos redondos denotavam um brilho malicioso e ela sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Aquilo não ia acabar bem.

– O contrato de hipoteca é nulo e sem efeito agora que o seu tio morreu. Caberá ao capitão Devane renegociar as condições.

– Mas Hector está na província de Natal – protestou Angel. – Sabe isso perfeitamente.

Com um amplo sorriso, Galloway recostou-se na cadeira semelhante a um trono.

– É verdade que sei, e, se os credores não estiverem dispostos a aguardar o seu regresso, exigirão o pagamento imediato da quantia por inteiro. – Rabiscou alguns números numa folha de papel e fê-la deslizar sobre a secretária. – Consegue reunir essa quantia de dinheiro rapidamente?

Toby engasgou-se e engoliu em seco.

– Mas isto é mais do que o primeiro pedido de empréstimo do meu tio.

– Houve naturalmente o acréscimo de juros, o que é de esperar.

– Está a gostar da situação, não está? – reagiu Angel, enfurecida. – Quem são estes credores e porque está a tomar o lado deles. O que tem a ganhar?

Galloway levou a mão ao peito.

– Sinto-me ofendido por me ter em tão baixa conta. Cumpro os princípios da sociedade que rege a minha profissão.

– Não acredito em si, Galloway. – Toby bateu fortemente com o punho na secretária, fazendo deslizar o tinteiro pela superfície de cabedal. – O que ganha com o nosso infortúnio?

Galloway levantou-se e inclinou-se sobre a secretária, fulminando Toby com o olhar.

– Não pode pagar, pois não? Estou a par das finanças da sua família e não tem duas moedas para esfregar juntas.

– Então o que acontece se não conseguirmos que o meu irmão chegue a casa a tempo de assinar um novo contrato, mesmo supondo que os credores concordem com tal coisa? – Toby encarou-o com raiva e a sua voz tremia de emoção.

– Os credores vão tomar posse da propriedade. – Galloway retomou o seu lugar, com um sorriso de triunfo no lugar da sua expressão desafiadora. – Pode não ter notado, mas a zona onde mora está a tornar-se rapidamente um dormitório para a cidade de Londres. O comboio possibilita que os trabalhadores viajem para a cidade todos os dias e muito em breve Grantley e as terras vizinhas serão atravessadas por ruas cheias de casas geminadas de tijolo amarelo e dois andares. Centenas de famílias formarão comunidades onde dantes apenas os ricos e os privilegiados viviam, e você e os da sua espécie serão forçados a ganhar dinheiro como o resto de nós.

Angel olhou ansiosamente para Toby e, por um momento, julgou que ele ia dar um murro no rosto presunçoso de Galloway, mas o toque da mão dela no seu braço deteve-o.

– O que ganha com isto? – grunhiu Toby.

– Um belo bónus, o suficiente que me permita retirar-me para o campo onde já possuo uma propriedade bastante vasta.

– O senhor é um homem desonesto e uma vergonha para a sua profissão. – Toby fez um movimento na direção da porta. – Não pense que conseguirá sair-se bem. Ainda não terminámos.

Angel seguiu-o até fora do escritório e ao longo do corredor escuro, agora familiar. O empregado fitou-os ansiosamente, mas eles passaram por ele sem dizer uma palavra. Só quando chegaram à rua Toby extravasou as suas emoções. Solto um grito enorme que fez com que pombos e pardais procurassem a segurança das árvores.

– Se já tivesse o diploma, levantava-lhe um processo por conflito com clientes e conflito de interesses pessoais e tudo o mais de que pudesse acusá-lo, aquele ladrão filho da... – Deteve-se com uma careta. – Desculpa, Angel, mas estou furioso.

– Eu sei, sinto o mesmo, mas precisamos de raciocinar com clareza. Vamos para casa. – Fez sinal ao cocheiro dos Montgomerie, que os aguardava no extremo dos jardins. – Talvez Percy tenha algumas ideias ou poderíamos perguntar a Sir Eugene.

– Este agora é um assunto dos Devane. Não quero ir ter com Sir Eugene de cabeça a descoberto. Ele cuidará da mamã, o que é uma preocupação a menos, mas o resto de nós terá de encontrar o nosso próprio caminho para sair da confusão que o tio Dolph nos impôs.

– Quem me dera que o Hector estivesse aqui – desejou Angel, sinceramente. – Já é mau de mais ter perdido o tio Dolph, sem que Hector arrisque a vida a milhares de quilómetros de distância.

– O meu irmão não pode ajudar-nos a sair deste buraco. Ele só tem o salário do exército e ouviste Galloway: não há dinheiro para ele herdar. – Toby deu um passo à frente quando a carruagem parou e abriu a porta. – O vento não parece soprar a nosso favor, Angel. – Ajudou-a a entrar na carruagem e saltou para o interior atrás dela.

* * *

Ao chegarem a casa, foram recebidos por Humphrey.

– Há horas que estão à tua espera, Toby. Tive de vir cá para fora, porque não aguentava mais. – Subiu os degraus dois a dois e abriu a porta da frente. – Sir Eugene quer que vendamos Grantley e a

mamã concorda com ele. Precisas detê-los.

– Não sei bem se há algo que possa fazer. – Toby percorreu a entrada a passos largos, atirando o chapéu e as luvas para uma cadeira. – Vem, Angel. Isto diz-te tanto respeito a ti como aos Devane.

– Sinto-me um pouco culpada por tudo isto – disse Angel. – Tenho a certeza de que Galloway guarda rancor contra mim, embora desconheça o motivo. Não lhe fiz nada.

Humphrey agarrou-lhe a mão.

– Não digas essas coisas. És uma de nós e não tens culpa.

– Obrigada, Humpty Dumpty. Se, ao menos, isso fosse verdade.

Entraram na sala de estar onde encontraram Sir Eugene e Eloise à espera deles, com Percy, Belinda, Blanche e Susannah parecendo prestes a testemunhar um julgamento em que o réu era um assassino em série.

– Que notícias traz, Toby? – inquiriu Sir Eugene bruscamente. – Depreendo pela sua expressão que não correu bem.

Toby olhou em volta para os rostos esperançosos e abanou a cabeça.

– Não, não correu bem, *sir*.

Angel foi sentar-se ao lado de Susannah, ouvindo em silêncio, enquanto Toby repetia o que Galloway lhes dissera. Adorava Grantley, mas percebia que o sentimento era ainda mais profundo em Eloise, que tinha nascido na velha casa e cujo estilo de vida se encontrava totalmente ameaçado. Doía-lhe o coração pela família que a adotara e por Hector, que estava demasiado longe para fazer qualquer coisa para salvar a sua casa e proteger os que amava.

Eloise agarrou com força o braço de Sir Eugene.

– O que vai acontecer agora? Não suporto a ideia de Grantley ser arrasado e os belos jardins destruídos e cobertos de tijolos e de cimento.

Ele deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Não tenho a certeza de que haja algo a fazer, minha querida. Receio que o seu irmão tenha deixado os seus assuntos num estado tão precário que perder Grantley é mais ou menos inevitável.

Percy assentiu.

– Sei que não tem nada a ver comigo, mas ia oferecer ajuda financeira até que Toby nos informou da situação. Mesmo que este homem, Galloway, esteja em conluio com os credores, isso pareceria um assunto diferente. A família poderia levá-lo a tribunal por má conduta, mas os custos daí decorrentes seriam proibitivos e o resultado incerto.

– Poderia ter administrado a propriedade como um hotel – garantiu Angel apaixonadamente. – Tenho a certeza de que renderia.

– Não duvido – disse Sir Eugene gentilmente. – Consultarei o meu advogado para ver se há algo que possamos fazer para salvar a propriedade, mas a verdadeira razão pela qual vim aqui hoje foi anunciar-vos que Eloise e eu marcámos o dia. Vamos casar-nos com uma licença especial dentro de três dias.

Um murmúrio de parabéns ondulou pela sala, embora não fosse um coro alegre.

– Isso é uma notícia maravilhosa. – Angel deu uma cotovelada a Susannah, que assentiu e murmurou algo ininteligível.

Eloise corou e sorriu.

– Claro que queremos que todos venham ao casamento, incluindo Percy e Belinda. Vocês podem ter entrado nas nossas vidas devido a um acidente na estrada, mas agora são amigos valiosos.

– Obrigada – agradeceu Belinda, sorrindo.

– Teríamos sem dúvida muito prazer em estar presentes – acrescentou Percy, assentindo.

– Parabéns, *sir* – pronunciou Toby, rigidamente. – Espero que ambos sejam muito felizes.

– Serão bem-vindos para morar connosco em Westwood Hall – anunciou Eugene, envolvendo os irmãos e Susannah com um aceno de mão. – Também está incluída, Angel. Seremos uma família.

Angel deu-se conta de que Susannah não estava deliciada com a generosa oferta e Blanche também não pareceu muito satisfeita. Humphrey e Toby retiraram-se para o assento da janela, sem dizer nada, mas ficou claro que os irmãos Devane não gostaram muito da ideia.

– Posso fazer uma sugestão? – Percy levantou-se do assento e foi colocar-se diante da lareira. – Concordo com Sir Eugene, deveria ser procurado aconselhamento legal independente na esperança de atrasar a reintegração de posse de Grantley. Talvez um requerimento ao Gabinete de Guerra por motivos de compaixão possa ser suficiente para trazer Hector de volta a casa, a fim de poder contestar o acordo assinado pelo tio. É uma esperança pequena, mas pode haver estatutos que impediriam que a terra fosse usada para habitação e as autoridades locais teriam de aprovar os planos para novos edifícios.

– Muito bem, Percy. – Toby levantou-se de um salto. – Lembro-me de estudar a Lei do Governo Local de mil oitocentos e cinquenta e oito numa das minhas aulas de Direito, embora caia já aqui se conseguir lembrar-me de pormenores.

Blanche bateu palmas.

– Parece-me uma ideia maravilhosa, Percy. Você é tão inteligente.

Susannah fulminou-a com o olhar.

– E tu és tão óbvia.

– Não sei a que te referes – disse Blanche, corando. – Sei como me sentiria se Westwood estivesse prestes a ser vendida.

– Há uma coisa em que insisto – declarou Sir Eugene num tom firme. – Eloise e eu conversámos muito sobre o assunto. Toby deve regressar a Oxford para completar os estudos e Humphrey continuará em Rugby. – Fixou Toby com um olhar severo. – Como seu padrasto, estarei disposto a pagar a conta, o que deixaria a sua mãe muito feliz.

– É muito generoso da sua parte, *sir*. – Toby deu uma cotovelada a Humphrey, que assentiu respeitosamente, embora Angel suspeitasse que ele estava longe de se sentir contente. Sabia que ainda ansiava por uma vida no palco, mas não ousaria admitir isso ao seu irmão mais velho ou à mãe, muito menos ao seu padrasto em perspectiva. Sir Eugene não era o tipo de homem que aceitasse de bom grado um filho que pisasse as tábuas.

– E Susannah e Blanche serão irmãs – prosseguiu Eloise alegremente. – Ficarei arrasada se perdermos Grantley, mas a vida deve continuar e tenho a certeza de que seremos todos muito felizes em Westwood Hall.

Angel podia ver que Susannah tinha as suas dúvidas e apertou-lhe a mão.

– Há sempre a casa em Londres, se estiveres desesperada – sussurrou.

– O que disseste, Angel? – Toby sobressaltou-se e levantou-se rapidamente.

– Galloway não disse nada sobre a casa no Naked Boy Court. Talvez o tio Dolph não a mencionasse no testamento.

– Sempre odiei aquela casa – respondeu Eloise, estremecendo. – Tenho a certeza de que está assombrada.

Sir Eugene rodeou-lhe os ombros com o braço.

– A venda dessa casa proporcionaria dinheiro suficiente para salvar Grantley.

– Não sei, Eugene. De qualquer forma, caberia a Hector tomar essa decisão. Ele deve regressar a casa para resolver os seus problemas. Terá de comunicar ao Gabinete de Guerra com uma forte determinação que precisamos dele, meu querido.

– Não se preocupe, Eloise. Vou colocar o meu advogado a trabalhar no caso e deve concentrar-se no nosso casamento. Você e as meninas têm apenas alguns dias para se preparar.

– Tal significa uma ida às compras ao West End – disse ela animadamente. – Iremos todas, Susannah, Blanche e Angel. – Virou-se para Belinda com um sorriso persuasivo. – Ficaria muito feliz se nos acompanhasse.

Angel olhou para o relógio na cornija da lareira e verificou, sobressaltada, que eram quase quatro horas. Lil e Cook estariam a trabalhar freneticamente lá em baixo, tentando preparar uma refeição adequada para os seus convidados e necessitariam da sua ajuda.

– Se me der licença, tia Eloise, preciso ir trocar de roupa.

– É muito cedo para te vestires para o jantar – assinalou Susannah num tom mordaz.

– Não haverá jantar se não lhes der uma ajuda na cozinha. Podes estar a viver no passado, Sukey, mas alguns de nós precisam de prosseguir caminho, independentemente do que aconteça. – Angel levantou-se, esboçou um sorriso de desculpa na direção da tia e apressou-se a sair da sala.

* * *

A ida às compras correu bem, mas a quantia de dinheiro que Eloise gastou na House of Worth²⁸, em Regent Street, surpreendeu e chocou Angel. O preço de um único vestido teria sido suficiente para pagar os salários das criadas do último trimestre. Sir Eugene poderia estar a financiar tudo, mas, se lhe fosse dado optar, Angel teria escolhido usar um vestido velho e aplicar de melhor forma o custo principesco do novo vestido. Porém, não tinha opção e, com certa relutância, e sob pressão de Susannah, escolheu um vestido de seda polonesa em turquesa com decote franzido e bordado de contas. Era o mais simples de todos os vestidos que lhe foram apresentados e revelou-se insignificante quando comparado com o vestido de casamento de seda cor-de-rosa de Eloise, embelezado com cristais e folhos de renda.

Susannah e Blanche escolheram igualmente vestidos extravagantes e, para não ficar atrás, Belinda decidiu-se por um impressionante visual em tussor ultramarino francês com um arrojado chapéu de penas, que ameaçava ofuscar todos os outros. Os vestidos, que lhes assentavam na perfeição sem necessidade de alteração, deviam ser entregues por transportadora, mas Angel regressou a Grantley sentindo-se deprimida e culpada. Hector poderia em breve estar a arriscar a vida, lutando pelo seu país, e parecia um erro desperdiçar a fortuna de Sir Eugene em roupas que poderiam ser usadas uma ou duas vezes, e depois consignadas a um baú no sótão para as traças se banquetearem. Não fazia ideia do custo total, mas decerto contribuiria em muito para pagar a dívida de Grantley. Era frustrante, mas estava fora do seu alcance interferir.

* * *

Embora a receção devesse ser realizada em Westwood Hall, Angel sentia que Grantley merecia alguma participação nas festividades e encheu o *hall* de entrada e as salas de visitas com jarras de crisântemos, dalias tardias e vegetação do jardim. Coube a Angel dar a notícia de que o pequeno-

almoço do casamento seria preparado e servido pelo exército de servos de Sir Eugene, uma tarefa que ela temia, e a reação de Cook foi exatamente o que ela esperava, só que um pouco mais animada. Como de costume, foi Lil quem veio em seu socorro. Disse a Cook que se considerasse satisfeita por o trabalho ser executado em outro lugar sem que tivessem de dar volta ao miolo, pensando num menu que agradasse a todos os ricos que Sir Eugene iria convidar. Mas o orgulho de Cook ficou ferido e o bom-nome de Grantley estava, na sua cabeça, irremediavelmente manchado. Lil havia erguido as mãos em desespero e saído para fumar a última beata, deixando Angel a acalmar Cook. Depois de uma tentativa fracassada, ela desistira e fora à procura de Danny para lhe dar a notícia de que os planos de ambos para transformar a estufa num negócio em funcionamento estavam prestes a ruir.

Danny limpava os vidros com vinagre e água quando Angel o encontrou. O seu sorriso de boas-vindas desapareceu.

– O que tens? Passou-se algo de errado a julgar pela tua cara.

Ela suspirou.

– É assim tão óbvio?

– Trata-se de Grantley, não é? Ontem estava na aldeia e falava-se disso. Estão a dizer que Sir Adolphus morreu e todo o património vai ser vendido. É verdade?

– A nossa última esperança foi-se. Ele morreu sem dinheiro e parece que Grantley vai ser enterrado debaixo de tijolos e de cimento. Sinto muito, Danny.

– Não tens culpa, rapariga. Avisaste-me com honestidade e, de qualquer maneira, o meu pai e eu sabíamos que era um risco.

– Jack ficará desapontado e a Sally também.

Ele negou com a cabeça.

– A minha mãe e o meu pai são muito experientes no jogo da vida. Já tiveram os seus altos e baixos e vão lidar com mais este. É definitivo?

– Julgo que seria preciso um milagre para nos livrar desta confusão. – Virou a cabeça, incapaz de olhar nos olhos, mas com um movimento rápido Danny agarrou-a e beijou-a com força nos lábios. Foi um abraço desajeitado, mas apaixonado, que a apanhou de surpresa; no entanto, parecia a coisa mais natural do mundo responder à urgência do seu abraço, mas terminou tão subitamente quanto começara. Ele soltou-a com um pedido de desculpas murmurado.

– Lamento, Angel.

Ela ficou ali parada, incapaz de se afastar da proximidade reconfortante e do calor que emanava da sua forte estrutura. Ele agarrou-a pelos ombros, os dedos pressionando-lhe a pele.

– Não, não lamento. Queria fazer isso desde que nos encontrámos naquele dia nos pântanos, mas tu transformaste-te numa tal dama que receava que te sentisses ofendida por um indivíduo comum e grosseiro como eu.

Angel devolveu o seu olhar intenso com uma expressão séria, mantendo a dignidade, embora se sentisse abalada até ao mais fundo de si pela súbita mudança do seu relacionamento.

– Não digas isso, Danny. Não és nenhuma dessas coisas e eu sou a mesma pessoa que era quando nos conhecemos.

– Acabei de me aproveitar de ti. Não devia ter-te beijado. – A sua expressão séria deu lugar a um sorriso de adolescente. – Mas sinto-me feliz por tê-lo feito. Mereci uma bofetada, mas és demasiado educada para desceres tão baixo.

– Dou-te mesmo uma bofetada se isso fizer com que te sintas melhor – reagiu Angel, a sorrir.

– Não estás furiosa comigo?

– Danny, somos amigos. Vamos continuar assim.

– Estás a dizer que não sentes nada por mim.

– Não sei, e é essa a verdade.

– Mas devolveste-me o beijo, Angel. Deves ter algum afeto por mim.

– De momento, está tudo tão confuso que é difícil pensar com lucidez. Talvez quando as coisas estiverem mais claras... – Hesitou, incapaz de terminar a frase sem lhe dar falsas esperanças. Era verdade, ela havia correspondido ao seu beijo inesperado e, se quisesse ser sincera, ficou a desejar mais. Não conseguia olhá-lo nos olhos.

– Isso significa que tenho uma hipótese contigo, Angel? Se me disseres que não, nunca mais te importunarei.

– Agora, tenho de ir. O casamento é amanhã e ainda resta muito para fazer. – Saiu a correr da estufa, mas sentiu que ele a observava e ainda podia sentir os seus braços a envolvê-la e o gosto da sua boca permaneceu-lhe nos lábios como vinho *vintage*.

Acalmou-se um pouco quando saiu do jardim murado. O sol nublado do início do outono transformava a folhagem debaixo dos carvalhos em montes de ouro derretido e os esquilos trepavam por entre os galhos, a reunir bolotas e a armazená-las para o inverno seguinte. Havia um toque gelado na brisa e Angel teve a sensação de que não era apenas o verão que estava a chegar ao fim – era o estilo de vida que a família em Grantley desfrutara durante séculos que estava a terminar. Estremeceu, apesar do calor do sol na parte de trás da cabeça, e dirigiu-se para a entrada das traseiras, na eventualidade de a tia Eloise estar a olhar pela janela. Se a visse de cabeça descoberta e sem luvas, haveria a inevitável palestra sobre como uma jovem senhora deveria comportar-se. Mas as raparigas bem-educadas não se comportavam como ela o fizera na estufa. Não permitiam que os jovens as beijassem da maneira que Danny acabara de o fazer e, acima de tudo, não se permitiam desfrutar da experiência.

Angel empurrou esses pensamentos para o fundo da mente. Havia problemas suficientes sem acrescentar complicações e a sua principal preocupação deveria ter sido impedir que a família Wicks perdesse o negócio. Parou de repente, interrogando-se por que não havia pensado nisso antes. Sir Eugene possuía a maior parte da terra que se estendia até à beira dos pântanos. Talvez pudesse ser persuadido a ceder alguma a Jack e Danny por uma renda razoável. Decidiu perguntar-lhe na primeira oportunidade possível, mas agora havia que lidar com uma noiva nervosa e uma Susannah deprimida, que ainda estava zangada porque Sir Eugene escolhera uma mulher mais madura. Angel não ansiava pelo casamento no dia seguinte. Haveria lágrimas antes da hora de adormecer, como Lil sempre dissera quando Angel era pequena, só que desta vez seria Susannah a ter a birra.

* * *

Eloise percorreu a nave da igreja pelo braço de Toby. Ele partiria para Oxford nesse dia, mais tarde, mas concordara, com alguma relutância, em entregar a mãe ao noivo. Humphrey tinha-se oferecido, mas Eloise recusou sem hesitar.

– Obrigada, Humphrey, meu querido, mas temo que esqueças o que deverias fazer e me deixes do lado de fora da igreja, ou me pises a cauda e estragues o meu lindo vestido novo. És um juvenzinho querido, mas um desastre quando se trata de etiqueta, e não tens roupa apropriada para a manhã. Não

podes percorrer a nave com calças de veludo cotelê e casaco de *tweed*, mesmo que isso provocasse uma gargalhada da congregação.

Humphrey tinha-se retirado apressadamente para a cozinha, onde Cook, que sempre tivera um fraquinho por ele, o deixou provar alguns dos bolos de pedra que fizera para a festa dos criados naquela noite. Angel já estava presente, verificando as provisões que Sir Eugene insistira em fornecer para aqueles que moravam abaixo das escadas, e que incluíam uma grade de champanhe e outra de cerveja. Lil estava de olho na cerveja, mas Cook disse que gostava de um copo ou dois de espumante, embora Meg e Flossie estivessem mais interessadas no enorme bolo gelado que fora enviado das cozinhas de Westwood Hall. Cook disse que era um insulto às suas capacidades, mas Angel apanhou Flossie a roubar um pouco da cobertura e teve a sensação de que Cook seria derrotada nesta ocasião.

No entanto, de momento reinava a harmonia na família Devane. Humphrey estava sentado no banco da frente com Angel, Susannah e Blanche; Percy e Belinda encontravam-se logo atrás, enquanto Cook, Lil, Meg, Flossie e a equipa do exterior ocupavam a última fila. A pequena igreja estava a abarrotar e parecia que toda a aldeia aparecera para testemunhar a passagem de Mrs. Devane a Lady Westwood. Angel ficou emocionada ao ver Danny e os seus pais entre a congregação vestidos com a roupa domingueira, o que aumentou a sua determinação de falar com Sir Eugene na primeira oportunidade.

Terminada a cerimónia, os recém-casados saíram da igreja ao som vibrante da *Marcha Nupcial* de Mendelssohn, tocada com entusiasmo por Miss Creedy, resplandecente num vestido roxo e um gorro decorado com uma pena de avestruz, que marcava o ritmo a cada aceno de cabeça e lhe fazia cócegas no nariz. Angel ficara hipnotizada por ele durante a cerimónia, especialmente quando Miss Creedy teve de continuar a mover a cabeça de um lado para o outro, a fim de ler a música. Como ela conseguira tocar, sem espirrar permanentemente, foi um pequeno milagre, mas na verdade continuou e não errou muitas notas.

Do lado de fora da igreja, um dos lacaios de Westwood Hall aguardava de pé junto ao landau, que fora decorado com grinaldas de folhagem e rosas brancas, e os quatro cavalos sacudiam as cabeças como se estivessem ansiosos por partir para a estrada rumo ao seu confortável estábulo. Pétalas de rosa foram atiradas e a multidão aplaudiu quando a noiva e o noivo caminharam lentamente em direção à carruagem, mas Eloise hesitou ao aproximar-se da família.

– Toby, meu querido, tens a certeza de que não podes ficar para o pequeno-almoço do casamento?

Ele beijou-a na face.

– Não, mamã, já acabou tudo. Planeei viajar com um dos meus amigos, e vamos encontrar-nos na estação Paddington às quatro, portanto, não posso atrasar-me.

– Vais voltar a casa no Natal, não é, Toby?

– Claro, e irei a Westwood todos os dias para a visitar.

Sir Eugene pigarreou.

– Talvez isso não seja possível, meu rapaz. Só tencionava abordar o assunto depois da receção, mas recebi uma carta do meu advogado esta manhã. Ele tem estado em contacto com Galloway e, embora não mo tenha dito, presumo que compartilha a nossa opinião sobre o indivíduo.

– O que está a dizer, Eugene? – interferiu Eloise, num tom queixoso. – Esta não é decerto a altura de falar sobre essas coisas.

Ele olhou por cima do ombro para os aldeões que assistiam a uma distância respeitosa.

– Esta é exatamente a hora, meu amor. Não posso permitir que os seus filhos voltem aos estudos, ignorando a situação. Parece que os credores concordaram com uma suspensão temporária da execução no que diz respeito à reintegração de posse de Grantley, mas somente se a casa for desocupada imediatamente e permanecer nesse estado até as questões estarem resolvidas.

– Eles estão dispostos a aguardar até que Hector regresse? – inquiriu Angel, ofegante. – Segundo os jornais, ainda reina a paz na província de Natal.

Sir Eugene assentiu.

– Por enquanto, parece, mas não me surpreenderia que houvesse uma guerra total com os zulus e os bóeres daqui a pouco. No entanto, isso não é problema nosso. Só podemos esperar que Hector e Rupert estejam a caminho de casa. Fiz declarações ao Gabinete de Guerra, mas até agora não tive resposta.

– Hector vai resolver as coisas. – Toby apertou a mão a Sir Eugene. – Adeus, *sir*. Confio em si para cuidar bem da mamã. Ela é muito preciosa para os que a amam.

– Não me faça chorar no dia do meu casamento – implorou Eloise, com os olhos nublados. – Não tenho um lenço comigo.

Angel tirou um da bolsa e entregou-lho.

– É uma boa notícia, julgo. – Olhou ansiosamente para Sir Eugene.

– Claro que é, tonta – afirmou Susannah com desdém. – Hector vai encarregar-se de tudo. De qualquer maneira, parte disto é culpa dele. Devia ter discutido assuntos financeiros com o tio Dolph e certificar-se de que Grantley estava a salvo antes de se pavonear no cavalo e fazer de herói.

– Estás a ser injusta. – Angel fitou-a, irritada. – Ele não podia prever o que aconteceria.

Susannah encolheu os ombros.

– Talvez, mas sinto-me feliz por ter concordado em mudar-me para Westwood. Para onde irás, Angel Winter? Julgo que estás novamente sem teto. Que coisa triste.

²⁸ A House of Worth é uma casa francesa especializada em alta costura, pronto a vestir e perfumes. A casa histórica foi fundada em 1858 pelo estilista Charles Frederick Worth. (*N. da T.*)

Capítulo Dezassete

– Isso foi maldoso – acusou Blanche, enfurecida. – É melhor não criares problemas quando morares connosco, Susannah, porque não o suporto.

– Chega! – ripostou Sir Eugene. – Está a perturbar a sua mãe, e também te incluo, Blanche. Quanto a si, Angel, é obviamente bem-vinda a Westwood Hall, assim como a equipa interna de Grantley. Westwood tem tamanho suficiente para alojar todos, pelo menos temporariamente. Segundo o meu advogado, os funcionários do exterior devem ser mantidos pelos credores para evitar que a propriedade fique arruinada. Está tudo devidamente esclarecido? – Vagueou o olhar por todos e, como ninguém tinha nada a dizer, levou a noiva a entrar na carruagem. – Por amor de Deus, sorria, minha querida. Acene aos aldeões e tente parecer feliz. Não queremos que pensem que estão a assistir a um velório e não a um casamento.

Eloise esboçou um amplo sorriso quando se acomodou no landau e Sir Eugene subiu para o lado dela. A multidão acenou e aplaudiu quando uma segunda carruagem se aproximou para levar o resto da família para Westwood Hall, exceto Toby, que beijou a irmã e abraçou afetosamente Angel.

– Há sempre a casa da cidade – disse em voz baixa. – O Hector gostaria que fosses para lá, e acho que devias levar as criadas contigo. Duvido que Cook se encaixe no pessoal de Westwood e gosto da velha cozinheira, embora ela seja um pouco intratável às vezes.

As palavras rancorosas de Susannah haviam abalado Angel assim como o anúncio de Sir Eugene de que Grantley deixaria de ser a sua casa.

– O que diria Hector?

– Ficará furioso quando souber o que se está a passar e desejaria que cuidassem de ti. Vai para a casa de Naked Boy Court e fica lá até ele voltar. Entretanto, vou estudar os meus livros de Direito e falar com os meus professores para ver se há algo mais que possa ser feito. Não vamos desistir de Grantley sem lutar. Estás comigo?

– Claro que estou.

– Oh, vem, Angel. – Susannah já estava na carruagem sentada ao lado de Blanche, que fazia beicinho.

Percy estivera a conversar com um grupo de convidados, mas afastou-se e foi ao encontro de Toby e de Angel.

– A minha carruagem está ali, Angel. Gostaria de viajar com Belinda e comigo? Humphrey parece ter ocupado o seu lugar junto das meninas.

– Haverá fogo de artifício antes do anoitecer, Percy – disse Toby, rindo. – Gostaria de assistir, mas um dos nossos moços do estábulo aguarda-me com o meu cavalo e estou de partida para a estação de comboio.

Percy virou-se para a irmã, que tinha vindo juntar-se-lhes.

– Aqui está alguém que é excelente a escrever cartas. Belinda está atenta a pormenores que fariam a notável Miss Austen ficar verde de inveja.

– Oh, Percy, que exagero! – As faces de Belinda ruborizaram-se levemente. – Não lhe dê ouvidos, Toby.

– Que disparate, Belle, o pobrezinho vai deixar-nos para se enterrar nas consagradas salas de Oxford. Vais escrever e mantê-lo a par de tudo, não é assim?

Ela sorriu timidamente.

– Concorda, Toby? Não quero distraí-lo dos estudos.

– Seria fantástico. – Toby levou a mão dela aos lábios. – Espero ansiosamente notícias suas. Humphrey vai dar-lhe o meu endereço, mas agora preciso mesmo de ir. – Virou-se para Angel, dando-lhe um último abraço. – Lembra-te do que te disse. Não deixes que eles levem a melhor; vales dez vezes mais. – Afastou-se, dirigindo-se a um lugar debaixo de uma sorveira onde o moço do estábulo o aguardava com a montada.

A carruagem que levava Susannah, Blanche e Humphrey já tinha partido e a carruagem dos Montgomerie ocupou o seu lugar. Percy ajudou Belinda a subir o degrau, mas Angel avistou Danny de pé com os pais.

– Importa-se de esperar apenas um segundo?

– Não, Angel. Não tenha pressa.

A jovem correu para se juntar à família Wicks e foi recebida calorosamente por Sally e Jack, mas Danny saudou-a com um sorriso hesitante.

– Tenho de ser rápida porque os meus amigos estão à espera – disse Angel, ofegante. – Só queria dizer-vos que Grantley vai ser fechada por enquanto, mas tive uma ideia que pode ajudar.

Jack sacudiu a cabeça.

– Não deves sentir obrigações para connosco, rapariga. Danny explicou a situação e nós entendemos.

– Mesmo assim posso ser capaz de ajudar – insistiu Angel. – Vou falar com Sir Eugene e perguntar se ele quer arrendar-vos algumas das suas terras perto do pântano. Disse-me que precisava de expandir os seus negócios.

Jack empurrou o seu melhor chapéu de coco para a parte de trás da cabeça.

– Suponho que sim, mas não é problema teu, Angel. Embora mais terra, por uma renda certa, fosse precisamente o necessário.

– Tanto o Jack como a Sally foram bons para mim quando era mais jovem e nunca o esqueci. Se puder ajudar-vos agora, ficarei muito feliz.

Sally apertou o braço de Angel.

– Mas, minha querida, não nos deves nada. Olha só para ti, agora, a morares naquela linda mansão, e o teu vestido deve ter custado uma fortuna. És uma jovem dama de verdade. – Olhou para o filho. – Ela não é linda, Danny? Vais lembrar-te de como era uma rapariguinha magra quando a levaste de regresso a Londres com o azevinho.

– Sim, mãe. É isso.

Angel lançou-lhe um olhar de lado e a lembrança do seu beijo fez com que o sangue lhe afluísse às faces.

– Há muito azevinho no pomar em Grantley – acrescentou. – Se as coisas correrem bem, tenho a certeza de que serias mais que bem-vindo. Afinal de contas, não falta muito tempo para o Natal.

– Irei, mas só se me ajudares a apanhá-lo desta vez.

– Sim, talvez. – Angel percebeu, pelo olhar de Sally, que o calor do sorriso de Danny e o tom de provocação na sua voz a tinham deixado desconfiada. – Tenho de ir, mas depois informo se Sir Eugene concorda. Afastou-se sem olhar para trás e foi juntar-se aos Montgomerie.

* * *

A receção em Westwood Hall foi um grande acontecimento, embora Angel quase não conhecesse nenhum dos cem ou mais convidados. Esperara trocar algumas palavras tranquilas com Sir Eugene, mas ele estava completamente ocupado a apresentar a noiva àqueles que ainda não tinham tido o prazer de a conhecer. Era tudo muito formal e sofisticado e os criados mantinham toda a gente abastecida com champanhe, movendo-se por entre os notáveis elegantemente vestidos e as suas damas e dissolvendo-se como fantasmas bem exercitados quando os seus serviços não eram necessários. O aroma a lírios de estufa e a jasmim misturava-se com os perfumes franceses caros usados pelas senhoras, e a brilhantina e a água de colónia igualmente caras usadas pelos cavalheiros. Acordes de música de uma orquestra no salão de baile criavam um pano de fundo suave para as conversas e risadas dos convidados.

Angel passou a maior parte do tempo com Belinda, que era tímida em sociedade, o total oposto do irmão, que parecia estar a divertir-se bastante.

– Percy dá-se bem com toda a gente – comentou Belinda, suspirando. – Gostaria de estar assim tão à vontade com as pessoas.

– Ele é alguns anos mais velho, não é Belle?

Belinda assentiu.

– Sim, tem trinta e um anos, mais dez anos que eu. A mãe morreu quando ele nasceu e Percy tinha oito anos quando o pai voltou a casar.

– Sinto muito. Não fazia ideia. Deve ter sido muito difícil para Percy.

– Julgo que sim, mas ele nunca fala da sua infância, embora acredite que teve uma série de amas e depois uma governanta, que era muito rigorosa. Penso que ele gostava da minha mãe, mas não me lembro dela.

Angel ergueu o rosto quando um criado passou diante delas com uma bandeja de champanhe. Pegou numa taça para si e noutra para Belinda. Fazia calor no laranjal para onde haviam escapado da confusão do salão de baile e o ar estava húmido. Encontraram um lugar para se sentar e Angel abriu o leque, abanando-o.

– A sua mãe também morreu?

Belinda não respondeu imediatamente e bebeu um gole de champanhe.

– É um escândalo familiar – sussurrou. – Ninguém fala disso.

– Então, não farei perguntas. – Angel recostou-se na cadeira de verga, fechando os olhos enquanto ouvia os melodiosos acordes de uma valsa vienense.

– Quero contar-lhe – insistiu Belinda. – É minha amiga, Angel, e tenho muito poucos amigos. Percy toma conta de mim, mas às vezes gostaria que não fosse tão protetor. Não sou feita de vidro.

Angel virou a cabeça e perscrutou Belinda.

– Seja o que for, não estou numa posição de julgar ninguém pelo seu passado.

– A minha mãe era muito jovem quando se casou com o nosso pai. Tinha dezassete anos, mal saíra da sala de aula, e o papá estava na casa dos cinquenta. Julgo que deve ter sido um casamento

arranjado porque Percy contou-me que a mamã era muito infeliz. Depois do meu nascimento, ela tentou fugir, levando-me com ela, mas foi obrigada a regressar. Então apaixonou-se por outra pessoa.

– Meu Deus! O que aconteceu?

– Foram descobertos e houve uma cena terrível. Percy viu tudo.

– Pobre rapaz, deve ter sido horrível para ele.

– O papá expulsou-a.

– O amante ficou ao lado dela?

Os olhos azuis de Belinda encheram-se de lágrimas e bebeu o champanhe de um trago.

– Não sei; gostaria de saber.

A mão de Angel voou para o anel que guardava junto ao coração.

– O que lhe aconteceu e ao bebé?

– Um barqueiro encontrou o seu corpo a flutuar no Tamisa no dia de Natal, há dezanove anos. Não sabia nada disso antes de Percy me contar. Ele esperou até pensar que eu tinha idade suficiente para entender, mas desde então nunca mais senti o mesmo sobre o Natal. Se casar e tiver uma filha, vou chamar-lhe Jane Elizabeth em memória da minha mãe.

– O nome dela era Jane Elizabeth Montgomerie?

– Sim, é verdade.

Angel desapertou a corrente e colocou o anel na sua mão em concha.

– Isto pertenceu à minha mãe – disse num tom baixo. – Tem iniciais gravadas.

– Onde arranjou esse anel? – A voz de Percy tinha um som áspero que levou Angel e Belinda a erguer o rosto, sobressaltadas.

– Assustaste-me – queixou-se Belinda, fungando.

– Posso ver? – A expressão de Percy era grave enquanto estendia a mão para pegar no anel. Observou-o à luz. – Só vi um outro exatamente igual.

– Reconhece-o, não é verdade? – Angel levantou-se de um salto. O coração latejava-lhe contra as costelas e mal conseguia respirar. – Sabe a quem pertencia.

– Provavelmente é uma coincidência.

– O que se passa, Percy? – perguntou Belinda ansiosamente. – O que sabes sobre o anel? – Lançou um olhar curioso a Angel. – Como o obteve?

– Fui abandonada em bebé – respondeu Angel, ofegante. – Este anel foi deixado comigo e sempre assumi que pertencia à minha mãe. Está gravado com as iniciais J E M.

A voz de Belinda tremeu e agarrou as mãos de Angel entre as dela.

– Estás a pensar o mesmo que eu?

Percy olhou para o anel que conservava aninhado na palma da mão.

– A minha madrastra usava um anel exatamente igual na última vez que a vi. A configuração de garra e os corações de rubi entrelaçados são inconfundíveis.

– Tem a certeza, Percy? – inquiriu Angel, ansiosa.

– Não é algo que esquecesse facilmente. Tinham-me mandado cedo para a cama, suponho que para me afastarem, porque tinha testemunhado a cena entre o papá e a minha madrastra. Estava uma noite quente e abafada e o céu denotava um tom de amarelo prenúncio de tempestade. O ar era denso e cheirava a enxofre. Sabia que algo de terrível estava prestes a acontecer e senti medo. Então a porta abriu-se e a mamã entrou a correr e envolveu-me nos braços. Lembro-me de que cheirava a violetas e tinha os olhos vermelhos de tanto chorar. Disse-me que tinha de ir embora e implorei-lhe que não

fosse, mas, enquanto me agarrava a ela, sabia que não adiantava. Quando ergueu a mão para me acariciar a face, o clarão de um relâmpago fez com que os rubis do seu anel brilhassem como gotas de sangue num contraste com a sua pele branca. As últimas palavras que me dirigiu foram: «Cuida da tua irmãzinha, Percy. Sei que posso confiar em ti.» Então o meu pai entrou bruscamente e arrastou-a, chamando-lhe nomes que não posso repetir. Nunca mais a vi.

– O que lhe aconteceu? – perguntou Angel ansiosamente.

– No dia em que deveria partir para o colégio interno, o papá chamou-me ao escritório e disse que a minha madrastra fugira com o amante e que ele a abandonara. Ela tinha-se atirado ao rio e afogara-se.

– És mesmo minha irmã? – inquiriu Belinda com veemência.

Angel estava desesperada por acreditar que encontrara finalmente a sua família, mas parecia bom de mais para ser verdade.

– Não sei, Belle. Tudo o que sei é que este anel foi encontrado no cobertor que me salvou de morrer de frio. Era véspera de Natal e estava a nevar. Poderia ter morrido ou acabado no Foundling Hospital se não fosse a bondade dos Wilding. O resto já sabes.

– És minha irmã – gritou Belinda, colocando os braços em redor de Angel. – Foi o destino que fez com que nos encontrássemos na estrada. Sabia que havia uma razão para gostar de ti e agora sei qual é. – Estendeu a mão para o irmão. – Temos uma irmã, Percy.

Uma sombra escureceu as suas bonitas feições e recuou.

– É suposição, uma coincidência. Talvez a mulher que abandonou Angel fosse uma ladra que roubara o anel. Só porque foi encontrado consigo não prova nada.

– Mas ela pode ser nossa irmã – insistiu Belinda com obstinação. – Tem olhos azuis e cabelos loiros. Até temos o mesmo tipo de nariz, se olhares de perto.

– Muitas pessoas são loiras e de olhos azuis; isso não significa que sejam familiares. Leste demasiados romances, Belle. É uma coincidência, pura e simples. – Percy virou-se para encarar Angel. – Sinto muito, mas é uma total estupidez.

– Porque está a comportar-se dessa maneira, Percy? – reagiu Angel, enfurecida. – Seria assim tão terrível se fôssemos irmão e irmã? Pensei que éramos amigos.

– Sim, somos bons amigos, mas não irmão e irmã. É demasiada coincidência. – Virou as costas e dirigiu-se ao salão de baile.

Angel ficou abalada com a sua reação e Belinda rompeu em lágrimas, agarrada a Angel e soluçando contra o ombro dela.

– Co...como é que ele po...pode ser tão odioso? És minha irmã, sei que é verdade.

– Talvez ele tenha razão, Belle – admitiu Angel baixinho. – Não é uma prova e o anel poderia ter sido roubado.

Belinda soltou-a e afundou-se novamente na cadeira.

– És tão má como ele. E, de qualquer maneira, se quem quer que abandonou o seu bebé fosse uma ladra, não teria deixado um valioso anel de rubi com o bebé que não desejava. Responde se puderes.

– Não posso – retorquiu Angel, cansada. – Sabes que é impossível provar isso, seja como for. Continuo sem saber quem sou, nem onde pertenço. – Beijou a face húmida de Belinda. – Deixa lá, Belle. Podemos continuar a ser amigas, mas agora há algo que preciso fazer, uma promessa que tenho de cumprir.

– Vai, então. Deixa-me se tens de o fazer, mas, se vires o Percy, diz-lhe que quero ir para casa, e não me refiro a Grantley. Já é hora de voltarmos a Londres.

– Dir-lhe-ei. – Angel suspirou pesadamente. – O seu momento de alegria acabara em desânimo e decepção. Foi à procura de Sir Eugene.

* * *

Era de manhã muito cedo quando a carruagem deixou Angel, Susannah e Humphrey nos degraus de Grantley. Percy e Belinda tinham optado por passar a noite em Westwood Hall, o que salvou Angel de conversar educadamente. Sentia-se magoada e desconcertada pela súbita mudança de atitude de Percy. Tinha-a ignorado durante o resto da noite e Belinda ficara demasiado perturbada para se juntar à dança depois do jantar. Humphrey fez par com Angel, mas ela ficou satisfeita quando, por fim, Susannah pôde ser persuadida a voltar para casa. A única coisa boa a retirar da noite fora o facto de Angel ter conseguido um momento de tranquilidade com Sir Eugene, que estava de bom humor e se mostrou feliz por arrendar à família Wicks algumas terras. Deveriam contactar o seu gerente de propriedade e tomar as medidas necessárias. Parecia que a sorte deles havia mudado.

Os Devane não tiveram tanta sorte. O advogado de Sir Eugene havia aconselhado a família a deixar Grantley assim que tivessem empacotado os seus pertences, o que deixou Angel com uma decisão entre mãos.

* * *

Humphrey levantou-se cedo na manhã seguinte, com o baú cheio e pronto para ser levado para a estação de comboios.

– Não sei como podes parecer tão animada, Angel. Sinto-me terrível – disse ele, levantando-se da mesa do pequeno-almoço sem ter tocado na comida.

Ela sorriu ao estender a mão para a compota.

– Só bebi umas duas taças de champanhe, talvez seja por isso.

– Tens razão, não deveria ter bebido tanto, mas vou dormir no comboio. – Inclinou-se para a beijar na face. – Gostaria de poder ficar e ajudar-te a mudar tudo para Londres. Adiará de boa vontade o meu regresso a Rugby.

– Sim, eu sei, mas a tua mãe quer que continues a estudar e isso é mais importante do que mudar de casa. Tenho muita ajuda e os empregados dos estábulos vão carregar tudo na carruagem. Russell vai fazer várias viagens, levando-nos por último para que possamos ter a certeza de que nada é deixado para trás. Não quero que nenhuma herança da família caia nas mãos erradas.

– Hector ficaria muito orgulhoso de ti se pudesse ver como estás a lidar com uma situação tão difícil, mas eu sinto-me inútil.

Angel levantou-se e abraçou-o.

– Não sejas tonto, Humpty Dumpty. Deste-me todo o incentivo de que preciso e estiveste sempre ao meu lado. Agora posso fazer algo por ti, portanto, deixemo-nos dessa conversa.

Ele passou a mão pelos olhos, parecendo subitamente muito jovem e indefeso.

– Tenho de ir embora.

– Vou despedir-me.

– Não. Por favor, fica e acaba de comer. Não quero chorar na frente de Russell. Ele vai pensar que sou um bebé grande.

Angel retomou o seu lugar.

– És o homem da casa, por isso não deixes que ninguém te trate de forma diferente. Cuida-te, Humpty, e vemo-nos em Londres, no Natal.

Ele murmurou algo inaudível e saiu a correr da sala.

Angel suspirou e empurrou o prato para longe. O impacto de deixar a casa que amava atingiu-a como uma bofetada. Estavam a ser forçados a sair e não havia como voltar atrás. Virou a cabeça ao ouvir passos a aproximar-se, julgando que Humphrey se devia ter esquecido de algo, mas foi Lil quem apareceu na porta com a cafeteira de prata.

– O que vai acontecer com a gente? – Encheu a chávena de Angel e acrescentou um pouco de leite.

– Vamos perder os nossos empregos?

– Não, definitivamente não, enquanto eu tiver um sopro no corpo. – Angel bebeu um gole de café e estendeu a mão para o açúcar, acrescentando um pequeno torrão e mexendo. – Falei com Sir Eugene na noite passada. A tia Eloise deixou tudo para ele, portanto, até ao regresso de Hector, pode dizer-se que ele é o chefe das duas famílias. Concordou comigo quando sugeri que removêssemos o maior número possível de objetos de valor de Grantley e os levássemos para a casa da cidade. Se as coisas correrem mal, os Devane poderiam perder tudo, incluindo os quadros, as pratas e todas as coisas que significam muito para eles.

– Alguns de nós safámo-nos na vida sem possuir essas coisas.

– Sei isso, Lil, mas fomos bem tratadas aqui em Grantley. Sir Adolphus não era obrigado a receber-nos, mas fê-lo, e ser-lhe-ei eternamente grata. Agora chegou a altura de retribuir um pouco da bondade dele.

– Bem, a dona da casa não foi tão generosa. Tratou-te mais como uma criada do que como um membro da família. Não consegui fazer nada além de ver como te usou para governares a casa e servires a jovem dama, Miss Susannah. Suponho que regressou contigo ontem à noite?

– Susannah vai morar em Westwood Hall. Veio a casa ontem à noite para se certificar de que Meg embalou tudo o que ela precisa e o resto dos pertences de Mistress Devane, quero dizer, os pertences de Lady Westwood.

– Agradeço ao Senhor que a minha patroa tenha mudado de casa. Mistress Devane já era suficientemente ruim, mas Lady Westwood será insuportável.

– Agora estás a ser preconceituosa – respondeu Angel, rindo. – Irei à cozinha quando tiver terminado o pequeno-almoço e falarei com Cook, Meg e Flossie. Elas podem vir para Londres connosco, mas Sir Eugene não está disposto a pagar os seus salários. Todas nós vamos ter de trabalhar se quisermos sobreviver, pelo menos até que Hector regresse a casa.

Lil olhou para o brilhante conjunto de prata no aparador.

– Suponho que poderia começar a empacotar este lote se conseguir encontrar um ou dois baús de chá no sótão.

– Até parece que estás ansiosa por ver Londres novamente.

Lil sacudiu a cabeça.

– Sou nascida e criada em Whitechapel. Tenho água do Tamisa nas veias em vez de sangue, por isso quero ir para casa, mas és a minha menina, Angel, e isso é mais importante para mim do que qualquer outra coisa. Para onde fores, eu vou. Tão simples como isso.

Angel levantou-se de um salto e abraçou Lil.

– Amo-te, Lil. Tens sido mais do que uma mãe para mim.

As faces pálidas de Lil ruborizaram-se, mas empurrou Angel para longe.

– Vai lá. Não me venhas com lérias. – Abandonou a sala a correr, enxugando os olhos no avental.

Ao ficar sozinha, Angel olhou para as cadeiras vazias colocadas à volta de uma mesa que podia acomodar vinte e quatro pessoas. Memórias de tempos mais felizes perpassaram diante dos seus olhos. Jantares de Natal com o tio Dolph a ocupar o seu lugar de direito à cabeceira da mesa, o aroma a ganso assado e a pudim de ameixa e a entrega e receção de presentes. Tinha havido festas de aniversário e jantares de comemoração quando os rapazes chegavam da escola ou da universidade, e depois a última refeição de Hector antes de partir para se juntar ao regimento. Parecia que uma longa sombra atravessava a sala enquanto se lembrava da sua partida apressada. Sentia-lhe a falta mais do que estava preparada para admitir, mesmo para si própria, e desejou de todo o coração que ele estivesse ali para salvar Grantley das mãos dos usurpadores. Ficaria muito satisfeita por ver a expressão de Galloway se o assunto pudesse ser resolvido de forma a impedi-lo de ganhar dinheiro com a desgraça da família.

Estava prestes a sentar-se novamente quando um rebuliço no *hall* de entrada fez com que se levantasse rapidamente da mesa. Abriu a porta e, por um momento, teve a sensação de que, ao pensar nele, convocara o diabo.

Galloway avançou a passos largos na sua direção, franzindo as grossas sobrancelhas sobre a cana do nariz bulboso.

– O que se passa aqui? – perguntou, indicando os baús de chá.

– O que lhe parece? – respondeu Angel, enfurecida. – Quem lhe deu o direito de invadir a minha casa sem ser convidado?

– Esta já não é a tua casa, Angel Winter. Pertence aos credores do teu falecido tio, o que também inclui o conteúdo. – Galloway entrou na sala de jantar. – A prata vale bastante, e vai pagar-me a minha parte no negócio.

– Não pode levar a prata nem os quadros. São legados de família.

– E permanecem na casa. – Galloway virou-se para ela, estreitando os olhos. – Não tentes ser esperta, Angel Winter, porque não vais ganhar. O advogado de Sir Eugene pode ter-te conseguido algum tempo, mas não julgues que isso vai salvar Grantley. Sairás da casa hoje, levando apenas os teus pertences pessoais. Faça-me entender?

Angel manteve-se muito direita, encarando o seu olhar arrogante sem desviar o rosto.

– Perfeitamente, mas apenas não compreendo os seus motivos para se comportar desta maneira. Pode ser demitido pela sua atitude.

Galloway encolheu os ombros.

– Estou a cuidar dos meus próprios interesses, bem como dos de Grantley. Os credores poderiam ter tomado posse da propriedade sem te dar a oportunidade de saldar a dívida.

– Fala como se isso fosse pessoal. Não possuo nada, em grande parte graças a si. Acredito que tenha desempenhado um papel na queda do tio Joseph, e esperava que a tia Cordelia se casasse consigo, mas ela teve mais sensatez.

– Eras apenas uma criança. Não sabes do que estás a falar e, de qualquer forma, não sou obrigado a ouvir. Agora estou no comando e farás o que eu disser.

Angel não se desviou quando Galloway se aproximou.

– Porque me odeia? O que lhe fiz?

– Queres mesmo saber porque pretendo ver-te sofrer?

– Sim, quero. Não faz sentido.

Galloway sentou-se à cabeceira da mesa, colocando os pés na cadeira mais próxima.

– Ainda há café na cafeteira? Fiz uma viagem extremamente desconfortável numa carroça puxada por um burro desde a estação.

Angel serviu-lhe uma chávena de café preto forte, resistindo à tentação de a despejar sobre a sua cabeça quando a colocou diante dele.

– Bem, continue. Estou a ouvir.

Ele bebeu um gole do café.

– Está frio. – Empurrou a chávena e o pires para longe. – Toca a campainha para que tragam café fresco. Tenho algo a dizer-te que te colocará no devido lugar para sempre. Arruinaste a minha vida e tenciono arruinar a tua.

– Isso é ridículo – protestou Angel. – O que poderia ter feito para o prejudicar?

Capítulo Dezoito

– Nascestes. – Galloway apoiou os cotovelos na mesa, olhando-a com desprezo. – Mas foi a tua conceção que me levou a perder a única mulher que amei.

Angel fitou-o, incrédula.

– Não compreendo.

– Eu era um músico talentoso e poderia ter estudado em qualquer lugar da Europa. – Galloway denotava um olhar distante e nos lábios pairava-lhe um sorriso, que Angel achou mais assustador do que o franzir da testa. – Poderia ter-me tornado um pianista de renome, mas o meu pai era advogado e insistiu para que lhe seguisse as pisadas, embora ele já se tivesse aposentado quando tive idade suficiente para deixar a escola. Obrigou-me a aceitar um lugar de um funcionário articulado²⁹ com Beauchamp & Quelch. Pagavam-me uma ninharia e compensava o salário a ensinar piano. A minha primeira aluna foi uma jovem chamada Jane Elizabeth Malone.

As iniciais eram iguais às do anel dela e a mão de Angel voou até à boca para reprimir uma exclamação de surpresa. A mera ideia de tê-lo como pai era suficiente para a repugnar, uma tontura ameaçou invadi-la e sentou-se, incapaz de falar.

– Jane estava à beira da feminilidade, fresca como uma rosa e igualmente bonita – continuou Galloway, parecendo não reparar na sua angústia. – Era muito talentosa e tinha um maravilhoso sentido de humor, estava sempre disposta a soltar uma gargalhada e animava um mundo triste. Apaixonei-me desesperadamente por ela, mas o seu rígido pai nunca teria permitido que um humilde funcionário cortejasse a filha. Jane correspondeu ao meu amor e planeámos fugir, mas o seu pai tinha outros planos para ela.

Galloway falava como um jovem apaixonado, mas Angel não conseguia sentir piedade por um homem que lhe causara tanta dor e angústia.

– O que tem isso a ver comigo?

– Cala-te e vais descobrir. – Os olhos de Galloway estreitaram-se e os lábios apertaram-se numa linha fina. – O pai tinha combinado o casamento dela com um homem muito mais velho que era extremamente rico. Apesar dos seus protestos, o casamento foi por diante e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir a minha Jane de ficar eternamente amarrada a um homem com mais do dobro da sua idade.

– Então desistiu sem lutar – concluiu Angel num tom ácido. – Porque é que isso não me surpreende?

Galloway fulminou-a com o olhar.

– Continuámos a encontrar-nos em segredo até que ela me disse que estava grávida e separámo-nos. Jurei nunca mais a ver, mas quase um ano depois tive de entregar uma citação numa casa perto de onde ela morava. Percorri a rua de cima a baixo, na esperança de vislumbrá-la e percebi que ela ainda me mantinha cativo, embora fosse casada e mãe. Afastei-me do meu caminho e fui até ao Green

Park para limpar a mente do tormento que me assolava a alma, e foi lá que a encontrei novamente. Estava acompanhada por uma ama que empurrava a criança num carrinho de bebê, mas, no momento em que voltei a ver Jane, fiquei perdido.

– Com quem se casou ela? – perguntou Angel, apertando as mãos no colo. – Qual era o seu nome de casada?

O olhar de Galloway percorreu-a com uma frieza reptiliana.

– Montgomerie. Um homem que fez fortuna a importar guano peruano – um homem que lidava com lixo para ganhar a vida –, mas isso não interessa. Como estava a dizer, encontrámo-nos no parque e era óbvio que ela não estava feliz. A casa perfeita, roupas elegantes e criados para servi-la não substituía o amor verdadeiro. Combinámos encontrar-nos no Gunter's para tomar chá e depois víamo-nos quase todos os dias, arranjando uma desculpa para esses encontros como se eles fossem casuais.

– Então você foi o homem com quem ela fugiu. – As palavras escaparam-se precipitadamente dos lábios de Angel, mas o seu coração latejava e o sangue tamborilava-lhe nos ouvidos. Havia uma pergunta que ela tinha de fazer, embora temesse a resposta.

– Você é meu pai?

Ele levantou-se de um salto, arrastando a toalha de mesa e fazendo com que a loiça e copos de vidro voassem pelo ar. O café derramou-se na toalha branca, espalhando-se qual mancha escura como sangue a brotar de uma ferida.

– Não, raios! Ela já estava grávida quando deixou o marido, embora tenha jurado que não sabia disso na altura. Mas eu não queria um intruso. Ela fez uma escolha entre mim e ti, e escolheu-te a ti. Deixei-a.

Angel levantou-se. Estava a tremer de raiva, não de medo.

– Abandonou-a. Afastou-a para longe da sua casa e da criança que dera ao marido, e foi-se embora.

– Voltei alguns meses depois e encontrei-a a viver num albergue, prestes a dar à luz. Ofereci-me para a aceitar novamente, mas só se ela desistisse de ti. Havia o Foundling Hospital e orfanatos em abundância, mas ela recusou a minha ajuda. Estava muito magra e perdera a beleza, mas queria ficar ao lado dela. Mais uma vez, escolheu-te a ti e, no entanto, interrogas-te porque te odeio.

– Então deixou-a sem dinheiro e incapaz de cuidar do bebê. Ela atirou-se ao Tamisa e afogou-se. Não lhe pesa na consciência?

– Ela poderia ter feito uma escolha diferente, mas era teimosa e atribuía mais importância a uma criança chorona do que a mim. Uma das velhas bruxas do albergue disse-me que Jane te deixara em Angel Alley naquela véspera de Natal. Foi fácil encontrar-te a pista e, por pura coincidência, Joseph Wilding era um dos meus clientes. Quando tive conhecimento da morte de Jane, soube quem era o culpado. Fiz questão de acompanhar o teu crescimento para que um dia pudesse fazer-te tão infeliz quanto me tinhas feito.

– Está louco – acusou Angel, ofegante. O brilho maníaco nos seus olhos e a expressão de ódio bastavam para a convencer de que estava louco. – É culpado por ter abandonado a mulher que disse que amava. Provocou-lhe a morte, não eu. Saia daqui ou mando expulsá-lo.

– Não, minha querida. És tu que serás expulsa. Vais partir esta manhã. Receberei uma boa maquia quando os desenvolvedores tomarem posse da propriedade. Contribuirá em parte para remendar um coração partido.

– Você não tem coração – acusou Angel amargamente. – É um monstro e espero que apodreça no inferno. – Não conseguiu suportar a presença dele nem mais um momento e saiu da sala, dirigindo-se à cozinha e para junto de Lil, a única pessoa que tinha sido uma constante na sua vida até então.

* * *

Meg e Flossie decidiram, no último momento, voltar para as suas famílias na aldeia e foram Angel, Lil e Cook a chegar à casa de Naked Boy Court.

O sargento Baines estava mais velho, mais grisalho e menos agradável do que há anos, mas deixou-as entrar com um suspiro de resignação.

– Está certa de que tenho de aturar todas essas mulheres? – perguntou, enquanto Cook e Lil ajudavam Russell a descarregar a bagagem da carruagem dos Devane.

Angel encarou o olhar severo de Baines com um sorriso.

– Não é para sempre, sargento Baines. Explicarei tudo, mas tenho a certeza que todas gostaríamos de uma bela chávena de chá quente.

Baines olhou para Lil, que entrara com dificuldade no *hall* de entrada, arrastando uma mala pesada.

– Não quero interferências na minha cozinha. Já é suficientemente mau ter perdido o coronel para ser invadido por saíotes.

Lil olhou por cima do ombro.

– Um cavalheiro ajudaria uma dama.

– Não sou um cavalheiro e você não é certamente uma dama – concluiu Baines tristemente. – Suponho que vai fazer as coisas à sua maneira, independentemente do que eu disser, como da última vez. – Caminhou com passo pesado em direção à cozinha.

– Tenta não despertares o seu lado mau – sussurrou Angel. – Não temos mais nenhum sítio para onde ir.

– Hã! Os homens são todos iguais. – Lil foi até lá fora e trouxe mais bagagem do jardim.

Angel pegou na sua mala e levou-a para o quarto que dividira com Dolly, lá em cima. Nada havia mudado, apenas talvez a camada de pó fosse um pouco mais espessa e o calor sufocante, tendo-se acumulado durante os longos e quentes dias de verão. Abriu uma janela, esticando uma teia de aranha rendada até ela ceder e a aranha salvou-se agarrada a um fio de seda. O familiar fedor da cidade invadiu o quarto. Era pútrido mas estranhamente reconfortante. Angel crescera com os odores do rio e os cheiros exóticos que emanavam dos armazéns que se aglomeravam ao redor das docas. Os ricos aromas de torrefação de café e de açúcar derretido, do vinho e de especiarias, sempre lutaram por supremacia sobre o fedor de esgoto, esterco de animais, fuligem e fumaça, mas esse era o preço que os moradores da cidade pagavam para viverem no pulsante coração do Império. Deixou a mala sobre a cama, com a intenção de a desfazer depois, e desceu para manter a paz entre Lil e Baines.

Mais tarde, depois de um magro jantar de pão e queijo, regado com um pouco da cerveja do sargento, não restando mais chá no termo, Angel permaneceu à mesa com Baines enquanto Lil e Cook subiram para fazer as camas. Foi a oportunidade para a conversa tranquila por que Angel esperava.

– Já sabe porque tivemos de deixar Grantley tão de repente – disse ela com uma expressão séria. – Mas como era próximo de Sir Adolphus, há algo em que possa pensar capaz de ajudar a salvar a propriedade? – Fitou o seu olhar interrogativo com um esboço de sorriso. – Não estou a pedir para

nim, Baines. O coronel recebeu-me e tratou-me como se fosse da família. Devo-lhe fazer tudo o que puder para impedir que Grantley fique enterrado sob as estradas e ruas de casas novas.

– As pessoas têm de viver em algum lugar – replicou Baines, num tom áspero. – Mas parece que me lembro de o coronel me dizer que parte da propriedade de Grantley é Terra de Lammas.

– O que é Terra de Lammas? – perguntou Angel com premência.

– Julgo que significa terra comum, tem algo a ver com os paroquianos locais terem direito a pastar animais após a colheita do feno até à primavera seguinte. Não me lembro dos pormenores exatos, mas há um baú cheio de papéis do coronel no seu escritório. Pode encontrar algo que possa ajudar.

– Se é terra comum, isso faz diferença?

– Não sei, *miss*. Mas só há uma maneira de descobrir. – Baines enfiou a mão no bolso de onde tirou um monte de chaves. – Nunca as perco de vista, mas confio em si. – Entregou-o a Angel com um aceno de cabeça. – Esse advogado veio aqui um dia, pouco depois de eu ter ouvido dizer que o coronel havia morrido. Queria saber se o coronel guardava alguns documentos aqui e respondi que não tinha conhecimento dos negócios privados dele. Tanto quanto sei, disse eu, tudo é tratado pelo advogado do coronel e não é o senhor, *sir*.

– Como reagiu ele?

– Desviou o olhar, murmurou alguma coisa e foi-se embora. Não simpatizei com o indivíduo, não confiei nele, e, pelo que me disse antes, parece que estava certo.

Angel levantou-se, apertando as chaves na mão.

– Não consigo esperar até amanhã. Não pregarei olho até saber o que há nesse baú.

– Estará frio no escritório. – Baines engoliu o resto da cerveja. – Vou trazer o baú até aqui para que possa revistá-lo confortavelmente. – Levantou-se e Angel ouviu os seus ossos ranger enquanto flexionava os músculos, mas não estava disposta a recusar a sua oferta.

Baines agarrou no candeeiro e avançou pelas passagens vazias até ao escritório, que era igualmente húmido e frio. O cheiro a livros bolorentos e a uma humidade crescente ressaltava a atmosfera sombria da sala fechada. Angel não conseguiu dissipar a sensação de que Sir Adolphus ainda habitava o lugar onde passara muitas horas, examinando os seus livros e tendo os dois galgos como companhia. *Thor* e *Juno* tinham ficado com Russell e a mulher, que moravam numa cabana atrás da cocheira em Grantley, e Angel teve a satisfação de saber que eram amados e bem tratados. Estava certa de que Sir Adolphus teria aprovado essa disposição e, como se respondesse à sua pergunta não formulada, uma corrente de ar frio invadiu a sala, levantando pó e abanando as venezianas. Um arrepio supersticioso percorreu a espinha de Angel, mas Baines permaneceu calmo e sereno enquanto pegava no baú de madeira.

– Acho melhor acender a lareira aqui amanhã – disse rispidamente. – O coronel não gostaria que os seus livros fossem estragados pela humidade. – Esboçou um sorriso simpático a Angel. – Venha, *miss*. Vamos voltar ao calor. Ele não desejaria que apanhasse um resfriado.

Angel assentiu, demasiado sufocada pela emoção para falar.

* * *

O conteúdo do baú era dececionante: na sua maior parte contas domésticas, recortes de jornais relatando as várias escaramuças em que o regimento do coronel estivera envolvido e contas para o seu uniforme e acessórios. Foi apenas quando tirou para fora um rolo de pergaminho, amarrado com

fita vermelha, que descobriu o que pareciam ser os títulos de propriedade originais. Desenrolou o frágil documento e abriu-o sobre a mesa da cozinha, examinando a caligrafia longa e fina.

– Acha que isso é o que Galloway estava à procura, Baines?

Ele observou de mais perto.

– Não entendo nada de assuntos legais, *miss*. Mas diria que há boas hipóteses de que isso seja importante ou ele não teria armado tanta confusão para revistar o escritório do patrão. Pensei que poderia ter de atacá-lo fisicamente, mas por sorte decidiu retirar-se.

– Mas voltará – garantiu Angel, pensativa. – Preciso de saber o que fazer com isto, e quero também saber mais sobre as Leis da Terra de Lammas³⁰. Julgo que há alguém que pode ajudar e, se assim não for, vou ter com Sir Eugene.

– Talvez devesse esperar pelo regresso do capitão Devane, *miss*.

– Tenho a sensação de que nessa altura será tarde de mais. – Angel enrolou cuidadosamente o documento e atou-o com a fita. – Amanhã de manhã, vou primeiro a Hackney e depois a Westwood Hall. Prometa-me que não discutirá com a Lil e a Cook, Baines. Temos de nos manter unidos ou vamos perder tudo.

* * *

A manhã estava a findar quando Angel chegou ao chalé dos Wicks e Sally saudou-a calorosamente bem como *Stumpy*. O cãozinho pulava para cima e para baixo, tentando lambe a mão de Angel e não desistiu até ela se baixar para lhe fazer festas. O perfume a lavanda seca escapava-se da minúscula sala da frente e a cozinha estava repleta do saboroso aroma a comida e pães acabados de coser a arrefecer sobre a mesa.

– Jack e Danny estão a trabalhar no terreno – disse Sally, enxugando as mãos no avental e fitando Angel com curiosidade. – Danny falou-nos do problema em Grantley. Há alguma coisa que possamos fazer para ajudar, querida?

Angel tirou a capa e o gorro e colocou-os em cima de uma cadeira.

– É por isso que estou aqui, embora também seja uma boa desculpa para vir visitá-los.

– Senta-te, querida, e eu chamo os homens. Vamos beber uma boa chávena de chá e podes contar-nos tudo.

Sally dirigiu-se apressadamente à porta, abriu-a e saiu para chamar o marido e o filho.

Eles chegaram momentos depois, com as faces coradas e a cheirar a terra molhada e ar fresco. Jack sorriu a Angel, mas Danny reteve-se, olhando-a desconfiado.

– Que surpresa agradável! – exclamou Jack calorosamente.

– Como estás, Angel?

Ela sorriu.

– Estou bem, obrigada.

Sally lançou um olhar severo ao filho.

– Não tens nada a dizer, Danny?

– Há alguma notícia sobre a nossa faixa de terra? – perguntou num tom ríspido.

– Isso não são lá muitas boas-vindas. – Sally dirigiu-se ao fogão e pegou na chaleira. – Sentem-se os dois e bebam uma chávena de chá. Julgo que Angel tem algo para nos dizer.

Angel puxou uma cadeira e sentou-se. Explicou o motivo da sua visita o mais brevemente possível.

– Julguei que tivesse conhecimento sobre a Terra de Lammas, Jack – concluiu. – Está mencionada nos títulos de propriedade de Grantley e o parque dos cervos está incluído no curtilage³¹, seja lá isso o que for.

Jack coçou a cabeça.

– Da curtilage não sei nada, mas a Terra de Lammas é terra comum, e não me parece que os desenvolvedores obtivessem permissão para construir sobre ela, mas terias de obter aconselhamento jurídico adequado.

– Não vais voltar a usar os serviços de Galloway, pois não? – quis saber Danny, ansioso.

– Não, claro que não. Vou falar com Sir Eugene a Westwood Hall. Até agora, ele tem sido muito prestável e, naturalmente, Lady Westwood está muito interessada em que Hector reivindique a sua herança.

Sally lançou-lhe um olhar ansioso ao passar uma chávena de chá ao marido.

– Não vais decerto tentar atravessar os pântanos hoje, Angel? A neblina está a chegar, e sabes como o solo é traiçoeiro nesta época do ano.

– Cheguei até aqui e tenho de falar com Sir Eugene o mais rapidamente possível. Galloway já esteve na casa de Naked Boy Court em busca dos títulos de propriedade. Tenho-os na minha bolsa e devo fazê-los chegar a Sir Eugene para que ele possa apresentá-los ao seu advogado.

– Vou levar a carroça com o burro e encaminho-a em segurança pelo pântano, mãe – decidiu Danny, levantando-se da cadeira. – Podes dispensar-me uma ou duas horas, pai?

Jack encolheu os ombros.

– É mais importante cuidares de Angel, mas não te demores. Quero-te de volta antes de escurecer.

* * *

Uma névoa branca rodopiava ao redor deles enquanto o burro avançava lentamente pelo caminho velho do pântano. A visibilidade diminuía a alguns metros e pairava uma brisa fria no ar.

– Não te preocupes – disse Danny, agitando as rédeas. – *Dash* conhece o caminho de olhos vendados.

– Presumo que deve conhecer. Costumavas vir por aqui todos os dias quando trabalhavas na estufa em Grantley.

– Se houver algo que possa fazer para ajudar a devolvê-la à família, sabes que o farei.

– Estás a ajudar o suficiente, Danny. Levaria muito tempo a atravessar o pântano a pé e provavelmente ia perder-me, sobretudo com a neblina a adensar-se como está.

Danny pigarreou.

– Julgo que sabes o que sinto por ti, Angel. Não teria dito nada enquanto estivesses a morar com os Devane, mas, agora que estás livre deles, penso que tenho o direito de falar.

– Poderia estar a morar na casa grande, mas continuo a ser a mesma rapariga que era quando te conheci.

– Não, não és. És uma dama, e eu sou apenas um jardineiro que partilha a banca do pai no mercado de Covent Garden, mas amo-te, Angel. Sempre te amei, ainda que não o soubesse até àquele dia na estufa quando te beijei e me devolveste o beijo.

Angel sentiu o sangue afluir-lhe às faces e virou a cabeça, incapaz de o fitar de frente.

– Isso foi um erro, Danny.

– Não aceito isso. Não vêes que estou a pedir que te cases comigo, Angel? Sou um indivíduo desajeitado e não sei fazer discursos românticos, mas amo-te de verdade, e faria tudo ao meu alcance para te tornar feliz. – Estendeu o braço para pegar na mão fria dela. – Casa comigo, Angel. Cuidarei de ti e farei o melhor para termos uma boa vida.

Ela forçou-se a olhar para ele e o seu coração encheu-se de simpatia. Não havia como duvidar da sinceridade no seu olhar e lutou para encontrar as palavras certas, mas não havia uma maneira fácil de lhe dizer que estava apaixonada por outro homem.

– Oh, Danny, não posso casar contigo. Gostaria de poder dizer sim, mas...

Ele soltou-lhe a mão e pegou nas rédeas, sacudindo a cabeça de *Dash*, o que fez com que o burro começasse a trotar, assustado.

– Há mais alguém, não há?

– Sim, quero dizer, não. Pelo menos, ele não sabe como me sinto e duvido que tenha pensado em mim dessa maneira.

– É esse dândi do Montgomerie? Só o vi brevemente com a irmã. O seu género não se mistura com homens como eu.

– Para com isso, Danny. Não fales de ti dessa maneira, e não é Percy. De facto, é possível que Percy seja meu meio-irmão.

– Teu irmão?

– Não, ele é meu meio-irmão, ou assim parece. Galloway, o homem que me deixou a apodrecer na casa de trabalho, estava apaixonado pela minha mãe, que foi forçada a casar com o pai de Percy. Ela deu à luz Belinda, mas ainda estava apaixonada por Galloway, embora seja difícil de acreditar, e deixou o marido para ficar com ele. Então percebeu que estava à espera de outra criança, que era eu. Galloway abandonou-a e ela suicidou-se. Ele acredita firmemente que fui a causa de todos os seus infortúnios e é por isso que quer arruinar a minha vida.

Danny assobiou por entre dentes.

– Mas que história. Não consigo absorver tudo.

– Sempre pensei em mim mesma como Angel Winter, mas suponho que sou Angel Montgomerie. Parece muito estranho.

– E isso coloca-te ainda mais acima de mim – concluiu Danny sombriamente. – És realmente uma dama.

Angel estava prestes a responder quando *Dash* tropeçou e Danny teve dificuldade em equilibrar a carroça. Saltou para o chão e foi acalmar o animal assustado.

– Ele está bem? – perguntou Angel, ansiosamente.

– Acho que sim, mas vou conduzi-lo até chegarmos ao limite do pântano, que agora já não fica muito longe.

Angel recostou-se, respirando aliviada. Gostava muito de Danny e aquele beijo na estufa provocara-lhe emoções e desejos indizíveis, mas isso não bastava. Amava a família dele, mas o casamento estava fora de questão e não tinha nada a ver com o nascimento dela. Tivera pouco tempo para pensar sobre o seu relacionamento com Belinda, mas agora, envolta num manto húmido de névoa e aparentemente separada do mundo exterior, ocorreu-lhe que ter uma irmã verdadeira de carne e osso seria o dom mais maravilhoso. E então o frio vindo de fora atingiu-lhe o coração. Percy rejeitara a ideia de que eram parentes e afastara-se. Angel estremeceu e aconchegou-se mais com a

capa. Era tudo muito complicado e estava confusa e emocionada, mas devia colocar os problemas pessoais de lado e pensar em Grantley, na sua casa e no lugar de nascimento de Hector.

Para seu intenso alívio, deixaram o pântano e o Sol rompeu por entre as nuvens quando chegaram à estrada de cascalho. Danny subiu para a carroça, pegou nas rédeas sem dizer uma palavra e seguiram em silêncio até estarem quase a passar por Grantley Park.

– Espero que não deixes que isto interfira entre nós – disse Angel suavemente. – Gosto de ti, Danny. Queria que fôssemos amigos.

Ele lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Fácil de dizer, mas se o que afirmas é verdade, se és parente dos Montgomerie, eles, decerto, vão querer que vivas junto deles. Aconteça o que acontecer a Grantley, a tua passagem por lá chegará ao fim.

– É por isso que estou a fazer isto, Danny –, declarou Angel com sinceridade. – Hector deve herdar Grantley e espero que o documento que vou levar a Sir Eugene sirva de alguma ajuda.

– É ele, não é? – inquiriu Danny, desconfiado. – Estás apaixonada pelo capitão Devane.

– Não sejas ridículo. Fomos criados como irmão e irmã. Importo-me, obviamente, com o que lhe acontece e a toda a família. – Angel fixou a atenção na estrada em frente. – Não quero falar sobre isso, Danny. Limita-te a conduzir, por favor.

Ele agitou as rédeas, encorajou *Dash* a mover-se segundo o seu habitual ritmo lento e permaneceram em silêncio.

Quando chegaram a Westwood Hall, o que tinha começado como ligeiros chuviscos transformou-se numa chuva torrencial, apagando a paisagem e enchando Angel até aos ossos. Os dentes batiam como castanholas e tremia quando Danny puxou as rédeas a *Dash* e a carroça parou. A porta da frente abriu-se e um criado de libré desceu os degraus para ajudar Angel a descer, mas olhou de soslaio para o veículo e para o motorista.

– Devo pagar ao indivíduo, Miss Winter?

Angel corou, apesar do frio.

– Mister Wicks é um amigo, James. Fez-me um favor e irei embora, assim que falar com Sir Eugene.

– Leve a carroça para a cocheira e será vigiado até Miss Winter estar pronta para ir embora – disse James friamente.

Angel sacudiu a cabeça.

– Chame um criado da cavalaria para cuidar do animal, James. Mister Wicks está comigo.

– Muito bem. Vou esperar na cocheira – apressou-se a dizer Danny. – Quero ter a certeza de que *Dash* é esfregado. – Sem esperar por uma resposta, incitou o fatigado animal para que seguisse em frente.

Relutantemente, Angel permitiu que James a levasse para o corredor.

– Preciso falar com Sir Eugene com urgência. – Desfez-se da capa encharcada e tirou o chapéu arruinado, entregando-os a uma criada.

– Vou ver se o patrão está em casa, Miss Winter. – James fez uma vénia e afastou-se com um caminhar regular, recordando-lhe um cavalo de circo bem treinado que vira em criança no anfiteatro de Astley. Percorreu de um lado para o outro o chão de mármore preto e branco, enquanto esperava que ele voltasse. O elegante *hall* de entrada, com as colunas coríntias e uma escadaria ampla adornada com retratos de família e quadros de querubins de bochechas rechonchudas, parecia

subitamente frio e pouco convidativo. Em visitas anteriores, ela havia sido um membro bem-vindo da família Devane, mas agora sentia-se uma forasteira. Virou-se ao som de alguém a chamar pelo seu nome e viu Belinda a correr na sua direção, com os braços estendidos.

– Angel, pensei que fosses tu. Por acaso, estava a olhar pela janela da biblioteca e vi-te a desceres de uma engenhoca cómica. Onde tens estado desde o casamento? Tivemos saudades tuas. – Abraçou Angel calorosamente. – Entra para a biblioteca, há uma lareira acesa e o ambiente é agradável e privado. Podemos ter uma conversa sem medo de interrupção. Blanche nunca entra naquela sala em particular. Julgo que ela nunca leu um livro em toda a sua vida e Susannah está muito ocupada com Percy para pensar em qualquer outra coisa.

Ofegante devido a todas as informações que Belinda lhe dirigira, Angel sacudiu a cabeça.

– Adoraria, Belle, mas estou aqui para falar com Sir Eugene. – Fez uma pausa, observando o ar corado de Belinda. – Porque estás aqui, afinal? Pensei que tinhas voltado para Londres depois do casamento.

– Era nossa intenção, mas Percy arranjou uma desculpa para vir aqui. – Belinda baixou a voz para um sussurro. – Julgo que adora as suas hipóteses com Susannah, mas não digas que te contei. Ela namoriscou escandalosamente com ele no casamento.

– Ainda não entendi porque ficou tão perturbado quando descobriu que somos parentes. Sei que foi um choque para todos nós, mas ele pareceu bastante irritado.

Belinda colocou a cabeça de lado.

– És assim tão ingénua, Angel? Ele sentira-se bastante atraído por ti e estava envergonhado. Compreendes agora?

– Não sabia, Belle. Realmente não fazia ideia, mas é natural que irmãos e irmãs cuidem uns dos outros.

– Não te preocupes com o nosso irmão, ele está a recuperar bem e a procurar outro sítio para o romance. Julgo que Blanche sempre teve um fraquinho por Percy e ele parece estar bem com ela. Quanto a mim, não poderia estar mais feliz em descobrir que te tenho como minha irmã. – Belinda franziu a testa. – Mas porque estás aqui? E o que te levou a viajar com este tempo horrível?

– Encontrei os títulos de propriedade de Grantley. Penso que pode ser uma maneira de evitar que os desenvolvedores construam a propriedade, então preciso falar com Sir Eugene. Não posso obviamente confiar em Galloway. – Angel virou a cabeça ao som de passos e viu James encaminhar-se na direção deles. Deu uma palmadinha na mão de Belinda. – Vou contar-te tudo mais tarde, mas primeiro devo falar com Sir Eugene.

– Nesse caso, também vou – disse Belinda, dando o braço a Angel. – Eles estão na sala de estar.

Angel esperava falar com Sir Eugene em particular, mas Eloise, Susannah e Blanche estavam sentadas junto à lareira na sala de visitas, com as saias de seda estendidas ao redor delas, semelhantes a flores e em delicados tons pastel.

Sir Eugene levantou-se da cadeira.

– Venha juntar-se a nós, Angel – convidou, sorrindo. – Sabe que é sempre bem-vinda em Westwood.

Belinda deu um leve empurrão a Angel na sua direção e sentou-se, cruzando as mãos elegantemente no colo.

Eloise assentiu graciosamente, mas Susannah não pareceu satisfeita e Angel percebeu logo a razão pela qual ela virou a cabeça e viu Percy parado junto a uma das janelas altas que davam para o

jardim. Ele ofertou-lhe um sorriso, o que ela reconheceu como um bom sinal.

– O que te traz aqui hoje? – indagou Eloise. – Parecias um rato afogado. Percorreste a pé todo o caminho desde Ludgate?

– Venha sentar-se junto à lareira – convidou Blanche delicadamente. – Afasta-te, Susannah. Estás a ocupar todo o espaço no sofá.

Angel sacudiu a cabeça.

– Obrigada, mas não vim para ficar. Preciso de pedir o conselho de Sir Eugene sobre um assunto legal.

– Talvez uma mudança de roupa possa vir a propósito – sugeriu Percy, fitando Angel com alguma preocupação. – Parece estar encharcada até aos ossos.

– Tenho a certeza de que a minha criada tem alguma coisa que lhe serviria – disse Susannah, mal-humorada.

Percy virou-se para ela, franzindo a testa.

– Isso foi pouco generoso, Susannah. Angel será tratada com o respeito que é devido a um Montgomerie.

– Do que está a falar, Percy? – A linda boca de Susannah curvou-se nos cantos. – Isso não tem graça.

– Na verdade, não – concordou Eloise acidamente. – É uma piada de mau gosto.

– Não é brincadeira, Lady Westwood. – Percy colocou o braço em volta dos ombros de Angel. – Só descobrimos a verdade recentemente, mas Angel é a irmã de Belinda e minha meia-irmã.

– Que disparate é esse? – reagiu Eloise, enfurecida. – Se for em tom de brincadeira, é de muito mau gosto. Não acredito numa única palavra.

29 O funcionário articulado anda a estudar para advogado. É colocado sob a supervisão de alguém que já está na profissão, geralmente por dois anos. Pode comparar-se ao lugar de estagiário numa empresa. (*N. da T.*)

30 Terra de Lammas são terras em que outras pessoas que não o proprietário têm o direito de cultivar durante o inverno. Esses direitos duram de *lammas* até à época da sementeira. *Lammas* denota tempo de colheita. (*N. da T.*)

31 Curtilage – terra que circunda um edifício que pertence ao proprietário desse edifício e pela qual é responsável. (*N. da T.*)

Capítulo Dezanove

Belinda levantou-se de um salto e moveu-se rapidamente para junto de Angel.

– É verdade, Lady Westwood, e podemos provar isso. Mostra-lhes o teu anel, Angel.

– Isso é um absurdo. – Eloise levantou-se. – É uma tentativa desajeitada para superares a tua posição na vida, Angel Winter. Puseste os olhos no meu filho mais velho a partir do momento em que entraste na minha casa.

– Isso não é verdade – protestou Angel. – Como pode dizer uma coisa dessas, tia Eloise?

– Não sou tua tia. Foste-me impingida pelo meu irmão de coração mole, que também era um simplório quando se tratava das artimanhas das mulheres. Não sei nada sobre o teu anel, mas ele não pode provar nada além de seres uma enjeitada e de a tua mãe ser provavelmente uma vulgar ladra. Vais fazer as tuas malas e regressares às ruas onde pertences. Quero-te fora da minha casa, agora.

– Isso é cruel e injusto – proclamou Percy, enraivecido. – Confesso que no início fui cético, mas, ao encarar os factos, percebi que estava errado.

– Acreditamos que Angel é nossa irmã e ela terá sempre um lar connosco – afirmou Belinda, muito corada. – Fitou intensamente o irmão antes de desviar o rosto e olhar para as mãos, apertadas firmemente no seu colo.

Susannah puxou a manga da mãe.

– Mamã, talvez devesse desculpar-se. Se Percy e Belinda acreditaram na história, é da sua conta.

– Penso que Angel e Belinda parecem irmãs – acrescentou Blanche timidamente. – Os três podem ser facilmente relacionados. Concordo com Belinda e Percy.

Susannah sacudiu a cabeça.

– Concordarias sempre, Blanche Westwood. Farias qualquer coisa para agradar a Percy.

– Isso é injusto, Susannah. – Percy dirigiu-se para junto de Blanche, agarrando-lhe a mão com firmeza. – Blanche é a mulher mais bondosa e a mais gentil que já conheci, e merece melhor da sua parte.

Os olhos de Susannah arregalaram-se de surpresa.

– Existe algo entre os dois? Se é o caso, foi conduzido de uma maneira muito incorreta.

– Isto já foi longe de mais – replicou Sir Eugene. – Essa observação foi desnecessária e vai pedir desculpa à minha filha, Susannah.

– Porque sou sempre a pessoa errada? – Susannah levantou-se de um salto. – Estou com dor de cabeça, mamã. Vou para o meu quarto.

– Realmente, Eugene – disse Eloise, num tom queixoso. – Tinha de ser tão duro com ela?

– Susannah precisa de dobrar a língua – reagiu Sir Eugene, irritado. – Virou-se para Angel e a sua expressão suavizou-se. – Porque veio aqui hoje? Não me importa se é uma enjeitada ou uma Montgomerie. No que me diz respeito, sempre fez parte dos Devane e, aparentemente, manteve toda a família unida desde que Sir Adolphus faleceu.

Percy esboçou um aceno de concordância.

– Aprovado, *sir*.

Angel abriu a bolsa de onde retirou o pergaminho, que estava amassado mas sem danos.

– Foi por isto que vim. Percorri todo o caminho de Ludgate Hill a Hackney, e poderia perder-me no pântano se um amigo não tivesse tido pena de mim e não me trouxesse aqui na carroça. Não quero nada da família Devane, mas adoro Grantley e quero ajudar a salvá-lo para as futuras gerações. Este título de propriedade pode ser a chave, mas é preciso um advogado honesto para lidar com o caso e isso exclui Galloway. – Entregou o documento a Sir Eugene, que o estudou em silêncio.

– Mantenho o que disse. – Eloise levantou-se do sofá. – És uma maníaca sorrateira, Angel Winter, e não quero ter mais nada a ver contigo. – Abanou a cabeça e saiu da sala, seguindo o rasto da filha.

Blanche foi a primeira a reagir.

– Ela está perturbada. Alguém deveria acompanhá-la.

– Ela é sempre assim – respondeu Angel, sacudindo a cabeça. – Vai ter com Susannah e consolar-se-ão mutuamente.

Sir Eugene dobrou o documento e levantou a cabeça.

– Sim, Blanche, não permitas que te incomodem. Terei uma conversa com a minha mulher mais tarde.

– Posso ver a escritura, Sir Eugene? – perguntou Percy ansiosamente. – Estudei Direito em Cambridge, embora nunca tenha assumido a profissão, pois decidi dedicar o meu tempo à administração dos negócios da família.

Sir Eugene entregou-lhe o documento.

– Uma segunda opinião é sempre útil, mas parece que parte da propriedade é terra comum, e os títulos afirmam claramente que ela deve ser de uso exclusivo de pessoas não proprietárias em perpetuidade. Se isso seria suficiente para impedir que os desenvolvedores construíssem novas estradas e casas é outra questão, mas, a ser verdade, eles podem estar dispostos a negociar um acordo e a procurar terras noutro lugar.

– Sei que posso falar em nome de Hector e dos rapazes – afirmou Angel lentamente. – Eles não conseguem satisfazer os pagamentos, e definitivamente não conseguem levantar fundos suficientes para pagar a hipoteca, mesmo que vendessem todos os seus bens.

– Esforçaste-te muito para manter a família unida, Angel. – Percy deu-lhe uma palmadinha no ombro. – Tenho orgulho em chamar-te minha irmã.

– Também eu – acrescentou Belinda, interferindo pela primeira vez.

Percy recompensou-a com um sorriso.

– Angel passou por muitas dificuldades que ultrapassou com bravura. Lady Westwood deveria ser mais atenciosa para com ela.

– Seja cuidadoso, Percy. – Sir Eugene enviou-lhe um olhar de advertência. – Está a falar da minha mulher, mas acho que ela subestimou Angel e vou tentar remediar isso. Entretanto, seguirei para a cidade amanhã e entregarei isto ao meu advogado. Aquele homem, Galloway, deveria ser exposto como o charlatão que é.

– Obrigada, Sir Eugene. Sabia que podia confiar em si – agradeceu Angel, soltando um suspiro de alívio. – Deixarei os títulos na sua posse, mas agora tenho realmente de ir. Danny estará à minha espera e não queremos estar no pântano depois de escurecer.

– Que disparate! – reagiu Sir Eugene severamente. – Deve ficar um dia ou dois, enquanto tento resolver este assunto.

– Obrigada, *sir*, mas tenho de regressar a Ludgate Hill ou vão interrogar-se sobre o que me aconteceu.

– Podemos certamente enviar um mensageiro? – interferiu Percy, franzindo a testa. – Belinda e eu regressamos a Londres de manhã, Angel. Poderias vir connosco. Além disso, precisamos de conversar sobre o futuro. És uma Montgomerie e mereces ser tratada como tal.

Angel não duvidava de que Percy e Sir Eugene tinham boas intenções, mas estavam a tentar controlar-lhe a vida e não era o que ela planeava ou queria. Precisava de encontrar o seu próprio caminho e isso não incluía o casamento com Danny ou a caridade do seu meio-irmão. Fez um movimento em direção à porta.

– Tenho de ir embora. Danny está à minha espera.

– Não permitirei que vagueie pelo pântano ao anoitecer. – Sir Eugene estendeu a mão para a campainha. – O meu cocheiro vai levá-la de volta a Londres hoje à noite, se é isso o que deseja, e tenho a certeza de que o seu amigo encontrará o caminho para casa.

Independentemente do que Angel pudesse argumentar, tanto Eugene como Percy estavam convencidos de que ela não deveria correr o risco de viajar pelo pântano, e muito menos fazer a caminhada de Hackney até Ludgate Hill depois de escurecer. Por fim, teve de concordar e Danny foi remetido para o caminho de regresso sem que ela tivesse oportunidade de lhe dizer adeus ou agradecer-lhe. Depois de se despedir de todos, Angel foi aconchegada na caleche dos Westwood, com um aquecedor para os pés cheio de cinzas quentes para a manter confortável e um cobertor de lã para cobrir os joelhos. Tal luxo era um prazer em si, mas não podia deixar de se preocupar com Danny. A última coisa que desejara era ferir os seus sentimentos: já bastava ter tido que rejeitar a sua proposta de casamento, quanto mais mandá-lo para casa, sem dúvida a pensar o pior.

Apesar das suas preocupações, o calor e o conforto dos almofadões de couro acolchoado embalavam-na suavemente quando a carruagem deu uma súbita guinada e ela abriu os olhos, sobressaltada. Os cavalos haviam diminuído de um trote rápido para passo, mas o veículo balançava e rangia ameaçadoramente. Algo estava errado e Angel inclinou-se para a frente e espreitou pela janela. Já estava escuro agora, mas podia ver a luz brilhante de tochas e o contorno de uma grande casa no final de um longo acesso para carruagem. Quando a caleche parou, demorou alguns segundos a perceber que haviam parado do lado de fora dos portões do Grantley Park. Abriu a porta sem esperar que o cocheiro descesse.

– O que aconteceu?

Trubshawe ofegava devido ao esforço enquanto se apressava a baixar os degraus e a colocá-la no chão.

– Batemos em algo, *miss*. Está muito escuro para ver devidamente, mas parece que alguém colocou uma pedra na estrada de propósito. Acho que quebrámos um eixo, mas felizmente estamos do lado de fora de Grantley. Ouvi dizer que Russell e alguns dos criados da cavalaria ainda estão lá.

– Estão, sim – anuiu Angel, pensativa. – Quem faria uma coisa destas?

– Não sei, *miss*. Mas vai levar algum tempo a arranjar. É melhor levá-la para casa para que tenha abrigo durante a noite.

– Mas não há ninguém lá. Está fechado enquanto a discussão sobre a propriedade continua.

Trubshawe olhou por cima do ombro.

– Há luzes do lado de fora, como se estivessem à espera de convidados, portanto, alguém deve estar em casa. Talvez seja melhor ficar aqui até eu descobrir quem está lá, *miss*. Todos nós já ouvimos falar dos problemas de Grantley e pode ser alguém com más intenções.

Angel só conseguia pensar numa pessoa que tivesse acesso à casa. Hector não sabia nada dos acontecimentos que tinham levado ao abandono da sua casa. Ninguém ouvira falar dele desde a última carta, que chegara em meados de setembro. Não ficara claro quando estaria livre para fazer a viagem de regresso a casa, mas esperava que fosse em breve. O pensamento de que pudesse estar lá nesse momento, interrogando-se para onde todos tinham ido, afastou tudo o mais da mente de Angel.

– Ladrões dificilmente anunciariam a sua presença com tochas flamejantes. Vou consigo, Trubshawe.

Apesar dos seus protestos, ela acompanhou-o enquanto ele caminhava pelo acesso à casa. Parou ao fundo dos degraus de pedra. As chamas tremulantes aumentavam a sensação de expectativa – talvez Hector quisesse que toda a vizinhança soubesse do seu regresso.

– Deixe-me descobrir quem está lá, por favor, *miss*. – Trubshawe ficou ao seu lado, pairando sobre ela como um anjo da guarda com um sobretudo de capuz.

Ela comoveu-se com a preocupação dele, mas queria ser o primeiro rosto que Hector visse e a primeira pessoa a dar-lhe as boas-vindas a casa.

– Está tudo bem, Trubshawe. Vá buscar ajuda, eu ficarei a salvo. – Esperou até que ele se afastasse em direção aos estábulos e os seus pés mal tocaram o chão enquanto subia os degraus a correr para bater com força na porta.

O som de passos a aproximar-se fez com que a sua pulsação acelerasse ainda mais enquanto esperava, mal ousando respirar. As dobradiças rangeram quando a porta foi aberta e Angel ficou momentaneamente cega pelo clarão de um candeeiro perto do rosto. Uma mão disparou para fora, ela foi arrastada para o umbral e a porta fechou-se.

– Pensas que és muito esperta, não é verdade? – A voz de Galloway era inconfundível e, a julgar pelo odor que exalava, estivera a beber e suava copiosamente. – Não podes levar a melhor, Angel Winter. Sou demasiado inteligente para ti.

Ela soltou o braço e atirou-se contra a porta, mas estava trancada e ele segurava a chave na mão livre, rindo e balançando-a com uma expressão de bêbado.

– Não vais fugir tão facilmente, meu animalzinho de estimação.

– Largue-me. Não pode manter-me aqui contra a minha vontade. Trubshawe voltará à minha procura e o Russell também.

Ele segurou o candeeiro por cima da sua cabeça, fitando-a com um sorriso sombrio.

– Eles estarão muito ocupados a consertar a carruagem. No que diz respeito a Russell, sou vosso advogado e vim aqui para vos ajudar.

Ela encostou-se à porta, retirando conforto da sensação de solidez dos antigos painéis de carvalho. Grantley protegê-la-ia, independentemente do que Galloway dissesse ou fizesse. Esta era a casa dela e conhecia-lhe todos os recantos. Seria impossível para ele mantê-la prisioneira.

– Colocou aquela pedra na estrada, não foi? – acusou corajosamente. – Como sabia que eu estaria na carruagem?

– Mandei-te seguir. Sei que saíste de Naked Boy Court e caminhaste a pé até Hackney; então, aquele obcecado filho do jardineiro levou-te até Westwood Hall. O meu homem veio aqui a toda a

pressa avisar-me de que foras suficientemente estúpida para insistir em viajar de volta para Londres hoje à noite, então o resto foi fácil.

– Poderia não ter vindo para a casa. O que teria feito nesse caso?

– Que escolha tinhas, querida? Dificilmente passarias a noite na carruagem e sabia que a curiosidade levaria a melhor. És tão parecida com a tua mãe que poderias ser Jane regressada do túmulo.

– Não sou a minha mãe, mas, pelo bem dela, e se realmente a amou, deixe-me ir. Não lhe fiz nada.

– Ela levantou a mão quando ele abriu a boca para argumentar. – Não reveja tudo isso novamente. Como é que uma criança inocente poderia ser responsável pelo seu fracasso como homem? – Ela preparou-se quando ele ergueu o punho, mas o golpe nunca assentou e ele deixou pender a mão.

– És uma cabra, mas não ficarás assim tão convencida quando acabar contigo.

O olhar cruel no seu rosto e o tom de voz assustaram-na, mas estava resolvida a não permitir que ele descobrisse o seu medo.

– Terá de me deixar ir. Eles virão à minha procura assim que derem pela minha falta. Russell e a sua mulher saberão que algo está errado se me mantiver trancada aqui.

A risada irónica de Galloway ecoou nos lambris, voltando de novo como um coro fantasmagórico.

– Pensei nisso, querida. No que diz respeito a Russell e àquela mulher estúpida dele, vim para salvar Grantley e estarás em boas mãos.

– Trubshawe regressará a Westwood e dirá a Sir Eugene o que aconteceu. Ele sabe que você é um criminoso. Está de olho em si, Galloway, e em breve as autoridades saberão o que fez.

– Não me subestimes, querida. Elaborei os meus planos para que sejam infalíveis. Podes também encarar o facto de passares a noite a sós com um homem que não é teu pai, teu irmão ou teu marido. A tua reputação ficará arruinada e nenhum homem decente quererá casar contigo. Não pude ter a tua mãe, mas vou ter-te a ti, e levarei tempo e irei ver-te sofrer como eu sofri.

– É louco. – A raiva substituiu o medo, mas, mesmo assim, Angel podia ver que estava disposto a vingar-se e seria ela a vítima. Observou o que a rodeava, calculando a melhor maneira de escapar. Se o apanhasse desprevenido, poderia fugir e dirigir-se ao labirinto de passagens que levavam à ala dos criados nas traseiras da casa. A janela da despensa nunca se fechara adequadamente devido a um trinco quebrado, e a porta da lavandaria abria para o pátio. A menos que Galloway tivesse feito uma busca minuciosa na casa, era improvável que encontrasse a chave sobressalente mantida sob o recipiente do sabão.

– Não pode manter-me aqui contra a minha vontade – acrescentou ela num tom de desafio.

– É o que vamos ver. – Com a rapidez de uma cobra cuspideira, Galloway agarrou-lhe o braço e torceu-o atrás das costas, fazendo-a gritar. – Agora, lá para cima e, se fizeres mais um som, parto-te o braço.

Atordoadada pela dor e incapaz de se libertar, Angel via-se constrangida a obedecer.

– Esta divisão serve – rosnou ele, dando-lhe um violento puxão no braço.

Há vários anos atrás, ela recebera um quarto para si própria, mas apenas porque Susannah completara catorze anos e protestara dizendo que agora era demasiado crescida para continuar a partilhar o mesmo aposento. Angel tinha descoberto no seu primeiro dia em Grantley que Susannah conseguia sempre o que queria, e o quarto grande e elegantemente mobilado, com vista para o jardim formal nas traseiras da casa, fora preparado rapidamente para ela. Novas cortinas e cobertas de

cama haviam sido encomendadas e o quarto tinha sido redecorado com papel de parede escolhido por Susannah.

Angel fora deixada no seu antigo quarto, com vista para o parque de veados e uma particularmente linda e velha magnólia do lado de fora da janela. As folhas semelhantes a couro batiam contra a sua janela à noite, quando o vento agitava os galhos, as flores com cheiro a limão pareciam capturar os raios lunares e as grandes pétalas brancas refletiam a luz prateada.

Galloway deu-lhe um último empurrão, fazendo com que caísse sobre o tapete.

– Virei mais tarde para tomar o que quero, portanto, não penses que te livras facilmente. Apronta-te, rapariga. Pareces uma criada e sou muito especial quanto às mulheres que levo para a minha cama. – Bateu com a porta e a chave rangeu na fechadura.

Se tivesse algumas dúvidas sobre as suas intenções foram dissipadas pelas últimas palavras. Angel levantou-se com dificuldade, esfregando o braço dorido. Flexionou os dedos e soltou um suspiro de alívio – pelo menos não tinha nada partido. Galloway levava o candeeiro, deixando-a numa escuridão quase total, à parte um raio de luar que se espalhava por uma abertura nos reposteiros. Caminhou lentamente pelo chão e puxou-os para trás, acolhendo o cenário estrelado como um velho amigo. Noite após noite, quando era muito jovem, sentara-se no assento da janela, contemplando a vista tornada misteriosa e mística sob o luar. No verão tinha inalado o cheiro a rosas e madressilvas e a brisa sussurrante acariciara-lhe as faces quentes. Os latidos distantes de uma raposa e os gritos de corujas de celeiro chamando os seus companheiros misturavam-se com o som do riacho enquanto fluía sobre pedras e seixos na sua jornada para se fundir com o rio Lea.

No começo, sentira saudades da cidade com o seu barulho e a agitação, mas, aos poucos, apaixonara-se por Grantley com todos os seus estados de espírito e estações e aceitou-o como a sua casa. Apesar das ameaças de Galloway, sentia-se segura num ambiente familiar, embora as capas de proteção sobre os móveis acentuassem a sensação de que estava no meio de um pesadelo e que, a qualquer momento, poderia acordar para se encontrar na cama de dossel em Naked Boy Court.

Então, um calafrio percorreu-lhe a espinha quando se lembrou do olhar no rosto de Galloway e do frio intencional de aço nos seus olhos. O homem gentil que costumava dar-lhe doces quando ela era criança tinha mudado de forma irreconhecível e suspeitava que ele estava à beira da loucura. Estendera a armadilha como uma aranha tece a sua teia e ela caíra nela. Agora tinha de pensar numa maneira de escapar, mas, quando abriu a janela, um vento frio transformou-lhe o cabelo num emaranhado em torno do rosto e provocou-lhe tremores. Ao olhar para baixo, percebeu que era uma longa queda no caminho de cascalho lá em baixo. O tronco robusto da magnólia estava fora de alcance e qualquer tentativa para lhe chegar levaria quase inevitavelmente ao desastre. Seria inútil gritar por socorro, pois os estábulos estavam longe de mais para alguém ouvir e as únicas coisas vivas suficientemente perto para prestar atenção eram os cervos a pastar no parque. Manteve-se sentada, praticamente imóvel, enquanto lutava para pensar numa maneira de escapar ao maníaco que revelara as suas intenções transparentes como cristal. O tempo deixou de ter algum significado enquanto raciocinava, mas estava desesperada e gelada até aos ossos. Ia a fechar a janela quando ouviu passos a aproximar-se cada vez mais.

Angel levantou-se de um salto, procurando uma arma de qualquer tipo que pudesse usar contra um homem bêbado com intenção de estupro e a única coisa que lhe veio à mão foi o jarro do lavatório. Pegou-lhe e deslocou-se rapidamente para ficar atrás da porta, com o braço levantado, pronta para

atacar. A maçaneta rodou como se estivessem a experimentar a porta e alguém chamava pelo seu nome. A respiração morreu-lhe na garganta quando reconheceu a voz de Danny.

– Danny, estou trancada.

– Não tenho a chave. Vou ter de a deitar abaixo. Afasta-te da porta, Angel.

Ela moveu-se para uma distância segura enquanto a porta tremia nas dobradiças, porém, a primeira e a segunda tentativa falharam, mas em seguida um terceiro golpe estilhaçou a madeira e a porta caiu no chão com um enorme estrondo. Danny entrou cambaleante no quarto, parando quando a envolveu nos braços.

– Estás bem? Ele magoou-te?

Angel recuou, presa entre lágrimas e risos.

– Estou tão feliz por te ver. Como sabias que estava aqui?

– O pobre e velho *Dash* não está à altura dos cavalos de Westwood. – Arrastava-se com o seu ritmo normal quando avistámos a carruagem com o eixo partido. Vi as luzes do lado de fora de Grantley e soube imediatamente que algo estava errado. De qualquer maneira, as explicações ficam para mais tarde. Vou tirar-te daqui. Russell já terá atrelado o cavalo à carruagem e vai levar-te de regresso a Ludgate Hill.

– Mas e Galloway? – O peso da sua situação dominou-a e começou a tremer incontrolavelmente. – Ele fez ameaças terríveis e acredito que é capaz de qualquer coisa. O que lhe fizeste?

Danny deu-lhe um abraço reconfortante.

– Não vim sozinho. Trubshawe e Russell acompanharam-me. Digamos que Galloway estava em desvantagem. Ele não vai a lugar algum além da prisão da aldeia. Russell mandou um dos seus rapazes chamar a polícia local e, amanhã, Mister Galloway vai encontrar-se diante do juiz. Não me parece que consiga safar-se.

– E o magistrado é eventualmente Sir Eugene – disse Angel com um sorriso malicioso. – Ele sabe tudo sobre Galloway e os seus métodos distorcidos. Desta vez, foi longe de mais. – Esticou-se para beijar a face de Danny.

– Obrigada. Devo-te a vida. Penso que me mataria se tivesse resistido, mas eu não iria desistir sem lutar.

– Ele será enviado para julgamento nos tribunais de assis³², sem dúvida, e quero estar lá para ver o vilão condenado. – Danny afastou uma madeixa de cabelo da testa de Angel. – Agora não penses mais nele. Tenta esquecer o que aconteceu hoje à noite.

– Só quero sair daqui, Danny.

– Levava-te para casa comigo, mas acho que ficarias melhor com a Lil para cuidar de ti. Estarei a trabalhar na banca do mercado durante o resto da semana. A lavanda seca dá-se bem no inverno e dentro de algumas semanas será azevinho e visco.

Ela esticou-se para lhe roçar a face com um beijo.

– Como te disse antes, há muito disso a crescer nas árvores de fruto do pomar e Grantley ainda é propriedade dos Devane. Colheremos o que quisermos e venderemos como fizemos antes. O Natal está à porta, as coisas devem melhorar.

– Sempre otimista. – Ele enfiou-lhe a mão na dobra do braço. – Vou levar-te para casa. Ficarei aqui até que o agente prenda Galloway. Não confio em que o sujeito não tente fugir.

Angel não queria ver Galloway, embora aparentemente ele estivesse de mãos e pés atados e a ser vigiado de perto por Trubshawe. Danny colocou-a no cabriolé e envolveu-a no cobertor da caleche

dos Westwood com a ternura de uma ama. Russell puxou as rédeas e o cavalo avançou a trote. Angel virou-se e acenou para Danny e depois recostou-se contra as almofadas, exausta e aliviada por ter escapado a uma terrível provação. Nunca seria capaz de compensar Danny pelo que ele fizera – era um verdadeiro amigo. Fechou os olhos e permitiu-se cair num sono profundo e sem sonhos.

O barulho da cidade era tumultuoso após a paz e a tranquilidade do campo e Angel acordou quando o cabriolé seguia pela Ludgate Street, na direção de Ludgate Hill. Russell parou o cavalo na entrada de Naked Boy Court e desceu para ajudar Angel a apear-se.

– Sente-se bem, Miss Angel? – perguntou ansiosamente. – Esse sujeito não a magoou, pois não?

Ignorando a dor do braço com a nódoa negra, Angel sacudiu a cabeça.

– Não, e devo-lhe agradecimentos e a Trubshawe.

– Vou deixá-la aqui, *miss*. Sente-se capaz de caminhar sozinha por aquele beco escuro?

– Ficarei bem, obrigada, Russell. Estou acostumada às ruas de Londres, portanto, não se preocupe comigo e obrigada por me trazer a casa.

Ele levou a mão ao chapéu e voltou a subir para o cabriolé.

– Vou esperar aqui um pouco, caso precise de mim, *miss*.

Angel sorriu e acenou com a cabeça. O beco escuro e húmido não a assustava. O que acabara de passar tinha sido muito mais terrível, e entrou na Naked Boy Court ansiosa para chegar a casa e em segurança. Ao erguer o trinco no alto portão de madeira, lembrou-se do primeiro dia em que escapara dos rapazes que a atormentavam e vira Sir Adolphus no pátio, a dar comida aos cães. Conseguia ouvir *Thor* a latir, com *Juno* a juntar-se a ele, e era o som mais acolhedor do mundo. Quase imediatamente a porta da frente abriu-se, enviando um feixe de luz de gás para os paralelepípedos e Angel caminhou para os braços abertos de Lil.

– Esperaste por mim. Não deverias.

– Deveria mas era dar-te um soco nos ouvidos por vires tão tarde e pregar-nos a todos um susto de morte – disse Lil, irritada, mas tinha os olhos húmidos quando abraçou Angel. – Entra e vem aquecer-te. Onde estiveste todo este tempo?

Angel inclinou-se para acariciar os dois cães, que lhe roçaram as mãos com os focinhos, fitando-a com olhos brilhantes num acolhimento mudo.

– É uma longa história. Adoraria uma chávena de chá, Lil.

– Cook e Baines estão à espera na cozinha e a chaleira está no fogão há tanto tempo que provavelmente a água secou.

Angel ignorou o tom irritado de Lil, sabendo que a sua agitação era causada por preocupação e não por raiva. O calor da cozinha envolveu-a quando entrou e foi recebida por rostos sorridentes. Até Baines conseguiu moldar os traços rugosos ao esboço de um sorriso.

– Senta-te, Angel – disse Lil num tom suave. – Tens alguém à tua espera.

³² Os tribunais de assis, ou assistros, foram tribunais periódicos realizados em toda a Inglaterra e País de Gales até 1972, quando, em conjunto com as sessões dos quartéis, foram abolidos pelo Ato dos Tribunais de 1971 e substituídos por um único mandato permanente. (*N. da T.*)

Capítulo Vinte

Angel virou-se e viu Hector parado no umbral. Surpresa, cansaço e um misto de emoções transformaram-na em pedra, e não conseguia mexer um músculo.

– O que te deu, Angel? – replicou Lil. – É o capitão Devane. Apareceu do nada esta manhã. Não estás contente?

Hector deu um passo à frente, pegou na mão de Angel e levou-a aos lábios.

– Lamento. Foi injusto fazer-te isto. – Observou-lhe o rosto, franzindo a testa. – Pareces cansada e estás muito pálida. Sentes-te doente?

Todos olhavam para ela, enquanto Angel lutava para encontrar as palavras certas.

– Hector. Eu... – Engoliu convulsivamente em seco. – Que surpresa fantástica.

A tensão na sala diminuiu e de repente todos falavam ao mesmo tempo. Hector puxou uma cadeira.

– Senta-te, Angel. Pareces realmente esgotada. – Virou-se para Lil, que tinha pegado na chaleira e estava a encher o bule de chá. – Um pouco de conhaque pode ajudar.

Baines levantou-se.

– Vou buscar a garrafa, capitão – desapareceu na despensa.

– Velho diabo manhoso – disse Cook com raiva. – Esconde-a num lugar diferente sempre que bebe um gole. Até parece que não confia em nós.

– Não confio mesmo, e é essa a verdade. – Baines emergiu da copa com uma garrafa agarrada junto ao peito. – Marquei o nível para saber se alguém tem andado a bebericar. O dinheiro saiu do meu bolso, portanto não me olhe com raiva, Eudora Jones. Pode ter sido a rainha da cozinha de Grantley, mas aqui é uma convidada, e não se esqueça disso. – Tirou a rolha e pôs o conhaque na mesa. – Pode servir-se, obviamente, capitão.

Recuperando do choque, Angel sorriu.

– Nada muda, mas é bom ter-te, Hector. Como sabias que estávamos aqui e não em Grantley?

– Desembarquei do navio de transporte de tropas hoje de manhã e parei para deixar o baú da campanha do tio Dolph com Baines. – Deitou no copo um pouco de conhaque e entregou-lho. – O coronel foi enterrado com todas as honras militares.

– Não esperaria menos, capitão. – Baines levantou o copo num brinde antes de engolir a bebida de um trago. – Está a ficar tarde, e vou levar os cães a passear, se me der licença, capitão. – Levantou-se e os cães ergueram-se do chão, fitando-o com expectativa. Ante um único comando, seguiram-no para fora da sala.

– Então compreendes as razões de estarmos aqui – disse Angel lentamente. – Sabes, é claro, que estamos em grande risco de perder Grantley.

Hector assentiu.

– Teria voltado para casa mais cedo se fosse possível, mas estou aqui agora e as coisas vão mudar.

– Galloway é um bandido ainda mais perigoso do que julgávamos, Hector – prosseguiu Angel. – Difícilmente acreditarás quando te contar toda a sua maldade, e tencionava arruinar-me a vida.

– Espero que enforcem o velho filho da mãe. – Lil lançou um olhar cauteloso na direção de Cook.

– E não estou a desculpar-me pela minha linguagem.

Cook abanou a cabeça.

– Normalmente, não tolero o uso de palavrões, mas neste caso acho que tens desculpa.

Os lábios de Hector contraíram-se enquanto trocava olhares divertidos com Angel.

– Julgo que todos partilhamos a sua antipatia pelo homem, Miss Heavitree.

– Se conseguisse tratar-me por Lil, isso agradava-me muito, capitão. – Lil olhou para ele com expectativa. – Mesmo.

– Bem, Lil, teria muito prazer. Sei o quanto é importante para Angel. – Hector virou-se para Cook com um sorriso de desculpas. – Você também, Cook. Mas faz parte da família desde que me lembro.

– Costumava gostar do meu bolo de chocolate, capitão. Se conseguir habituar-me a esse pedaço de ferrugem antiquado que Baines usa para aquecer a sua comida, faço-lhe um de propósito.

– Estou ansioso por isso – disse Hector, a sorrir. – Vamos recuperar Grantley, prometo, e amanhã irei visitar Quelch, que era o advogado do meu pai e sócio sénior da empresa até se aposentar. Ele ficaria furioso se soubesse o que Galloway andava a fazer desde que assumiu o cargo, mas não vai escapar-se por muito mais tempo. Agora estou em casa e mal posso esperar para deitar a mão a esse cavalheiro. – Adicionou um pouco de conhaque ao chá de Angel e passou-lho. – Isso deve ajudar. Podes contar-me tudo quando tiveres descansado.

– Isso é tudo muito bonito, capitão, mas quero saber onde ela esteve o dia todo – disse Lil. – Podia ter-te acontecido alguma coisa, minha menina.

– Haverá tempo para explicações de manhã. – Hector colocou a mão no ombro de Angel. – Uma boa noite de sono é o que precisas, e depois podes contar-me tudo.

A sua delicadeza e compreensão trouxeram lágrimas aos olhos de Angel e o seu prazer em vê-lo novamente, combinado com os efeitos do conhaque, estava a dificultar a manutenção da sua compostura.

– Não tens de te preocupar com Galloway, ele foi preso. – As palavras saíram-lhe antes que pudesse conter-se.

– Porquê? – perguntou Hector. – Como é que isso aconteceu?

– É uma longa história. Explicarei tudo de manhã, mas posso garantir que vai estar diante de Sir Eugene amanhã, e depois será enviado para julgamento pelos tribunais de assis, foi o que Danny disse.

– Danny? – As sobrancelhas arqueadas de Hector uniram-se sobre a cana do seu nariz aquilino. – Quem é Danny?

Angel suspirou. Não se sentia preparada para um interrogatório.

– Sabes quem é Danny. O pai dele, Joe Wicks, ajudou-me quando eu estava a viver na rua. Já me ouviste falar sobre eles muitas vezes no passado.

– Continuas a ver esse indivíduo? – reagiu Hector bruscamente. – Pensei que tivesses colocado ponto final no teu fascínio pelos comerciantes do mercado.

Espicaçada pela injustiça do seu comentário e pelo tom áspero da sua voz, Angel levantou-se, cambaleando um pouco.

– Eu fazia parte deles, Hector, ou já te esqueceste? Sou uma vulgar vendedora de flores, como a tua mãe e Susannah nunca deixam de me recordar. – Poderia ter escolhido aquele momento para lhe dizer que era uma Montgomerie, e o seu *pedigree* era igual, ou ainda mais ilustre que o de Devane, mas tinha o seu orgulho.

– Desculpa, Angel – Hector estendeu a mão para agarrar na dela, mas a jovem afastou-a.

– Deves desculpar-te, sim. Fomos criados como irmão e irmã, e sabias tudo sobre o meu passado. Então, porquê lançares-mo agora em cara?

Lil e Cook trocaram olhares preocupados.

– Estás exausta, querida – apressou-se Lil a interferir. – Vou encher uma garrafa de pedra com água quente e levá-la para o teu quarto. Porque não vais para a cama e descansas um pouco? O capitão Hector estará aqui de manhã.

– Não sou um bebé, Lil. Obrigada, não preciso de mimos, mas estou cansada, e portanto direi boa noite. – Angel acenou com a cabeça na direção de Hector e saiu apressadamente da sala, conseguindo suster as lágrimas até fechar a porta e rodar a chave na fechadura.

* * *

Ela foi acordada pelo som de alguém a bater levemente à sua porta. No início, pensou que fazia parte do sonho que estava a ter, mas depois a urgência aumentou e sentou-se na cama, afastando as madeixas emaranhadas da testa.

– Entre.

A porta abriu-se e verificou, horrorizada, que foi Hector quem entrou no quarto.

– Sinto muito se te acordei, Angel, mas tenho de sair e queria que falássemos em privado.

Ela puxou a colcha até ao queixo.

– O que é tão importante que não pode esperar até que esteja de pé e vestida? E porque estás de uniforme?

– Na noite passada começámos mal. A culpa foi minha e peço desculpa por ser grosseiro, mas estava cansado e chocado ao ver-te tão em baixo. Estou perdoado?

– Suponho que sim. Tive um dia péssimo e fiquei surpreendida ao ver-te.

Hector empoleirou-se na beira da cama.

– Tens o mesmo ar de quando chegaste a Grantley – comentou ele, sorrindo. – Estavas disposta a enfrentar qualquer um que desafiasse o teu direito de estares lá, e fulminaste-me com o olhar, tal como agora.

O seu sorriso desarmou-a por completo e a raiva que sentira na noite anterior desapareceu como névoa matinal.

– Foste muito injusto com o Danny. Ele fez um esforço tremendo para me ajudar. – Estremeceu com a lembrança do rosto malicioso de Galloway. – Não fazes ideia do que passei ontem.

– Não, mas a Lil contou-me que Galloway estava a portar-se de uma forma incomodativa.

– Poderia dizer-se isso, mas ontem ultrapassou todas as marcas.

– Então fala comigo, Angel. Conta-me tudo e em seguida dou-te as novidades.

Angel inclinou-se para a frente, esquecida da modéstia quando as cobertas deslizaram para revelar a sua camisa de noite de cambraia branca, enfeitada com bordado inglês.

– Tu, primeiro. Não podes deixar-me em *suspense*.

– Está bem. Ganhas como sempre. – Estendeu o braço e agarrou-lhe a mão. – Quando o tio Dolph estava no leito de morte, escreveu um testamento em que cancela o que está na posse do seu advogado. Legou-me Grantley na totalidade, mas legou-te esta casa.

Angel desprendeu a mão.

– Estás a falar a sério?

– Nunca falei tão a sério. Ele gostava muito de ti, e julgo que viu mais do que se passava na casa do que deixava transparecer. Queria que fosses independente e é o motivo por que te deixou esta casa a ti e somente a ti.

– De certeza?

– Tenho o testamento no bolso e vou certificar-me de que passará pelo processo de inventário o mais rapidamente possível.

– A família vai contestar – observou Angel com cautela. – Não ficarão felizes.

– A mamã e a Susannah têm sempre um comentário a fazer sobre tudo, mas acabarão por mudar de ideias. Quanto aos meus irmãos, não gostariam de ficar sobrecarregados com este lugar antigo. Ambos gostam do campo e tenho a certeza de que ficariam felizes por passar o resto das vidas em Grantley.

– Mas, Hector, estás em risco de perder a sua casa. Pensei que tinhas entendido isso. A menos que possas pagar aos credores do tio Dolph, perderás Grantley para sempre.

– Sei disso, e é por esse motivo que a minha segunda missão esta manhã reside em ir falar com os advogados e descobrir exatamente o que se passou de errado. Quero saber porque foi Galloway autorizado a roubar os seus clientes, e colocarei ponto final nas suas artimanhas. Farei o que tiver de fazer, Angel, mas Grantley fica na família.

– Espero que tenhas razão, mas, pelo menos, Galloway está trancado com segurança. Isso deve facilitar as coisas. Mas qual é a tua primeira missão? Não é nada de bom, a julgar pela tua expressão.

– Vou ao The London Hospital visitar o Rupert. Ele foi derrubado do cavalo e ficou gravemente ferido. Não se sabe se voltará a andar.

– Oh, não! Que coisa horrível. Dolly está com ele?

– Todos regressámos a casa pelo *Orontes*³³, Dolly tratou-o dedicadamente na viagem e está com ele agora. Quero ter a certeza de que ambos estão a ser cuidados com o que precisam.

Esquecendo tudo o que não fosse o desejo de ajudar e de apoiar os amigos, Angel atirou as cobertas para trás e balançou as pernas para o lado da cama.

– Desce as escadas e espera por mim, Hector. Estarei pronta num abrir e fechar de olhos. Vou contigo.

Ele fitou-a e levantou-se.

– Muito bem, já vou. Mas apressa-te. Tenho muito que fazer hoje e vou a Grantley para abrir a casa. Ainda não terminámos e ainda não me contaste tudo.

Angel empurrou-o para a porta.

– Conto na carruagem a caminho do hospital. Agora vai, por favor, e deixa-me vestir.

* * *

Rupert estava numa enfermaria lateral com Dolly sentada à cabeceira. A cor afluiu-lhe ao rosto ao ver Angel e levantou-se de um salto.

– Vieste, Angel. Sabia que virias.

Angel abraçou-a carinhosamente.

– É bom voltar a ver-te, Dolly. – Virou-se para Rupert, que estava pálido sob a pele queimada do sol com sombras escuras por baixo dos olhos. – Sinto muito.

– Mas, pelo menos, estou vivo – disse Rupert com uma expressão sombria. – É o que toda a gente me diz, mas já ouvi isso um milhão de vezes. Estão errados, se não puder voltar a andar. Era preferível ter morrido. Para que serve um aleijado?

– Não digas essas coisas – lamuriou-se Dolly, emotivamente.

– Vais sentir-te melhor quando estiveres em casa. – Hector olhou em redor da sala esterilizada com um sorriso irónico. – Os hospitais são locais deprimentes, até mesmo nos melhores momentos.

– É verdade – apressou-se Dolly a concordar. – Boa comida e ar do campo vão fazer maravilhas, Rupert.

Ele virou a cabeça para o outro lado.

– Sabes melhor do que ninguém porque não seríamos bem-vindos em casa. O meu pai pode ter uma nova esposa, mas isso não vai alterar o facto de ter desaprovado o nosso casamento. Não posso fazer-te passar por isso, minha querida. Especialmente agora.

– Estou grávida – referiu Dolly, corando. – É maravilhoso, mas não contámos a mais ninguém. Não sei o que vamos fazer nem para onde iremos.

– Toda a gente gosta de bebés. – Angel expressou-se com mais convicção do que estava a sentir. Podia falar por ela, mas de alguma forma não conseguia imaginar Eloise no papel de avó. A menos, claro, que Susannah fizesse um bom casamento; nesse caso, seria diferente.

– Uma criança precisa de um pai adequado – Rupert levantou o braço para cobrir o rosto. – Estou arrumado, Hector. Sou um maldito inútil.

– Nunca te considereei um covarde – ripostou Hector, irritado.

– Não lhe diga essas coisas. – A linda boca de Dolly curvou-se nos cantos e os olhos encheram-se de lágrimas. – Não podem ver como ele sofre?

– Claro que podemos. – Angel colocou o braço em volta dos ombros de Dolly. – Mas desistir não vai ajudar. – Virou-se para Rupert, encarando-o, zangada. – Hector tem razão. É um homem corajoso, tem uma mulher amorosa e em breve será pai. É sem dúvida alguma necessário, e desistir não vai ajudar ninguém, muito menos as pessoas que realmente o amam.

– Não posso ir assim para casa – murmurou Rupert. – Eu não quero ser alvo de pena.

Dolly lançou-se aos pés da cama e colocou a cabeça ao lado da dele na almofada, e as lágrimas de ambos misturaram-se.

Hector puxou Angel para o lado.

– Eu levava-os para Grantley, mas não ousa arriscar até que o assunto esteja resolvido. Julgo que tenho a resposta, mas ainda não quero dizer nada. – Baixou os olhos para o marido e a esposa unidos na tristeza. – Rupert precisa obviamente de ficar aqui algum tempo, mas é com ela que me preocupo.

– Concordo. – Angel inclinou-se para afastar ternamente o cabelo de Dolly da testa. – Tens de vir para casa comigo. Preciso da tua ajuda para embelezar a casa na Naked Boy Court.

Dolly levantou a cabeça.

– Eu... eu não posso deixar o Rupert sozinho.

– Ele está em boas mãos – garantiu Hector com firmeza. – Terá o melhor tratamento que o dinheiro pode comprar. – Olhou para Angel, encolhendo os ombros. – Sir Eugene tem uma bolsa sem fundo e

vou zelar para que aja corretamente.

– Vá lá, ouviste o que Hector disse, e tens de pensar no teu filho. – Angel ajudou Dolly a levantar-se. – Precisas de tantos cuidados como o Rupert, e terás a Lil, a Cook, bem como eu, e também há Baines. Quando Rupert estiver em condições de deixar o hospital, Baines pode ser a sua ordenança. É um militar dos pés à cabeça, e nada se lhe enquadraria melhor do que ter outro oficial para cuidar.

Dolly conseguiu esboçar um sorriso por entre as lágrimas.

– Tens tudo pensado.

– Cuidaste de mim quando precisei. Unimo-nos nos velhos tempos, Dolly, e é isso que vamos fazer agora. – Deu-lhe uma palmadinha na face. – Podes visitar Rupert quantas vezes quiseres.

– Que tal esta combinação, Rupert? – Hector inclinou-se sobre a cama, baixando a voz. – Desejas o melhor para a tua esposa e o teu filho, certo?

Rupert assentiu.

– Claro. Faz como eles dizem, Dolly. Hector está certo, estou em boas mãos aqui, e deves cuidar de ti e do meu filho.

– Muito bem. – Hector afastou-se para o lado quando a porta se abriu e uma enfermeira entrou na sala, brindando-os com um olhar de desaprovação.

– Conheço as regras, enfermeira. Estamos de saída.

No exterior do hospital, Hector tentou chamar uma carruagem.

– Leva a Dolly para casa, Angel. Tenho negócios na cidade e em seguida vou a Westwood Hall falar com Sir Eugene. Passarei a noite em Grantley.

– Como vais arranjar-te sem pessoal?

Um sorriso curvou os seus lábios sensuais.

– Sou um soldado, acostumado a acampar em qualquer lugar. Tenho a certeza de que posso sair-me bem na minha própria casa.

– Informas-me sobre o que acontecer com o advogado, não é verdade?

– Não te preocupes. Vou manter-te informada sobre todos os meus movimentos. – Conseguiu atrair a atenção de um cocheiro e deu um passo à frente para ajudar Dolly a entrar no cabriolé, mas, quando chegou a vez de Angel, os dedos de Hector entrelaçaram-se nos dela e agarrou-lhe a mão mais tempo do que o estritamente necessário. – Mantiveste a minha família unida, Angel. Não poderia ter tido uma irmã melhor, e nunca conseguirei agradecer-te o suficiente pelo que tentaste fazer.

Angel subiu para o cabriolé e acomodou-se ao lado de Dolly, mas ainda podia ouvir a voz de Hector, a agradecer-lhe pelo que fizera por amor pela sua casa e família adotiva, e podia sentir o calor do firme aperto quando lhe segurou a mão.

– Não me agrada deixar Rupert sozinho no hospital. – A voz de Dolly intrometeu-se nos pensamentos de Angel, trazendo-a rapidamente de volta aos solavancos e ao fedor que reinava dentro do veículo.

– Ele vai ser bem tratado – respondeu Angel automaticamente. – Podes visitá-lo todos os dias, mas, mais importante ainda, é cuidarmos de ti e do teu filho e herdeiro.

– Pode ser uma menina. – Dolly recostou-se nos assentos de couro surrado, com uma expressão sonhadora no rosto. – Seria ótimo ter uma filha, mas venha o que vier. – Deixou de sorrir e inclinou-se para a frente, agarrando a mão de Angel. – O que será de nós? Rupert pode nunca mais voltar a andar e como vamos viver se Sir Eugene não nos aceitar, ou se cortar a mesada de Rupert? Podíamos

ter-nos governado muito bem com o seu salário do exército, mas foi interrompido e não posso sustentar-nos a vender flores. Pode significar a casa de trabalho.

– Para com isso, Dolly. Tenho a certeza de que Sir Eugene acabará por mudar de ideias, e até lá terás sempre uma casa comigo em Naked Boy Court. O tio Dolph deixou-me a casa no seu testamento. Ainda me custa acreditar, mas é verdade e tem tamanho suficiente para todos nós. Só precisa de alguém que goste dela e a transforme num verdadeiro lar.

– Falas mesmo a sério, Angel?

– Podemos não ser parentes, mas amo-te como a uma irmã. – Uma visão repentina do rosto de Belinda trouxe Angel de volta ao mundo real. – Tenho muita coisa para te contar, Dolly. Descobri quem sou realmente.

Dolly encolheu-se no canto do assento, olhando para Angel com uma preocupação genuína.

– Isso significa que serás diferente a partir de agora? Quem és tu?

– Sou a mesma pessoa que sempre fui, pateta. Foi Galloway, o advogado desonesto, que me contou a história. Espera até saberes tudo o que aconteceu desde que te foste embora.

– Fazes com que tudo pareça tão excitante. Senti a tua falta, Angel. As outras mulheres dos militares eram bastante simpáticas, mas tinha a sensação de que as esposas dos oficiais me olhavam de cima e as seguidoras do acampamento assustavam-me de morte. Eram ainda mais duras que Lil, e isso já é dizer alguma coisa.

Angel riu ao pensar em mulheres que eram mais corpulentas e mais fortes do que Lumpy Lil Heavitree.

– Poria Lil contra elas sem hesitar. Mas estamos quase em casa, e as minhas novidades terão de esperar até nos enfiarmos na cama. Podes partilhar o meu quarto até prepararmos um para ti. Será como nos velhos tempos, trocando histórias e conversando metade da noite.

* * *

Hector regressou mais tarde naquele dia e encontrou Angel na sala de visitas, enrolada num dos grandes aventais de Lil e com um lenço amarrado na cabeça. Equilibrava-se precariamente numa cadeira enquanto tentava remover teias de aranha da cornija.

– Julguei que ias passar a noite em Grantley, Hector.

– Só vim buscar algumas coisas de que preciso para me aguentar – respondeu alegremente. – Estás bem aí, Angel? Pareces prestes a cair. – Levantou o braço. – Desce antes que partas o pescoço. De qualquer maneira, era a Lil que deveria estar a fazer isso, não tu.

Angel desceu sem precisar da sua ajuda, embora a tentação de lhe saltar para os braços quase tivesse levado a melhor. Ainda tinha bem fresca na memória a lembrança da sua recente despedida, mas tais pensamentos só levariam a um coração partido. Hector precisaria de pensar cuidadosamente antes de escolher uma esposa, e o casamento com uma herdeira garantiria o futuro de Grantley para sempre. Sacudiu a poeira das saias, evitando fitá-lo nos olhos.

– Mandei-a ao mercado e Dolly está a ajudar a Cook a preparar o jantar. Tens de ir já? São uns bons doze quilómetros até Grantley e podias partir de manhã cedo.

– Não vou deixar Grantley desocupado por mais tempo. Aluguei um cavalo dos estábulos por isso não demorarei muito.

– Chegaste a alguma conclusão com o advogado?

– Quelch disse que, como Galloway estava a agir contra os nossos interesses, o acordo em que ele entrou não é vinculativo, mas é uma pena que o tio Dolph tenha optado por pedir um empréstimo a uma firma cujo único interesse é adquirir terras para construir. Não desistirão facilmente.

– O advogado de Sir Eugene disse que parte de Grantley é terra comum e tem de ser mantida como tal.

– Isso é interessante. Vou questioná-lo a esse respeito quando visitar Westwood. Preciso de ver a minha mãe e a minha irmã e pretendo apresentar o caso de Rupert ao pai, o que significa que tenho muito a realizar em tão pouco tempo quanto possível.

– Só tens, por conseguinte, uma licença curta?

– Demiti-me da minha comissão, Angel. Quando o tio Dolph estava a morrer, implorou-me que deixasse o exército e me concentrasse em Grantley. Disse que se arrependia da sua atitude arrogante em relação à propriedade e às pessoas que dependem dela para sobreviver, e queria que eu compensasse a sua negligência.

– Essa é uma responsabilidade pesada para colocar nos teus ombros, Hector. Tens a certeza de que é o que desejas?

Ele fixou o seu olhar ansioso com um sorriso que lhe derreteu o coração.

– Se me tivesses perguntado isso há alguns anos, responderia de forma diferente, mas agora é o que mais desejo no mundo. Já vi guerra e destruição suficientes para saber que não estava preparado para pertencer ao exército. Grantley e a terra em redor significam cada vez mais para mim. Não posso imaginar nenhum dos meus irmãos a trabalhar para devolver a propriedade aos seus dias gloriosos.

– Palavras muito bonitas, mas, primeiro, terás de arranjar o dinheiro. Talvez devesse considerar casar com uma herdeira?

– Quem sabe? – fitou-a com um olhar malicioso. – Tens alguém em mente?

– Não sou casamenteira. Talvez devas consultar a tua mãe. Tenho a certeza de que a tia Eloise tem uma lista completa de jovens elegíveis em fila para ti.

Hector riu e tirou-lhe uma teia de aranha da testa com a ponta do indicador.

– Ora, porque não pensei nisso? Mas talvez tenha outros planos.

O simples toque da mão dele bastou para lhe revolver os sentidos, porém lutou contra as emoções que ameaçavam invadi-la. Hector fora o seu herói de infância, mas tinha a certeza de que o seu amor por Grantley era mais profundo do que ele imaginava. Se casar com uma mulher rica assegurasse o futuro da propriedade, não teria outra escolha além de seguir a tradição que tinha mantido a propriedade na família durante séculos.

– É melhor ires agora – apressou-se a dizer. – Queres chegar lá antes do anoitecer. A estrada através dos pântanos é traiçoeira nesta época do ano, como sabes.

O seu sorriso desapareceu.

– Tens razão, claro. Voltarei assim que puder.

– Boa sorte – desejou Angel num fio de voz, enquanto a porta se fechava atrás dele. A sala pareceu repentinamente fria e vazia sem a sua presença e ela estremeceu. Estava a mandá-lo para a guerra, mas não aquela que se perderia ou ganharia no campo de batalha. Ele tinha de lutar para manter o seu direito de primogenitura e seria obrigado a enfrentar a mãe. A tia Eloise era uma mulher determinada e Angel suspeitava que há muito tempo que escolhera uma noiva adequada para o seu filho mais velho, e não seria uma enjeitada sem dinheiro, mas não era essa a totalidade das suas preocupações. O tio Dolph deixara-lhe a sua casa em Londres, mas sem um rendimento estável seria impossível

mantê-la. Dolly prometera pagar o seu sustento e Baines tinha a sua pensão do exército, no entanto, Angel, Cook e Lil não possuíam meios de sobrevivência nem salários. A euforia inicial de Angel desaparecia a cada minuto. Teria de encontrar trabalho ou os medos de Dolly poderiam concretizar-se – a sombra da casa de trabalho era ainda muito real.

33 Orontes – um rio no Sul da Ásia, nascendo no Líbano e fluindo para norte através da Síria até à Turquia. (*N. da T.*)

Capítulo Vinte e Um

A velha casa de Naked Boy Court ecoava com o som das vozes das mulheres enquanto trabalhavam de sala em sala, espanando, varrendo, esfregando o chão e polindo. O cheiro a cera de abelha, aguarrás e óleo de lavanda fluía pela casa, juntamente com o cheiro de sabão de soda cáustica que Lil preparou em cima de um braseiro no quintal das traseiras. Reposteiros foram lavados e postos a secar, embora alguns deles se tivessem desfeito antes de chegar a essa fase; outros estavam tão comidos pelas traças que tiveram de ser arrancados e usados como trapos. As janelas foram limpas com vinagre e água, os sótãos foram invadidos e tudo o que pôde ser levado para a loja de móveis de segunda mão em Blue Boar Court foi retirado. Dolly fez o possível para ajudar, mas passava a maior parte do dia no hospital, regressando a casa pálida e exausta após os seus esforços para afastar Rupert de um fosso de desalento.

Os dias estavam a ficar mais curtos e ainda não havia notícias de Hector. Então, num dia terrivelmente frio de novembro, Rupert teve alta do hospital. Recebera instruções estritas para descansar e recuperar forças. Baines transportou-o do cabriolé para a sala de estar, onde Angel usara parte do seu suprimento de carvão para acender a lareira, e pousaram Rupert o mais confortável possível no sofá de crina de cavalo. Ele estava pálido e cansado após a jornada acidentada do hospital e deixaram-no a repousar.

– Os médicos dizem que ele não deve abusar das forças – sussurrou Dolly enquanto seguia Angel até à cozinha. – Mas ele precisa do ar fresco do campo e de boa comida. Não estou a ser ingrata, Angel, mas deveria estar em casa, onde pode ser adequadamente cuidado.

– Concorde. – Angel hesitou do lado de fora da porta da cozinha. – Mas não digas nada aos outros; isso só os fará sentirem-se desconfortáveis. Trabalharam muito para preparar o teu regresso a casa.

Dolly assentiu com lágrimas nos olhos.

– Eu sei, e estou mesmo grata, mas Sir Eugene pode fazer com que Rupert receba os melhores médicos e remédios. Mesmo que eu tenha de ficar aqui, quero que Rupert vá para casa.

– Isso é ridículo, Dolly. És mulher dele e a mãe do seu filho. Agora fazes parte da família Westwood.

– Não penso que Sir Eugene vá concordar e, quanto a Lady Westwood, sabes como ela é. Irá ver-me sempre como uma criada.

Angel não podia argumentar contra isso, mesmo que a magoasse admitir que Dolly tinha razão. Eloise Westwood era uma mulher dura e tinha ideias fixas.

– Vejo que tens algo em mente, Dolly. Há algo que possa fazer para ajudar?

– Gostaria que fosses a Westwood e falasses com Sir Eugene. Para lhe dizeres como o Rupert está mal e pedires que ajude o filho. Implora-lhe de joelhos, se necessário.

– Está bem, mas, por favor, não te enerves. Pensa no bebé e tenta não te preocupares.

Os olhos de Dolly iluminaram-se.

- Irás fazer isso? Irás hoje?
 - Sim. Não posso prometer nada, mas darei o meu melhor.
 - És uma amiga de verdade e adoro-te. – Dolly ia a abraçá-la, porém agarrou-se à barriga.
 - O que se passa? – perguntou Angel ansiosamente, mas o rosto de Dolly esboçou um sorriso.
 - O meu filho deu-me um pontapé. É um pequeno lutador a sério, Angel. Será o orgulho do pai.
 - Para o bem deles cuida de ti. Vou preparar um saco, mas a maneira mais rápida de chegar a Leyton é de comboio e não tenho dinheiro suficiente para o bilhete.
- Dolly abriu a bolsa de onde tirou um saquinho.
- O Rupert queria que ficasses com isso. Usa-o como achares melhor. – Colocou algumas moedas na mão estendida de Angel.
 - Não te preocupes. Farei tudo o que puder.

* * *

Era o começo da tarde quando Angel desceu do comboio na estação de Lea Bridge. Low Leyton Marsh³⁴ estava branco devido à geada e nuvens cinzentas ameaçavam chuva pesada ou mesmo neve; estava sem dúvida bastante frio. Angel enrolou o cachecol de lã em volta do pescoço, pegou no saco e começou a caminhar pela estrada que levava a Westwood Hall. Um vento cortante arrancou-lhe o gorro e roçou-lhe duramente as faces, enchendo-lhe os olhos de lágrimas, mas baixou a cabeça e prosseguiu o seu caminho.

Ao aproximar-se de Grantley, os primeiros flocos de neve começaram a cair de um céu de chumbo e hesitou, interrogando-se sobre se deveria passar primeiro pela casa, na esperança de ver Hector. Ele tinha partido há alguns dias e ela estava a sentir-se ansiosa. Os portões de ferro forjado ornamentados estavam trancados, mas a entrada lateral estava aberta e ela entrou. A relva verde do parque dos cervos desaparecia sob a neve, que se instalava rapidamente, mas a casa parecia estar fechada e não havia sinal de vida.

Subiu pelo acesso da carruagem, bateu à porta, mas não obteve resposta e recuou, dirigindo-se ao estábulo. Os cheiros e os sons familiares eram um consolo e asseguravam-lhe que, pelo menos, uma parte de Grantley ainda existia. Lembrou-se de uma época em que as baias estavam cheias de cavalos, e a família empregara cavaleiros e moços, bem como Russell e um cocheiro. As cavaleiras sempre tinham sido uma colmeia de atividade, mas agora estavam estranhamente silenciosas, além do relinchar de um dos dois cavalos restantes. Então, quando parou, julgou que ouvia alguém a movimentar-se.

– Está alguém aí? – A sua voz ecoou estranhamente ao redor do pátio do estábulo e uma cabeça espreitou de uma das baias. Reconheceu Parry, um rapaz da aldeia que estava a treinar para ser cavaleiro.

– Miss Angel? – perguntou, estreitando os olhos para se proteger da neve.

– Sim, Parry. Estou à procura do capitão Hector. Viste-o recentemente?

– Não, *miss*. Ele veio aqui há um bocado, mas não ficou muito tempo. – Apontou a cabeça na direção da cocheira. – Mister Russell está em casa, *miss*. Ele pode saber mais.

– Obrigada, Parry. – Angel dirigiu-se às traseiras do edifício e à casinha onde esperava encontrar Russell.

Mrs. Russell abriu a porta e ficou boquiaberta.

– Oh, Miss Angel, o que está a fazer cá fora e com este tempo? Entre, minha querida.

Prissy Russell tinha sido uma das favoritas de Angel quando estava a crescer em Grantley. Nos primeiros dias, quando se sentira perdida e solitária, sobretudo quando Susannah tinha sido maldosa, Angel dirigira-se aos estábulos e Prissy acolhera-a muitas vezes e permitira que a ajudasse a amassar quando cozia pão, ou a descascar cenouras e batatas quando fazia um guisado. Sem filhos, Prissy Russell adorava crianças e Angel sempre tivera a certeza de ser bem-vinda. Prima em segundo grau de Miss Creedy dos correios, Prissy era o oposto dela. Não sabia tocar órgão, mas tinha uma bela voz de contralto e, quando cantava, toda a congregação se calava e ouvia num silêncio extasiado. Cantava frequentemente enquanto trabalhava e tinha encorajado Angel a participar no coro de canções populares, incentivando-a a cantarolar a música, mesmo que não soubesse as palavras.

– Não posso ficar muito tempo – disse Angel quando transpôs o umbral e passou para a sala principal e a cozinha. – Estou a caminho de Westwood Hall, mas queria ver o capitão Hector. Julguei que ele tinha voltado a Grantley.

– Sente-se um bocado junto à lareira e seque as roupas. Está roxa de frio, minha querida.

Angel tirou as luvas e o cachecol e pendurou-os sobre a grade de latão do fogão.

– O capitão Hector? Viu-o recentemente?

– Esteve aqui ontem, mas depois foi-se embora. Não sabemos o que se está a passar ou se poderemos ficar aqui. É muito preocupante e o meu pobre marido quase não consegue dormir. Dá voltas na cama e levanta-se, depois anda pelo quarto, e também me mantém acordada. Sabe alguma coisa, Miss Angel?

– Gostaria de saber, Mistress Russell. – Angel levantou-se da cadeira; se ficasse mais um momento, não iria querer sair e encarar a longa caminhada na neve. – Estou a caminho de Westwood Hall e, se souber alguma coisa que possa consolá-la, avisá-la-ei.

– Não vai ficar para uma chávena de chá e uma fatia do meu bolo de sementes? Precisa de algo dentro de si antes de enfrentar o tempo.

– Adoraria, mas tenho de chegar lá antes do anoitecer.

Prissy pegou no bule de chá.

– Russell irá levá-la na carruagem. É o trabalho dele, *miss*. Deve permitir que o faça.

Angel sentou-se novamente. Sabia quando era vencida e adorava o bolo de sementes de Prissy.

* * *

Angel desceu da carruagem.

– Obrigada, Russell. Informo-o logo se descobrir o que se está a passar com Grantley.

Ele levou a mão ao chapéu.

– Obrigado, Miss Angel. Estou muito ansioso, como deve compreender. Ficaremos sem teto se quem comprar a propriedade nos puser na rua.

– Darei o meu melhor para evitar que isso aconteça.

– Esperarei por si aqui, *miss*.

– Não posso pedir-lhe que o faça, Russell. Talvez demore muito tempo, dependendo do que Sir Eugene tem a dizer e se o capitão Hector estiver aqui.

– Mande-me recado se for convidada para ficar, *miss*. Vou esperar para o caso de querer voltar para Grantley.

Angel virou-se, viu a silhueta do lacaios na entrada e subiu apressadamente os degraus. Se James ficou surpreendido ao vê-la, estava muito bem exercitado para não fazer qualquer comentário.

– Preciso de falar com Sir Eugene imediatamente e em particular – disse Angel, com firmeza.

– Julgo que ele está na biblioteca, Miss Winter. Lady Westwood está na sala de estar com Miss Susannah.

– Obrigada, mas gostaria de falar com Sir Eugene.

James estalou os dedos e uma criada correu para pegar na capa húmida e no gorro de Angel.

– Por favor, espere aqui, Miss Winter. – Afastou-se em passos lentos e voltou minutos depois com um vagar igualmente irritante.

– Siga-me, por favor.

Angel não podia esperar nem mais um momento para apresentar o caso de Rupert e de Dolly a Sir Eugene, e seguiu-o de perto enquanto ele a conduzia ao escritório.

Sir Eugene estava sentado junto a uma lareira, lendo um livro, que fechou com um estalido e pousou na mesa baixa à sua frente. O seu sorriso parecia genuíno e fez sinal a Angel para que se sentasse.

– É bom voltar a vê-la, minha querida. James disse que queria falar-me com urgência. Passa-se alguma coisa?

Angel sentou-se, apertando as mãos no colo, numa tentativa para parecer tranquila e composta, embora por dentro estivesse a tremer. Tanta coisa dependia do resultado deste encontro.

– Constou-lhe que Rupert ficou gravemente ferido?

– Sim, e fico triste ao ouvir isso.

– Ele recebeu alta do hospital hoje de manhã, e agora está em Naked Boy Court, mas precisa de cuidados e atenção médica adequados, que nós não podemos dar-lhe. – Não adiantava nada insistir na mesma tecla. Tinha de fazê-lo entender.

– Por *nós*, suponho que se refere a si e à criada com quem ele casou contra a minha vontade.

– Dolly já não é uma criada, *sir*. É uma esposa dedicada e em breve será mãe.

– Compreendo.

– Rupert não sabe que vim aqui para defender o caso deles, Sir Eugene. Mas os médicos dizem que é improvável que ele volte a andar. Precisa do apoio da família num momento como este.

Sir Eugene levantou-se e dirigiu-se à janela, ficando de costas para Angel.

– E enfrentou a neve para vir dizer-me isso?

– Fiz o que qualquer amigo faria, dadas as circunstâncias.

– Quando nasce a criança?

Um vislumbre de esperança deu a Angel coragem para continuar.

– Em março ou início de abril. Dolly está bem, mas cansada depois da longa viagem marítima e passa todos os dias à cabeceira de Rupert. Julgo que ele poderia ter desistido se ela não tivesse sido tão dedicada.

Sir Eugene virou-se para ela, com uma expressão séria.

– Mesmo que eu aceitasse a rapariga na minha casa, sei que a minha mulher nunca a reconheceria, e temo que Susannah fizesse o mesmo.

– Blanche pode ter uma opinião diferente.

– Tenho esperanças para a minha filha. Segundo Eloise, há uma forte hipótese de que Blanche se torne dona de Grantley em breve.

Angel fitou-o, demasiado atordoada para falar.

– Pode ficar surpreendida – comentou Eugene num tom casual. – Mas tenho de pensar no futuro da minha filha e é um enlace que aprovaria de todo o coração.

– Hector e Blanche? – A boca de Angel estava seca e as palavras prenderam-se-lhe na garganta.

– Sim, de facto. A união deles agradar-me-ia muito.

– Mas tinha a impressão que Blanche e Percy se entendiam.

– Julgo que cortei esse romance pela raiz. Com o devido respeito, Angel, o seu irmão é um homem perfeito, mas a terra de Grantley é superior à minha e gostaria de ver as nossas duas propriedades unidas pelo casamento.

Angel conteve uma resposta brusca. A ideia era antiquada e estranha.

– Hector está aqui agora? – perguntou, forçando-se a permanecer calma.

– Ele tinha acabado de chegar a Grantley quando recebeu um telegrama, ordenando-lhe que voltasse ao seu regimento.

– Mas disse-me que havia renunciado à sua comissão.

– É verdade, mas aparentemente esta tratou-se de uma intimação que não podia ignorar. Partiu para o Transvaal quase de imediato.

– Não entendo porque não me informou. Tenho imaginado todo o tipo de coisas que poderia tê-lo impedido de regressar a Londres.

Sir Eugene brindou-a com um olhar interrogativo.

– Existe algum entendimento entre si e o Hector? Se é verdade, ele manteve-o em silêncio.

– Não, *sir*. De modo nenhum.

– Fico feliz para seu bem, Angel. Deve compreender que famílias como a nossa fazem coisas bem diferentes daquelas que caracterizam as pessoas mais abaixo na escala social.

– O que está a tentar dizer-me?

– Prometi a Hector que o meu advogado aceitaria o caso de Galloway, que agora está a definhar na prisão, e estará lá por algum tempo. Ofereci-me para pagar a hipoteca na condição de que fosse o meu dote para Blanche. – Ergueu a mão quando Angel abriu a boca para protestar. – Quero a minha filha por perto para ter a certeza de que ela está feliz e bem cuidada.

– Hector concordou com isso? – ripostou Angel contendo as suas emoções. Compreendia o desejo de Hector de manter Grantley a todo custo, mas sacrificar a sua felicidade futura parecia-lhe um preço muito elevado a pagar.

– Respondeu que precisava de tempo para pensar sobre o assunto, mas disse-lhe que Percy Montgomerie é uma visita frequente da casa e não há dúvida de que tem sentimentos por Blanche.

– Talvez Blanche corresponda ao afeto do meu irmão, *sir*. Talvez deva descobrir como ela se sente?

– A minha filha fará o que lhe disserem, e espero que Montgomerie centre as atenções em Susannah. Eloise ficaria muito feliz por ter um genro tão rico.

– Parece que está a vender as jovens ao maior licitante – constatou Angel, irritada.

Sir Eugene olhou para ela sem qualquer emoção.

– Não quero parecer indelicado, Angel, e gosto muito de si, mas não pode esperar-se que alguém com um histórico como o seu entenda a necessidade de manter a tradição e a importância da linhagem.

– A minha mãe provém de uma família respeitável e o meu pai era um Montgomerie. O meu *pedigree*, embora só o tivesse sabido recentemente, é tão bom como o seu ou o de qualquer membro

da família Devane e, tem razão, não entendo como alguém poderia coagir uma filha a um casamento arranjado. Um contrato semelhante, imposto à minha mãe, terminou em tragédia. – Angel levantou-se e dispunha-se a sair da sala quando Sir Eugene a chamou.

– Espere um minuto.

A jovem parou, virando-se lentamente para o encarar.

– Sim?

– Pode dizer a Rupert que ele é bem-vindo aqui, mas, para o bem dela, acho melhor que a esposa permaneça consigo, pelo menos até a criança nascer.

– Para o bem dela? – Angel mal conseguiu repetir as palavras.

– Sabe muito bem o que quero dizer. Julga realmente que a rapariga acharia fácil ou mesmo suportável morar aqui, sabendo que a minha mulher a consideraria um embaraço? A rapariga, se bem me lembro, fala como uma pessoa comum e não sabe comportar-se em sociedade.

– É essa a sua última palavra, Sir Eugene?

– É. Transmita a Rupert essa mensagem e o resto depende dele. Ficaré aqui esta noite, obviamente.

– Russell insistiu em esperar com a carruagem. Acho melhor voltar para Grantley. Obrigada, Sir Eugene. Conseguirei encontrar a saída.

A pedido de Angel, a criada apressou-se a ir buscar a capa e o gorro de Angel. James ficou de pé, olhando em frente, e Angel sabia que tinha ofendido o seu sentido de propriedade, mas isso pouca importância tinha comparativamente à notícia chocante de que Hector poderia estar preparado para casar com Blanche em troca de um belo dote. Nunca teria acreditado que o fizesse, mas ele devia estar desesperado para considerar um tal arranjo. Nem ele nem Blanche mereciam ser presos numa união sem amor, a fim de manter os pais felizes, e caso Percy realmente se tivesse apaixonado pela única filha de Sir Eugene, isso significaria que outro coração seria quebrado. Angel desceu apressadamente os degraus, envolvendo o pescoço com o cachecol húmido, e subiu para a carruagem antes que Russell tivesse hipótese de descer para a ajudar.

– Siga em frente – disse bruscamente. – Vou passar a noite em Grantley.

– Será mais que bem-vinda à nossa cabana se quiser ficar com Mistress Russell e comigo – disse ele rispidamente. – Sei que não é ao que está habituada, mas a casa está trancada.

– Obrigada, Russell. Agradeço a oferta, mas quero ter a certeza de que tudo está como deveria ser e amanhã precisarei da carruagem para me levar a Londres.

* * *

Russell destrancou a porta que levava ao *hall* de entrada de Grantley. Riscou um fósforo e acendeu o candeeiro a petróleo que era usado para receber os convidados quando chegavam depois do escurecer.

– Tem a certeza de que quer ficar aqui sozinha, Miss Angel?

– Se há fantasmas em Grantley são amigáveis – respondeu Angel, sorrindo. – Nunca senti medo nesta casa.

– Não devíamos estar aqui. – Russell olhou em volta, ansioso, como se esperasse ser preso por transgressão a qualquer momento.

Não se preocupe com isso – tranquilizou-o Angel. – Tenho um plano e, amanhã, se o tempo permitir, vou a Londres, mas voltarei mais tarde com Dolly e os outros. Além disso, enviarei telegramas para os rapazes voltarem a casa no Natal. Ainda não estamos derrotados, Russell.

– *Miss*, digo-lhe uma coisa. Vou buscar os cães. Eles fazem-lhe companhia hoje à noite.

– Obrigada, isso é muito atencioso da sua parte. – Angel deu uma volta pela casa, acendendo velas enquanto esperava o regresso de Russell com *Thor* e *Juno*. Pairava um cheiro a humidade e a mofo e o frio era intenso, mas Angel estava decidida a passar ali a noite. Era mais um desafio do que qualquer outra coisa, e uma maneira de reivindicar a propriedade que pertencia à família Devane, mas havia fantasmas dela a vencer e não estavam ligados a antepassados mortos há muito tempo. O ataque de Galloway à sua pessoa ainda era muito real, e o odor rançoso a suor e álcool que o envolvia numa névoa fedorenta ainda pairava no ar. Galloway estava encarcerado na prisão, mas ela precisava libertar-se da memória daquela noite e dos horrores com que a ameaçara.

A sua infância feliz terminara quando Galloway a separara da tia Cordelia. Imaginava como deveria ter sido a vida da tia quando fora morar com a irmã de Galloway. Talvez isso tivesse conduzido à sua morte prematura? Nunca iria sabê-lo, mas a memória da casa de trabalho ainda estava fresca na sua mente. Os medos e as privações de viver nas ruas selvagens de Seven Dials estavam cravados para sempre no seu coração, e ainda assim isso não bastara ao homem que havia levado a sua mãe ao suicídio. Galloway sempre conhecera a sua identidade, mas guardara esse conhecimento, privando-a do amor de um irmão e de uma irmã, e agora as pessoas que ela tinha vindo a amar podiam perder tudo. Galloway também participara disso. O homem era cruel e Angel precisava dessa longa noite fria para combater os demónios que ele criara.

Virou-se, sobressaltada, quando a porta se abriu e Russell soltou os dois velhos galgos. Ajoelhou-se e envolveu-os num abraço, enquanto eles lhe lambiam o rosto e encostavam o focinho às suas mãos.

– Agora, ficarei bem, Russell. Com dois guarda-costas tão robustos, estarei a salvo até amanhã.

– Se mudar de ideias, ainda está a tempo de vir para a nossa casa, *miss*. Parou de nevar, portanto, com um pouco de sorte, poderei levá-la a Londres amanhã. É melhor trancar a porta quando eu sair, *miss*. Já expulsei intrusos várias vezes desde que a casa estava vazia. As notícias correm. – Ele saiu e Angel trancou a entrada principal.

– Venham comigo – dirigiu-se aos cães. – Vamos para a cozinha e acenderei o lume. Não queremos morrer congelados, certo?

Thor e *Juno* olharam para ela, abanando o rabo.

Só quando conseguiu acender o lume Angel percebeu que não comera desde que tinha provado uma fatia de bolo na cozinha dos Russell, e estava com muita fome. Encheu a chaleira na bomba da copa e colocou-a a aquecer no fogão. Havia um pouco de chá na lata, mas uma busca nos armários revelou-se infrutífera. Cook e Lil tinham sido cuidadosas quando embalaram o conteúdo da despensa, mas, quando já pensava que teria de passar fome o resto da noite, Angel descobriu uma bolsa contendo aveia suficiente para fazer um caldo.

Um estômago cheio e o calor do fogo deu a Angel a coragem de que precisava para examinar o resto da casa e a companhia de *Thor* e *Juno* deixaram-na ainda mais ousada. Percorreu as divisões com o candeeiro na mão. A mobília estava tapada com panos, brilhando misteriosamente à luz fria da Lua, o único som era o da sua própria respiração e a batida leve das patas dos cães no chão de madeira polida. Ocasionalmente, o barulho de roedores atrás dos rodapés levava-a a parar e a segurar o candeeiro mais acima, mas, de contrário, nas divisões lá em baixo reinava um silêncio total. Não encontrou nada de estranho no andar de cima e, tendo explorado os sótãos, voltou ao calor relativo da cozinha, mas desta vez estava munida com cobertores e uma almofada. Instalou-se na

cadeira de baloiço junto ao fogo e estendeu um cobertor no chão de pedra para os cães. Exausta, depois de todo o tumulto físico e emocional, adormeceu.

* * *

Angel foi despertada pelo som de alguém a bater na janela da cozinha. Abriu os olhos e, por um momento, não conseguiu entender porque estivera a dormir numa cadeira ao lado do fogão da cozinha, todavia a visão de Russell parado do lado de fora, na neve, trouxe-a de volta ao presente com todos os problemas em espera. Levantou-se apressadamente e foi abrir a porta das traseiras. *Thor* e *Juno* correram para fora o mais rápido que as patas artríticas lhes permitiam e Russell entrou na copa, parando para tirar a neve das botas antes de segui-la até à cozinha.

– Está bem, *miss*?

Ela sorriu.

– Sinto-me um pouco emperrada por dormir numa cadeira, mas, fora isso, estou perfeitamente.

– A minha Prissy preparou salsichas para o pequeno-almoço e está a fritar ovos. Ficaria muito honrada se partilhasse a nossa refeição. – Olhou para a panela cheia de gordura que Angel tinha deixado no lava-loiça. – Estávamos preocupados que não tivesse jantar.

– Fiz um caldo e tomei chá sem leite, mas adorava partilhar o vosso pequeno-almoço. Estou cheia de fome!

– Então sugiro que vista o casaco e me acompanhe. Só preciso de pôr o arreio no cavalo e podemos partir para a cidade assim que estiver pronta.

Angel hesitou, franzindo a testa.

– Temos outro cavalo de carruagem, não temos?

– Sim, *miss*.

– Hector ensinou-me a lidar com as rédeas quando eu era criança. Levarei a carruagem e você pode trazer o cabriolé. Tenciono trazer todos para cá hoje quando regressar mais tarde.

– Vai mudar-se novamente para Grantley, *miss*? Julguei que a tínhamos perdido para sempre.

– Vamos viver aqui ilegalmente para começar, mas julgo que posso alterar a situação e estou disposta a arriscar. A única pergunta é: conseguirei persuadir os outros de que estou a agir como deveria?

³⁴ Low Leyton Marsh – subúrbio vitoriano separado de Hackney pelo rio Lea. (*N. da T.*)

Capítulo Vinte e Dois

– Vai vender esta casa? – A voz de Baines elevou-se num grito. – O coronel daria voltas no túmulo, *miss*. – Encostou-se à parede da cozinha, cruzando os braços sobre o peito de uma maneira intransigente, que não deixou Angel em dúvida quanto à sua opinião.

– Sir Adolphus deixou-ma, Baines – respondeu ela pacientemente. – Deve ter sabido que Grantley se encontrava numa situação perigosa, mas achava obviamente que iria sobreviver tempo suficiente para pagar as suas dívidas. A triste realidade é que o futuro da propriedade está em risco.

– Mas esta é a tua casa. – Lil puxou uma cadeira e sentou-se, franzindo a testa com uma expressão sombria. – Não terás nada se venderes e deres o dinheiro à família Devane.

– Seria a nova dona de Grantley? – perguntou Cook. – Se é assim, digo que vá em frente.

Angel sacudiu a cabeça.

– Não conheço o lado legal das coisas. Apenas sinto que devo fazer alguma coisa. Hector teve de regressar à África do Sul e alguém precisa ficar no lugar dele.

– Talvez ele devesse ter resolvido as coisas antes de ir – observou Lil tristemente. – O que é que os outros dois rapazes Devane estão a fazer para ajudar? Nada, isso é o que é. São uns mimados, se queres saber. O que dizes, Eudora?

A cozinheira encolheu os ombros.

– Não me cabe criticar os patrões, mas, se fossem meus filhos, mandava-os trabalhar. – Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. – É melhor ir ver a sopa ou ficaremos com pão e raspas para a refeição do meio-dia. – Dirigiu-se a bambolear ao fogão, agarrou uma colher de pau e pôs-se a mexer o conteúdo da panela com toda a força.

– Ponha os jovens no exército – murmurou Baines. – Isso faria deles uns homenzinhos.

Angel podia ver que não estava a chegar a nenhuma conclusão. Virou-se para Dolly, que estivera sentada em silêncio na mesa, ouvindo a discussão.

– O que achas? Transmíti-te a mensagem de Sir Eugene, portanto, esta decisão vai afetar-te e ao Rupert.

– Quero o que for melhor para o meu marido, é claro – respondeu Dolly seriamente –, mas acho que sou a melhor pessoa para lhe trazer de volta a saúde. Digo que devemos mudar-nos para Grantley, mesmo que isso signifique ter de cumprir as minhas antigas obrigações.

– Não há essa hipótese – retorquiu Angel, assentindo. – Quero que todos concordem ou o meu plano não funcionará. Sugiro que reclamemos a casa e a propriedade. Se desistirmos agora, estamos a deixar que Galloway nos derrube, e as pessoas misteriosas que querem enterrar Grantley debaixo de tijolos e de cimento terão vencido.

Lil inclinou-se para diante e fitou Angel com um olhar duro.

– Tens um irmão e uma irmã a morar em Londres e eles são muito ricos. Se fosse eu, teria uma palavra com eles antes de desistir do que é meu por lei.

– Deste-me uma ideia – disse Angel lentamente. O pensamento de pedir dinheiro a Percy era abominável, mas ele era um homem de negócios e poderia ajudar de outras maneiras. Levantou-se. – Embala o que precisas e Russell leva-te a Grantley. Tenho uma tarefa a fazer antes de seguir em frente.

Lil levantou-se de um salto.

– Espero que não tenciones conduzir a carruagem de regresso à cidade sem companhia.

– Posso lidar com as rédeas tão bem como qualquer homem, Lil.

– O coronel não aprovaria, *miss* – interferiu Baines com firmeza. – Não é apropriado que uma jovem seja vista a pegar nas rédeas sozinha. Vou buscar o meu chapéu e o sobretudo e vou trazer a carruagem do estábulo. – Saiu da cozinha com passo pesado.

– Ele pode ser um velho diabo rabugento, mas tem as ideias no lugar – aprovou Lil, fungando. – Não recuses a ajuda dele, Angel. Conheço-te e ao teu espírito independente, mas ele precisa de se sentir útil.

– Lil Heavitree, não me diga que estás a amolecer com a idade. – Angel sorriu enquanto pegava na bolsinha. – Estou disposta a lutar por Grantley. Vou encontrar uma solução que faça todos felizes, e isto é uma promessa.

* * *

Angel fingiu não notar os olhares curiosos dos transeuntes, mas percebeu que deviam apresentar uma visão estranha sentados lado a lado na carruagem. Baines tinha vestido o seu antigo uniforme, que ficara esverdeado com o passar dos anos e dois tamanhos abaixo. Com o cabelo grisalho e espetado, a sair de todos os ângulos sob o chapéu, e as patilhas que uniam ao bigode, parecia estranhamente deslocado, mas sabia como segurar as rédeas e, apesar do seu orgulho, Angel não tinha experiência para conduzir na enlouquecedora confusão de carruagens, carrinhos de mão e carrinhos dos vendedores de fruta, quanto mais no meio de peões aparentemente suicidas, que se atiravam do outro lado da rua numa tentativa desesperada e, ocasionalmente sem sucesso, para chegar ao outro lado.

Angel ficou contente por chegar sem uma beliscadura à mansão dos Montgomerie e instruiu Baines para que passeasse o cavalo, mas, enquanto esperava na porta, percebeu que seria uma viagem inútil se Percy não estivesse em casa. A porta abriu-se e, para seu alívio, o lacaio pediu-lhe que esperasse no vestíbulo. Regressou pouco depois e levou-a para uma sala de visitas no rés-do-chão. Minutos depois, Percy juntou-se-lhe e saudou-a com um entusiasmo genuíno.

– Angel, tenho pensado bastante em ti recentemente e sinto muito que te tenhamos negligenciado.

– De modo nenhum. Também estou em falta. – Angel hesitou, olhando-o cautelosamente. – Percy, não tenho tempo a perder com conversa fiada, portanto irei direta ao assunto. Preciso do teu conselho.

– Senta-te e diz-me o que te preocupa. Farei tudo o que puder para ajudar.

Angel sentou-se na beira do sofá forrado de damasco.

– Espero que tenhas ouvido falar sobre Galloway.

– Sim, e fiquei chocado quando a Blanche me contou o que tinha acontecido. – Os lábios de Percy curvaram-se num sorriso terno. – Ela é uma jovem maravilhosa.

– Sir Eugene fez-me acreditar que sentes algo por Blanche, o que é, em parte, o motivo por que estou aqui hoje.

– O que se passa? Aconteceu alguma coisa que desconheço? Vi-a apenas há uns dias e foi quando ela me falou de Galloway. Esse homem merece a força pelo que fez à minha madrastra e pela forma como te tratou.

– Descobrir que tenho a minha própria família virou tudo ao contrário, mas de uma forma agradável, é claro. Sempre foste gentil comigo, Percy.

Um forte rubor cobriu-lhe as faces e desviou o olhar.

– Senti-me atraído por ti desde o início, Angel. Confesso isso sem limitações, e agora percebo que se devia a sermos parentes.

– Senti o mesmo e, agora que sei que és meu irmão, faz sentido.

– Admirei o teu espírito e a tua coragem quando estavas a enfrentar problemas que não eram da tua responsabilidade. Fizeste o teu melhor para manteres Grantley longe da ruína financeira, e respeito isso. Sinto muito por te ter prestado pouca ajuda ultimamente, mas estive ocupado com questões de negócios.

– Podes ajudar-me, Percy, mas primeiro tenho algo a dizer-te e não vais gostar.

– De que se trata? Não deve haver segredos entre nós, Angel. Somos família.

– Sir Eugene disse-me que vê Hector como seu futuro genro. Está a pensar em pagar a hipoteca de Grantley em vez de um dote.

O sorriso de Percy desapareceu.

– É a primeira vez que ouço isso. Blanche e eu temos um relacionamento, que em parte é o motivo por que te negligenciei, e sinto muito. Blanche não tem interesse em Hector. Posso afirmá-lo categoricamente.

– Julgo que a tia Eloise é culpada pela interferência de Sir Eugene. Consigo entender que ela queira salvar Grantley para a família Devane, mas um casamento arranjado não é o caminho a seguir.

– Falas apaixonadamente, Angel. Hector tem andado a brincar com as tuas emoções? Agora posso dizer-te que não suportarei tal comportamento. Ninguém trata a minha irmã dessa maneira.

Angel fixou o seu olhar irritado e sorriu.

– Estás mesmo a falar a sério, não é verdade?

Ele pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios.

– Sim, estou. Como chefe da família, deveria ter feito com que te sentisses mais bem-vinda. Falhei contigo e parece que também falhei com Blanche.

– Há muito tempo para remediar isso – assegurou Angel num tom firme. – Precisas dizer a Sir Eugene que queres casar com Blanche, que se amam – e isso é o mais importante.

– Tens razão. É algo que deveria ter feito desde o início, mas Blanche estava com medo de perturbar o pai. Ele não se poupou a esforços para nos manter separados, mas, agora que sei os seus planos, diria que precisa ser posto na linha. – Percy brindou-a com um olhar investigativo. – Mas não é essa a principal razão para esta visita, pois não? O que querias perguntar-me?

– Sir Adolphus deixou-me a casa em Naked Boy Court e pretendo vendê-la para poder pagar a hipoteca de Grantley. O problema é que ignoro como fazer isso, e sei que és um homem de negócios, portanto, esperava que pudesses indicar-me os passos a dar.

– Farias isso por Devane?

– Por toda a família. Toby e Humphrey estão envolvidos, assim como Hector. Cresci com eles, Percy. Grantley foi a minha casa até recentemente e amo a casa e toda a propriedade. Fui feliz lá, embora a tia Eloise tivesse deixado bem claro que eu era uma intrusa e Susannah me humilhasse.

– As tuas palavras comovem-me, Angel. Todos aqueles anos desperdiçados quando poderias ter sido criada com Belle e comigo, e desconhecíamos a tua existência. O nosso pai era um monstro e não me importo de admiti-lo, mas a tua mãe era uma mulher encantadora e merecia mais do que o meu pai. Galloway tirou partido da sua juventude e da sua infelicidade. Sinto que devo fazer alguma coisa para corrigir o erro.

– Não, Percy. Não vim aqui pedir nada além de conselhos.

– Sou um homem rico. Herdei uma fortuna, mas também trabalhei duramente, tanto que corri o risco de negligenciar aqueles que amo, mas as coisas vão mudar. Quanto precisas para pagar a hipoteca?

Ela fitou-o, incrédula.

– Não sei exatamente, mas o advogado de Sir Eugene poderia dizer-te. Porque quererias ajudar, Hector?

– Não quero, mas quero que mantenhas a casa que herdaste de Sir Adolphus. Penso que sei o que significa para ti possuíres algo que é teu e somente teu e, de um ponto de vista puramente egoísta, se Grantley regressar às mãos da família Devane, duvido que Hector pense sequer propor-se a Blanche. Isso deixa-me o campo livre e pretendo agir agora. Belinda e eu estávamos a planear uma visita a Westwood Hall, portanto, talvez gostasses de nos acompanhar?

Atordoadada pela súbita reviravolta dos acontecimentos, Angel olhou para ele.

– Foi imaginação minha ou disseste que resgatarias a hipoteca de Grantley sem eu ter de vender?

– Disse, e tenciono cumprir. Quando me conheceres melhor, vais perceber que não faço promessas falsas. Vai demorar um pouco a tomar as disposições necessárias, mas julgo poder afirmar com segurança que Grantley estará de novo nas mãos da família Devane antes do Natal.

– Já está – disse Angel, rindo. – Ou estará em breve. Baines encontra-se à minha espera na carruagem enquanto falamos. Pode ser ilegal, mas apostei na nossa reivindicação de Grantley e planeamos mudar-nos hoje, independentemente disso.

Percy atirou a cabeça para trás e riu.

– Acredito que os nossos antepassados eram corsários; parece que herdaste algumas das suas tendências de piratas.

* * *

Angel e Baines chegaram a Grantley a tempo de ver Lil e Cook a descer do cabriolé, ambas a queixar-se em voz alta de câibras e dores musculares. Dolly desceu sem ajuda e estava claramente agitada ao ver Russell a tentar retirar Rupert da carruagem. Baines parou o cavalo cansado e saltou para o chão coberto de neve com surpreendente agilidade para um homem da sua idade, aparentemente esquecido das suas próprias maleitas quando foi ajudar Russell. Angel desceu mais devagar e, ao subir os degraus, foi recebida por Prissy, que estava à porta a segurar um candeeiro a petróleo.

– Estava receosa de que não chegassem a casa hoje à noite – apressou-se a dizer Prissy. – Tinha medo que voltasse a nevar, mas acendi o lume na grade do fogão e nos quartos principais.

– Obrigada, Prissy – agradeceu Angel, forçando um sorriso cansado nos lábios frios. – Salvou-nos a vida. Estamos gelados até aos ossos e muito cansados.

– Há uma panela de guisado de coelho no fogão, *miss*. Pensei que poderia ser bem-vindo.

– É uma maravilha. – Angel deu-lhe um beijo na face.

– Obrigada.

Prissy entregou-lhe o candeeiro a petróleo.

– Vou-me embora, *miss*. Mas devo dizer que é bom tê-la em casa. Sei que posso falar pelos locatários e por toda a aldeia se preciso for.

– Grantley será salva – declarou Angel com firmeza.

– É mesmo um anjo. – Prissy agarrou a mão de Angel e beijou-a. – Foi enviada pelo céu para nos impedir de perdermos os nossos empregos e as nossas casas.

Russell apareceu das profundezas escuras do *hall* de entrada.

– Para de tagarelar, mulher. Precisamos de deixar os cavalos no estábulo e alimentados. Encarrego-me do cabriolé e tu podes levar a carruagem. Isto é, se te lembrares como.

– Posso lidar com uma carruagem e uma parelha, quanto mais com um velho rocim a puxar uma carruagem – respondeu Prissy.

Russell agarrou-lhe a mão.

– Essa é a minha rapariga!

Angel fechou a porta atrás deles e ficou parada um momento, observando o ambiente familiar suavizado pela luz do candeeiro. Nunca pensara muito nisso, mas a casa parecia mais pequena do que quando se vira pela primeira vez no mesmo lugar, mas nessa altura era uma criança e agora era uma mulher. Tinha-se apaixonado por Grantley e, ao rever o passado, entendeu que, em criança, fizera de Hector um herói e gradualmente essa emoção aprofundara-se. Não podia imaginar a vida sem ele, mas Hector estava uma vez mais a enfrentar a situação difícil no Transvaal e rezou silenciosamente para que a guerra não estalasse e ele regressasse em breve.

– O que estás a fazer aí parada, Angel? – Lil irrompeu pelo *hall*. – Prissy deixou uma panela de guisado que alimentaria um pequeno exército, mas Baines já está de olho nele e sabes o quanto ele pode comer de uma vez só.

– Vou já – respondeu Angel, rindo. – Pequenas brigas podiam surgir, mas eram rapidamente esquecidas. Seguiu Lil na direção da cozinha. – Rupert está bem?

Lil olhou por cima do ombro.

– Deixámo-lo confortável no salão da manhã e a Dolly está com ele. Baines leva-o para cima na hora de dormir.

Angel chegou junto dela.

– Não digas nada aos outros, mas vou a Westwood Hall amanhã. Se conseguir convencer Sir Eugene a vir aqui e a ver como a Dolly cuida de Rupert, pode mudar de ideias e reconhecê-la como parte da sua família.

– Ele é como todos os homens – reagiu Lil com uma expressão sombria. – Teimoso, burro e estúpido. Até Baines tem os seus momentos, embora seja um espécime melhor que a maioria.

Angel ficou demasiado surpreendida para comentar aquela última observação. A opinião de Lil sobre os homens era bem conhecida e muitas vezes expressa, mas ouvi-la dizer algo simpático sobre Baines foi um choque, embora agradável. Talvez Lil estivesse a amolecer com a idade... Angel sorriu para si mesma quando entrou na cozinha e foi invadida pelo cheiro de um guisado apetitoso, pão acabado de cozer e uma onda de ar quente. A casa regressara à vida e ela estava feliz.

* * *

Na manhã seguinte, o sol brilhou, transformando a brancura cristalina do parque em prata derretida enquanto Angel passava pelos portões de Westwood Hall. Os ramos das faias que se alinhavam na

avenida estavam cobertos de neve, que deslizava para o chão a intervalos com sons suaves. Era demasiado esperar que houvesse um degelo e, apesar do sol, o ar estava gelado. Angel parou o cavalo ao lado da elegante carruagem vitoriana que reconheceu como pertencente aos Montgomerie. O cocheiro estava sentado na caixa³⁵, mantendo rédeas apertadas na parelha de cavalos cinzentos que raspavam o chão, desejosos de se pôr a caminho.

Angel desceu da carruagem, atirando as rédeas a um moço do estábulo que se precipitou para a ajudar. Estava prestes a subir os degraus quando a porta se abriu e Percy saiu da casa seguido por Belinda. A sua expressão enfurecida causou um arrepio na espinha de Angel, que foi apressadamente ao seu encontro.

– O que se passa?

Ele parou, estendendo a mão a Belinda.

– Bem podes perguntar, Angel. Sir Eugene é um imbecil obstinado e arrogante. Não consegue ver que está a provocar a infelicidade da sua única filha. Não parece importar-se com nada além de unir as suas terras às de Grantley.

Belinda tinha os olhos congestionados e a ponta do nariz vermelha, como se tivesse chorado.

– Por favor, não partas assim, Percy – pediu, emocionada. – Deixaste Blanche com o coração partido. O que vai fazer a pobrezinha se a abandonares?

– Não estou a abandoná-la – ripostou Percy. – Vou-me embora porque o pai dela não quer nada connosco. Deixou bem claro que considera que uma fortuna feita no negócio é pouco melhor do que a conseguida através de uma vida de crime. Não vou ficar nem mais um minuto naquela casa.

– Nós não tomámos o pequeno-almoço – queixou-se Belinda, em lágrimas. – Odeio cenas desagradáveis.

– Devias ir para Grantley. – Angel abraçou-a. – Não posso prometer-te a escolha de que disporias aqui, mas Lil invadiu o galinheiro e temos ovos. Terás uma receção calorosa e voltarei assim que tiver tido uma conversa com Sir Eugene.

– Não me daria a esse trabalho – replicou Percy com uma expressão grave. – Ele não está com vontade de receber ninguém. Estarias a perder tempo se quisesses apresentar o caso de Rupert ao seu pai.

Angel hesitou. Consequia ver James pairando na ombreira da porta e ensaiara o seu discurso durante toda a viagem desde Grantley.

– Estou aqui agora, portanto tenho de tentar.

– A melhor sorte – desejou Percy num tom brusco. – Vamos lá, Belle. Faremos uma paragem em Grantley, mas continuo a dizer que estás a perder tempo, Angel. – Ajudou a irmã a entrar na carruagem e estava prestes a subir para o lado dela quando se virou e voltou atrás. – Não falei a Sir Eugene sobre os meus planos de resgatar a hipoteca, e seria melhor se também não os mencionasses.

– Porque não? Julguei que isso lhe revelaria a pessoa boa e gentil que és realmente.

Um vislumbre de um sorriso suavizou a expressão de pedra de Percy.

– Não me parece que Sir Eugene encarasse a situação dessa maneira. Ficará furioso quando descobrir que estou a resgatar a hipoteca de Grantley, especialmente porque não reivindico a terra.

Angel olhou-o pensativamente.

– Percy, sei que estás a fazer isso por mim, mas, se seguires em frente com esse plano, significa que és o verdadeiro dono de Grantley, e Sir Eugene permitiria que casasses com Blanche.

– Não pretendo comprar a minha noiva. Se Blanche vier ao meu encontro, será porque me ama, e não porque o pai dela o deseja. Poderia ter colocado o teu nome nos títulos, mas não me parece que gostasses.

– Deus do céu, não! – exclamou Angel, chocada com a sugestão. – Hector é o herdeiro legítimo.

– E tem muita sorte por ter obtido o teu amor e a tua lealdade. – Percy inclinou-se para beijar Angel na testa. – Estou a fazer isto por ti, e só por ti, Angel Montgomerie. Sofreste por causa do nosso pai e por causa de Galloway. Estou a tentar, de alguma forma, corrigir erros.

– Angel Montgomerie – repetiu Angel aturdida. – Presumo que esteja certo, embora não o tenha realmente colocado em palavras até este momento.

– Duvido que mantinhas esse apelido por muito tempo. Boa sorte, querida irmã. – Virou-se e caminhou em direção à carruagem que o esperava.

Angel entrou na casa sentindo-se bastante nervosa, mas tinha resolvido desafiar as opiniões de Sir Eugene sobre o casamento do seu filho com Dolly e nada a deteria.

* * *

Sir Eugene estava claramente fora de si e agitado. Angel percebeu que deveria ter dado ouvidos a Percy, mas chegara até ali e expôs o seu caso o mais simplesmente possível, embora se esquecesse da maior parte do seu discurso cuidadosamente ensaiado.

Sir Eugene estava de costas para ela enquanto olhava pela janela do escritório para a extensão branca do parque pontuada por árvores nuas, com os galhos recortados no céu azul como rendas negras. Virou-se devagar quando ela parou de falar.

– O que fiz para merecer uma prole tão ingrata? – replicou.

Angel não conseguia pensar em nada para dizer e ele não parecia exigir uma resposta.

Sir Eugene fitou o seu olhar ansioso com uma expressão antipática.

– Não devia ter interferido, Angel. O meu filho é perfeitamente capaz de falar por si mesmo e por essa criada com quem se casou contra a minha vontade. E agora o seu irmão quer casar com Blanche e levá-la para longe de mim.

– Oh, não, *sir*. Não me parece que fosse a intenção de Percy. Ele ama Blanche e acredito que ela também o ama. Podem não vir morar para perto, mas isso não significa que perderá a sua filha.

– O que sabe sobre essas coisas? – Sir Eugene afundou-se na secretária, segurando a cabeça entre as mãos. – Vá-se embora, Angel. Sei que tem boas intenções, mas não estou preparado para aceitar aquela rapariga na minha casa. Rupert fez a sua escolha e deve seguir o seu caminho. O facto de ter caído do cavalo e ficado gravemente ferido não é relevante.

– Deseja que ele permaneça um aleijado indefeso, *sir*?

Ele olhou para cima, franzindo a testa.

– Isso é uma afirmação desnecessária e impertinente. Não lhe desejo obviamente mal e, na verdade, vou pagar aos melhores médicos para que cuidem do meu filho, mas, enquanto ele desejar permanecer com aquela mulher, não é bem-vindo aqui. O mesmo se aplica ao seu irmão. Tenho planos para a Blanche e não vou permitir que sejam frustrados. Percy Montgomerie deve procurar uma noiva noutro lugar, porque nunca se casará com a minha filha.

– Lamento muito que pense assim, Sir Eugene.

– Deveria ir embora, Angel. Dissemos tudo o que há para dizer. – Sir Eugene pegou numa série de documentos e começou a classificá-los numa pilha organizada.

Angel percebeu que havia sido dispensada. Não ajudara o irmão nem Rupert, embora Sir Eugene estivesse disposto a pagar pelo seu tratamento médico, o que era um passo na direção certa. Saiu do escritório e estava quase a atravessar a ampla extensão do *hall* de entrada quando o som de passos leves a atravessar o piso de mármore a fez estacar. Virou-se e avistou Blanche a correr na sua direção. Se Belinda parecia irritada, Blanche parecia perturbada.

– Falou com o papá – pronunciou ofegante. – Defendeu o Percy? Fez com que ele mudasse de ideias?

Angel sacudiu a cabeça.

– Lamento. Tentei, mas ele não quis ouvir.

– Nunca quer – replicou Blanche amargamente. – Lançou um olhar cauteloso a James, que se mantinha ao fundo, claramente curioso, mas esforçando-se para parecer desinteressado. Blanche baixou a voz. – Levará uma mensagem a Percy?

– Claro. – Angel afastou-a para o lado. – É óbvio que o seu laçao está a tentar desesperadamente ouvir o que tem a dizer. É melhor sussurrar ao meu ouvido.

Blanche aproximou-se.

– Diga a Percy que eu farei o que ele pediu.

– Estão a planear fugir?

– Não queria perturbar a minha família, mas agora julgo que é a única maneira.

Angel assentiu.

– Muito bem. Direi ao Percy. – Abraçou Blanche. – Boa sorte.

* * *

Percy recebeu a mensagem com um breve aceno de cabeça.

– Obrigado, Angel. Agora sei o que devo fazer, mas nem uma palavra disto a ninguém, nem mesmo a Belle.

– Não vais contar à tua irmã? Certamente, deves fazê-lo, Percy? – Angel tinha conseguido falar-lhe a sós, mas não foi fácil. Arranjara uma desculpa para o levar para a biblioteca e, como não havia lareira naquela sala em particular, não era o local mais convidativo para estar num dia muito frio. Belinda encontrava-se na sala de estar com Dolly e Rupert, Cook e Lil estavam na cozinha, a preparar comida, e Baines tinha saído com uma espingarda, esperando trazer alguma coisa para a mesa de jantar.

Percy sacudiu a cabeça.

– Belle é a rapariga mais adorável que se possa imaginar, mas não consegue guardar um segredo, e ficará tão nervosa que todos saberão que algo está errado. Vou deixar-te um bilhete, Angel. Deves entregar-lho logo de manhã.

– Vão tão cedo?

– Já estava à espera disto e planeei tudo em conformidade. Levarei Blanche para Londres hoje à noite e vamos casar-nos com uma licença especial de manhã. É preferível que não conheças todos os pormenores.

– Não direi a ninguém.

– Sei disso, mas não quero colocar-te numa posição em que tens de mentir à tua família e aos teus amigos. É melhor que Blanche e eu fujamos em silêncio. Quando nos casarmos, não há nada que o pai dela possa fazer.

– Oh, Percy, tens a certeza? Ele deserdou o próprio filho. Rupert e Dolly casaram-se por amor, mas olha para eles agora. São uns sem-abrigo e quase sem dinheiro.

– Felizmente para mim, posso dar-me ao luxo de prover generosamente a minha mulher. Cuidarei bem de Blanche e, se o pai dela realmente a amar, acabará por mudar de ideias, como julgo que fará com Rupert.

– Espero que sim – respondeu Angel num sussurro. – Espero que sim para bem de todos nós.

– Convenci Belle de que deveria ficar aqui hoje à noite, já que tenho de voltar para a cidade devido a negócios urgentes – prosseguiu Percy ansiosamente. – Não foi difícil convencê-la. Ela adora novas experiências e reivindicar a casa para os Devane de uma maneira tão chocante agrada ao seu sentido do drama. De qualquer forma, não quero deixá-la sozinha em Londres e ficaria muito grato se cuidasses dela enquanto eu estiver fora.

– Claro que sim. Ela é minha irmã, como me vejo forçada a lembrar-me, e chegou o momento de nos conhecermos melhor. Angel inclinou a cabeça e olhou-o com interesse. – Vais levar Blanche em lua de mel?

– Sim, para os lagos italianos. Posso contar-te isto e, quando voltarmos, espero que as coisas se acalmem um pouco e Sir Eugene se resigne à ideia.

– Não quero parecer mercenária, mas o que acontecerá a Grantley se fores embora? Afinal, vou ter de vender a casa em Naked Boy Court?

– Claro que não, Angel – respondeu Percy com firmeza. – Não deves preocupar-te com nada. Vou falar com o meu advogado logo de manhã e deixarei tudo nas mãos dele. O meu homem de negócios tratará do lado financeiro das coisas, portanto, não precisas de te preocupar com Grantley. Prometo-te que tudo será feito de forma a organizar as coisas para nossa satisfação mútua. Tirou uma bolsa de couro do bolso e colocou-a na mão de Angel. – Isso ajudará as tuas finanças enquanto eu estiver fora e pagará a manutenção de Belle.

– Obrigada, Percy. Preciso mesmo tudo o que estás a fazer por mim, mas Belinda ficará irritada quando descobrir que te escapaste sem lhe dizer nada.

– Eu sei e desejava poder ter agido de outra maneira, mas Belle tem uma personalidade doce e vai perdoar-me quando me vir casado e feliz ao lado da mulher que amo.

Angel pôs-se em bicos de pés para o beijar na face.

– Desejo-te toda a felicidade que mereces, Percy. Zelarei para que a Belle compreenda.

– Compreenda o quê exatamente? – Belinda encontrava-se na ombreira da porta e olhava para um e para outro. – O que se passa, Percy?

³⁵ Uma carruagem era originalmente grande, geralmente fechada, de quatro rodas, com dois ou mais cavalos atrelados, controlados por um cocheiro e um ou mais postilhões. Tinha portas dos lados, habitualmente com uma frente e um banco de trás no interior e, para o cocheiro, um assento pequeno, elevado na frente, chamado *caixa*, assento de caixa. (*N. da T.*)

Capítulo Vinte e Três

Belinda começou por ficar zangada, mas, tendo crescido com o temperamento caprichoso de Susannah, Angel sabia como aplacar irritações, e a natureza alegre de Belinda não lhe permitia ficar amuada por muito tempo, enquanto o mau humor de Susannah podia durar dias. Se Susannah era uma tigresa, Belinda era uma gatinha e, como Angel descobriu, muito mais adorável.

Westwood Hall estava em alvoroço, de acordo com Susannah, que foi até Grantley no dia seguinte para espalhar a notícia de que Blanche havia fugido. Com uma aparência elegante proporcionada por um fato novo de montar e uma cartola, e as feições severas amenizadas por um véu esvoaçante, Susannah andava de um lado para o outro no salão da manhã, agitando o chicote de equitação como se estivesse a dirigir uma orquestra.

– A vida é insuportável. Sinto-me uma parente pobre.

Angel e Belinda trocaram sorrisos irónicos.

– Mas pareces muito bem – comentou Angel secamente. – Julgaria que tiveste sempre tudo o que desejaste.

Susannah parou, brindando Angel com um olhar duro.

– Ah, sim? Eu sou a parente pobre, a filha que vai acabar uma solteirona, o tipo de pessoa que é tolerada, mas ignorada pelo resto da família.

– Porque julgas isso? – perguntou Belinda inocentemente.

– Não fales comigo. Tenho a certeza de que foste cúmplice do embuste do teu irmão, vermezinho. Ouso dizer que riste nas minhas costas quando Rupert escolheu Dolly em vez de mim.

Angel reconheceu o brilho conflituoso nos olhos de Susannah.

– Para com isso, Sukey. Por amor de Deus, baixa esse chicote antes que magoes alguém. Esse comportamento não resulta comigo e estás a assustar Belinda.

– Não me trates por Sukey. Sabes que odeio isso. – Susannah deixou o chicote e afundou-se numa cadeira junto à lareira, com o lábio inferior a tremer. – Julguei que Percy tinha ido a Westwood para me ver. Não é justo, ele usou-me como desculpa para fazer a corte a Blanche. Sou a pessoa menosprezada, mas ninguém me presta atenção. Poderia muito bem ser invisível. Aquela criada roubou-me o Rupert debaixo do meu nariz, e Blanche, com os seus modos sorridentes, prendeu Percy, que deveria ter sido meu namorado.

– Tenho a certeza de que Percy não pretendia enganar-te. – Belinda olhou para Angel pedindo confirmação. – Ele não é assim, pois não, Angel?

– Não. Tenho a certeza de que não foi deliberado – declarou Angel com sinceridade. – Percy é um homem bondoso, e devias estar-lhe agradecida.

– Por que motivo? – indagou Susannah, enfurecida. – Ele usou-me.

– Que disparate! Não acredito nisso um minuto que seja. – Agora Angel estava irritada e sem paciência para acalmar Susannah, que se encontrava à beira de um ataque de nervos. – Tens apenas

vinte anos, és bonita e Sir Eugene vai dar-te, sem dúvida, um generoso dote. Tens muito tempo para encontrar o marido certo.

– Podia ser diferente se ainda fosse Susannah Devane, de Grantley, mas agora sou apenas a enteada de Westwood. Toda a gente sabe que Sir Eugene está desesperado para encontrar alguém que case comigo. Não me surpreenderia se colocasse um anúncio no *The Times* a oferecer um enorme dote a qualquer velho debochado que me afastasse dele.

– Tenho a certeza de que isso não é verdade – disse Belinda suavemente.

– Claro que não. – Angel sentiu uma repentina picada de compaixão. Sabia bem de mais como era sentir-se sozinha e indesejada. – Estás realmente infeliz em Westwood? – fixou o olhar rebelde de Susannah com uma expressão firme. – Sentes falta de morar em Grantley ou esse é um dos teus caprichos?

Os olhos de Susannah encheram-se de lágrimas.

– Esta é a minha casa, e vai ser destruída. Não sei porque estás aqui, já que Sir Eugene diz que os oficiais de justiça vão aparecer e expulsar-te, mas gostaria de poder voltar atrás no tempo e ter as coisas como estavam.

Angel inclinou-se para pegar na mão de Susannah.

– Nós marcámos uma posição, Sukey. Não deveríamos estar aqui, mas Percy prometeu pagar a hipoteca e garantir Grantley para a família, e tal inclui-te, bem como a Hector e aos rapazes.

– Porque o faria? – inquiriu Susannah, desconfiada. – Não és uma Devane. És apenas meia-irmã dele, a acreditar em Galloway, e todos sabemos que ele é um vilão e indigno de confiança.

Belinda levantou-se de um salto.

– És uma rapariga mesquinha, Susannah Devane. Mesquinha e ingrata. Angel está a fazer isto pela tua família e, se não consegues entender, és além disso muito burra. – Saiu da divisão, batendo com a porta.

– Era mesmo o que estavas a pedir – comentou Angel, rindo.

– Quem iria acreditar que a gatinha tem garras? – Susannah fixou o olhar divertido de Angel com um sorriso irónico. – Presumo que fui longe de mais, mas a vida tem sido insuportável com a mamã a tomar partido de Sir Eugene. Tudo o que eu faço ou digo está errado.

– Vem para casa, Sukey.

– O que disseste?

– Grantley ainda é a tua casa. Pertence à família Devane – só estou a cuidar dela até ao regresso de Hector. Tens mais direito a estar aqui do que eu, e o tio Dolph deixou-me a casa em Naked Boy Court.

– Estás a falar a sério?

– Sukey, tivemos os nossos altos e baixos, mas, por fim, conseguimos entender-nos. Não penso que vás acabar como uma solteirona, mas esta ainda é a tua casa. Tenho a certeza de que Hector concordaria comigo.

– Mas não temos dinheiro. Será que precisaremos de arrendar quartos a viajantes, como fizemos antes?

– Essa foi apenas uma solução temporária, e caberá a Hector tomar decisões quando regressar do Transvaal. Percy deu-me dinheiro suficiente para nos mantermos até ele voltar da sua lua de mel, mas teremos de nos desembaraçar sem criados. Talvez devas considerar isso antes de tomares a tua decisão final.

– Desde que não tenha de cozinhar ou lavar a loiça, não me importo. Posso ficar sem a criada de quarto, e até sou capaz de limpar um pouco do pó, mas não esperes que esfregue os soalhos. – Susannah levantou-se graciosamente. – Suponho que também terei de aturar a Dolly.

* * *

Dois dias depois, Dolly irrompeu pela sala de visitas onde Angel lutava contra o graveto húmido, numa tentativa para acender a lareira.

– Vem cá rapidamente. Precisas ver isto com os teus olhos. – Ela saiu a correr da sala.

Curiosa e ansiosa por ser distraída, Angel seguiu Dolly até ao *hall*, onde ela olhava pela janela que dava para o acesso da carruagem. O degelo instalara-se, deixando o caminho de cascalho coberto de lama, mas o parque dos veados ainda estava envolto num cobertor branco e um sol pálido espreitava por entre as nuvens.

– Meu Deus! Acreditarias nisto? – Angel olhou para a procissão, encabeçada pela carruagem de Westwood, puxada pelo par de cavalos empareirados, seguida por uma carroça carregada de baús e malas e atrás um *brougham*³⁶.

– Acho que estamos prestes a ser invadidos. – Foi abrir a porta e uma rajada de ar frio fez com que a temperatura do corredor baixasse vários graus.

Sir Eugene foi o primeiro a entrar. Saudou Angel cortesmente, mas, quando viu Dolly, a sua expressão congelou e virou as costas.

– Gostaria de ver o meu filho – disse ele bruscamente.

– Ainda está na cama, Sir Eugene. – Angel lançou um olhar de advertência na direção de Dolly. – Eu estava a tentar acender a lareira na sala, mas neste momento está demasiado frio para trazê-lo para o andar de baixo.

– Bárbaro – reagiu Sir Eugene com frieza. – A casa é um mausoléu e na minha opinião devia ser remetida à História. Conduza-me ao seu quarto, por favor, Miss Winter.

– É Miss Montgomerie, se insistir em ser formal, Sir Eugene – declarou Angel com firmeza. – Compreendo que esteja irritado com o meu irmão, mas, por favor, não se vingue em mim.

– Não mencione o nome dessa pessoa na minha presença. Ele seduziu a minha filha.

– Agora eles são casados, Sir Eugene. – Angel obrigou-se a falar com calma, mas estava a ferver por dentro. – Eles estão em lua de mel na Itália e Blanche terá todo o luxo que o dinheiro pode comprar.

– Não quero saber disso. – Sir Eugene virou-se para cumprimentar um homem vestido inteiramente de preto que entrou na casa, carregando uma grande maleta médica de couro. – O doutor Sellers veio examinar o Rupert. Leve-nos até ele, por favor.

Angel estava prestes a subir as escadas quando Susannah entrou no vestíbulo, seguida por um séquito de criados, levando baús e malas.

– Suponho que ainda tenho o meu antigo quarto?

– Claro. – Angel continuou a subir as escadas. Susannah era perfeitamente capaz de organizar a entrega do seu considerável guarda-roupa, mas teria de desfazer as malas e arrumar tudo sozinha. Isso seria interessante.

Angel decidiu deixar todos à vontade e, depois de mostrar o quarto de Rupert ao médico, voltou ao salão, fechando a porta atrás de si com um suspiro de alívio. Tinha precisamente acabado de conseguir que o graveto ardesse quando Dolly se lhe juntou.

Angel perscrutou-a.

– A julgar pela expressão do teu rosto, não correu bem entre ti e Sir Eugene.

– Ele mal falou comigo, e foi apenas para me dizer que saísse do quarto para que o médico pudesse examinar o Rupert. Senti-me uma criança travessa, e só Deus sabe o que o médico deve ter pensado.

Angel usou o fole com êxito e as chamas subiram pela chaminé. O cheiro a madeira de macieira húmida enchia o quarto e Angel levantou-se.

– Sir Eugene deve estar preocupado com o filho. Pode fingir ser duro e insensível, mas tenho a certeza de que ama tanto Rupert como tu.

– Suponho que sim, mas sou a mulher de Rupert. Ele não pode ignorar esse facto para sempre.

– Dá-lhe tempo, Dolly. Tenho a certeza de que, quando vir como és dedicada, Sir Eugene vai mudar de ideias. Ele também perdeu a Blanche.

Dolly envolveu com os braços a volumosa barriga inchada, como se estivesse a embalar o filho por nascer.

– Espero que ele mude de ideias com a chegada do bebé. Seria tão triste se Sir Eugene rejeitasse o neto.

– Ou neta – acrescentou Angel, sorrindo.

Dolly ia responder quando a porta se abriu e Sir Eugene entrou na sala.

– Ouvi vozes – disse ele, desconfiado. – Estamos de saída.

– O que disse o médico? – perguntou Dolly ansiosamente. – Pode fazer alguma coisa pelo Rupert?

Sir Eugene ignorou-a, dirigindo-se a Angel.

– O doutor Sellers tem uma clínica em Highgate, onde é especialista em lesões na coluna vertebral.

Concordou em aceitar Rupert como seu paciente.

Dolly levantou-se da cadeira.

– Eu devo ir com ele.

– Fora de questão – ripostou Sir Eugene. – Rupert receberá o melhor tratamento possível. Ele estará lá vários meses a um custo considerável.

– Mas ela é mulher dele – protestou Angel. – Tem certamente o direito de visitá-lo no hospital?

– O doutor Sellers insiste em que os seus pacientes devem aderir a uma rotina rígida, e as visitas servem apenas para aborrecê-los e perturbá-los. – Sir Eugene encarou Dolly com uma expressão intransigente no rosto enrugado. – O meu filho casou consigo contra a minha vontade, mas sou um homem de honra. – Colocou-lhe na mão uma bolsa que retirou do bolso. – Não é bem-vinda em minha casa, mas esse dinheiro vai mantê-la e ao seu filho durante algum tempo.

– Pode guardar o seu dinheiro, Sir Eugene. Prefiro voltar a vender flores nas esquinas do que aceitar qualquer coisa sua. – Dolly atirou-lhe a bolsa e saiu do quarto.

Sir Eugene pegou na bolsa e entregou-a a Angel.

– O sangue revelar-se-á, como costuma dizer-se. Mas julgo que é mais prática do que a sua jovem amiga. Estou perfeitamente a par da situação financeira de Grantley, portanto, aceite o dinheiro e dê-lhe bom uso. A minha consciência está limpa.

Angel assentiu com a cabeça e embolsou o dinheiro.

– A sua consciência é da sua conta, *sir*. Mas tem razão. Não posso permitir-me grandes gestos.

– Susannah optou por morar aqui. Só Deus sabe porquê, mas ela tem uma mesada minha, que vai continuar. Não sou um monstro, Angel, independentemente do que possa pensar. – Sir Eugene abriu a

porta da sala e uma onda de som ecoou.

– O de está a passar-se? – perguntou Angel ansiosamente.

– Tem de controlar a rapariga. Ela está a fazer uma cena.

Angel correu para o *hall*, mas foi Lil quem pôs um fim à tentativa imprudente de Dolly de impedir que Rupert partisse. Lil pegou-lhe nos braços e dirigiu-se à cozinha, apesar dos gritos de protesto do seu fardo que se contorcia.

– Cuide dela por mim – pediu Rupert debilmente, enquanto os lacaios o levavam.

– Claro que o farei. Não se preocupe com a Dolly – disse Angel, sinceramente. – Cuidarei bem dela. – Ficou parada na porta da frente, sem atender ao frio cortante, enquanto o observava a ser levantado suavemente para a carruagem, com o médico a aguardar. Sir Eugene subiu atrás dele e o Dr. Sellers dirigiu-se ao seu próprio veículo. Angel fechou a porta com uma sensação de tristeza. As próximas semanas não seriam fáceis.

* * *

Susannah instalou-se, mas a sua atitude para com Angel mudou rapidamente. Tal não aconteceu do dia para a noite, mas começou a contestar tudo o que Angel dizia e fazia. Sempre detestara Lil e fazia questão de criticar os seus esforços para servir à mesa e até a comida que ela ajudara a preparar. Lil estava a ferver e Angel sabia que era apenas uma questão de tempo antes que ela explodisse e colocasse Miss Devane no seu lugar, embora a posição de Susannah na casa estivesse aberta ao debate. Era evidente que Susannah se considerava dona de Grantley e não tinha intenção de realizar tarefas domésticas. Além disso, esperava que todas as suas necessidades fossem atendidas, como acontecera toda a sua vida. Angel conseguia aguentar, mas no final da primeira semana a sua paciência estava a esgotar-se e Dolly era uma pálida sombra do seu antigo eu. Vagueava pela casa, fazendo o que lhe pediam, mas era óbvio que os seus pensamentos estavam com Rupert e parecia em risco de definhar. Lil mostrava-se insensível, Cook continuava a tentar convencer Dolly a comer por dois e Susannah estava visivelmente impaciente. Angel lutava para manter o equilíbrio, mas estava a tornar-se cada vez mais difícil.

A crise explodiu quando Toby e Humphrey chegaram a casa para as férias de Natal. Susannah cumprimentou-os como se fosse a dona da mansão, ordenando a Baines que levasse as malas deles para o andar de cima, embora não tivesse tomado parte na preparação dos quartos. Tinha sido Angel quem acendera as lareiras e Dolly ajudara a arejar e a fazer as camas. Lil e Cook haviam passado dois dias a cozer pão e a preparar a comida que os rapazes adoravam, e Baines tinha saído com a espingarda para prover a mesa de caça.

Toby saudou Angel calorosamente e felicitou-a por ter a coragem de defender Grantley. Humphrey abraçou-a e beijou-a, embora apenas brindasse a irmã com um sorriso e um insulto sem maldade. Susannah foi claramente excluída, e ainda mais quando Toby tentou incluir Dolly na sua conversa enquanto se sentavam na sala de estar, a beber chá e a comer o pão de gengibre que Cook fizera, sabendo que era o favorito de Humphrey.

Dolly olhou para Susannah cautelosamente enquanto ela pegava no bule de chá.

– Está vazio – disse vagamente. – Vou fazer chá fresco.

– Não precisas de fazer isso – retorquiu Toby casualmente. – É para isso que servem as criadas e agora fazes parte da família, Dolly.

– Obrigada, Toby, mas sei que elas estão ocupadas e portanto vou. – Dolly saiu da sala antes que Susannah tivesse hipótese de fazer uma observação cortante.

– Não devíamos estar a morar aqui – apressou-se Angel a informar. – Estava com medo que perdêssemos Grantley se a empresa que emprestou dinheiro ao tio Dolph decidisse tomar posse da casa. Levou mais tempo do que eu esperava, mas, quando o negócio terminar, terás de agradecer a Percy por pagar a hipoteca.

Toby recostou-se na cadeira, franzindo a testa.

– Sei que ele é teu meio-irmão, mas porque se importaria com o que se passa connosco?

– Eu ia vender a casa em Naked Boy Court para poder pagar a dívida, mas não sabia como o fazer, e pedi conselho a Percy. Ele não queria que perdesse a minha herança, mas sabe o quanto Grantley significa para mim e é por isso que está a resolver a situação.

– Grantley pertence à minha família – interferiu Susannah, mal-humorada. – Podes ter sido adotada pelos Montgomerie, mas isso não te torna um de nós.

– Isso é um pouco duro, Sukey. – Humphrey estava sentado ao lado de Angel no sofá e aproximou-se um pouco mais. – Angel faz parte da nossa família e sabes isso. Porque estás a ser tão má?

– Acho que o que Percy está a fazer por Grantley é absolutamente fantástico, Angel – disse Toby, entusiasmado. – Não lighes à Sukey –, foi um dia de sorte para nós quando o tio Dolph te trouxe para morares aqui.

– Eu confirmo. – Toby serviu-se de outra fatia de bolo. – Onde estaríamos sem ti?

– Talvez Hector estivesse em casa agora se ela não o tivesse afugentado – ripostou Susannah maliciosamente. – Ele renunciou à sua comissão, porque tencionava administrar a propriedade, mas alguém a menos de milhares de quilómetros daqui deitou-lhe o isco, e subitamente ele retrocedeu. Interrogo-me porquê...

Angel fitou-a, demasiado chocada para falar.

– Não digas asneiras, Sukey – interferiu Humphrey com a boca cheia. – Hector sempre teve um fraco por Angel. Todos nós sabíamos disso e ele nunca fugiu de nada em toda a sua vida.

– Isso foi indelicado, Susannah. – Angel recuperou a voz, embora a observação rancorosa de Susannah a fizesse sentir-se mal fisicamente. – Não sabemos exatamente porque Hector teve de partir tão de repente, e eu nem sequer estava aqui.

Susannah sacudiu a cabeça.

– Quem sabe o que aconteceu entre vocês? Negas que te sentes atraída pelo meu irmão?

– Já te disse que estás a ser injusta, Sukey. – Humphrey passou o braço pelos ombros de Angel. – Esta menina salvou Grantley. É o irmão dela que está a pagar pelos erros do tio Dolph, e acho que é um gesto galante.

– Sim, desta vez foste longe de mais – acrescentou Toby, enfurecido. – O que estás a fazer aqui, afinal? Pensei que estivesse a levar uma vida de luxo em Westwood.

– Esta é a minha casa – Susannah levantou-se, com o rosto contorcido de raiva. – O tio Dolph deveria ter-me deixado a casa de Londres, e não a esta vadia. – Apontou um dedo trémulo a Angel. – Olhem para ela, sentada ali como se fosse dona da casa. Dir-se-ia que é incapaz de matar uma mosca, mas é desonesta. Não veem o que ela está a fazer? O irmão dela será dono de Grantley e nós seremos expulsos da nossa própria casa.

Angel fitou-a perplexa pelo seu ataque tão violento.

– Isso não é verdade – protestou. – Porque te comportas assim?

– Está com ciúmes – disse Humphrey com raiva. – Não lhe liguês.

– Ela já vos dominou totalmente. – Os olhos de Susannah estreitaram-se e os seus bonitos lábios contorceram-se de fúria. – Bem, eu sou o chefe da família na ausência de Hector, e estou a ordenar-te que voltes às tuas iguais, bruxa. Podes ter lançado um feitiço sobre os meus irmãos, mas eu consigo ver-te à transparência. Sai da minha casa e leva a tua amiga vulgar.

Angel levantou-se, fechando os punhos. O ataque de Susannah era desnecessário e tinha sido um choque. Sabia que o seu ressentimento fervilhava sob a superfície, mas algo o desencadeara numa explosão vulcânica maliciosa.

– Esta casa é tão minha como tua, Susannah – afirmou Angel com a dignidade possível, embora estivesse a tremer por causa da emoção reprimida.

Humphrey e Toby levantaram-se, mas Susannah estava descontrolada. Fez um movimento na direção de Angel, cerrando os dedos como se estivesse prestes a atacar.

– Estou farta de ti. Não és ninguém. Foste encontrada na sarjeta e é aí que pertences. Vais sair agora e a Dolly irá contigo, bem como aquela criatura rude que te segue para todo o lado. Não quero voltar a ver nenhuma de vocês, e sei que a mamã concordaria comigo.

Toby interpôs-se entre elas.

– Calma, Sukey. Eu sou o homem da casa quando Hector está ausente e digo que elas ficam.

– Eu também – disse Humphrey, assentindo. – Devias pedir desculpa a Angel.

Susannah ignorou-o, concentrando a atenção em Toby.

– Não sabes nada sobre como temos vivido nestas últimas semanas. Levas uma vida de luxo em Oxford enquanto nós temos de colher, carregar e cuidar de nós mesmas.

Toby encarou-a, com o maxilar cerrado e os dedos contraindo-se como se quisesse voltar à infância e esbofetear a irmã ou puxar-lhe o cabelo.

– Sempre te armaste em valente, Susannah. Eu digo que Angel e Dolly são parte da família e quero que elas fiquem.

– Eu também – venceu Humphrey com firmeza. – Porque não voltas para Westwood, Sukey? Cuidaremos de Grantley e Angel ajudar-nos-á.

– Ainda és uma criança, Humpty Dumpty – reagiu Susannah friamente. – Tu e Toby são pouco mais que rapazinhos e não têm nenhuma palavra a dizer sobre o assunto. – Vou falar com a mamã e ela fará com que Sir Eugene seja responsável pela hipoteca de Grantley. Nunca colocarás as mãos na propriedade, Angel Winter, e nunca mais verás Hector. Tomarei isso a meu cargo.

– Para com isso, Susannah. – Toby deu um passo na direção dela. – Estás histérica.

– Não deixarei que expulses a Angel – afirmou Humphrey, choroso. – Ela é como uma irmã para mim e gosto mais dela do que de ti.

Angel susteve a respiração. Por um momento, pensou que Susannah perderia o controlo e atacaria o irmão mais novo.

– Parem com isso. – Angel forçou-se a soar calma, embora no íntimo tremesse. – Vou-me embora, se é o que realmente queres, Susannah. Não permitirei que destruas esta família, simplesmente porque não gostas de mim.

– Não gosto? – Os olhos de Susannah estreitaram-se em fendas. – Sempre te odiei, Angel Winter. Eras a favorita do tio Dolph e viraste os meus irmãos contra mim. Quero que pegues nas tuas coisas e saias. Russell irá levar-te a Londres.

– Vai escurecer em menos de uma hora – protestou Toby. – Porque não deixar até amanhã, Sukey.

Talvez quando te acalmares...

Susannah agarrou no jarro de leite e atirou-lho.

– Se não te agrada, podes ir também.

– Basta – disse Angel, enfurecida. – Não ficaria aqui nem que me implorasses, Susannah Devane.

És mesquinha e mimada, e Deus ajude o homem que for suficientemente tolo para se casar contigo.

Abandonou a sala, batendo a porta atrás de si, mas ela abriu-se quase imediatamente e Humphrey saiu a correr.

– Angel, espera, por favor, espera. Não vás embora assim.

36 *Brougham* – carruagem de quatro rodas e um cavalo. Como originalmente projetado (c. 1838) por Henry (mais tarde barão) Brougham, ex-lorde chanceler da Inglaterra, dava a sensação de que a frente estava cortada. Incluía um assento voltado para a frente para dois passageiros e um assento de cocheiro estava preso à frente, onde um terceiro passageiro também podia viajar. (*N. da T.*)

Capítulo Vinte e Quatro

O Natal aproximava-se, mas a casa de Naked Boy Court estava longe de ter um ar festivo. Baines insistira em voltar a Londres com Angel, Lil e Dolly. Resmungara devido à perturbação e alegou ter perdido as suas expedições de caça, mas Angel suspeitava que ele estava secretamente feliz por se encontrar de volta à cidade. Continuava a discutir com Lil, embora as brigas terminassem invariavelmente com os dois a partilhar um cachimbo e a desfrutar de um copo de cerveja junto à lareira.

Susannah insistira para que Cook permanecesse em Grantley, deixando que Lil assumisse as tarefas de cozinha em Londres. Faltava-lhe o delicado toque de Eudora com a massa, mas, quando se tratava do pão, a sua força e energia produziam carcaças deliciosas de textura tão leve que quase voavam da mesa e os seus bolos eram uma maravilha.

Dolly movia-se silenciosamente entre eles, pálida como um fantasma e sem se queixar, mas Angel estava preocupada com o bem-estar da sua amiga. Não havia dúvida de que a separação de Rupert estava a debilitar Dolly e Angel decidiu pedir a ajuda da irmã.

Belinda ficou satisfeita por disponibilizar a caleche dos Montgomerie para uma visita à clínica particular, mas insistiu em acompanhá-las.

– Devo dizer que me sinto feliz por estares de volta a Londres – disse ela, enquanto a luxuosa carruagem percorria as ruas em direção a Highgate. – Lamento obviamente que a Susannah se tenha comportado tão mal quando estavas a tentar ajudar, mas, na realidade, nunca gostei dela.

– Ela tem ciúmes de Angel. – Dolly olhou de uma para a outra. – Bem, é a verdade, não é?

Angel sacudiu a cabeça.

– Acho que estás errada. Susannah é tudo o que não sou.

– Graças a Deus por isso. – Dolly recostou-se contra as almofadas de veludo, um sorriso raro brincando nos seus lábios. – Não acho que o mundo tenha tamanho bastante para duas Susannah Devane. Ela é uma mimada, Angel. Qualquer um pode ver isso. É egoísta e devorada pelos ciúmes porque sabe que os irmãos te amam mais do que a ela.

Angel deixou passar. Sabia que Dolly estava a meter-se com ela, o que era infinitamente melhor do que as farpas maliciosas de Susannah.

– Julgo que chegámos – disse, quando a carruagem parou em frente aos portões de um edifício meio escondido atrás de um elevado muro de tijolos. O guarda saiu da sua guarita e, depois de uma breve conversa com o cocheiro, os portões foram destrancados e abertos. Angel soltou um suspiro de alívio. – Receava que não nos deixassem entrar.

Um sorriso travesso desenhou-se nos lábios de Belinda.

– Tomei a liberdade de enviar uma carta ao doutor Sellers, entregue em mão esta manhã, sugerindo que o meu irmão e eu estávamos interessados no seu trabalho e poderíamos ser persuadidos a fazer uma doação.

– Rapariga marota – disse Angel, rindo. – Não poderia ter feito melhor.

O sorriso de Dolly desapareceu.

– Mas o que é que ele fará quando descobrir que foi enganado? Não vou poder ver o Rupert.

Belinda inclinou-se para dar uma palmadinha na mão de Dolly.

– Não é totalmente falso. Percy contribui para causas merecedoras, e se o doutor Sellers for genuíno e se estiver realmente a ajudar os aleijados a recuperar, julgo que Percy ficaria muito feliz em apoiar o seu trabalho.

– Estou impressionada. – Angel olhou pela janela. – E é um edifício imponente. Alguém investiu em grande no projeto do doutor Sellers. Espero que esteja a beneficiar o Rupert.

A carruagem parou diante da entrada da frente e o laçaio desceu da caixa para abrir a porta e baixar os degraus.

Belinda foi a primeira a sair e o Dr. Sellers veio cumprimentá-la pessoalmente. Não pareceu reconhecer Angel e Dolly e elas deixaram-se ficar para trás, a fim de darem a Belinda uma hipótese de impressionar. O que quer que ela tenha dito resultou e o Dr. Sellers convidou-as a entrar no edifício. Proporcionou-lhes uma visita, fazendo-lhes relatos pormenorizados dos tratamentos disponíveis, finalizando a volta numa sala de espera estritamente funcional. As paredes cinzentas não estavam decoradas e eram um acréscimo ao ambiente frio e clínico. A mobília era forrada de cabedal preto, que poderia parecer adequado ao escritório de um cavalheiro, mas o ambiente austero não ajudava e os assentos eram duros e escorregadios. Alguns exemplares de capa brilhante do *Illustrated London News* estavam dispostos numa mesa lateral e tão imaculados como no dia em que tinham saído da impressora.

– Permite que os pacientes recebam visitas? – perguntou Angel inocentemente. A julgar pelo estado da sala de espera, parecia óbvio que muito poucas pessoas passavam por ali, mas ela sabia que Dolly estava a ficar nervosa e que a qualquer momento poderia exigir a presença do marido.

– Não, não é nossa política – respondeu o Dr. Sellers gravemente. – Achamos que isso perturba as rotinas estritas de que os pacientes precisam, e às vezes a mera visão de um membro da família é suficiente para desestabilizar as almas mais sensíveis. Ficam com saudades de casa e podem até entrar em declínio. – Sorriu benevolente. – Posso oferecer-lhes chá e bolo, minhas senhoras? Temos uma excelente cozinheira e os pacientes são alimentados com o melhor de tudo.

Dolly abriu a boca para falar, mas Angel antecipou-se-lhe.

– Obrigada, doutor. Isso seria muito agradável.

Ele assentiu.

– Se me der licença por um momento, vou chamar um dos meus funcionários para o preparar. – Desapareceu no corredor, deixando a porta entreaberta.

– Preciso de ver o Rupert – sussurrou Dolly com urgência. – Ele não vai concordar com isso, pois não?

Belinda olhou em volta da sala de espera.

– Aqui não há pistas, mas pareceu-me ter visto uma lista ao fundo da escada. Talvez indique que quartos ocupam os pacientes.

– Deixa isso comigo – sussurrou Angel. – Mantém-no a falar, Belle. Menciona dinheiro e ele será teu escravo. Vou dizer que Dolly está a sentir-se fraca e precisa de ar fresco... – Interrompeu-se quando o Dr. Sellers entrou na sala, sorrindo amavelmente.

– Estejam à vontade, minhas senhoras. Os refrescos não tardarão a ser servidos.

– A minha amiga está a sentir-se um pouco indisposta – disse Angel com uma expressão séria. – Se não se importa, vou levá-la lá para fora a apanhar um pouco de ar fresco.

– Claro, mas talvez uma jovem dama no seu estado devesse estar em casa, a repousar? – O Dr. Sellers espreitou Dolly por cima dos óculos de aro prateado. – Falo como médico, entende.

– Ficarei perfeitamente bem. Só tenho muito calor. – Dolly abanou-se com a mão e Angel colocou o braço à volta da sua cintura.

– Vem, minha querida. Cuidarei de ti. – Levou Dolly para fora da sala, deixando Belinda a manter o médico ocupado com mais perguntas sobre o trabalho dele.

A lista que Dolly mencionara não só continha os nomes dos pacientes, mas também incluía os números dos quartos e uma planta do prédio.

– Eles não esperam obviamente que as pessoas quebrem as regras e venham até aqui – deduziu Angel num sussurro, enquanto se dirigiam ao quarto de Rupert. Afastou-se quando Dolly entrou e a expressão no rosto de Rupert fez com que todos os esforços valessem a pena. Angel ficou de guarda à porta, voltando estrategicamente as costas ao jovem casal. Tudo parecia demasiado fácil, mas nesse momento ouviu passos e uma enfermeira apareceu ao fundo do corredor. Angel recuou para o quarto, ficando a espreitar pela porta e rezando em silêncio para que a mulher não chegasse até ali. Parecia que as suas orações foram escutadas, já que a enfermeira aparentemente estava a fazer a ronda e examinava cada paciente por sua vez.

– Temos de ir agora, Dolly – disse Angel relutantemente. – Sinto muito, Rupert, mas uma enfermeira dirige-se para cá e estará aqui a qualquer momento.

Ele levou a mão de Dolly aos lábios.

– Foi maravilhoso ver-te, minha querida, mas não debes vir de novo. Estou bem, debes cuidar de ti e do bebé.

– Mas odeio deixar-te sozinho – lamuriou Dolly, queixosa. – Arranjarei maneira de entrar.

Ele abanou a cabeça.

– O meu pai veio ver-me ontem. Não sei se é por causa da estação, ou porque a consciência o incomoda, mas vai mandar-me de volta para Westwood. O doutor Sellers concordou em fornecer uma enfermeira para cuidar de mim e posso continuar o meu tratamento em casa.

– Isso é maravilhoso. Vejo-te lá.

Ele abanou a cabeça.

– Receio que não. Tentei persuadi-lo a permitir que morasses comigo em Westwood, mas ele é um homem teimoso.

– Porque não podes fazer o tratamento em Londres? – sussurrou Dolly. – Tenho a certeza de que Angel não se importaria que ficasses connosco.

– Não é prático, querida. Precisas de ter paciência e deixar que seja eu a resolver. Acabarei por convencer o meu pai e prometo-te que passaremos juntos o Natal.

– A enfermeira vem aí – sussurrou Angel. – Está agora no quarto ao lado. Apressa-te, Dolly, ou seremos apanhadas e expulsas.

Dolly inclinou-se para beijar o marido nos lábios.

– Seria o melhor presente de Natal do mundo, Rupert. Vou viver para esse dia.

– Anda, Dolly – incitou Angel. – Estragarás tudo se demorares.

Dolly obedeceu com relutância, parando na ombreira da porta para soprar um beijo para Rupert. Angel teve de arrastá-la para longe e escaparam por pouco.

Belinda levantou-se quando entraram na sala de espera.

– Pareces um pouco melhor, Dolly. No entanto, o doutor tem razão. Acho que devemos levar-te para casa o mais rapidamente possível. – Estendeu a mão ao Dr. Sellers, sorrindo graciosamente. – Muito obrigada pela visita à sua clínica. Falarei com o meu irmão quando ele regressar da lua de mel.

O Dr. Sellers inclinou-se sobre a mão dela.

– Posso perguntar quem a pôs em contacto comigo, Miss Montgomerie?

– De momento, esqueci-me – respondeu Belinda vagamente. – Mas a sua fama está a espalhar-se. –

Saiu apressadamente da sala de espera, deixando que Angel e Dolly seguissem mais devagar.

Quando estavam seguramente resguardadas na carruagem, explodiram em gargalhadas.

– Não sei porque estou a rir – disse Dolly, enxugando os olhos com o lenço. – Sir Eugene nunca me aceitará como sua nora.

Belinda ficou séria de repente. Inclinou a cabeça e perscrutou Dolly.

– É uma rapariga muito bonita, mas falta-lhe polimento, e esse vestido não lhe presta justiça.

– O que estás a dizer, Belle? – Angel ficou subitamente alerta. – Desconfio que estás a planear alguma coisa.

– Gostaria de passar alguns dias comigo, Dolly? – Belinda inclinou-se para a frente e agarrou a mão de Dolly. – Estou sozinha naquela casa enorme enquanto Percy está fora. Faríamos companhia uma à outra e poderia dar-lhe alguns conselhos sobre a forma de vestir, e como lidar com pessoas difíceis como Sir Eugene. Falta-lhe confiança, é só isso.

– Está a tentar fazer de mim uma dama? – Dolly fitou-a surpreendida. – Pode tornar-me como você e a Angel? Sempre foste uma janota, Angel, mesmo quando a gente andava a vender flores nas esquinas.

– Mesmo quando *andávamos* a vender flores nas esquinas – emendou Belinda, sorrindo. – São essas pequenas coisas que a denunciam. Já perdeu a maior parte do seu sotaque cockney, e só precisa de um pouco de polimento para brilhar como uma estrela. Sir Eugene vai esquecer os seus preconceitos e recebê-la em sua casa.

Dolly virou-se para Angel.

– O que te parece?

– Vale a pena tentar o que quer que seja, e não poderias ter uma mentora melhor do que a minha irmã. – Angel apertou a mão enluvada de Dolly. – Pensa no bebé. Ele ou ela devem nascer na casa da família. Um dia será de Rupert e Blanche é tua cunhada. Tens um lugar por direito em Westwood, Dolly. Se fosse a ti, agarrava a oportunidade com as duas mãos.

* * *

Dolly foi morar com Belinda e, embora Angel se sentisse triste por perder a sua companhia, sabia que era o melhor para a sua amiga. Como Belinda tinha vincado, Dolly apenas precisava de um pouco de polimento na cidade, algumas roupas elegantes, um impulso à sua confiança, e poderia ocupar o seu lugar na sociedade. A sua origem humilde não era da conta de ninguém, mas só dela.

A mudança de Dolly para a casa em Mayfair deixou Angel numa posição financeira difícil. Sem o contributo de Dolly para a manutenção da casa, Angel verificava que era ainda mais difícil fazer face às despesas. O Natal estava a uma semana de distância e ela tinha apenas alguns cöbres na bolsa. Poderia ter pedido dinheiro a Belinda, mas sabia, por conversas anteriores, que a irmã tinha uma

mesada generosa e que a gastava perdulariamente. Percy puxava os cordões à bolsa e não havia nem uma palavra sobre quando ele e a noiva chegariam a casa.

Depois de uma noite de insónia, Angel estava na cozinha a tentar reanimar o fogo quando ouviu alguém a bater com força na porta da frente. Agarrou no candeeiro a petróleo e precipitou-se pelo corredor, limpando as mãos no avental.

– Um momento – disse. – Não seja tão impaciente. – Destrancou os ferrolhos, rodou a chave na fechadura e arrastou a pesada porta. – Deus do céu! Danny! És a última pessoa que esperava ver.

– Que receção simpática. Posso entrar?

– Claro. – Afastou-se para o lado, segurando o candeeiro para lhe iluminar o caminho. – O que há nesses sacos? – perguntou, olhando para as formas escuras empilhadas contra a parede.

Ele bateu com os pés no tapete, enquanto ela fechava a porta.

– O que vendemos tão perto do Natal?

– Visco? – ela liderou o caminho para a cozinha e ficou aliviada ao ver as chamas à volta do carvão. – Onde arranjaste isso?

– Vou dar-te dois palpites. – Desenrolou o cachecol e tirou o boné, colocando-os cuidadosamente sobre a mesa.

– Não roubaste do pomar em Grantley, pois não?

– Constou-nos que agora és a proprietária e fiz isso por ti, portanto não foi um roubo.

– As notícias espalham-se, mas não é verdade. Percy pagou aos credores porque queria ajudar-me, mas Grantley será sempre a casa de Hector. A família recebeu-me e ficarei eternamente grata.

– E essas mesmas pessoas expulsaram-te. Sei tudo sobre isso, Angel. Cook contou a Prissy Russell e ela contou à minha mãe. Andaram juntas na escola e partilham todas as coscuvilhices. Que Susannah é uma cabra ingrata e sempre teve inveja de ti.

Angel colocou a chaleira no fogão.

– Tens direito à tua opinião, mas porque estás aqui?

– Não te sentes feliz por me veres?

Danny aproximou-se um pouco mais e Angel sentiu o ar gelado nas suas roupas e o cheiro a terra que se agarrava às botas. Alto, de ombros largos e musculoso, Danny era o epítome do exterior e tão forte e confiável quanto a própria natureza. Ela estava ridiculamente satisfeita com a sua presença e a tentação de abraçar e ser abraçada era quase demasiado para suportar.

– Claro que sim – respondeu, concentrando-se na caixa de chá, que estava quase vazia.

Ele cobriu a mão dela com a dele.

– Vou mimar-te com uma caneca de café e um rolinho de presunto no quiosque da estrada.

– E o visco? Precisarás de começar cedo se fores levá-lo a Covent Garden.

– É teu, Angel. Não foi preciso um génio para descobrir que te tinham mandado fazer a mala sem um *penny* em teu nome. Parece ser a maneira como os nobres tratam as pessoas como nós. Somos descartáveis, como o lixo que deitam fora para o varredor.

– Não estás a ser justo, Danny. Fui bem tratada, exceto pela Susannah.

– E por Mistress Devane – acrescentou Danny. – Eras pouco mais do que uma criada aos olhos dela. Mas esquece-as. Agora, vem comigo. Tomaremos o pequeno-almoço e depois ajudo-te a vender o visco. Se Dolly não estivesse grávida, poderia ter-se juntado a nós.

– Sabes tudo o que se tem passado em Grantley?

Ele pegou no boné e no cachecol.

– Prissy mantém a minha mãe bem informada. Elas encontram-se uma vez por semana para lanchar chá e bolo e coscuvilharem. Vai buscar o casaco e o gorro, miúda. Temos trabalho à nossa espera.

* * *

Uma camada de neve caíra durante a noite e, apesar das pegadas dos madrugadores, havia manchas de um branco virginal cintilando à luz do lampião como um vestido de baile incrustado de lantejoulas. O céu parecia mais escuro pouco antes do amanhecer e a neve compacta abafava o som dos cascos dos cavalos e o barulho das rodas de madeira sobre os paralelepípedos. Fazia muito frio e os cocheiros e carregadores estavam tapados até aos olhos, enquanto o vapor subia dos corpos dos cavalos e a sua respiração pairava em nuvens acima das suas cabeças.

Angel agarrou o braço de Danny enquanto se encaminhavam para a banca do café. O dono mantinha-se junto ao braseiro e parava de trabalhar de vez em quando para soprar nos dedos entorpecidos. Tinha a ponta do nariz vermelha e os dentes batiam como castanholas, mas saudou-os alegremente.

Danny comprou dois rolos de presunto e duas canecas de café com açúcar. Encostaram-se à montra de uma loja, enquanto comiam num silêncio amistoso e tomavam as bebidas quentes em pequenos goles. Angel olhou para Danny, que a observava com um olhar que lhe prendeu a respiração na garganta. O rapaz transformara-se num homem e ela soube naquele momento que os seus sentimentos em relação a ela eram os mesmos ou mais fortes ainda. Bebeu o que restava na caneca e voltou a colocá-la na banca.

– Obrigada, camarada de trabalho – disse ela, a sorrir. – Isso deu-me forças para o dia.

O homem fitou-a com os olhos turvos.

– Ainda bem que alguém está feliz. Tenho dez filhos para alimentar e vestir.

Danny atirou uma moeda na sua direção.

– Feliz Natal, companheiro.

O homem apanhou-a e enfiou-a no bolso.

– Igualmente, *sir*.

– Vamos lá trabalhar. – Danny ergueu um saco de visco e colocou-o sobre o ombro. – Vendemos primeiro este lote.

Angel acertou o passo ao lado dele.

– Como podes permitir-te dar uma moeda de seis *pence*, Danny? Assaltaste um banco?

– Temos trabalhado duramente todo o ano e sou ambicioso. O meu pai pode sentir-se satisfeito com a sua banca em Covent Garden, mas eu tenciono expandir o negócio.

– Como o farias?

– Não quero depender da permissão dos Devane para usar a estufa e estou de olho num pedaço de terra que quero comprar. Dentro em pouco estarei a fornecer fruta e legumes a Covent Garden.

– Que maravilha, Danny! Mas talvez fizessemos melhor em começar a vender o visco ou o Natal acabará.

– Sei que falo demasiado, mas tenho muitas ideias a fervilhar no cérebro. Um dia serei um homem rico e dono de uma grande casa. Não faltará nada à minha mulher e à família.

– Comecemos devagarinho, está bem? *Halfpenny* por um ramo grande?

Danny tirou um ramo de visco do saco e segurou-o sobre a cabeça dela.

– Visco fresco, vindo do campo. Cavalheiros, é a única vez em que podem beijar uma rapariga sem levarem uma bofetada. – Inclinou-se para depositar um beijo nos lábios de Angel, para grande satisfação de um grupo de homens novos vestidos de fato que iam a entrar no edifício de um banco.

– Quero um ramo, simplório. – Um dos homens, ligeiramente mais novo do que os outros, estendeu um *penny*. – Agora, tenho o dobro da sorte – disse com uma gargalhada. – Também posso beijar a senhora?

– Nem pensar, companheiro – respondeu Danny com um sorriso.

Uma pequena multidão juntara-se e Danny repetiu o gesto por várias vezes. Angel nunca tinha sido tão beijada em toda a sua vida, mas correspondeu sem hesitar e descobriu que estava a gostar da experiência. Venderam o primeiro saco facilmente e tiveram de regressar a Naked Boy Court para ir buscar o restante. Danny mudava o discurso de acordo com os transeuntes. Jovens tímidos acompanhados pelas namoradas precisavam de um toque de humor que lhes desse coragem para comprar, mas donas de casa robustas, apressadas no caminho para o mercado, precisavam de mais delicadeza e da promessa de receberem um beijo dos maridos ou dos amantes. Danny não desapontava – parecia ter um dom natural para vender e Angel sentiu-se naturalmente impressionada.

A meio da tarde tinham vendido todo o visco. Candeeiros a gás tremulavam nas montras enquanto eles percorriam Fleet Street, encaminhando-se para Ludgate Hill, e candeeiros de queima de nafta pendurados nos carrinhos dos vendedores de rua emitiam compridas sombras que dançavam pelos trilhos das carroças nas ruas. Ramos de azevinho com bagas vermelhas pendiam das entradas das portas e nas janelas amontoavam-se pirâmides de maçãs vermelhas e de laranjas. O odor a casca de limão e a canela emergiam das padarias e peças de carne de todo o género pendiam do lado de fora dos talhos, com gordos perus a ocupar o lugar central.

– Deves estar com fome – disse Danny, pegando na mão de Angel e enfiando-a no braço. – Há uma loja de tarte de enguias e puré aqui perto.

– Não provo tarte de enguia desde criança – respondeu Angel avidamente. – O tio Joseph gostava muito de tarte de enguia, mas a tia Cordelia achava que eram só as pessoas comuns e vulgares que frequentavam esses lugares.

– Não sabia o que era bom. – Danny conduziu-a para um pátio estreito e o cheiro apetitoso a empada de enguia e puré com molho de salsa emergia em ondas tentadoras da porta aberta. O restaurante era pequeno, mal iluminado e a abarrotar de operários, mas Danny encontrou uma mesa perto da janela e regressou do balcão, trazendo dois pratos a ferver, cheios até acima, de puré e uma torta dourada e apetitosa.

Angel não se apercebera de como estava faminta e lançou-se à comida, saboreando cada garfada.

– Gosto de ver uma rapariga com apetite – comentou Danny, rindo. – Há apenas uma pessoa que pode cozinhar melhor do que isto e é a minha mãe.

Angel assentiu, lambendo uma migalha de massa dos lábios.

– É claro que tens razão. Há algum tempo que não vejo os teus pais. Eles estão bem?

– São os mesmos de sempre, mas trabalham muito. – Danny baixou a faca e o garfo e ficou sério de repente. – Há algo que não te contei.

– O que é? – Angel deixou cair o garfo no prato ruidosamente. – O que aconteceu?

– Não sabia qual seria a tua opinião, mas o pedaço de terra que mencionei faz parte do espólio de Grantley e o meu pai e eu pretendemos fazer uma oferta.

Angel fitou-o, surpreendida, e, em seguida, riu.

– Estás a brincar, é claro.

– De modo algum. O meu pai é amigo de Curzon, o agente de terra de Sir Eugene. Aparentemente, os credores de Grantley estavam a pedir mais do que o teu irmão queria pagar. O meu pai usou a sua poupança e a minha para fazer uma oferta pelo pomar e pelo campo de dez acres a leste do parque dos cervos. Está em pousio há anos.

Angel tomou um gole de chá, olhando para ele por cima da borda da espessa chávena branca.

– Sei ao que te referes, mas o que farias com a terra?

– Pretendemos entrar na fruticultura e expandir o mercado. Temos acrescentado gradualmente os nossos produtos e agora chegou a altura de expandir.

– Porquê Grantley?

– Porque é suficientemente perto para administrar, e queria fazer isso por ti, Angel. O teu irmão fez uma oferta para a casa, que inclui os jardins e o parque dos cervos, bem como a terra comum, e nós apresentámos a nossa oferta. Estamos apenas à espera para saber se foi aceite.

Ela retirou a mão, franzindo a testa.

– Não quero tirar a casa e as terras a Hector e aos rapazes. – Fez uma careta. – Susannah teria uma palavra a dizer sobre o assunto.

– Se fosses uma mulher vingativa, poderias tratá-la como ela te tratou e expulsá-la.

Angel encarou o seu olhar divertido com um sorriso.

– Poderia, mas isso seria muito duro. De certa forma não posso culpá-la porque eu era a intrusa.

– Já não. És Angel Montgomerie e o teu irmão é um homem rico.

– Espero que resulte para ti e para o teu pai, Danny, e fico feliz com o vosso progresso. Se realmente possuísse a terra, dar-ta-ia a troco de nada. Os teus pais são maravilhosos e tu és um verdadeiro amigo.

– Sabes que quero ser mais do que isso, Angel. Amei-te desde que eras uma rapariguinha magra e agora és uma linda mulher. Daria a vida por ti.

Angel baixou o olhar. Os olhos de Danny refletiam os seus sentimentos a tal ponto que doía olhar para ele.

– Sinto muito, mas...

– Mas ainda estás apaixonada pelo Hector. Podes vir a descobrir que o teu cavaleiro de armadura reluzente não é o ser perfeito que imaginaste, Angel. Por amor de Deus, somos apenas homens e somos humanos, mas amo-te de verdade e sempre te amarei. – Danny empurrou a cadeira para trás e levantou-se. – Chegou a hora de levar-te a casa.

* * *

Separaram-se do lado de fora da casa em Naked Boy Court.

– Podemos continuar a ser amigos, não podemos? – perguntou Angel timidamente.

– Estarei sempre ao teu lado, se é isso que queres dizer, mas talvez seja melhor não nos vermos muito durante algum tempo.

– Lamento se te magoei, ou se te dei a impressão errada...

Ele abanou a cabeça.

– Não tens culpa. Não podes mudar os teus sentimentos, tal como não posso mudar os meus. – Meteu a mão no bolso e tirou um saco de moedas. – Ganhaste isto hoje.

– Mas nós fizemos tudo juntos. Metade dos lucros são teus.

– Adorei o nosso dia. Não estragues tudo. Feliz Natal, Angel. – Abriu o portão e desapareceu antes que ela tivesse hipótese de responder.

Angel permaneceu de pé no pátio coberto de neve, indiferente ao frio e à chuva que começara a cair. O dia que se iniciara tão bem terminara mal e a sensação de perda era uma dor real, apunhalando-a no coração. Sentiu-se tentada a correr atrás de Danny e a chamá-lo, mas seria cruel se não pudesse dar-lhe o que ele desejava acima de todas as coisas, e no entanto... Seria possível estar apaixonada por dois homens? Conhecera ambos desde a infância, e eram totalmente opostos. Hector, o soldado galante; bonito, charmoso e bem-educado. Danny, um homem da terra; honesto, trabalhador e leal.

Bateu à porta e esperou.

– Céus! O que se passa contigo? – perguntou Lil. – Vem para dentro antes que morras de frio.

Capítulo Vinte e Cinco

A primeira notícia que Angel teve do regresso de Percy e Blanche da lua de mel foi quando ele apareceu na porta da frente com uma braçada de presentes. Não esquecera ninguém, nem mesmo Baines. Angel levou-o até à cozinha, que era a única divisão quente da casa, pois viam-se forçados a economizar no carvão. O dinheiro que ela ganhara com a venda do visco estava a ser usado frugalmente, mas, pelo menos, tinham velas e combustível suficiente para durar até ao Natal, que agora estava apenas a dois dias de distância.

Percy colocou os presentes na mesa da cozinha.

– São só pequenas coisas – disse alegremente. – Memórias das nossas viagens, que foram maravilhosas. Blanche, sem dúvida, contar-te-á tudo quando a vires, Angel.

– Vais a Westwood no Natal, Percy?

Ele negou com a cabeça.

– Duvido que fôssemos bem-vindos.

– Blanche é a única filha de Sir Eugene. Tenho a certeza de que ele mudará de ideias em devido tempo – comentou Angel sinceramente. – Então, tencionam ficar em Londres?

– Pensei que, como és a nova proprietária de Grantley, gostasses de passar o Natal na tua antiga casa.

Angel levou a mão à boca.

– A tua oferta foi aceite?

– Na verdade, sim. Fui falar ontem com o meu advogado e assinei todos os documentos necessários. Foi bastante simples.

– Terás uma batalha entre mãos – afirmou Lil sombriamente. – Miss Susannah não vai desistir sem uma briga. Julga-se dona de Grantley e uma assinatura num pedaço de papel não a fará mudar de ideias.

– Lil tem razão. – Angel afundou-se na cadeira mais próxima. – Para ser sincera, Susannah tem mais direito a estar lá do que eu.

– Que disparate! – exclamou Percy num tom firme. – Agora és a dona de Grantley, minha querida. Certifiquei-me de que o teu nome consta nos títulos de propriedade e ninguém pode tirar-to.

Atordoadada pela sua generosidade, Angel levou um momento a digerir o significado completo das suas palavras.

– Mas o dinheiro era teu, Percy. Não posso permitir que a coloques apenas em meu nome.

– Eu posso pagar, Angel. O nosso pai deixou-nos uma fortuna considerável e uma percentagem dela deveria ter-te chegado às mãos. Além disso, queria dar bom uso a uma parte da minha herança e corrigir o mal que te causou tanto sofrimento. – Enfiou a mão no bolso de onde tirou uma folha de papel dobrada. – Pedi uma cópia da tua certidão de nascimento antes de ir para Itália. – Entregou-

lha, sorrindo. – Verás que foste batizada como Jane Elizabeth segundo a tua mãe, mas acho que Angel te fica melhor.

Angel fixou a fina caligrafia pontiaguda com lágrimas nos olhos.

– Jane Elizabeth Montgomerie. Sou mesmo eu?

Ele assentiu.

– Sim, isso prova, sem dúvida, que és a filha legítima de Silas e Jane Montgomerie. A minha madrastra deve ter registado o teu nascimento, porque Galloway não o faria. A propósito, sei que ele recebeu uma pena de prisão considerável, portanto, nunca mais o verás.

– Essa é a melhor notícia que ouvi até agora. – Lil rasgou o papel do seu presente e desdobrou um xaile de renda. Acariciou o tecido macio, sacudindo a cabeça. – É a coisa mais linda que já vi, mas é bom de mais para pessoas como eu. – Voltou a dobrá-lo e colocou-o reverentemente sobre o papel. – Não posso aceitar, *sir*.

– Claro que pode – replicou Percy bruscamente. – Eu mesmo o escolhi. É renda francesa, comprada em Paris. A minha mulher e eu ficaremos muito magoados se não o usar no dia de Natal, em Grantley.

– Quer que todos passemos o Natal lá? – Lil fitou-o boquiaberta. – Claro, eles precisarão de ajuda extra na cozinha.

– Acho que chegou a altura de reconhecer o seu valor, Lil – disse Percy gentilmente. – Foi ama, amiga e companheira de Angel toda a vida dela, e deve ser tratada como tal.

Angel bateu palmas.

– Concordo. Passámos por tanta coisa juntas e receio que te tenha tomado como garante, Lil.

O sangue afluiu ao rosto de Lil.

– Não sei o que dizer.

– Deixa lá isso – disse Baines, impaciente. – E eu, *sir*? Tenho de mudar os meus ossos para Grantley?

– Você foi convidado a passar o Natal com o seu amigo Russell e a mulher. – Percy fez deslizar um pacotinho sobre a mesa. – Isto é para si, Baines. É um cachimbo novo.

– Não sei o que dizer, *sir*. – Baines abriu o embrulho e pegou no cachimbo. – É muito bonito, e também me deu um pouco de tabaco.

– Ainda bem que gostou, Baines.

– Muito obrigado. – Baines testou o cachimbo, apertando-o entre os dentes e assentindo. – Muito bom, *sir*. Muito bom.

– Como sabes sobre estas disposições, Percy? – inquiriu Angel. – Foste a Grantley antes de vires aqui?

– Devo confessar que chegámos há dois dias. Devia ter aparecido mais cedo, mas tinha muito que fazer, incluindo uma breve visita a Westwood.

– Falaste com Sir Eugene?

– Sim. – Percy puxou uma cadeira e sentou-se. – Não posso dizer que me tenha recebido de braços abertos, mas chegámos a um acordo. Não estava preparado para nos convidar a ficar em Westwood, mas convidou-nos a participar do baile anual da véspera de Natal. É um começo, Angel.

– Ele mencionou a Dolly? Não a vejo desde que Belinda a tomou a seu cargo.

– Incluiu-a no convite, mas dificilmente a reconhecerias. Belle operou maravilhas em tão pouco tempo, e Dolly tem uma graciosidade natural e um temperamento doce. Julgo que não pode deixar de

conquistar a simpatia de Sir Eugene, especialmente agora que teve a oportunidade de brilhar.

– Espero que a deixe ficar com Rupert.

– Um passo de cada vez – respondeu Percy, rindo. – Vamos esperar que o espírito natalício nos abençoe a todos e torne Sir Eugene um pouco menos rígido e mais indulgente.

– Deixaste-me sem fôlego, Percy. Não acredito que tenhas conseguido tudo isso numa visita.

– Tu começaste as mudanças, Angel. Se não fosses tu, Grantley poderia ter sido perdida para os Devane, e quer admitam ou não, fazes parte da família deles. – Percy assentiu na direção de um pequeno pacote. – Ainda não abriste o teu presente.

Com dedos trémulos, Angel arrancou o papel e abriu a caixa coberta de couro verde não curtido.

– Oh, Percy, é linda! – retirou o pingente de ouro com um rubi do forro de veludo preto e pendurou-o na fina corrente de ouro. – Estou sem palavras.

– Fica bem com o anel da tua mãe – notou Percy, sorrindo. – Blanche tem um gosto requintado.

– Tem mesmo. – Angel voltou a colocar o pingente na caixa. – Vou usá-lo no dia de Natal.

– Eudora não será capaz de fazer tudo sozinha, e a despensa provavelmente está vazia – observou Lil pensativamente. – Miss Susannah não sabe como governar Grantley. Sempre foi uma jovem preguiçosa.

Percy levantou-se e pegou no chapéu e na bengala.

– Nesse caso, sugiro que partamos para Grantley de manhã cedo. – Inclinou-se para dar um beijo na testa de Angel. – Não te incomodes. Sei o caminho.

Ignorando as suas instruções, Angel acompanhou-o à saída.

– Não consigo agradecer o suficiente por tudo o que fizeste, e muito menos pelo magnífico presente.

– Estou só a compensar os anos perdidos. É uma pequena recompensa pelo sofrimento que Galloway te infligiu. Nem sequer imagino como deve ter sido na casa de trabalho. – Percy abriu a porta da frente e olhou para o pátio coberto de neve. – Imagino-te lá fora quando Sir Adolphus te viu pela primeira vez – uma criança maltrapilha, descalça, a tentar vender visco para não morrer de fome. Não suporto pensar nisso.

– Vi-me com pouco dinheiro, e então voltei ao meu antigo *eu*, vendendo visco na rua apenas há uns dias. Danny tinha despido as árvores no pomar de Grantley e fizemos um grande negócio.

Ele olhou-a com firmeza.

– Lamento muito. Cresci com dinheiro e às vezes isso leva-me a esquecer que há outros não tão afortunados. – Pegou numa bolsa que colocou na mão dela. – Peço desculpa pela minha insensatez e tentarei fazer melhor. De agora em diante, vou dar-te uma mesada para que não precisas de pedir-me dinheiro.

– Obrigada, Percy, mas se Grantley for realmente minha, pretendo fazer com que dê lucro. A terra produzirá colheitas e vou criar porcos, galinhas e vacas.

– Não duvido que terás sucesso com o que fizeres, minha pequena vendedora de visco. – Levou a mão ao chapéu e saiu para a escuridão gelada.

* * *

A carruagem estava a abarrotar de cestas de comida e caixas de vinho. Lil e Angel tinham ido ao mercado bem cedo e Baines fora enviado a Smithfield para comprar o maior peru que pudesse encontrar, e não dececionara. A ave premiada era tão grande que precisava de um assento para si

mesmo, mas lá conseguiram meter tudo na carruagem. Lil estava prestes a subir para o lado de Baines quando Angel lhe agarrou a manga.

– Tenho de fazer uma visita a caminho de Grantley – disse Angel em voz baixa. – Irei com o Baines, e gostaria que esperasses aqui pela caleche e podes viajar em grande estilo.

Lil olhou-a interrogativamente.

– O que estás a preparar?

– Nada, garanto. Só queria parar para desejar boas-festas à família Wicks.

– Não estarás por acaso a ansiar por aquele jovem, pois não?

– Danny e eu somos amigos, e sem dúvida que ele e o pai vão ajudar-me quando se tratar de administrar a terra em Grantley.

– Não estás a contar-me tudo – retorquiu Lil, desconfiada. – Conheço esse olhar, Angel Winter. Já o tinhas em criança, quando fazias qualquer malandrice e não querias que Mistress Wilding descobrisse.

– Estás a imaginar coisas. – Angel subiu para o assento do cocheiro, ao lado de Baines. – Vejo-te em Grantley.

– Para onde, *miss*? – Baines lançou-lhe um olhar de soslaio enquanto guiava o cavalo pelo tráfego intenso de Ludgate Hill.

– Pratt Lane, Hackney, Baines. Tenho uns presentes de Natal para o Joe e para a Sally. Quero contar-lhes a minha boa sorte.

– Queria levar alguma coisa a Russell e à sua senhora, mas há meses que não sou pago.

– As coisas vão melhorar a partir de agora –, apressou-se Angel a garantir. – Lamento, Baines. Considero-o tanto da família que me esqueço do dinheiro. – Tirou um meio-soberano da bolsa e enfiou-lho no bolso.

– É melhor agasalhar-se, *miss* – aconselhou ele bruscamente. – Vai ficar mais frio quando sairmos da cidade e o ar húmido do pântano não é bom para o homem nem para o animal.

Angel puxou a grossa manta de lã até ao queixo. Estava ansiosa pelo Natal na sua antiga casa, mas havia um enorme obstáculo a superar antes que pudesse sentir-se relaxada e feliz: Susannah. Toby e Humphrey ficariam surpreendidos, até mesmo chocados, ao descobrir que Grantley já não lhes pertencia, mas não tinha intenção de expulsá-los. A casa era suficientemente grande para os acomodar a todos. Mas Hector era outra questão. Poderia estar longe, mas ela tinha passado metade da noite a imaginar o que fazer e amanhecera sem que encontrasse uma solução. Hector era o herdeiro legítimo – a solução mais prática seria trabalharem juntos pelo bem da propriedade e dos seus locatários. Dantes, essa ideia tê-la-ia excitado, mas de alguma forma perdera muito do seu apelo. Poderia ser justo, mas funcionaria?

– Sente-se bem, *miss*? – A voz rouca de Baines interrompeu o seu devaneio e sobressaltou-a.

– Sim, estou só a pensar, Baines. Só a pensar.

* * *

O rosto de Sally abriu-se num largo sorriso quando abriu a porta e viu Angel de pé, no limiar.

– Minha querida, que alegria. Entra para te protegeres do frio. – Segurou na porta e Angel entrou na sala da frente, apertando as garrafas junto ao peito. O calor e a atmosfera acolhedora da casa de campo envolveram-na como um cobertor reconfortante e sentiu-se de imediato em casa, embora devesse ser uma visita curta.

– Não posso ficar, Sally. Baines está à minha espera. Vamos a caminho de Grantley.

– Jack contou-me ontem à noite que a oferta do teu irmão foi aceite e a nossa também. É difícil acreditar que a família Wicks é proprietária de terras.

Angel pousou as garrafas com cuidado.

– Isto não é muito, considerando tudo o que fez por mim no passado, mas tenho a certeza que nos veremos muito mais uns aos outros, a partir de agora. Vou tomar parte ativa na administração da propriedade, pelo menos enquanto Hector estiver fora.

Uma sombra passou pelo rosto de Sally, desvanecendo-lhe o sorriso.

– Danny disse que estavas apaixonada pelo capitão Devane. É verdade que têm um entendimento?

– Não, Sally. Poderia ter tido sonhos românticos quando era mais jovem, mas sou uma mulher adulta, e percebo agora que eram apenas fantasias. Chegou a hora de parar de sonhar e seguir com a minha vida. Infelizmente, tenho de ir embora, mas vamos ver-nos muito em breve. – Angel olhou para a cozinha, mas o único ocupante era *Stumpy*, que abanou o rabo e voltou a dormir. – Estava à espera de ver Jack e Danny para lhes desejar um feliz Natal.

– Eles foram a Grantley para ver a terra que comprámos. Estão tão animados, como duas crianças grandes, conversando sobre os seus planos durante todo o dia e pela noite dentro.

Angel riu e deu-lhe um abraço.

– Feliz Natal, Sally. – Trocou o chalé com os seus aromas convidativos pela manhã fria e húmida. Uma névoa cinzenta cobria o pântano, mas seguiram pela estrada principal e o cavalo parecia saber que um estábulo confortável e uma refeição estavam a aproximar-se e começou a trotar.

* * *

– Suponho que vieste vangloriar-te da nossa perda – disse Susannah amargamente.

– Provavelmente tencionas expulsar-nos a todos, mas não sairemos sem lutar. – Ela estava no *hall* de entrada, tremendo sob a capa que tinha enrolado em torno do corpo esguio, como para sublinhar as dificuldades que tinham suportado em Grantley. A grande lareira estava vazia e uma corrente de ar frio assobiava pelo piso inferior, batendo as portas e agitando as tapeçarias da parede como um espírito furioso à procura de vingança. Rodou sobre os calcanhares e saiu em direção à sala de estar, onde Dolly, Belinda e Percy estavam enroscados em redor da lareira. Toros húmidos sibilavam soltando fagulhas e o fumo enchia a sala.

– Porque estás a viver assim, Sukey? – perguntou Angel, enfurecida. – Deveria haver muitos toros no celeiro. Nunca nos faltou lenha.

Susannah encolheu os ombros.

– Não sei. Talvez ninguém tenha pensado em derrubar árvores ou algo assim. A culpa é da criadagem.

– Ainda não bebemos uma chávena de chá. Ofereci-me para ir ajudar na cozinha, mas não tive permissão. – Os dentes de Dolly batiam com tanta força que era difícil entender o que ela dizia.

Susannah puxou o cordão da campainha.

– Sente-se, sua idiota. Se esperarmos muito tempo, alguém virá.

– Disseste isso há meia hora – pronunciou-se Belinda, irritada. – Não pareces saber como dirigir as criadas. Precisas de uma governanta.

– Ou de alguém que saiba o que elas estão a fazer. – Lil levantou-se de um salto e dirigiu-se à porta. – Vou agitar a cozinha. Terão o vosso chá, senhoras.

– Onde estão Toby e Humpty? – Angel encarou a expressão hostil de Susannah com uma tentativa de sorriso. – Deveriam estar a ajudar-te.

– Não sei onde estão – respondeu Susannah mal-humorada. – Toby pegou na arma e saiu de manhã cedo e Humpty Dumpty está provavelmente no quarto a ler um livro, ou a representar na frente do espelho. Ninguém no seu perfeito juízo pagaria para vê-lo representar.

– Nunca o vi nesse papel, mas ele é um rapaz bonito. – Blanche aproximou-se um pouco mais de Percy quando se sentaram lado a lado no sofá. – Vimos algumas peças maravilhosas e várias óperas em França e em Itália. Humphrey deveria ir para o estrangeiro e estudar, se é isso o que o seu coração pede.

Susannah lançou-lhe um olhar fulminante.

– Quem te pediu opinião? Só porque o teu marido comprou Grantley não tens o direito de nos dizer o que fazer.

– Isso foi rude, mesmo vindo de ti, Susannah – replicou Percy, irritado. – Acho que deverias pedir desculpa a Blanche.

Susannah encolheu os ombros.

– Talvez tenha ido longe de mais. Desculpa, Blanche, mas tudo isto é muito perturbador. Não quero perder a minha casa para Angel ou qualquer outra pessoa.

Um sentimento de compaixão superou a reação irritada de Angel ao ataque verbal de Susannah a Blanche.

– Grantley será sempre a tua casa, Sukey. Nada vai mudar.

– Não quero ficar em dívida para contigo. – Os lábios de Susannah tremeram e os olhos congestionaram-se. – De qualquer forma, posso muito bem ficar noiva de um nobre no Ano Novo. Posso ver que é a única saída, a menos que queira acabar como uma velha solteirona.

Belinda inclinou-se para diante, estendendo as mãos para as fracas chamas da lareira.

– A sério? Isso parece empolgante. Quem é o felizardo?

– Estamos todos convidados para o baile da véspera de Natal de Westwood – disse Susannah, com uma expressão sombria. – Também estás incluído, Percy, mesmo que não sejas o genro favorito de Sir Eugene, e Blanche, obviamente, porque é a casa dela. Iremos todos, e tenho novidades para ti, Angel.

Tremendo, Angel aproximou-se da lareira.

– Ah, sim? Parece-me interessante.

– Sim, e vai colocar-te no teu devido lugar. Hector está a caminho de casa. Recebi um telegrama esta manhã. Espera chegar no final da tarde.

– Que excelente notícia! – Dolly olhou ansiosamente para Angel. – Sei que Rupert ficará satisfeito por vê-lo.

– Tal como Angel – reagiu Susannah maliciosamente. – Mas Hector tem uma surpresa para nós.

– É óbvio que vais manter-nos em *suspense*. – Angel estava curiosa, mas não permitiria que Susannah a atraísse para uma discussão. – Vou buscar uns toros para a lareira.

– Ele é casado. – A voz de Susannah continha uma nota de triunfo que ecoou no silêncio que se seguiu.

Angel tinha chegado à porta, mas hesitou, virando-se devagar para encarar Susannah.

– Casado?

– Pensei que isso te faria parar. – Susannah enfrentou todos com um movimento desafiante de cabeça. – Qual é o problema? Porque me olhas dessa maneira?

– Se é uma piada, é de mau gosto – comentou Angel com raiva. – Disseram-me que Hector havia sido chamado de volta ao exército por algum motivo urgente.

– Só terás de esperar até que ele chegue esta tarde para descobrir. – Visivelmente divertida, Susannah sentou-se ao lado da lareira, estendendo as mãos para as frágeis chamas que lambiam os toros musgosos. – Despacha-te, Angel. Manda alguém cortar madeira ou congelaremos todos.

Lançou um olhar malicioso na direção de Angel.

– A propósito, o nome dela é Rosalind Cholmondeley-Charlton e o pai é brigadeiro. Tenho a certeza de que saberemos mais quando Hector a trazer para Westwood.

– Mas ele não teria tido tempo de chegar à África do Sul e voltar – ripostou Angel, aturdida.

– Era uma mentira. – Susannah olhou em volta, sorrindo triunfantemente ante as suas expressões chocadas. – Só foi até Malta, onde conheceu a sua noiva e o pai, que regressavam de Durban. Ele é uma caixinha de surpresas, devo dizer. Nunca julguei que Hector pudesse ser tão romântico ou tão manhoso.

Angel saiu da sala, atordoada de mais para retaliar. Sabia que Susannah estava a desfrutar do seu breve momento de triunfo, mas, embora a notícia fosse um choque, não foi devastadora e isso surpreendeu Angel ainda mais do que o facto de Hector ter mantido o seu romance em segredo. Devia ter conhecido a jovem senhora em questão há algum tempo, e parecia estranho que nunca a tivesse mencionado, nem mesmo insinuado que estava noivo. Deveria ter ficado chocada, mortificada, com o coração partido, mas não sentia nada disso. Era estranho, a única emoção que a invadia era alívio. Os sonhos que albergara quando rapariga tinham-na mantido cativa e agora estava livre. Aconchegou-se na capa e foi para o quarto de Humphrey. A sua primeira prioridade devia ser acender lareiras em todas as divisões principais, especialmente nos quartos. Bateu à porta.

– Quem está aí?

– Humphrey, sou eu, Angel. Preciso da tua ajuda. – Aguardou e estava prestes a bater de novo quando a porta se abriu.

De cabelos desgrenhados e com óculos, Humphrey pestanejava como uma coruja sonolenta.

– Angel, quando chegaste?

– Há cerca de meia hora, mas a casa parece uma gruta de gelo. Vais ajudar-me a ir buscar toros e carvão, se houver algum?

– Apanhei um resfriado – disse ele, desgostoso. – Passei a maior parte do tempo na cama. Susannah está sempre de mau humor e Toby vai para a aldeia sempre que tem oportunidade. Julgo que tem um interesse amoroso, embora finja que vai à caça. Aparentemente, nunca caça nada e estou farto de guisado de legumes e torta de batata.

– Não lhe liguês. Veste as calças – sugeriu Angel, desviando o olhar. – Espero-te lá em baixo.

– Dá-me um minuto e vou ter contigo. Não consigo expressar o quanto me sinto feliz por estares em casa, e fico contente por Grantley te pertencer. Pelo menos cuidarás dela, o que é mais do que Susannah tem feito. Ela deixa ir tudo por água abaixo. – Fechou a porta e Angel voltou atrás, parando ao fundo da escada, à espera dele.

A tarde ia a meio, mas o crepúsculo invadia o pântano, cobrindo tudo com uma névoa cinzenta. O céu e a terra pareciam fundir-se no horizonte enquanto Angel e Humphrey se dirigiam para o celeiro onde os toros estavam guardados.

– Caramba! – exclamou Humphrey, irritado. – Ainda ontem abati uma árvore inteira, ou assim parecia.

Angel sacudiu a cabeça.

– Isso não vai durar muito e não há carvão suficiente na adega para manter o lume aceso. Susannah, obviamente, não se interessa por tarefas domésticas.

– Mistress Kerslake costumava fazer tudo isso, mas a mamã ficava sempre atenta ao que se passava. – Humphrey passou a mão pelo cabelo castanho-claro. – Talvez o Danny me ajude a procurar alguns toros.

– Danny? Ele ainda está aqui?

– Vim buscar alguns toros esta manhã e vi-o e ao pai a percorrer o campo que compraram. Fica ao fundo do pomar. Conversámos e ele mostrou-me onde tinha caído uma árvore. Disse que daria boa lenha para o lume, mas é um trabalho para dois homens com a serra. – Acelerou o passo e Angel teve de correr para o acompanhar.

– Não podemos carregar os toros até ao pomar, Humpty. Precisamos de um carrinho de mão.

– Eles trouxeram a carroça e o burro. Se ainda estiverem por perto, sei que nos ajudará.

O vento era cortante e acompanhado de granizo quando chegaram ao pomar e Angel desejou ter-se lembrado de trazer o cachecol, bem como as luvas que deixara no baú de carvalho esculpido, no *hall* de entrada.

Humphrey emitiu um assobio e uma figura emergiu de trás de um emaranhado de arbustos.

Danny encaminhou-se na direção deles.

– O que diabo estás a fazer cá fora num dia como este? – questionou, observando cada pormenor da roupa inadequada de Angel com um olhar rápido. – Deverias estar em casa, sentada junto à lareira, a tomar chá como uma verdadeira dama e não a vaguear ao crepúsculo.

De repente, tudo ficou claro e sentiu-se como um pássaro solto de uma gaiola. Atirou a cabeça para trás e riu.

– Danny Wicks, pareces a tua mãe a falar.

Um leve sorriso espalhou-se nas suas feições queimadas do sol.

– Deveria ser mais prudente do que dizer-te o que fazeres. Já era tempo de aprender depois de já nos conhecermos há tantos anos.

– Precisamos desesperadamente de madeira, Danny. Onde está a árvore de que falaste?

Ele perscrutou-a com o olhar.

– Não estás a pensar serrar troncos, espero?

– Se ofereces, seria tola em recusar.

– Como fizeste, quando te abri o meu coração.

Humphrey pigarreou.

– Desculpem interromper, mas isso não está a ajudar e em breve vai escurecer.

– Na verdade, o meu pai e eu serrámos a árvore. Sabia que precisarias dos toros e ficámos com alguns para nós, mas ainda há muitos. Se me ajudares, podemos empilhá-los na carroça e transportá-los até à casa.

– Obrigada, Danny – agradeceu Angel sinceramente. – Não imaginas o frio que está na casa, e temos de nos preparar para o baile em Westwood.

Ele sorriu.

– Obrigado por me lembrares. É melhor irmos andando.

Angel acertou o passo com o dele, enquanto Humphrey seguia apressado na frente.

– Sabias do baile?

– Não fiques tão surpreendida. A família Wicks agora é proprietária de terras e, nessa qualidade, temos um convite.

– E aceitaste?

– Receias que apareça ao teu lado e me porte como um camponês?

– Não, claro que não. Simplesmente não consigo imaginar-te num cenário desses.

Ele riu.

– Podes ter uma surpresa, menina. Não sou homem para desistir facilmente.

Capítulo Vinte e Seis

Graças a Jack e Danny, e a uma pequena ajuda de Humphrey, as lareiras foram acesas e a temperatura dentro de casa começou a subir.

Angel tinha a intenção de optar por um dos seus vestidos antigos para o baile, pois estava pouco usado e era bastante bonito, embora talvez um pouco fora de moda. A tia Eloise certificara-se de que Susannah tivesse o melhor de tudo e Angel fosse obrigada a contentar-se com as roupas em segunda mão. Estava prestes a enfiar o vestido quando Belinda entrou de rompante pelo quarto.

Largou o embrulho que transportava sobre a cama.

– Sabia que não terias nada adequado para esta noite – disse, sorrindo. – Isto foi feito para mim, mas, para ser sincera, é um pouco apertado e esse tom de carmesim abafa toda a cor das minhas faces, mas ficaria lindo em ti. Experimenta.

Angel apalpou a seda brilhante.

– Não posso aceitar isso, Belle. Deve ter custado uma pequena fortuna.

– Isso não sei, mas nunca vou usá-lo e a cor e o estilo são perfeitos para ti. Veste-o e vê como te sentes. – Belinda ajudou Angel a enfiar o vestido e apertou os pequenos botões cobertos de tecido.

– É maravilhoso. – Angel apalpou o tecido delicado. – É uma pena que só possa ver pedaços de mim no espelhinho.

Belinda recuou, observando a sua obra com um sorriso satisfeito.

– Estás linda. Só precisas do pingente de rubi e do anel para fazer o conjunto. Ah, sim, e quase me esquecia. – Abriu a bolsa e tirou uma pequena caixa coberta de veludo. – Este é o meu presente de Natal para ti. Seria uma pena guardá-los até amanhã.

Angel abriu o estojo e a respiração ficou-lhe presa na garganta ao ver os brincos de rubi incrustados em ouro.

– São maravilhosos. Adoro-os. Muito obrigada, mas só tenho um presente muito pequeno para ti, Belle. – Abraçou a irmã, contendo as lágrimas.

– És o melhor presente que já tive – Belinda enxugou os olhos. – Olha só para nós, feitas duas imbecis. É melhor apressarmo-nos ou chegaremos atrasadas ao baile. Vou apanhar-te o cabelo e todos poderão admirar os teus brincos.

– Mas e tu, Belle? Não precisas de te trocar para o vestido de baile?

– Walker tem-no pronto e fará o necessário. Mas esta noite é a tua noite, Angel. Quero que ofusques todas as mulheres presentes. És a minha irmã e a dona de Grantley. Isso tem sido um longo percurso e quero que aproveites cada instante.

Minutos depois, a jovem que a fitava do espelho era uma estranha aos olhos de Angel. Nunca tinha pensado em si mesma como bonita, mas Belinda apanhara-lhe o cabelo num estilo elegante e Angel olhou pela segunda vez para ter a certeza de que não se tratava de uma ilusão. Belinda correria para o

seu próprio quarto para se entregar nas mãos eficientes de Walker e Angel decidiu visitar a cozinha para mostrar a Lil o seu novo vestido.

Encontrou o que parecia ser o decorrer de uma festa no domínio da criadagem. O apetitoso cheiro a carne assada misturava-se com o aroma tentador de tortas recém-cozinhadas, e havia um toque de vinho e de conhaque no ar, bem como os odores mais terrosos de cerveja e de sidra. Baines estava a ajudar a desempacotar uma grande cesta enquanto Cook e Lil se pronunciavam sobre o conteúdo, mas todos pararam quando avistaram Angel em pé no umbral da porta.

– Minha menina! – exclamou Lil, cobrindo o rosto com as mãos. – Quem pensaria que, quando crescesses, serias uma mulher tão adorável?

Angel atravessou o chão, tendo cuidado para não prender o vestido em nada, e envolveu Lil nos braços. – Mas sem ti eu poderia não ter sobrevivido à infância. És a minha verdadeira mãe e amo-te.

Desta vez, as lágrimas de Lil eram mesmo reais e enterrou o rosto no avental.

– Quem teria pensado?

Cook fez uma reverência.

– Parabéns, Miss Angel. Sei que posso falar por todos nós, mas estamos muito felizes por ser a nova proprietária.

– Obrigada. Espero poder recuperar Grantley, mas vamos fazer isso juntos. – Olhou para a cesta, franzindo a testa. – De onde veio isso?

– Entregue de Fortnum e Mason há uma hora – respondeu Cook orgulhosamente. – E há mais duas na copa. Vamos comer como reis neste Natal.

Angel assentiu.

– Espero que aproveitem a vossa noite. Desejarei Feliz Natal agora, porque será já o dia de Natal quando voltarmos do baile.

* * *

O *hall* de entrada de Westwood estava dominado por uma imensa árvore de Natal, brilhando com pequenas velas. Bolas de vidro coloridas refletiam a sua luz trémula e os enfeites prateados brilhavam como gelo num contraste com as agulhas de pinheiro verde-escuras. As salas de receção abarrotavam de famílias do condado e de amigos dos Westwood e centenas de velas de cera lançavam a luz dourada sobre os foliões. Uma orquestra tocava no salão de baile e acordes de uma valsa vienense saudavam os convidados. O aroma apimentado dos crisântemos competia com os perfumes caros das damas e a colónia dos cavalheiros, óleo de macassar³⁷ e rum da baía³⁸. Para surpresa de Angel e óbvio deleite de Dolly, Rupert parecia pálido, mas elegante no traje de noite, sentado numa cadeira de banho³⁹, embora fosse nítido pela sua expressão que ansiava estar de pé e rodopiar com a esposa. Dolly sentou-se ao lado dele, recusando todas as ofertas para dançar com sorrisos educados, e Angel susteve a respiração quando viu Sir Eugene aproximar-se do casal. Estava demasiado longe para ouvir o que se passava entre eles, mas os três sorriam quando Sir Eugene fez uma reverência a Dolly e se afastou. Foi juntar-se à esposa e a Susannah, que conversava animadamente com um cavalheiro de aparência distinta. Parecia ser uns bons vinte anos mais velho do que ela e estava obviamente encantado com a sua companhia.

– É Lorde Loughton – sussurrou Belinda. – É tão rico como Creso e possui metade de Londres, a acreditar nos rumores. Há anos que está à procura de uma noiva adequada, portanto, esperemos que Susannah o convença de que é única.

Angel abriu o leque, segurando-o num ângulo na frente do rosto.

– Parece que está a ir muito bem. Ela sempre quis um marido rico e um título seria um bónus adicional. Desejo-lhe felicidades. – Angel percebeu que havia perdido a atenção de Belinda.

– Para onde estás a olhar agora?

– Ali... a falar com Humphrey e Toby.

Angel virou a cabeça e congelou.

– É Hector, e ela deve ser Rosalind.

– Ele viu-te, Angel. Vem nesta direção. Estás bem?

Angel estava mais calma do que julgaria possível. A visão de Hector, resplandecente no seu uniforme com as medalhas a brilhar à luz das velas, teria feito com que há uns tempos os seus joelhos se transformassem em geleia e o seu coração batesse desordenadamente, mas não agora. Avançou e estendeu a mão como se cumprimentasse um velho amigo.

– Hector, que surpresa maravilhosa. – Parou, observando de alto a baixo a jovem pálida que ele trazia pelo braço, e gostou do que viu. Rosalind Devane era pequena, como uma criança linda, o cabelo escuro alisado por trás numa testa alta e grandes olhos castanhos e ternos. – Esta deve ser a tua noiva. Como está? Sou a irmã adotiva de Hector, Angel Montgomerie.

Hector beijou-a na face.

– É bom voltar a ver-te. Estás maravilhosa, Angel. E tens razão, esta é a minha encantadora noiva, Rosalind.

– Como está, Miss Montgomerie? – sussurrou Rosalind timidamente.

– Sou apenas Angel Montgomerie – corrigiu Angel, sorrindo. – Esta é Miss Montgomerie. – Angel impeliu Belinda para a frente. – Posso apresentar a minha irmã mais velha, Belinda, e tenho um irmão algures... – Angel vagueou o olhar pela multidão. – Ele está sem dúvida a mostrar a sua adorável mulher, Blanche.

Belinda e Rosalind estavam a conversar animadamente e Hector puxou Angel para o lado.

– Quero agradecer-te por salvares Grantley. Deveria ter permanecido em casa e lutado pela minha herança, mas há algumas coisas que são mais importantes.

– Assuntos do coração? – Angel fitou-o com um sorriso. – Ela é adorável, Hector. Não te culpo por a colocares em primeiro lugar.

– Não queria deixá-la quando regresssei a *Orontes*, mas tinha uma obrigação para com Rupert e os meus homens. Não me chamaram de volta, isso foi apenas uma desculpa, embora sinta muito não te ter contado a verdade, minha querida irmã. Significas muito para mim, Angel, mas sabia que não poderia viver sem a mulher que amo ao meu lado, nada mais importa.

– Compreendo, Hector. Acho que senti que estavas a ocultar-me alguma coisa, mas não tem importância. Partilharemos Grantley – venceu Angel. – Não quero tirar-te nada nem à tua família. Devo-te muito.

O seu sorriso envolveu-a.

– Não desejaria ninguém melhor para ser dona de Grantley – reagiu ele num tom suave. – Sei que cuidarás dos meus irmãos e de Susannah, mas agora a minha vida tomou um rumo diferente. Rosalind é uma herdeira por direito próprio e vamos mudar-nos para Yorkshire, onde a família dela é dona de uma grande propriedade. É o seu maior desejo, o que faz com que seja também o meu.

– Bem, nesse caso, estou feliz por ti, mas Toby e Humphrey sempre farão parte de Grantley, ainda é a casa deles.

– Eles são homens agora, pelo menos o Toby, embora duvide que Humphrey alguma vez se torne um verdadeiro adulto. Podem escolher os seus próprios destinos. – Olhou por cima do ombro e sorriu. – E vejo que Susannah pescou finalmente um conde. Ela ficará feliz, mas e tu?

Ele já havia perdido a atenção de Angel que estava a olhar para os recém-chegados. Jack e Sally pareciam ligeiramente envergonhados com as suas roupas novas e Jack apalpava o colarinho engomado como se estivesse muito apertado, mas foi Danny a prender-lhe a atenção. Avançou pelo meio da multidão, aparentemente alheio a todos na sala, menos a ela. O coração de Angel começou a bater com força e o pulso disparou. Hector afastou-se para falar com a noiva, mas Angel não tinha consciência de nada nem de ninguém, à exceção do bonito homem de ombros largos que se aproximava dela, estendendo a mão.

– Desafiaste-me – disse Danny suavemente. – Achaste que não sabia dançar. – Pegou-lhe na mão e ela não protestou. Pareciam ser as únicas pessoas no salão de baile, enquanto ele a conduzia, e sentiu-se a derreter quando a envolveu nos braços. Danny movia-se com a graciosidade de uma pantera e a delicadeza de uma pomba e Angel foi transportada para outro mundo onde o amor era tudo. Como tinha sido cega, mas agora podia ver e o seu coração estava perdido para sempre.

– És um dançarino incrível, Danny Wicks.

– Contigo nos meus braços, poderia fazer quase tudo.

– Fui uma idiota, Danny. Tenho andado a perseguir ilusões.

– Encontrei o teu pote de ouro?

Ela olhou para os olhos dele e viu o seu futuro.

– Talvez – disse, sorrindo.

– Isso não é uma resposta. – Levou a mão dela aos lábios e roçou-a com um beijo.

– Errei ao recusar-te, Danny. Não ouvi o meu próprio coração.

– Sabes que te amo, Angel.

– Também te amo.

Ele arrastou-a num rodopio imparável até a última nota da valsa ecoar nos lustres de cristal.

– Casas comigo, Angel?

Ela sorriu-lhe.

– Sim, Danny, caso.

O relógio no *hall* de entrada fez soar a meia-noite e Danny levou-a para o laranjal onde a abraçou e beijou. Angel rodeou-lhe o pescoço com os braços e soube que tinha chegado finalmente a casa. Quando se separaram para respirar, ele tirou uma pequena caixa do bolso do casaco e abriu-a.

– Ando com isto há meses, vivendo na esperança.

O rubi solitário brilhava intensamente quando ele colocou o anel no seu dedo.

– Feliz Natal, meu lindo Anjo.

À distância, Angel podia ouvir o repique dos sinos da igreja.

– Agora, o Natal será sempre especial para mim, Danny. Amo-te mesmo.

Ele beijou-a novamente.

– Isto é para sempre, meu Anjo de Natal.

³⁷ O óleo de macassar é um óleo usado principalmente por homens da Europa Ocidental durante todo o século XIX e início de 1900 como um condicionador de cabelo. (*N. da T.*)

³⁸ Tipo de água de colónia e *aftershave*. (*N. da T.*)

39 A cadeira de banho deu posteriormente origem à cadeira de rodas. (*N. da T.*)